Nihil Obstat
Manhumirim, 6 decembris, 1942
Pe. Dr. José de Castro
Censor

Imprimatur
Caratingen, 11 februari, 1943
+ Joannes Cavati
Episc. Caratingensis

Reimprimatur
Caratinga, 13 de maio de 1961
+ José Eugênio
Bispo de Caratinga

O SEGREDO DA VERDADEIRA DEVOÇÃO PARA COM A SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

Segundo
São Luís Maria Grignion de Montfort

Pelo
Pe. Júlio Maria de Lombaerde, S. D. N.

Co-Edição:
Edições Santo Tomás
Fraternidade Arca de Maria
Serviço de Animação Eucarística Mariana

FICHA TÉCNICA

Título original	O Segredo da Verdadeira Devoção para com a Santíssima Virgem Maria
Autor	Pe. Júlio Maria de Lombaerde, S.D.N.
Projeto Gráfico / Editorial	Prof. Edson José Reis (62) 8404-8890
Diagramação	Marcu Túlio C. de Oliveira
Revisão	Daniella Faria Bernardo
Capa	Desenho de J. Bleue
Formato	140x210 mm
Número de páginas	*288 páginas*
Impressão e Acabamento	Múltipla Gráfica e Editora Ltda.

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Conforme os decretos da Santa Sé, declaro que, se neste livro, dei a alguma pessoa virtuosa o título de Santa ou Bem-Aventurada, foi, unicamente, em testemunho de veneração, e não com a intenção de prevenir o julgamento da Santa Igreja.

Do mesmo modo, as graças ou fatos extraordinários citados têm, apenas, autoridade humana, fora do que foi aprovado pela mesma Santa Igreja, a cujo juízo infalível submeto sem reserva alguma, minha pessoa, minhas palavras e meus escritos.

Pe. Júlio Maria de Lombaerde, S.D.N.

PARECER DO EXMO. SR. CENSOR DA DIOCESE

Lendo atentamente a obra: "O Segredo da Verdadeira Devoção para com a Santíssima Virgem", da autoria de Revmo. Sr. Pe. Júlio Maria, S. D. N., não somente nada encontrei na mesma de censurável quanto à doutrina e aos costumes, como também pude julgar sobre sua grande atualidade e o grande proveito que de sua leitura e meditação pode advir às almas.

Portanto, com toda a consciência e imenso prazer, dou à mesma o meu Nihil Obstat.

Pe. Doutor José Rocha de Castro
Censor

AGRADECIMENTO

Agradecemos vivamente aos Sacramentinos pela permissão concedida para a impressão desta obra.

DEDICATÓRIA

A todos os escravos de amor de nosso país, que a cada dia se esforçam para melhor conhecer e assim melhor amar a Santíssima Virgem Maria.

DECLARAÇÃO DOS EDITORES

Os editores têm imensa satisfação em dedicar esta edição de **"O SEGREDO DA VERDADEIRA DEVOÇÃO"** do saudoso Pe. Júlio Maria à benemérita *Legião de Maria,* que em tão poucos anos tanto bem vem realizando no Brasil e no mundo.

INTRODUÇÃO

Destina-se o presente livro às almas, sinceramente desejosas de se santificar de modo eficaz.

Há, infelizmente, várias ilusões a respeito da santidade.

Uns pensam que ela consiste na duração das orações e no número delas... Outros põem-na nas grandes obras, que se empreendem. Outros, ainda, fazem-na estar numa espécie de isolamento de tudo e de todos... Outros, afinal, pensam que reside em tal devoção, em um determinado exercício, nesta confraria ou naquela leitura...

Tudo isto pode ser bom, porém é conveniente lembrar-se do velho adágio: *"In medio stat virtus"*. A santidade não está em tudo isto; mas tudo isto pode ser um meio de alcançar a santidade.

I. Devoções

A respeito das devoções, outra ilusão existe.

Pessoas há que atribuem a tal ou tal devoção um poder *ex opere operato*, isto é, uma virtude própria que sempre produz seu efeito, como uma determinada planta medicinal tem sua eficácia especial.

A devoção não é isto; é uma disposição da alma, que nos leva a dedicar-nos ao serviço de Deus, pelo cumprimento do nosso dever.

A devoção tem por objeto imediato a própria divindade, sendo objetos mediatos a Santíssima Virgem, os santos, etc., de modo que toda devoção verdadeira nos deve aproximar de Deus e tornar-nos mais decididos no serviço d'Ele.

Entre as devoções mediatas ocupa lugar de destaque a devoção à Santíssima Virgem: é a *devoção* das devoções.

Pode ela revestir-se de um número infinito de aspectos, conforme os tempos, a situação e as disposições das pessoas.

II. A escolha

Há na Igreja muitas devoções, todas dimanadas do coração dos santos, e muitas vezes, ensinadas por Jesus Cristo ou Maria Santíssima.

Sendo aprovadas pela Igreja, Mestra infalível da verdade, todas elas são boas, santas e santificantes, em geral; nem sempre, porém, se adaptam às situações ou disposições particulares de cada um.

Não se podendo adotar tudo, impõe-se a necessidade de uma escolha judiciosa.

Em tal escolha, é preciso procurar principalmente a santificação pessoal ou a alheia.

Tanto melhor é uma devoção, quanto mais nos ajude a santificar-nos e a glorificar a Deus.

Não é o sentimentalismo que devemos consultar; é o bem da nossa alma.

Examinando a devoção à Mãe de Jesus, encontramos um número quase incalculável de invocações.

Maria Santíssima é uma só, mas é invocada sob centenas de títulos, sendo cada título a expressão de um privilégio seu, de alguma virtude ou ofício.

Para os que sofrem, Ela é Nossa Senhora das Dores.

Para os pecadores, é refúgio dos pecadores.

Para os desesperados, é a Mãe da misericórdia.

Para as criancinhas, é a Mãe da bondade, a Rainha das Virgens, e nos tempos de perturbação, Ela é a Rainha da paz.

III. A Santa Escravidão

Precisamos de todos estes títulos, por serem a expressão das necessidades dos cristãos; mas precisamos sobretudo daqueles títulos, que nos estimulem na luta contra os inimigos da alma.

Hoje em dia um sopro de sensualidade e de independência perpassa pelo mundo, ameaçando fazer ruir tudo, desde as instituições seculares, nacionais e universais, até as virtudes do-

mésticas e pessoais mais sagradas.

Perante este vendaval de revolta e lamaçal de impureza precisamos de uma devoção a Maria Santíssima, que é pureza ideal e submissão perfeita; precisamos de um meio que nos arranque às seduções da independência e da carne.

Devoção assim parece ser a que nos legou o grande coração e o zelo intrépido de São Luís Maria Grignion de Montfort, que a intitulou: *"Santa Escravidão"*.

A *escravidão* é um estado de rebaixamento da dignidade humana. A palavra *Santa*, porém, corrige a dureza do nome, elevando o estado às alturas da virtude sublime, que chamamos a *sujeição* total de nós mesmos a Deus, ou *abnegação*.

É esta dependência total, que forma a base de toda a perfeição e que o santo indica como segredo de santificação.

Tal devoção, diz ele, é um segredo que relativamente poucas pessoas hão de descobrir, e que de fato poucos descobrem, porque somente um pequeno número tem a coragem de pôr em prática a doutrina em que ela é baseada.

IV. O segredo

O motivo desta incompreensão é o seguinte:

Em geral as pessoas piedosas consideram a devoção a Virgem Santíssima como exclusivamente *afetiva,* tendo só em vista as consolações que dispensa.

O espírito encontra na Mãe de Jesus tantas perfeições e belezas, tantas grandezas e tanto amor, que a imaginação fica como deslumbrada...

O entusiasmo apodera-se da nossa alma, nos faz exaltar as suas grandezas e cantar suas glórias, ao ponto de nos fazer esquecer que *"o resumo da religião consiste em imitar o que honramos",* como diz Santo Agostinho.

É uma devoção incompleta, falta-lhe a prática.

São Luís Maria Grignion de Montfort, querendo estabelecer uma devoção *efetiva,* e não somente *afetiva,* não receia empregar um termo duro para nossos ouvidos comodistas, mas que exprime a verdade salientada: a Santa Escravidão de Jesus em Maria.

A Santa Escravidão não consiste em palavras e afetos, mas

na abnegação de nós mesmos, na dependência da vida, da vontade e dos sentidos, em outros termos: na prática decidida da virtude.

Assim considerada, a Santa Escravidão é um verdadeiro exercício de perfeição, e, como diz São Luís Maria Grignion de Mont-fort, uma Verdadeira Devoção.

Os sentimentalistas nada compreenderão da exposição deste segredo. Para eles tudo será e ficará um segredo.

Só quem puser as mãos à obra e procurar assimilar o espírito desta devoção e reduzi-lo à prática terá a felicidade de descobrir o segredo, de aproveitá-lo para a sua santificação.

V. Apresentação

O presente livro é um comentário da doutrina exposta por São Luís Maria Grignion de Montfort em seu livro: *"Tratado da Verdadeira Devoção"*.

Procuramos explanar, esclarecer e, aplicar seus ensinamentos, onde o julgamos oportuno, para melhor destacar sua importância e prática.

Almas queridas da Santíssima Virgem, que sentis necessidade de amar sempre mais esta Mãe querida e por Ela a Jesus, é para vós que este livro foi feito.

Almas frívolas nada compreenderão da doutrina e das práticas aqui expostas. Para estas tudo isso será um enigma.

Para as almas piedosas será um *tesouro,* onde encontrarão riquezas para si próprias e luz para o coração.

Todo este livro não é mais que a explicação da obra de São Luís Maria Grignion de Montfort.

Esta obra, que já levou tantas almas aos pés da Virgem Imaculada, continuará, por nosso intermédio, o seu fecundo apostolado. É apoiado sobre ela e escondido sob sua sombra que nosso livro irá mais confiante às almas piedosas, e lhes falará com mais penetração e autoridade.

CAPÍTULO I

CONCORDÂNCIA DE DOUTRINAS

Três grandes idéias dominam a espiritualidade de hoje: a de Santa Teresinha, a de Santa Margarida Maria e a de São Luís Maria Grignion de Montfort.

O espírito de cada um destes santos é, respectivamente:

O abandono filial,

A união amorosa,

A dependência total.

Santa Teresinha insiste sobre o abandono filial e põe em relevo a bondade de Nosso Senhor. Esta é a base de sua santa infância.

Santa Margarida Maria concentra-se sobre a união amorosa com o Coração de Jesus e faz sobressair o amor infinito que este divino Coração tem aos homens.

São Luís Maria Grignion *de Montfort* salienta a nossa total dependência de Jesus e Maria, e o reino do Salvador nas almas.

I. Aparente contradição

À primeira vista, parece haver contradição ou pelo menos, separação, entre a doutrina destes santos. Tal separação, porém, não existe. E até reina entre os ensinos deles a mais completa harmonia e a unidade mais perfeita.

O que há é diferença de expressão, segundo a *finalidade,* que cada ensino tem em mira.

Santa Teresinha é a *apóstola* da bondade de Jesus.

Santa Margarida Maria é a *pioneira* do amor desprezado do Coração de Jesus.

São Luís Maria Grignion de Montfort é o *soldado* do reino

de Jesus por Maria.

Para realização de seu ideal, cada um dos três exige das almas piedosas o que constitui a base de toda santidade: a *humildade* perfeita.

Ora, há três modos de praticar a humildade:

1. Entregando-se, com *abandono* total, à pessoa, que manda;
2. Ficando *em união* de vontade com quem manda;
3. Permanecendo na *dependência* completa de quem manda.

Abandono, união e dependência, são manifestações de uma só virtude: a *humildade.*

O abandono é mais filial e mais suave,

A união é mais amorosa e mais íntima,

A dependência é mais radical e mais humilde.

Santa Teresinha escolheu o *abandono* de si mesma, enquanto Santa Margarida adotou a *união* amorosa e São Luís Maria Grignion de Montfort recomendou a *dependência.*

O *abandono* de si constitui a via da santa infância.

A *união* realiza o espírito de reparação e expiação.

A *dependência* concretiza a Santa Escravidão.

São os métodos dos três santos.

II. Método de Santa Teresinha

A humildade de coração forma a base da infância espiritual promulgada por Santa Teresinha.

Pode-se de fato distinguir: humildade de espírito, humildade de vontade e humildade de coração.

A santinha escolheu a humildade de coração, para patentear que sua humildade não é simplesmente o estado da alma, que vê que nada é e nada pode, mas ainda o estado de *amor a esta nulidade.*

Averiguar que nada somos é o primeiro passo; amar esta condição é o segundo.

Aceitar uma humilhação com calma é a humildade de espírito.

Procurar aquilo que humilha é a humildade de vontade.

Amar a humilhação e nela comprazer-se, – eis a humildade de coração.

"Ser pequeno" – diz a amável santinha – *é não atribuir a si mesmo as virtudes praticadas, nem reputar-se capaz de qualquer coisa; é, sim, reconhecer que é o bom Deus, que põe nas mãos de seus filhinhos o tesouro da virtude, de que Ele se serve quando precisa, porquanto a virtude permanece sempre tesouro de Deus.*

O que agrada a Jesus em minha pequenina alma é ver que amo a minha pequenez e minha pobreza, é a cega esperança que tenho em sua misericórdia".

Estas palavras resumem toda a espiritualidade de Teresinha. Não somente ela se julga pequena, fraca e inconstante, mas ama esta pequenez, compraz-se nela e nela acha a sua riqueza.

Continua Santa Teresinha: *"Para sermos humildes, é preciso que consintamos alegremente em tudo o que os outros nos mandam.*

Quando alguém vos pedir um serviço, considerai-vos um pequeno escravo, a quem todos possam dar ordens" .

É o caminho do santo abandono nas mãos de Deus. Consiste em considerar Deus como pai carinhoso e aceitar com amor tudo o que Ele nos manda.

A santinha de Lisieux deu a esta prática o nome de *infância espiritual.*

Veremos depois como esta convicção e amor da própria pequenez redunda no que São Luís Maria Grignion de Montfort chama *Santa Escravidão.*

III. O método de Santa Margarida

Santa Margarida, cujas revelações foram o mais belo e completo código da santidade, trilhara o mesmo caminho e ensinara a mesma prática de Santa Teresinha. Deu-lhe apenas um nome diferente, por tê-la considerado sob outro prisma.

Santa Teresinha concentra-se na união com Jesus sob o nome de dependência filial, e termina na prática da *Santa Escravidão.*

A vidente de Paray-le-Monial exalta *a mesma união* sob a forma de união amorosa; e termina, como Santa Teresinha, na *Santa Escravidão.*

Na primeira e solene aparição do Coração de Jesus – 1674

– o divino Salvador disse à Santa: "*Até então tomaste o nome de escrava; de agora em diante te dou o nome de discípula querida de meu coração".*

Mais tarde Jesus lhe disse – 1688 – : *"Enfim és inteiramente minha, vives para mim, vives para fazer tudo o que eu desejar, filha minha, como minha esposa, minha escrava, minha vítima, dependente em tudo do meu coração".*

E é por isso que, em suas cartas, na narração de sua vida e em várias de suas consagrações, a santa se declara escrava *do Coração de Jesus.* Deseja ela com este título, exprimir a sua submissão total ao Coração de Nosso Senhor e aos deveres impostos por esta devoção.

Escreve alhures: – "*Quero fazer consistir toda a minha glória em viver e morrer na qualidade de vossa escrava".*

No retiro de 1672, inspirada pelo Sagrado Coração, escreveu em suas resoluções o seguinte:

"Eu, ínfima e miserável criatura, protesto, diante de Deus, submeter-me e sacrificar-me em tudo o que Ele pedir de mim, imolando o meu coração no cumprimento de sua vontade, sem reserva de outro interesse que sua maior glória e seu puro amor, ao qual consagro e entrego todo o meu ser e todos os meus movimentos. Pertenço para sempre ao meu bem-amado, como sua escrava, sua serva e sua criatura".

Vê-se, claramente, através destes sentimentos e expressões da santa, que o título de *escravo* não é uma novidade na vida espiritual; é, sim, para ela a expressão adequada de sua completa entrega a Jesus Cristo.

Margarida Maria, que muito bem soube interpretar os desejos do Coração de Jesus, não ignorava, por certo, as suaves intimidades da infância espiritual. Mas compreendia também que entre os dois termos *escravidão* e *confiança* não havia nenhuma incompatibilidade, e, mais perfeita harmonia de doutrina e de prática.

IV. A Santa Escravidão

Ensina-nos São Luís Maria Grignion de Montfort as virtudes, obras a praticar e as disposições de que devemos nos revestir, para alcançar esta Santa Escravidão ou dependência completa de Jesus por Maria ou de Maria por Jesus.

Por ora não vamos insistir sobre estes pontos, pois serão

longamente desenvolvidos no correr do livro. Mostremos apenas a união de espírito entre Jesus e Maria; sem isto não poderemos compreender os termos que Montfort emprega.

São Francisco de Sales diz a respeito:

“A Virgem Santíssima tinha uma só vida com seu divino Filho. Jesus e Maria eram, de certo, duas pessoas, mas tinham um só coração, uma só alma, um mesmo espírito, uma vida idêntica”.

Se o Apóstolo pôde dizer que a sua vida era a vida de Cristo, com mais razão podia dizer a Santíssima Virgem que a *“sua vida era a vida de Jesus”.*

Ora, sendo assim tão unidos Jesus e Maria, a ponto de terem uma só vida, podemos, logo, chamar-nos, indiferentemente: escravos de Maria ou escravos de Jesus.

Montfort insiste muito sobre este ponto. Repete, a cada passo, que há a mais íntima união entre Jesus e Maria. Tão intimamente são unidos, que um se acha inteiramente no outro.

Jesus está inteiramente em Maria. Maria Santíssima está inteiramente em Jesus.

Ou, antes, ela não é mais ela, mas Jesus é tudo nela; a tal ponto que diz ser mais fácil separar a luz do sol do que separar Maria de Jesus.

Maria Santíssima torna-se, deste modo, um caminho fácil para irmos a Jesus. E isto porque um caminho preparado pelo próprio Deus; caminho pelo qual Jesus Cristo veio ate nós e onde não há estorvo ou obstáculo.

“Daí resulta, – continua Montfort – *que a devoção que mais intimamente nos une a Maria pode ser considerada como o caminho fácil, curto, perfeito, para conduzir à união divina, na qual consiste a perfeição cristã... Além disso, este caminho é muito fácil por causa da plenitude da graça e da unção do Espírito Santo de que está repleto”.*

“Neste caminho – completa o Santo – *não há nem lodo nem poeira, nem a menor mancha de pecado, pois a Virgem Imaculada é a mais perfeita e a mais santa das criaturas, de modo que Jesus Cristo chegou perfeitamente até nós, sem tomar outro caminho em sua grande e admirável viagem do céu à terra”.*

“Maria é um caminho seguro, porque seu ofício próprio é conduzir-nos a Jesus Cristo; como o ofício próprio de Jesus Cristo é conduzir-nos ao Pai Eterno”.

“Não há, pois, e nunca haverá, criatura que nos ajude mais

eficazmente do que Maria, para chegarmos à união com Deus; e isto tanto pelas graças que nos comunica para esse fim, quanto pelo afastamento de toda ilusão e de todo erro de que ela nos preserva".

V. Comparação entre os métodos

As idéias de Santa Teresinha e de Santa Margarida Maria concretizam-se admiravelmente na *Santa Escravidão,* ensinada por Montfort.

Já dissemos, precedentemente, que estes santos têm a mesma concepção da vida de intimidade com Jesus e Maria.

A união amorosa e a dependência ou infância espiritual reunem-se e formam o abandono total ou *Santa Escravidão.* Este novo modo de dizer significa algo de mais humilde ainda que a expressão de Santa Teresinha e Santa Margarida Maria.

Há, de fato, duas criaturas neste mundo que vivem sob o poder de outrem: *a criança e o escravo.*

A criança nada pode. Tudo recebe dos pais. É a impotência radical.

O escravo não se pertence. É um bem do senhor que o possui.

Santa Teresinha queria ser pequenina, como uma criancinha, para atrair o olhar de Jesus.

Santa Margarida queria ser pequenina, para poder perder-se no Coração amoroso de Jesus.

Montfort queria ser pequeno, como um escravo, para ser propriedade de Jesus.

Todos três querem pertencer a Jesus, unir-se a Ele, viver d'Ele e n'Ele; e, para se elevarem, ou, melhor, serem elevados a estas alturas, procuram abaixar-se, humilhar-se, ser um nada, um pequeno escravo de amor!

Na base, estão de acordo os três. Somente escolheu cada um, para exprimir a mesma verdade, o termo próprio, que combina melhor com seu espírito e com a graça particular recebida de Deus.

Santa Teresinha é a *meiguice* da criança, Santa Margarida Maria é a *chama* da estática. São Luís Maria de Montfort é o *zelo* do conquistador.

O primeiro caminho é a *infância espiritual* de Santa Teresinha.

O segundo, é a *imolação* amorosa de Santa Margarida.

O terceiro, é o *zelo apostólico* de Montfort.

São três chamas, proveniente de um único amor – o amor de Jesus considerado como Pai, como Rei, como Senhor.

Aqui a espiritualidade de Montfort toma a sua feição particular, o seu cunho próprio, a sua base mariana.

Santa Teresinha é apóstola da bondade de Jesus; Santa Margarida é apóstola do Sagrado Coração de Jesus; Montfort é apóstolo de Maria Santíssima.

Do lado *doutrinal,* os três ensinam a mesma doutrina da *humildade.*

Do lado *devocional,* eles se dividem: Santa Teresinha preconiza o seu caminho da santa infância e a devoção ao Menino Jesus, ao passo que Santa Margarida penetra no Coração de Jesus, e dedica-se a esta devoção consoladora; Montfort nos revela o seu segredo da Verdadeira Devoção, e concentra-se sobre a devoção a Maria Santíssima como Rainha dos corações.

Para Montfort a virtude básica é também a humildade, expressa pelo termo *escravo.* A devoção é à Virgem Santa, como Soberana dos corações. E o fim de tudo é Jesus Cristo; donde as expressões empregadas indiferentemente pelo Santo: escravidão de Jesus em Maria e escravidão de Maria em Jesus.

VI. O Segredo de Maria

Montfort apresenta a Santa Escravidão como um *segredo.*

Esta palavra excita curiosidade. E não há leitor do livro da Verdadeira Devoção que não o procure logo descobrir.

O segredo, porém, não consiste na *teoria,* e sim *na prática* desta devoção.

A prática consiste em entregar-se inteiramente, na qualidade de *escravo* a Maria e, por Ela, a Jesus, e em procurar fazer todas a ações com Maria, em Maria, por Maria e, para Maria, no intuito de faze-las mais perfeitamente com Jesus, em Jesus, por Jesus e para Jesus.

Compôs o santo uma fórmula de Consagração. É a parte exterior.

A parte interior não é mais que a aplicação constante a *viver como um escravo,* dependente em tudo da vontade de Maria Santíssima.

O segredo está, pois, nesta nossa dependência amorosa, filial e humilde da Virgem Santíssima.

É uma espécie de *presença de Maria,* semelhante à presença de Deus.

Tal presença não é esforço de imaginação ou de vontade, mas, sim, uma certa atenção de espírito em procurar ocasiões de fazer algum sacrifício por amor da Santíssima Virgem. É, por outra, vivermos espreitando as ocasiões favoráveis de praticar a virtude.

Tal disposição nos conserva num estado de dependência total, num abandono completo à vontade de Maria. E, destarte, tudo aceitamos d'Ela, para Ela nos volvemos constantemente para vermos sua mão em tudo, e procurando em tudo, conformar-nos a seu alvitre.

É aqui que está o segredo.

Consagrar-se à Virgem Santa como escravo é um ato passageiro que qualquer um pode fazer. E, de fato, muitos o fazem, sem depois aplicar-se a viver esta Consagração.

Viver esta Consagração – este é o segredo. E a medida que tal vida se desenvolver em nós, o segredo descobrir-se-á mais e mais, até que o possuamos completamente.

Deste modo, a Santa Escravidão de Montfort não é simplesmente uma devoção; é mais que isso: um método eficaz de santificação.

A devoção é por muitos conhecida e praticada. O método de santificação porém o é muito pouco. Entretanto, os dois devem dar-se as mãos, devem ser ambos praticados para produzir o que devem – a santidade, como teremos ocasião de averiguar mais adiante.

VII. A Devoção mais Perfeita

Qual é a devoção mais perfeita, ou o método mais prático dos três acima citados?

A resposta é difícil, porque a superioridade de um método, duma devoção, não é somente *objetiva,* mas, também *subjeti-*

va, isto é, não depende só do valor intrínseco da devoção, mas também da disposição pessoal de quem pretende adotá-la.

Pode-se pôr um princípio, nesta maioria; é o seguinte: que uma devoção é também mais perfeita, quanto mais intimamente nos une a Jesus Cristo.

Ter uma confiança ilimitada em Nossa Senhora, dar-se a ela, numa expansão de amor ardente, como Santa Teresinha, é sublime, é divinamente belo...

Penetrar no Coração de Jesus, e ali consumir-se nas chamas de seu imenso amor, como Santa Margarida Maria, é docemente extático...

Mas, entregar-se nas mãos de Jesus e Maria, como escravo, não simplesmente para amar e ser amado, mas para trabalhar, lutar e sofrer para Aquele e Aquela que amamos, como ensina Montfort, – eis o que é simplesmente heróico! É imitar o divino Salvador, que *por amor de nós se entregou a si mesmo como oblação.*

Para bem acentuar esta dependência total, que constitui o espírito de sua devoção, São Luís Grignion de Montfort faz distinção entre *escravo* e *servo.*

Um servo ou criado dá apenas uma parte de seu tempo e de seu trabalho, recebendo em retribuição um salário combinado, que lhe é devido em justiça. O *escravo,* porém, vive e trabalha para o senhor sem ter direito a remuneração alguma. Sua dependência é absoluta, para sempre, sem direitos nem concessões, a não ser no que espontaneamente lhe é permitido pelo amo.

É a imitação de Jesus Cristo, de quem São Paulo disse: *"Aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de um escravo".*

Sob este ponto de vista, podemos pois dizer, que a *santa esravidão* encerra tudo o que as outras devoções têm de mais elevado. E, como é impossível alguém rebaixar-se mais do que se tornando escravo, é também impossível que se eleve mais alto na generosidade para com Deus, consoante a palavra do divino Mestre: *"Aquele que se humilhar será exaltado"* – Lc 4, 11.

CAPÍTULO II

O CULTO DE MARIA

Devemos honrar Maria Santíssima: ninguém pode duvidar disto. Nossos irmãos separados da verdade católica, os protestantes, têm sido bastante ilógicos recusando à Mãe de Deus a honra e o louvor que sua dignidade e suas virtudes exigem.

O culto de Maria está baseado em razões tão transcendentes, que quem sabe e procura refletir prostra-se necessariamente aos pés desta sublime criatura, para redizer, ou, melhor, para realizar a grande profecia que o Espírito Santo pôs nos lábios d'Ela um dia: – *"Beatam me dicent omnes generationes"* – *"Todas as gerações me proclamarão Bem-aventurada!".*

I. Dignidade de Maria

Devemos honrar Maria Santíssima. Somos-lhe devedores de um culto, que, embora infinitamente inferior ao que prestamos a Deus, é completamente superior ao que é devido a uma simples criatura.

Maria é uma criatura exaltada, glorificada, Bem-Aventurada mais que todas as outras, elevada a uma *dignidade* quase infinita.

"A maternidade divina, de fato, pertence a uma ordem à parte, chamada Ordem Hipostática, e tem com esta ordem uma relação necessária", diz o grande teólogo Suarez.

Santo Tomás chega a dizer: *"A dignidade de Mãe de Deus é uma dignidade infinita"* – *"Beata Virgo, ex hoc quod est Mater Dei, habet quamdam dignitatem infinitam, ex bono infinito quod est Deus."* – Summ. I part. XXV. Art. VI.

Pois a esta dignidade, única em sua espécie, corresponde um culto, único também: o culto de *hiperdulia* que a Igreja só

presta à Virgem Santíssima.

Mas não basta honrar Maria... como também não basta somente honrar a Deus.

Contentar-se em prestar a Deus somente um culto de louvor seria cair no erro protestante, que coloca a salvação apenas na fé e ensina que basta crer em Deus e louvá-lo, para ser perfeito cristão.

O bom senso já fez justiça a essas asserções luteranas. *Crer* é o alicerce; o edifício são as obras. Querendo construir um edifício, quem se contenta só com os alicerces?

A fé é uma semente lançada em nossa alma.

Mas toda semente é destinada a germinar, a crescer e produzir flores e frutos. Do mesmo modo, a fé deve crescer e produzir frutos, que são as *obras da justiça.* Não é somente a fé que salva, mas as obras produzidas pela fé.

Este raciocínio se aplica tanto ao culto devido a Jesus Cristo quanto ao culto devido à Maria Santíssima.

Devemos um culto à Mãe de Deus. É a semente. E esta semente deve produzir flores e frutos. Isto é, este culto deve manifestar-se por obras.

Continuando a comparação, digo que é a flor que vamos presentemente estudar, reservando para um outro estudo *"o fruto bendito".*

Qual é esta flor, e qual é este fruto?

A *Flor* do culto de Maria é o *Dom* de si mesmo a esta boa Mãe.

O *Fruto* é a *Imitação* de suas virtudes.

A prova é de fácil compreensão para todos, e serve de base a toda a *Mariologia.*

II. Lei Circular

Existe na religião católica uma lei fundamental, chamada pelos teólogos: *lei circular.* É ela que preside a tudo e tudo explica. Esta lei é *o dom de si.*

Como dizem os teólogos, é uma *lei circular:* Deus se dá ao homem; o homem deve dar-se a Deus.

Tudo procede de Deus; tudo deve voltar para Ele.

Deus se deu a nós, para nos mostrar como devemos dar-nos a Ele.

E como foi que Ele se deu a nós?

Por Maria.

Como devemos dar-nos a Ele?

Por Maria.

Em Maria está, pois, a mais bela aplicação desta *“lei circular”.*

Por meio d’Ela, *“o dom”* vem do alto do céu à terra; e, ainda por meio d’Ela, volta da terra para o céu.

É o papel mediador de Maria entre Deus e os homens.

Por criação e por natureza, somos de Deus e para Deus. E Deus quer que, por nossa espontânea vontade, renovemos este dom de nós mesmos, na forma por ele prescrita.

Ora, Ele se deu a nós *Por Maria.*

Logo, Ele quer que, nos demos a Ele também *Por Maria.*

Deste modo, *o dom de si* é verdadeiramente uma flor, que desabrocha sobre a haste do culto da Mãe de Deus.

A flor desabrocha antes do fruto. Não é, pois, o fruto. Mas, sem ela, não haveria fruto; seria a esterilidade.

Para darmos ao culto de Maria toda a força e toda a expansão, para recolhermos desta bela haste o desejado fruto da virtude e da santidade, é preciso que façamos desabrochar a flor.

Em outros termos:

Para dignamente honrarmos à Virgem Santa, como Deus quer que Ela seja honrada, é mister que nos *demos a Ela, e, por Ela, a Jesus Cristo,* seu filho. Sem isto, sem este dom espontâneo e voluntário, a graça divina não circulará em nossas almas; mais abundante e mais ativa, para nos facilitar a reprodução dos exemplos do Salvador, de quem a Virgem Imaculada é a cópia suave e sem mancha. É o que queremos estudar nestas páginas.

* * *

Firmados nos princípios mais sólidos da teologia e nos ensinamentos dos santos, faremos todo o possível para ficar sempre ao alcance de todas as inteligências.

Entretanto, cumpre notá-lo, para serem bem compreendi-

das e bem apreciadas, estas páginas exigem uma leitura repetida. Não basta lê-las de um só folego; é preciso relê-las, meditálas, assimilá-las.

Para as almas piedosas, que buscam a *perfeição,* elas hão de ser um feixe luminoso, hão de descortinar-lhes aos olhos um horizonte talvez desconhecido, e, ao coração, um verdadeiro *segredo,* o segredo do amor à Santíssima Virgem.

Mas torno a repetir: *Estas páginas se dirigem às almas sérias, piedosas,* ou, ao menos, desejosas de o serem. Às que são frívolas, elas ocultarão o *segredo...* Porque em almas que são como a terra das estradas, não pode germinar uma semente divina, disse Nosso Senhor – Mt 13, 18.

Felizes os corações que tudo compreenderem!...

E mil vezes mais felizes os que a praticarem com fervor!...

Os anjos hão de inclinar-se, radiantes e alegres, reconhecendo nestes corações justos a imagem e o sorriso de sua Rainha celestial.

III. Divisão geral

É nosso dever honrar a Santíssima Virgem. E quão suave é este dever! Já tratamos deste assunto em outro trabalho. Expusemos ali o *primeiro modo* de amarmos a Mãe de Deus. Mas o amor não pode parar aí; ele tem asas...

Quem ama não se contenta com honrar, mas suspira pela posse do ser amado.

E quando este ser não é um objeto inerte e sim uma pessoa, a aspiração natural do amor é dar-se a ela, ser possuído por ela.

É o *segundo modo de amar* a Virgem Santa.

Dar-se a ela, pertencer a ela, ser d'Ela propriedade, da maneira mais íntima e irrevogável – eis a aspiração de toda alma apaixonadamente cristã.

Mas como realizar isto?

Como identificar-nos com ela, como *"perder-nos em Maria"?*

Pergunta deliciosa!

Vamos dar-lhe a resposta neste estudo.

Procuraremos, por isso, entre as devoções, a que mais nos une a Maria Santíssima; e depois de encontrá-la estudaremos,

até nos pormenores, os seus motivos e a sua prática.

Será assunto de todo este livrinho.

Dividimo-lo em quatro partes:

I . O DOM DE NÓS MESMOS A MARIA,

ou os *diversos modos* de pertencermos à Virgem Santa.

II. O DOM MAIS COMPLETO DE NÓS MESMOS,

ou a *Santa Escravidão* ensinada por São Luís Maria Grignion de Montfort.

III. A PRÁTICA DERIVANTE DESTE DOM,

ou a maneira de viver a Santa Escravidão, de percorrer seus vários graus, até a união mais íntima com a Santíssima Virgem.

IV. AS RELAÇÕES DA SANTA ESCRAVIDÃO

com a doutrina da Santa Igreja.

Aconselhamos a leitura de *"O Segredo de Maria"*, de São Luís Maria Grignion de Montfort, que servirá a um tempo de obra de consulta e base ao sistema de espiritualidade proposta pelo mesmo santo.

PRIMEIRA PARTE

O DOM DE NÓS MESMOS A MARIA

CAPÍTULO III

A META E O CAMINHO

Antes de entrarmos nos pormenores da doutrina que queremos desenvolver aqui, é mister considerar e determinar teologicamente a *meta final* e o *caminho* que nos deve conduzir até lá. Evitaremos assim, toda hesitação em questões delicadíssimas de tão profundo alcance na vida espiritual.

Precisemos, pois, rigorosamente,o papel da Virgem Imaculada em relação a Jesus Cristo e a nossa alma.

Este ponto de vista, substancialmente contido no axioma, hoje clássico*: – "Ad Iesum per Mariam" – "A Jesus por Maria"* – é a base fundamental da espiritualidade mariana.

I. Presença de Jesus em nós

É por não terem compreendido esta *meta* e esta *via,* que certos autores, embora louvem e exaltem a Virgem Santíssima, não lhe dão, entretanto, o lugar que merece e deve ocupar conforme os desígnios divinos. Receando exagerar, diminuem-lhe o valor. E deste modo, mostram-nos Maria diminuída, muito abaixo do ideal de nossos corações e da realidade. Oxalá possamos evitar este escolho e mostrar Maria tal qual é, em todo o esplendor de seu poder e condescendente misericórdia!

Nosso Senhor disse de si mesmo, que Ele é para todos: *" o caminho, a verdade e a vida" .*

São Paulo, na sua linguagem enérgica, nos diz que a sua vida sobrenatural é Cristo: *"Mihi vivere Christus est".*

Jesus Cristo deve viver e crescer em nós.

"Cresçamos, – diz ainda o grande Apóstolo – *cresçamos em Cristo, de toda maneira, por toda espécie de boas obras, santificando-nos em todas as coisas".*

Jesus Cristo vive em nós, porque é o *princípio* e a causa *eficiente* de nossa vida sobrenatural, da mesma forma que é o *exemplar* de nosso estado de graça.

Quem examina a fotografia de alguém, diz: *"É ele mesmo!"* De igual modo e com mais razão se pode dizer da alma em estado de graça: *"É Cristo mesmo!".*

Jesus reside em nós pela fé e pela caridade, segundo sua própria palavra: *"Se alguém me ama... meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos n'Ele nossa morada"* – Jo 14, 23.

Mas como entender esta presença de Jesus Cristo em nós?

Não pode ser pela substância de sua humanidade. Esta sagrada humanidade só está substancialmente em nós na Comunhão Eucarística. Resta apenas um outro meio de sua presença: *pela divindade.*

E como está Ele em nós pela divindade?

Mediante a graça, que é uma participação à natureza divina.

"Pela graça – diz São Pedro – *participamos da natureza divina" – "Divinae consortes naturae...".*

Escutemos a este respeito o grande Santo Tomás – I. q. XLIII, a. 3.

"Acima do modo comum, pelo qual Deus habita em toda criatura, há um modo especial, por que Ele exclusivamente habita na criatura racional, e é como o conhecido está naquele que o conhece, e o amado no amante" – Sicut cognitum in cognoscente et amatum in amante.

"Mas, como a criatura que conhece e ama – trata-se do conhecimento pela fé, e o do amor pela caridade – alcança Deus mesmo por sua operação, resulta disso que Deus, por este modo de presença, não só está presente na criatura, mas nela habita, como em um templo".

II. Participação da natureza divina

Notemos ainda que a graça não muda a nossa natureza na de Deus. A natureza divina é incomunicável.

Ficamos totalmente homens. Só Deus nos pode dar uma perfeição modelada sobre sua natureza – um grande teólogo, Franzelin, caracteriza a nossa participação na natureza divina

por duas palavras: *formaliter et analogice.* É uma forma de maneira de ser divina. Mas, em Deus, ela é a essência; em nós, acidente. Isto nos permitirá operar como Deus, enquanto a criatura for capaz de assim agir.

Qual é a operação própria de Deus?

É a de conhecer-se e amar-se com um amor correspondente a este conhecimento.

Logo, quando, pela graça, Deus nos faz conhecê-lo e amá-lo aqui na terra na ordem da fé, e no céu, na ordem da glória, participamos, verdadeiramente da natureza divina. Temos em nós a *vida de Deus.* Pois, como disse Nosso Senhor, "*a vida eterna consiste em conhecer-te, a ti só, Deus verdadeiro, e Àquele que enviaste, Jesus Cristo*" – Jo 17, 23.

Pela fé e pela caridade alcançamos *a própria essência de Deus!* Não diz São João que a essência de Deus é caridade? – *"Deus Caritas est".*

Sem dúvida, a fé não faz conhecer a Deus senão imperfeitamente. Ela no-lo mostra, diz São Paulo, *"como num espelho".* Mas, um dia, na glória, a nossa inteligência poderá vê-lo face a face.

E quanto à caridade, que sempre acompanha a graça, ela é, nesta vida, da mesma natureza que na pátria celeste. É um amor de amizade, pelo qual Deus e a alma se dão mutuamente. *"Possessio Dei fruendum",* diz a teologia.

Possuímos a Deus para d'Ele gozarmos. Ora, como não se pode gozar plenamente senão daquilo que está substancialmente presente, é preciso concluir que a *divindade habita em nós, substancialmente pela caridade.*

Eis o que está sólida e irrefutavelmente estabelecido. É o fundamento da teologia ascética e mística.

Nossa vida é Cristo. O *aumento* da nossa vida (pois tudo que vive deve crescer) é ainda *Cristo* crescendo em nós. A *glória* será também *Cristo* coroando-se a si mesmo em nós.

Que inefável bondade de Deus!... Que glorioso destino para nós!...

A vida de nosso corpo é a alma; a vida de nossa *alma* é Cristo. Nossa vida é, portanto, verdadeiramente, Cristo.

Qual a união que existe entre nós e a nossa vida, entre nossa alma e nosso *corpo?* Tal deve ser também a união existente entre Jesus e nossa alma.

III. Nossa deificação

Assim sendo Jesus Cristo é o *fim* e a *via* de nossa *deificação.* São Dionísio, o Areopagita, diz de fato: *"A deificação da criatura consiste, quanto possível, na semelhança e na união com Deus" – Deificatio est Deo; quantum fieri potest, assimilatio et unio. – Hierarch. Ecc. 1,3.*

Quanto mais íntima for nossa união com Jesus Cristo, tanto maior será também nossa graça e nossa semelhança com Ele, pois, união e semelhança com Deus, é o resultado da sua presença sobrenatural em nós.

E tanto nos adiantamos em santidade quanto crescemos em Jesus Cristo, ou, melhor, quanto *Ele cresce em nós.*

"Todos os dons – afirma Santo Tomás – *nos advêm da união a Jesus Cristo, da participação à sua graça".*

É esta verdade, tão consoladora e tão sólida, que constitui a base da nossa dependência de Maria Santíssima.

IV. Jesus e Maria

Até agora só tratamos de Jesus Cristo, de sua vida em nós, e de nossa união com Ele que é nosso *termo* e nosso *caminho.* Mas de Jesus a Maria a transição é fácil e suave. Se entendermos bem como cresce em nós a graça, ser-nos-á fácil deduzir o papel da Santíssima Virgem neste divino crescimento; Jesus Cristo nunca se separa de Maria.

O fim de nossa devoção é vivermos numa completa dependência de Jesus Cristo. Mas para estabelecer esta completa dependência o meio escolhido pelo próprio Deus é Maria Santíssima.

Terminemos com esta verdade profunda e básica: Jesus Cristo *vive* em nós; deve ver *coroada* em nós sua obra; e para realizar este mistério de amor fez-nos *participantes da natureza divina,* para que fôssemos capazes de produzir obras dignas de Deus.

* * *

Pedimos aos leitores pouco afeitos a leituras teológicas não se esmoreçam diante da aparente aridez deste começo.

É necessário pôr um fundamento sólido, inabalável.

Depois, é preciso mostrar aos homens de estudo e de leituras sérias, que a devoção à Mãe de Deus se baseia nos dogmas mais sagrados de nossa santa religião, e não é, como alguns pensam, efeito de *sentimento*, ou de piedoso *entusiasmo.*

Ponderemos este capítulo e o que dele deriva e, pouco a pouco, das aparentes trevas surgirá a luz precursora dum incêndio de amor, que abrasará nossos corações em face desta obra-prima das mãos do Todo-Poderoso – *Maria.*

CAPÍTULO IV

O MEIO DE UNIÃO A JESUS

Depois de mostrar a meta e o caminho que conduz até lá, é preciso indicar *o meio.*

Indiquemo-lo desde já. Este meio é *Maria Santíssima.*

O papel de Maria é gerar Jesus Cristo em nós. Provemos esta verdade, estudando como se faz tal gestação.

Esta função encerra toda a economia de sua intercessão e da sua mediação, e resume as questões mais profundas de nossa santa religião.

Embora seja um ponto um tanto filosófico, não devemos, entretanto, preteri-lo.

Para mostrar que tudo devemos a Maria, e que tudo nos vem por meio d'Ela, podemos apoiar-nos sobre este axioma: *"Causa causae est causa causati"*. Isto é, a uma causa se deve atribuir não somente o que ela mesma opera, mas também tudo o que ela faz operar pelos outros.

Jesus feito Homem é o Nosso Salvador. E é d'Ele que nos chega toda graça. Ele é a causa *imediata* e *eficiente* de nossa salvação.

Mas foi por Maria que Ele se fez Homem. Foi como Salvador e Senhor que Maria O concebeu e O deu à luz.

Logo, Maria é a causa *mediata e moral* de nossa salvação, já que, segundo o desígnio divino, sem Ela, estaríamos privados do Salvador.

"Do mesmo modo que Eva pela desobediência foi causa de sua ruína e da ruína de todo o gênero humano, – diz Santo Irineu – *assim Maria, pela obediência, é a causa da sua salvação e da salvação de todos os homens"* – Santo Irineu – ***Adversus haereses***, III. C. XXXIII.

I. O que é graça

Para compreendermos a mediação de Maria e a glória inefável que d'Ela lhe advém, é preciso que tenhamos uma noção exata do que seja graça.

A graça – dizem os teólogos – não é uma *substância.* Não pode subsistir em si mesma, como a brancura de uma casa, o perfume de uma flor, a beleza de um quadro, não podem subsistir sem esta casa, sem esta flor, ou este quadro, dos quais são qualidades.

A brancura é um *acidente,* um *modo* de *ser,* uma *qualidade* da casa; o perfume é uma qualidade da flor; a beleza, uma qualidade do quadro. Assim, a graça é uma *qualidade de nossa alma.* É a qualidade que a torna agradável a Deus. Ou, sob outro ponto de vista, um acidente que a dispõe para operar de modo sobrenatural.

A graça atual é, de fato, qualidade sobrenatural que nos faz agir de um modo sobrenatural; ou, ainda, são atos da Providência divina, dispondo as coisas com o fim de nos proporcionar a graça, e finalmente a salvação.

Tal é a graça, quer *santificante* – também chamada *habitual* – *quer atual.*

Pois bem, todas estas graças, Deus no-las dá por Maria Santíssima. É a Virgem sem mancha que no-las distribui. É uma verdade aceita por todos.

A razão é que *"a ordem estabelecida por Deus não muda".* Aprouve-lhe dar-nos, por Maria Santíssima, o autor da graça. É preciso, por conseguinte, que todas as graças derivadas desta graça primeira – e todas derivam dela – nos venham por Maria. É o raciocínio de Bossuet.

Montfort diz por sua vez: *"Quem quer ser membro de Jesus Cristo deve ser formado em Maria, pela graça de Cristo, que nela está em plenitude, para ser comunicada aos membros verdadeiros do Salvador" – cf.* ***Segredo de Maria****.*

II. Elevação de Maria

Maria é a *tesoureira* das graças divinas. Mas, como acabamos de ver, não se distribuem graças como se distribuem moedas. A moeda existe em si mesma, independente de quem a distribui: Mas a graça não subsiste em si; é uma qualidade da alma.

Antes, pois, de dá-la, é mister que o doador a possua primeiro em sua própria alma.

Maria é a dispensadora de todas as graças divinas. É ela quem tudo distribui. Logo, *é d'Ela* esta graça ou vida divina. Não é, sem dúvida, uma porção de sua substância; mas é, verdadeiramente, uma coisa que lhe pertence.

Que suave este pensamento que eleva a Santíssima Virgem a uma altura quase infinita! E não podia ser doutro modo; se, como diz Santo Tomás, é infinita a dignidade da Mãe de Deus, infinita deve ser, também, a sua elevação, pois uma deve ser proporcional à outra.

Sublime elevação!

Todas as graças, quer *habituais,* quer *atuais* antes de adornar nossas almas, adornaram a alma de Maria.

A comunicação da graça é, deste modo, uma espécie de contacto de nossa alma com a alma da Virgem Imaculada. Contacto dulcíssimo em que, nossa alma se aquece, ilumina e diviniza.

Compreendeis agora a intimidade que existe entre Deus e Maria, entre Maria e nossa alma? Como dissemos acima, é um círculo perfeito:

De Deus, por Jesus,

a nós, por Maria.

E, nossas relações com Deus:

Por Maria, a Jesus;

Por Jesus, a Deus.

Depois disso, podemos compreender melhor como a graça é verdadeiramente uma *participação da natureza divina;* participação que se faz por intermédio de Maria.

É a essência mesma da religião. Deus e o homem se encontram. E a Virgem Mãe é o templo em que se efetua este encontro.

Compreendemos, também, agora, as expressões dos santos aparentemente exageradas ao proclamarem a graça da Mãe de Deus superior à de todos os anjos e santos; ao afirmarem que Ela é mais querida de Deus e ama a Deus muito mais que todas as criaturas reunidas.

III. Papel de Maria

Mostremos como se opera a comunicação da graça de Maria Santíssima às nossas almas.

Para compreendê-lo, basta que nos lembremos do papel da Santíssima Virgem no mistério da Encarnação; suas funções na distribuição da graça, são as mesmas que neste mistério.

Quando o Verbo se fez carne, foi o Espírito Santo quem formou seu corpo. Maria Santíssima forneceu a matéria, o sangue imaculado, depois de ter consentido que o mistério se realizasse – cf. A. Lhoumeau: – ***“La vie spirituelle à l’école du Montfort”***, obra de profunda e sólida teologia.

Auxílio e consentimento – eis em que consiste, de modo principal, sua cooperação. Deus produz a graça, e Maria concorre como *ministro e instrumento;* ou, ainda, para nos dispor a recebê-la, *ministerialiter et dispositive,* segundo o dizer dos teólogos.

Para receber a graça é necessário o *concurso* e a *vontade* de Maria Santíssima.

Disse um dia a Virgem Santíssima à sua pequena Serva, Maria Lataste: “*Pede-se uma graça, Deus consente, meu Filho concede-a, e eu a transmito”.*

Dar-nos a graça, fazer-nos comungar a natureza divina... que é isto senão *formar Jesus Cristo em nós,* fazê-lo crescer em nós?

Tudo isto mostra, luminosamente, a função de Maria Santíssima na obra de nossa santificação.

Que é santidade?

A santidade não é outra coisa senão a plena conformação de nossa vontade com a vontade de Deus.

Um notável escritor ampliou esta asserção, dizendo:

“A santidade consiste em aderir a Deus, de maneira a ter com Ele um só e mesmo espírito; de maneira a estar penetrado de sua graça, de sua vida, dependente de seus impulsos, conformando-se a seus pensamentos, abandonando-se a seu bel-prazer; de modo enfim, a estar possuída por Ele, e a não ter mais uma vida própria e independente” – Mgr. Gay. 105. ***De la Sainteté***.

Eis o fim. Vejamos o meio de alcançá-lo.

Este meio, nos é indicado pelas mesmas palavras do virtu-

oso Bispo, aplicadas a Maria Santíssima.

A santidade é, assim, aderir a Maria de maneira a ter com Ela um só e mesmo espírito; de maneira a estar penetrado de sua graça – já explicamos no começo deste capítulo, § II, em que sentido a graça pode ser chamada SUA – , de sua vida, dependente de seus impulsos, conformado com seus desejos, abandonado a sua vontade; de maneira, enfim, *a estar como possuído por Ela, e a não ter mais uma vida própria e independente.*

IV. União com Maria

A doutrina precedente merece atento estudo, pois demonstra a necessidade que temos de uma *Consagração* completa de nós mesmos à Virgem Santíssima.

Nossa perfeição consiste em *estarmos unidos a Jesus Cristo* pela graça. E a graça está em Maria. Será pois, mais intimamente unido a Jesus, e conseqüentemente mais perfeito quem mais intimamente se unir à Virgem Mãe. A união a Maria e a *medida* de união a Jesus Cristo, e portanto de perfeição. Quem mais semelhante for à Santíssima Virgem, mais se parecerá com Jesus Cristo.

Modelar-se sobre a Santíssima Virgem é modelar-se sobre Jesus Cristo. Depender de Maria é depender de Jesus. Viver para Ela é viver para Deus, pois quem vive em Maria é Jesus, Jesus que ela faz viver em nós.

Quanto mais íntima for a nossa união com Maria, tanto mais Jesus Cristo viverá em nós, e tanto mais abundante será a nossa graça.

Após estas verdades fundamentais, bem provadas, cumpre examinar de que modo podemos unir-nos a Maria Santíssima, e que dentre estes diversos modos é o mais *profícuo* para nós mesmos. Será o assunto dos capítulos seguintes.

CAPÍTULO V

SERVOS DE MARIA

Todos nós pertencemos a Maria Santíssima. Por natureza, todos os homens são necessariamente Servos de Maria. Exprime-o São Bernardino de Sena: *"Quantas são as criaturas que servem a Deus, tantos são que devem servir a Maria. E estando os anjos, os homens, e todas as coisas que há no céu e na terra sujeitos ao império de Deus, submetidos devem estar, também, ao domínio desta celeste Rainha".*

Pelo Batismo, que nos faz filhos de *Deus* e herdeiros do seu reino, apertam-se os vínculos de nossa união à Virgem Santíssima; e nos tornamos seus filhos, mediante a nossa elevação a uma ordem superior.

Como *homens,* somos, então:

SERVOS de Maria Santíssima.

Como *cristãos,* somos:

SEUS FILHOS.

I. Título de dependência

Estes títulos são gerais e convêm a todos. Mais, não seria possível irmos além... subirmos ainda mais alto pela doação de nós mesmos à augusta Mãe de Deus?

Mostra-nos o exemplo dos santos que a estes títulos comuns, a estes laços de afetos podemos juntar outros mais particulares, mais íntimos, inspirados por um amor intenso.

Servos, por natureza – *filhos,* pelo Batismo – podemos proclamar-nos *escravos* de Maria Santíssima por amor.

E não é só. Impulsionados pelo ardor de torná-la conhecida e amada, podemos fazer-nos seus *apóstolos.* E, muito mais

ainda, almejando participar plenamente de sua vida de imolação, poderemos ofertar-nos a ela como *vítimas.*

E por que não dizer tudo? Há um derradeiro título, mais sagrado ainda que os outros, e que parece reuni-los todos numa intimidade de vida e de ação; título que ultrapassa todas as nossas humanas e ínfimas concepções; é o de *esposo espiritual* da Virgem Imaculada.

Este grau não convém a todas as categorias de pessoas, conquanto todos a ele possam aspirar. Somente as almas superiores que se sentirem apaixonadas por Maria Santíssima poderão tomá-lo sob o impulso da graça e consentimento de um competente diretor espiritual.

Em resumo: acima do que já somos por natureza e em virtude do Batismo, podemos declarar-nos por amor:

ESCRAVOS de Maria;

APÓSTOLOS de Maria;

VÍTIMAS de Maria;

ESPOSOS ESPIRITUAIS de Maria.

Ponderemos cada um destes modos de dependência, assim como as obrigações que cada um contém.

Por fim, concentremo-nos sobre o modo que parece ser, há um tempo, princípio e base dos outros: – *a Santa Escravidão.* É ela a Verdadeira Devoção ensinada por Santo Luís Maria Grignion de Montfort – São Luís Maria Grignion de Montfort, nasceu em 1673, em Montforf-sur-mer – França, e morreu em 1716, em Saint Laurent-sur-Sèvre, depois de uma vida maravilhosa, toda dedicada à Virgem Santíssima, com o auxílio de quem fez inumeráveis conversões. Pode ser colocado na galeria dos grandes apóstolos da França. Escreveu diversas obras. A principal intitula-se: *"Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria".* Obra que parecendo inspirada, serve hoje de base a todos os estudos referentes à Mãe de Deus. Foi canonizado a 20 de julho de 1947.

II. Deveres de um servo

Principiemos pelo título de *servo.*

Já dissemos que todos nós somos servos da Santíssima Virgem, pois, como diz São Bernardino de Sena, *"a soberania da Mãe de Deus não tem limites nem no céu nem na terra".*

“Todos os seres, sem exceção alguma, estão sob o domínio divino, e pela mesma razão, sob o domínio de Maria”.

“O Filho comum de Deus Pai e da augusta Virgem colocou, por assim dizer, em igual plano a autoridade de sua Mãe e a de seu Pai” – cf. **De Nativ**. B. V. cap. VI.

E Dionísio, o cartuxo, exclama, por sua vez: *“Ó Rainha gloriosa e cumulada de graças, é justo que tudo se coloque sob vosso domínio, seja no céu, seja na terra; pois Deus, o Criador de tudo, houve por bem obedecer-vos”* – cf. **De laud** B. V. cap. VI.

Mas, que é um *servo?*

É um homem a serviço de outro que recebe por remuneração de seu trabalho um salário de antemão combinado.

O servo entra na família de seu amo; deve tomar a peito os interesses da propriedade, defender seu senhor, e prestar-lhe todos os serviços possíveis.

Pela criação e redenção, todos somos servos de Deus e, em conseqüência, servos de sua Santa Mãe.

Somos, pois, membros da família de Maria. O templo de seu divino Filho é nossa morada. Seus interesses devem ser os nossos.

Por recompensa de nossos serviços, a Virgem Santíssima nos promete o céu. É o que afirma São Bernardo: – *“Um verdadeiro servo de Maria não pode perder-se”.*

E então, que é preciso para sermos *verdadeiros servos,* e termos direito a tão animadora promessa?

Muitas pessoas pensam que é suficiente recitar de quando em vez uma oração em honra de Maria Santíssima. Que basta enfeitar-lhe uma imagem. Que basta queimar em seus santuários, de tempos em tempos, algumas velas. Que é o bastante ser fiel a alguma prática de devoção, sem mesmo renunciar ao pecado.

Nenhuma destas devoções é má em si mesma. Contanto que não se prevaleçam delas para viver na inimizade de Deus. Podem elas até alcançar a conversão do pobre pecador. São, porém, insuficientes, para assegurar a salvação eterna.

Para que um servo de Maria tenha direito às consoladoras promessas da Rainha do céu, é mister que se mostre digno e *verdadeiro servo.*

“Por isso, acrescenta um teólogo, – Vermeersch, S. J., ***Me-***

ditações, P. 240 – *nossa devoção deve ser sincera e cristã".*

E para ser sincera, é preciso que o coração deseje, verdadeiramente, honrar Maria e testemunhar-lhe confiança.

Nenhuma prática particular é exigida para isso. Entretanto, a que se adotar seja significativa e exprima uma verdadeira confiança nesta boa Mãe.

Nossa devoção deve ser *cristã,* isto é, em ordem à nossa *santificação.*

III. O estado de graça

O estado de graça é indispensável. Ora, o pecador pode recobrar, por Maria, a graça e amizade de Deus e chegar ao termo da predestinação – Bordaloue: ***Sermão sobre a devoção a Maria Santíssima***, 2.ª parte.

Mas é preciso ao menos um certo desejo de recuperar a graça de Deus, uma vontade de proceder melhor. E é a isso que devem tender as práticas de devoção a Santa Mãe de Deus.

Não basta a intenção de agradar à Santíssima Virgem. Devese pôr como princípio de boa vontade, a fuga do pecado e a volta completa para Deus. Só deste modo poder-se-á obter, por intermédio da Mãe celestial, a misericórdia divina.

Portanto, é absolutamente necessário banir da alma a temeridade estulta de procurar, numa prática de devoção, um meio de continuar a pecar impunemente. Maria quer levar-nos a Jesus Cristo; é impossível, pois, que Ela satisfaça intento tão criminoso como seria honrar a Mãe para mais facilmente ofender o Filho!

Esta condição é essencial. Não se pode duvidar, entretanto, que a devoção produzirá tanto mais segura e magnificamente seus efeitos em nós, quanto maior e mais sincera for nossa dedicação.

Ser *servo de Maria* é, pois, uma garantia de salvação. No entanto, esta dependência não muda nenhuma das condições de salvação, estabelecidas por Deus. Seremos salvos pela graça de Deus. E alcançamos esta graça mediante os merecimentos de Jesus Cristo e nossa cooperação.

Mas esperamos um auxílio de Maria Santíssima, uma oração sua que faça descer sobre nós favores mais abundantes da graça, e assim teremos a certeza de morrer bem. É, pois, em

razão de nos assegurar tal auxílio, que a devoção à Mãe de Deus é sinal e penhor de eterna salvação.

IV. A salvação por Maria

Mas, se assim é, dirá alguém, porque celebrar esta segurança de salvação como sendo um *apanágio da devoção à Mãe de Deus?* Ora, será reprovado aquele que é verdadeiramente dedicado a Deus? – Evidentemente, não!

Como poderíamos duvidar do poder e da bondade do Salvador de nossas almas, d'Aquele que criou Maria Santíssima e que sempre, com tamanha ternura, acolheu os pecadores desejosos de conversão?

Acharemos resposta à dificuldade, se ponderarmos que, para alcançar um fim, não basta possuir os meios: é preciso saber *empregá-los*.

Jesus Cristo é Juiz e Salvador.

Ora, como será possível, em face disto, que o pecador tenha por Ele uma devoção inspirada pela confiança?

Após o pecado, o grito natural da alma é o grito de São Pedro: *"Senhor, afasta-te de mim que sou um pecador".*

Este obstáculo à confiança desaparece somente quando podemos apresentar-nos a Jesus Cristo apoiados nesta Rainha puríssima, toda misericordiosa.

Eis o *socorro* por que Maria *completa* acidentalmente o designio divino da redenção. Eis como, sem nada subtrair à glória do Filho primogênito, Ela salva a todos os outros filhos que Deus lhe deu.

Pobres pecadores! A justiça do Filho pode espantar-vos e ameaçar-vos! Mas, que a misericórdia da Mãe vos atraia!

Quando uma criança incorre na indignação do pai, e este a ameaça, ela se lança nos braços da mãe, não para afrontar o pai, mas para receber o perdão por meio dela que, com certeza, há de sentir-se comovida ante este ato de confiança.

Assim deve ser conosco.

Digamos, então, muitas vezes, a esta boa Mãe que não cesse de implorar por nós diante de seu Jesus, de seu Filho, de Nosso Senhor. "*Assidue pro nobis precare Iesum, Filium tuum et Dominum nostrum*". – Dizia São João Crisóstomo. E teremos

certa a nossa salvação. É o que diz Santo Agostinho: – "*Aquele por quem a Mãe de Deus reza ainda que só uma vez, salvar-se-á irrevogavelmente*" – Cf.. muitos textos dos Santos Padres sobre o assunto em nossa obra: ***"Porque amo Maria"***, cap. XIV.

Feliz aquele que se mostra *verdadeiro servo de Maria!*

Pode ter fraquezas e até cair, mas contanto que *deseje* sair deste seu estado e que *invoque* a Maria, alcançará a força de viver como bom cristão e de não ser indigno da proteção da Rainha do céu.

Postas estas condições, ele poderá pretender, com sua dedicação à Santíssima Virgem, uma garantia de perdão e de salvação.

CAPÍTULO VI

OS FILHOS DE MARIA

Após o título de *"servo de Maria"*, comum a todas as criaturas, existe um outro, mais íntimo, mais consolador, mais fecundo em graças, e que não constitui apenas uma garantia de salvação, mas um penhor de perfeição. É aquele que nos é conferido pelo Santo Batismo: filhos de Deus e de Maria – *Este capítulo, embora trate em geral dos filhos ou filhas de Maria, convém, de um modo especial, às FILHAS DE MARIA, que ao seu título comum ajuntam o título particular de "Pia União", externando assim uma dependência mais amorosa da Virgem Imaculada.*

Sejam estas almas ESCOLHIDAS dignas deste nobre título... Para elas, sobretudo, a Santíssima Virgem será sempre Mãe cheia de ternura.

Ser SERVO de Maria é já esplêndido e consolador! Mas ser FILHO ou FILHA de uma tal Mãe é ter com segurança, sempre a nosso serviço:

Seu *coração,* para compadecer-se de nossas penas;

Seu *olhar,* para seguir-nos em toda parte;

Suas *mãos,* para comunicar-nos os tesouros de seu *Filho;*

Seus *braços,* para sustentar-nos no caminho;

Sua *alma,* sobretudo, para nela acharmos com que cobrir nossas misérias e adornar a nossa alma com seus merecimentos.

E não temos nós necessidade de tudo isso?

O servo trabalha por interesse; seus serviços são devidamente remunerados.

É na recompensa que o servo encontra o maior motivo de dedicação.

O filho nada espera; seus serviços são prestados sem recompensa convencionada.

Trabalhando para seus pais, sabe que trabalha para si. É um membro da família, a ela está ligado pelos laços mais íntimos de amizade e de afeição... dedica-se unicamente por amor.

Também ele, é *servo.* Porém, é mais que isso: é *filho;* serve... mas serve por amor.

Ó Maria, doce e incomparável Virgem, tu és verdadeiramente nossa Mãe!... Faze que sejamos teus dignos filhos! Dignos de teu coração – dignos de teus cuidados, de tua solicitude; dignos sobretudo, de tua bondade!

I. Grandeza deste título

Maria é nossa Mãe! Doce e consoladora verdade!

Pensemos com amor na conseqüência: *Somos seus filhos!*

"Confiança preciosa! Refúgio seguro! – exclama Santo Anselmo – *a Mãe de Deus é minha Mãe! – Mater Dei est Mater mea".*

"Ah! Minha alma – acrescenta São Boaventura – *diz com toda a segurança: Alegrar-me-ei, exultarei de prazer, porque, seja qual for o julgamento que mereça, minha sentença depende de meu Irmão e de minha Mãe".*

Não o esqueçamos, porém: *"Nobreza obriga".*

Os filhos, geralmente, se comprazem em ouvir falar que são dignos de seus pais, que têm traços de semelhança com eles, etc.

Filho e filha de Maria, não sejais estranhos a este justo sentimento!

Um *servo de Maria* pode adiar na *dependência* da Virgem Santa uma garantia de salvação.

Um filho de Maria deve nela achar um *penhor* de perfeição.

Que fazer para conseguí-lo?

Ser um verdadeiro filho de Maria!

II. Deveres de um Filho

Um filho deve à sua mãe: *obediência, honra e amor.*

Jesus Cristo cumpriu este tríplice dever para com Aquela que Ele chamava *"sua Mãe"* e que, na verdade, o era. Seria possível haver hesitação para seguirmos seus passos e prestarmos à Virgem-Mãe homenagens, de que Ele próprio nos deu o exemplo?

Obediência a Maria, para cumprir os mandamentos da lei de Deus e da Igreja, e nossos deveres de estado.

Honra, para prestar, com sinceridade, o culto que lhe é devido.

Amor, invocando-a e esforçando-nos para nos assemelharmos a Ela, tanto quanto possível.

Somos *filhos de Maria!* Doce e consolador pensamento!

Aqui na terra um filho se orgulha da honra de sua mãe, da bondade, do poder daquela que lhe deu a vida. Oh! Como podemos ufanar-nos de Maria!

O título de filho de Maria contém entretanto mais que isso.

O servo trabalha para seu dono; o filho, ainda fraco, não pode trabalhar, por estar na idade de formação... *Deve primeiro ser educado.*

O filho deve ser educado. – Palavra profunda e significativa!

De fato, a mãe *educa* seu filho, em primeiro lugar na vida material, até que, superando sua fraqueza nativa, ele possa sustentar-se.

Verdadeiramente, tudo isso é a tarefa da Virgem Mãe e a imagem de nossa educação espiritual.

Não precisamos ser elevados acima desta vida dos sentidos; terrestre e animal, na qual fraquejamos e caímos a cada instante?

Fracos demais para sustentar-nos, temos como as crianças, necessidade da mão materna que nos sustenha a cada instante, que nos encaminhe e nos soerga para as coisas elevadas.

Mas, se temos as fraquezas e defeitos da infância, podemos, e até mesmo devemos, adquirir as qualidades d'Ela.

O que as crianças são por condição e necessidade, devemos ser *por virtude.*

Este é o sentido daquela palavra de Jesus: "*Se não vos assemelhardes às crianças, não entrareis no reino do céu".*

III. A dependência dos filhos

É próprio da infância, e é seu distintivo mais notável viver em estado de *dependência.*

A quem está entregue a criança? À mãe. De toda criança pode-se dizer o que Monsenhor Gay escreve a respeito do Menino Jesus: *"Sua infância esteve entregue a sua Santa Mãe. Durante os nove meses que Ela o trouxe em suas puríssimas entranhas, só pertencia a Ela.*

Todo o tempo de sua meninice, Ele não a deixou. Era nos seus braços que repousava e sobre o seu peito que respirava e vivia; era d'Ela imediatamente que dependia em todas as coisas.

José é o chefe da Sagrada Família; mas durante os primeiros anos o pai aparece menos que a Mãe.

Mais tarde, em Nazaré, sua autoridade se exerce mais visivelmente; é a ordem, pois o pai deve dirigir o filho adolescente.

Em Belém, no Templo de Jerusalém, e no começo de sua vida no Egito, o primeiro papel cabe a Maria. Somente Ela o envolve e o veste; somente Ela o alimenta e aquece; e quando é preciso ir aqui ou ali, Ela é quem o leva" – cf. Mons. Gay, XIX, ***Elevação***.

Tal deve ser o papel da Virgem Santíssima para conosco, seus filhos. Precisamos ser *educados na sua escola,* pelos seus cuidados, sob o seu olhar... Devemos viver perto d'Ela.

Viver perto de Maria, sob seu olhar vigilante, perto, pertinho de seu coração... eis a vida de um verdadeiro filho de Maria!

Não vivemos de *coração* e de *espírito* com aqueles que nos são caros, mesmo depois de a morte no-los ter arrebatado dos braços?

Por que não viveríamos deste modo perto de Maria?

Sua *lembrança* seria tão suave, tão animadora, nas horas de fraqueza!... Suas *lágrimas* e seus *sorrisos,* suavizariam tanto as revoltas e rebeliões dos sentidos!...

Que irradiação de *paz* seria para as almas o sentirem-se amadas!

Que esperança de *perdão* para o culpado o ver-se protegido!

Ser dirigido, que abundância de *graças* para o coração que deseja dedicar-se!

Que luz nas dificuldades da vida! Uma mãe está sempre presente.

"*Podeis ter amigos, quantos quiserdes* – diz Monsenhor Pio – *amigos fiéis, ternos quanto possível; nunca uma criatura vos amará como vossa mãe".*

"Maria nos ama – diz Santo Stanislau Kostka – *como Ela amava a seu Filho Jesus".* – Ela tem por nós o mesmo interesse e nos cerca dos mesmos cuidados, da mesma dedicação. É preciso, pois, ir a Ela com a mesma confiança que seu divino Filho.

Oh! Vivamos perto de nossa Mãe!

Cerquemo-nos da lembrança de Maria, como de um manto para abrigar-nos, como de uma luz e de uma força que não nos deixem nunca separar de Deus.

Servos de Maria, devemos-lhe dedicação.

Filhos de Maria, devemos-lhe filial amor.

IV. O exemplo do Menino Jesus

Para terminar, escutai esta página de São Francisco de Sales:

Se alguém tivesse perguntado ao Menino Jesus, durante o tempo em que foi levado nos braços de sua Santa Mãe, *onde ia*, Ele teria respondido:

– *Não vou*, é minha Mãe que vai por mim.

– Mas, ao menos, vais com tua Mãe?

– Não, se vou onde minha Mãe me leva, não vou com Ela, nem com meus próprios passos, mas *vou pelos passos de minha Mãe, por Ela e nela.*

– Mas, ao menos, ó querido Menino, te deixas levar por tua doce Mãe?

– Não, de certo nada quero de tudo isso; mas como minha bondosa Mãe *anda* por mim, também Ela quer por mim.

Deixo-lhe igualmente o cuidado de ir e de querer ir por mim, aonde bem lhe parecer, e, como ando somente pelos seus passos, assim só quero pelo seu querer.

Eis, em resumo, nossa regra de comportamento como *"filhos de Maria":* a docilidade e a vida de união.

Conceda-nos a boa Mãe viver uma tal vida, pois é tão suave viver perto de um coração de mãe!

CAPÍTULO VII

ESCRAVOS DE MARIA

Entramos no terceiro modo de dependência da Santíssima Virgem. Não satisfeitos com laços ordinários que nos unem a Ela como criaturas e como cristãos, almejamos confirmar este estado de dependência, dando-nos, como o amor se dá: *sem reservas nem restrições.*

O primeiro grau na Consagração voluntária à Santíssima Virgem e que serve de fundamento aos outros graus é conforme a palavra do Evangelho: "*Quem se humilhar será exaltado".* Devemos humilhar-nos perante a Virgem Santíssima, para que Ela nos eleve até Jesus. Em outros termos: devemos proclamar-nos seus *escravos,* para que Ela nos eleve como filhos. Nada de mais ínfimo, nem de mais humilde que o escravo.

I. O que é a escravidão

Que é, em verdade, a escravidão de amor?

A escravidão é a dependência total e absoluta para com um senhor, de modo que o escravo não se pertença mais, mas fique sob o poder de seu dono, para que este se sirva dele à vontade e em proveito próprio.

"O escravo – diz Monsenhor Pio – *pertence completamente e para sempre a seu dono, com tudo o que possui, sem exceção nenhuma. Trabalha sem exigir nenhum salário, sem que o Senhor tenha sobre ele direito de vida e morte – A lei natural como também a mosaica e as leis modernas não reconhecem tal poder a não ser por um mandato especial de Deus, que é o Senhor da vida. Montfort se põe aqui simplesmente do ponto de vista do fato, conforme as leis civis dos países onde vigorava em seu*

tempo a escravidão. Seu intento, abstraída a moralidade do ato, é dar um exemplo de dependência total – Nota da 4.ª edição. *O servo, ao contrário, é livre; presta seus serviços por um salário durante um tempo determinado, reservando sempre para si o direito de mudar".*

Basta esta simples definição para convencermo-nos que somos não simplesmente servos de Jesus Cristo e de Maria Santíssima, mas *verdadeiramente escravos.* E notai que não é uma fórmula nova, suspeita ou inspirada por uma devoção repleta de entusiasmo sentimental... É o pensamento fundamental da religião; idéia do Santo Batismo, que é o que há de mais radical em nós, como cristãos, – cf. **Lhomeau**, op. cit.. Montfort salienta três espécies de escravidão, ou, ao menos, três títulos que motivam esta dependência de Deus:

O *primeiro* – diz ele – é a *escravidão por natureza;* todas as criaturas são escravas de Deus neste sentido.

O *segundo* é a *escravidão por constrangimento,* em que alguém é reduzido à servidão, seja por violência, seja por uma lei justa ou injusta.

Tal a escravidão dos demônios e dos réprobos.

O *terceiro,* enfim, é a *escravidão por amor,* ou por livre vontade. Esta é a mais gloriosa para Deus, que vê o coração e que se chama o Deus do coração ou da vontade amorosa.

Em resumo, e como aplicação destas três espécies de escravidão: *todas as criaturas são escravas de Deus* pelo primeiro modo; os demônios e réprobos, pela segunda; os justos e santos, pela terceira.

II. Significação do termo

Praticamente esta devoção da Santa Escravidão não é outra coisa, senão a ratificação, por livre escolha, do que já somos por natureza, isto é que constitui a glória e a felicidade dos justos e santos.

O sentido atual da palavra *servo* é recente; antigamente só se conhecia o senhor e o *escravo.* É neste sentido que se devem tomar as palavras latinas: *servus – ancilla, empregadas outrora.*

Quando os profetas designam o Messias como *"Servus Dei"* – servo de Deus; quando São Paulo nos ensina que Jesus Cristo to-

mou a aparência do *servo* – *“formam servi accipiens”;* quando a Virgem Santíssima se intitula: *“a serva do Senhor”* – *“ancilla Domini”;* quando o grande Apóstolo dá a si mesmo o nome de *servo* de *Cristo, etc...,* todos empregam esta palavra no sentido de escravo.

“Sou a escrava de Cristo – dizia Santa Ágata – *e por este título me declaro de condição servil”.*

“Para ser devoto escravo do Filho – escreveu Santo Ildelfonso – *suspiro por tornar-me fiel escravo da Mãe”.*

E São Bernardo: *“Sou um vil escravo, para quem é honra demais servir, como tal, o Filho de Maria”.*

Assim fala grande número de santos e de piedosos, sábios, como São Pedro Damião, Santa Teresa, São João Eudes, Venerável Olier, Padre de Condren, etc... A tão estimada oração de Santo Inácio: *“Recebei, Senhor, minha liberdade”*, bem como a do Pe. Zucchi:*”Ó minha soberana...”*, não são mais que fórmulas expressas da Santa Escravidão.

Os soberanos Pontífices sancionaram estas fórmulas. Urbano VIII, em 1636, aprovava os Cônegos do Espírito Santo, que se consagravam na qualidade de escravos a Jesus e Maria.

Leão XIII, em 1887 aprovou igualmente os *“Escravos do Sagrado Coração”,* e enriqueceu de indulgências uma congregação inspirada por Jesus Cristo a Santa Margarida Maria, que termina dizendo: *“Quero fazer consistir toda a minha felicidade em viver e morrer como sua escrava”.*

III. Escravo e amigo

A escravidão não está em oposição com o espírito de infância e de amor que anima o Cristianismo. Jesus disse: “*Não vos chamarei mais servos, porém amigos”.*

Isto, porém, nada prova contra esta devoção.

Quando um príncipe, pela amizade que tem a um de seus escravos, cumula-o de benefícios e o chama seu amigo, deixando-o no estado onde se acha, não deixa aquele de ser escravo, apesar do título de amigo do príncipe. Seu dono pode libertá-lo, sem dúvida.

Servindo-nos da comparação, somos como escravos diante de Deus. Deus, entretanto, não pode libertar-nos, pois que nossa escravidão está essencialmente ligada à nossa condição de criatura. Como o escravo feito amigo de seu príncipe, podemos

tornar-nos *"Amigos de Deus"*, sem cessar de sermos escravos. – cf. Franzelin: ***De Verbo Incarnato***. – Thes. 38. teol. 2.

As odiosas e abomináveis lembranças do paganismo desacreditaram a palavra *escravidão;* mas não queremos dizer que, preconizando a idéia de nossa servidão para com Deus, não repudiamos a tirania de muitos donos e a degradação dos escravos. Estas foram circunstâncias *acidentais,* que de nenhum modo entraram na essência desta condição.

Coraríamos de ser escravos de Deus, escravos de Jesus Cristo, escravos da ideal beleza de Maria, nós que nos gloriamos de ser escravos do *nosso dever,* escravos da *honra,* escravos de uma *beleza* efêmera às vezes?

Jesus Cristo e a sua Santíssima Mãe não estão infinitamente acima de todos esses passageiros encantos, que muitas vezes nos atraem para o ilícito, ao passo que a beleza de nossa Mãe nos atrai para o alto e nos transfigura?

IV. Humildade e elevação

Mas não se esqueçam: o que nos eleva e transfigura é o que nos humilha: "*Qui se humiliat exaltatur".* E quanto *mais profunda for nossa humilhação, tanto maior será nossa elevação.*

Desejais crescer na intimidade de Deus?... Abaixai-vos até o último grau; tornai-vos escravos...

Desenvolveremos mais tarde as belas e animadoras conclusões que defluem deste princípio.

Basta, por enquanto, ter indicado e classificado a Santa Escravidão, seu fundamento e a retidão de seus *termos* e de sua *prática.*

Concluamos com as palavras de São Luís Maria Grignion de Montfort, o grande Apóstolo de Maria Santíssima:

"Atesto firmemente que, tendo lido quase todos os livros que se referem à Mãe de Deus e conversado familiarmente com os mais santos e sábios personagens destes últimos tempos, não conheci nem aprendi prática para com a Santíssima Virgem semelhante à que vou expor, capaz de exibir de uma alma os maiores sacrifícios por Deus, desapego de si mesma e de seu amor próprio, mais fidelidade na conservação da graça, ou na aquisi-

ção desta, que a una de modo mais perfeito e mais fácil a Jesus Cristo, e, finalmente que seja mais gloriosa para Deus, mais santificante para a alma e mais útil ao próximo" (Tratado da Verdadeira Devoção).

Paremos no pensamento da sublimidade desta prática e peçamos a Deus a sua compreensão, pois é um *segredo,* e um segredo que não se revela senão às almas *humildes e generosas.*

Oxalá sejamos deste número!

CAPÍTULO VIII

APÓSTOLOS DE MARIA

Pertencemos a Maria e lhe pertencemos sem nenhuma reserva.

No rigor do termo de nossa doação, podíamos contentar-nos em responder fielmente à sua voz, servindo-lhe com amor.

Mas pode o amor limitar-se à estrita e rigorosa observância da lei? Se fôssemos simplesmente *escravos por constrangimento,* poderíamos dizer: *"Resigno-me; uma vez que é preciso levar o jugo, levá-lo-ei".* Mas a nossa *escravidão é de amor.* É o amor, unicamente o amor, que nos inspira esta completa dependência da Mãe de Jesus.

Sendo este amor bastante poderoso para que sob sua pressão nos abaixemos voluntariamente, não será ele bastante forte para fazer de nós *Apóstolos* da Virgem Santa?

Todos nós, cristãos sinceros, amamos a Santíssima Virgem. Ora, o amor, por sua natureza, é *comunicativo,* tem aversão aos limites, – tem necessidade da vastidão, da expansão. O amor é uma chama e as chamas não se podem conter. Deste modo, o espírito de apostolado é produto direto do amor.

I. Em que consiste

Que é exigido para ser Apóstolo de Maria?

Duas coisas são indispensáveis: a *convicção* no espírito e a chama no coração.

Estes dois elementos constituem o que se chama *entusiasmo.* Pois bem: O entusiasmo é a fonte e o alimento do zelo, ou do apostolado. Esta doutrina do entusiasmo, infelizmente esquecida por muitos escritores e desprezada pelos pessimistas, é filosófica e psicologicamente certa, baseada sobre a sã teologia e sobre a vida dos santos. Seria interessante o estudo psicoló-

gico deste assunto, se estas páginas o comportassem.

Considerastes já um homem que tem uma idéia?

Entreviu um ideal... por ele se apaixona... tem a convicção de nunca poder realizá-lo... mas quer prosseguir, quer aproximar-se do ponto luminoso que o atrai e lhe fascina a alma inteira, como que arrastado por um ímã poderoso... – Este homem é uma potência; será capaz de maravilhas!

A chama que lhe crepita no peito sustentará sua convicção ao mesmo tempo em que esta convicção fecundará tal chama. E deste produto do espírito e do amor nascerá a *paixão,* que tanto admiramos nos santos e homens eminentes.

Os santos são, em geral, grandes apaixonados da glória de Deus.

O Apóstolo que tudo deixa, que diz adeus à família, à pátria, e ate à sua própria vida, é um *apaixonado* dos interesses divinos.

O Mártir que afronta o carrasco e seus tormentos, calcando aos pés a vida mais atraente, é um *apaixonado* do amor de seu Deus.

Geração de Apóstolos de Maria, levantai-vos! Chegou à hora de mostrardes ao mundo vosso ideal e vossa chama! Levantai-vos e hasteai a bandeira azul das glórias de Maria no alto, bem no alto de vossos sentimentos!... Há mais de dois séculos que Montfort anunciou vossa chegada!

O mundo vos espera! A Virgem vos contempla! Jesus Cristo vos anima! Vinde! Já o clarim das novas batalhas vos anuncia o instante supremo... é vossa hora! Sois vós que deveis levantar a fé, a esperança e a caridade! É por vós que a cruz deve triunfar e que o Coração de Jesus deve regenerar o mundo, que está morrendo nas angústias da indiferença e da blasfêmia.

II. O seu programa

Quem sereis? Como o mundo vos reconhecerá? Qual será o vosso gênero de apostolado? O profético olhar do precursor do reino de Maria de antemão delineou a vossa *fisionomia;* descreveu até o vosso *programa,* vossas lutas e vitórias.

Reproduzamos esta página sublime, e esforcemo-nos por não perder dela nenhum dos pormenores.

"Serão ministros do Senhor, devorados por um fogo ardente, que alçarão por toda a parte o incêndio do amor divino, e hão de ser *'sicut sagittate in manu potentis',* flechas agudas nas mãos de Maria, toda poderosa para transpassar seus inimigos".

É o primeiro traço de sua fisionomia. Serão flechas e fogo nas mãos da Virgem. Mãe de Deus.

Flechas – pelo zelo.

Fogo – pelo amor.

Mas assim como a flecha não atinge o alvo se não é lançada por mão hábil, assim também estes apóstolos devem ser nas mãos de Maria instrumentos dóceis, completamente entregues ao seu querer.

"Serão filhos de Levi, – continua o santo missionário – , *bem purificados no crisol das grandes tribulações, e bem unidos a Deus, trazendo o ouro da caridade no coração, o incenso da oração no espírito e, no corpo, a mirra da mortificação"* (Tratado da Verdadeira Devoção).

É o segundo traço da fisionomia dos Apóstolos de Maria; serão submetidos a provas e unidos a Deus.

Seus corações transbordarão de amor, e de um amor incessantemente alimentado pela *oração* e pela *mortificação.*

O Santo insiste sobre a *humildade* e a *mortificação,* distintivos destes homens de Deus: *"Eles serão pequenos e pobres aos olhos do mundo, pisados diante de todos como o calcanhar em relação aos outros membros do corpo...".*

Mas o sinal distintivo será, entre todos, sua predileção pela *cruz* e pelo *rosário.*

"Terão aos ombros o estandarte ensangüentado da cruz, tendo, o crucifixo na mão direita, o rosário na esquerda, no coração os sagrados nomes de Jesus e de Maria e a modéstia e mortificação de Jesus Cristo em todo o seu proceder".

Oh! Aparecei, apóstolos de Maria! Como nosso século precisa de vossas enérgicas lições e de vossos exemplos de amor à cruz, pois todo ele está mergulhado no oceano do luxo e da sensualidade que avassalam o mundo!

Mostrai-nos outra vez o espetáculo daqueles santos que traziam sobre o peito a cruz de pontas agudas, que ensangüentavam seu corpo, que gravavam no peito com um ferro incandescente os nomes de Jesus e de Maria, e que procuravam suas mais profundas delícias em *mortificar-se,* crucificar-se para assim completarem em sua carne o que falta à paixão do Redentor!

Que o espetáculo dessa crucifixão de seu corpo nos ensine

a amar o *crucifixo* e o *rosário,* fontes perenes de tantas e tamanhas graças!

Façam ecoar acima de nossa cabeça esta palavra inflamada do Evangelho: *"Quem quiser me seguir renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga!".*

Andem como o deseja Montfort, *"ensinando o caminho estreito de Deus na pura verdade, e não segundo as máximas do mundo; sem receios, sem fazer acepção de pessoas, sem poupar, sem escutar, sem temer ninguém, por mais poderoso que seja".*

"Tais serão os grandes homens que hão de aparecer no mundo. E Maria há de assisti-los por ordem do Altíssimo, para estender seu império sobre os ímpios, idólatras e maometanos" (Tratado da Verdadeira Devoção).

Estas palavras, que mais particularmente se aplicam aos sacerdotes, têm, entretanto, plena aplicação nos fiéis, e, sobretudo, nas almas devotas.

III. Apostolado universal

Para ser *apóstolo* não é mister deixar pátria nem a família, isso é privilégio de almas superiores, que Deus suscita e eleva a tal heroísmo.

Cada um de nós, no círculo de nossas cotidianas relações, pode merecer este título. Cada alma piedosa pode ser *Apóstola de Maria.*

Para isso basta amar verdadeiramente a Virgem Mãe, esforçar-se por fazê-la amada em torno de si, entre os membros da família, pelos amigos e por todos, nos quais possa influenciar.

Falemos muitas vezes de Maria Santíssima.

Falemos d'Ela à criança inocente, ao enfermo, ao pobre. Entremos nas suas Irmandades, sustentemos as obras e propaguemos os escritos cujo alvo é fazê-la conhecida e amada. Sobretudo, apliquemo-nos às virtudes que a Virgem pede a seus Apóstolos: *mortificação* e *humildade.* A mortificação nos desapega das coisas desta terra; a humildade nos leva até o céu.

Ajuntai a isto o sinal exterior do amor a Maria: *a recitação freqüente do rosário.*

Oh! Sim! Sejamos Apóstolos de Maria!

Sacerdotes, – sede-o em toda a extensão da palavra e segundo as indicações de Montfort.

Religiosos e Religiosas, – sede-o também, pois, afora o exercício do santo ministério, deveis ter toda a ação benéfica dos sacerdotes.

E vós, *almas* desejosas de perfeição, sede-o pelos vossos exemplos, vossas palavras e vossas orações.

Tenhamos os nomes sagrados de Jesus e de Maria no coração e nos lábios, a mortificação no corpo, e o rosário nas mãos!

Com estes escudos alcançaremos a vitória!

IV. Ação Mariana

Este apostolado deve ser, sobretudo, o distintivo das congregações marianas.

O nosso ilustre Cardeal D. Leme o disse várias vezes: *"A fita azul salvará o Brasil!".*

Ela salvaria o mundo se os moços compreendessem as vantagens que há em ser Marianos, em dar-se as mãos para uma ação combinada na reforma religiosa das almas jovens.

Há em nossa querida pátria um movimento mariano admirável, cheio de vida e de ardor, ao ponto que não existe quase cidade em que não haja uma congregação mariana em plena florescência.

É uma necessidade!

Os jovens de nossa época sentem brilhar diante de seus olhos um ideal mais alto que o grosseiro materialismo do gozo e compreendem que o futuro da pátria está nas mãos da mocidade; que, se hoje são jovens ainda, serão amanhã a parte dirigente e ativa da nossa terra.

É preciso formar, educar a mocidade. E para este fim, nenhum meio é mais eficaz que congregar os jovens em redor do estandarte da Virgem Imaculada e incutir-lhes a chama do entusiasmo e do amor à Virgem Santíssima.

Não se contentem os marianos em serem somente para si, Filhos de Maria Santíssima; sejam apóstolos, pondo aos pés da Mãe de Jesus o seu ardor, a sua exuberância vital, os seus esforços.

Maria Santíssima precisa de apóstolos. Ela pede estes apóstolos. Cabe a cada um de nós sê-lo, unidos a nossos irmãos, para formarmos todos um exército de generosos bandeirantes de Maria.

Ser filho de Maria – é uma garantia de salvação! Ser Apóstolo de Maria – é uma garantia de santidade.

O Santo Padre o Papa recomenda continuadamente a *Ação Católica,* para estimular as vontades vacilantes, orientar as atividades dos generosos e acordar da sonolência os desanimados.

Ora, esta Ação Católica deve ter por base o amor a Maria Santíssima e por alimento a Sagrada Comunhão...

Avante, pois, jovens católicos!... Avante, para a conquista do mundo, que quereis depositar aos pés de Maria, para que ela o regenere e apresente a seu divino Filho!

Sede apóstolos, queridos Marianos, por amor de Maria Santíssima!

Repita cada um, a palavra de Jesus:

“Oportet me evangelizare regnum Dei”.

Tenho que ser apóstolo, custe o que custar! É a minha missão de jovem, de cristão e de Mariano!

CAPÍTULO IX

AS VÍTIMAS DE MARIA

Vítima da Virgem Imaculada!

Este nome parece quase uma novidade; entretanto, o que ele exprime é tão antigo quanto a própria Igreja.

A Santíssima Virgem, unindo-se a Ele, tornou-se deste modo, a *co-vítima,* como deveria ser também a *co-redentora.*

Em todos os tempos, as almas amantes da Virgem sem mácula procuram unir-se às suas dores, sofrer em união com Ela, fazer-se vítima ao seu lado. Ou, em outros termos, para se tornarem vítimas de Jesus, tornam-se vítimas de Maria, sofrendo *com Maria, em Maria, e por Maria.*

I. Necessidade da imolação

Em nossos dias uma inspiração especial do Espírito Santo parece estimular as almas generosas à vida de imolação. Pode-se dizer que a *vida de vítima* e o *zelo das almas,* fatores principais das Missões, são como dois pólos que orientam e atraem as almas generosas.

Estas duas causas, de fato, unem-se admiravelmente. Amando a Santíssima Virgem, nada mais natural que trabalhar pela expansão do seu culto; nada mais lógico do que empregar a inteligência, forças e o tempo em tão bela tarefa.

E como o amor, depois de ter dado tudo dá-se a si mesmo, a alma também aspira dar-se, sacrificar-se, imolar-se para a glória de sua divina Mãe.

Não é mister que o zelo seja fecundado pela imolação? Não é preciso que o sulco aberto pela mão do Apóstolo e em que

depositou a semente, seja regado, e que nele caia o orvalho da oração e sobre ele o sol do sacrifício?

Sim, é necessário! É devido a este espírito de imolação que em nossos dias, mais que outrora, o zelo das almas levanta esta ligação de corações ardentes e puros, que vão, longe da pátria e da família, no meio das nações infiéis, derramar seus suores e suas lágrimas, na esperança de um dia derramarem seu sangue!

O zelo e o sangue unem-se, deste modo, para preparar o banho regenerador, em que se lavam as iniqüidades do mundo.

II. O antídoto do mal hodierno

Há ainda uma outra razão, não menos decisiva, dessa vida.

O espírito que caracteriza nossa época é o amor ao luxo, à sensualidade, ao bem estar, o amor às comodidades.

E este espírito penetra nas almas e resseca, até à raiz, *o espírito de penitência* tão forte e constantemente recomendado por Nosso Senhor.

Não se repudia a virtude, é certo, mas se lhe deterioram os vigores; e até mesmo, pode-se dizer, falsifica-se-lhe a noção exata.

A virtude é, antes de tudo, a graça da parte de Deus e o esforço da nossa parte. É a cruz, isto é, a luta, a violência sobre nós mesmos, para nos vencermos e nos arrancarmos às fascinações da terra.

Preza-se ainda o amor de Deus. Mas esta palavra é por si tão abstrata... Esquecem que *amor é sacrifício,* que amar é dedicar-se, dar-se, sacrificar-se.

O amor de Deus é o fim que devemos ter diante dos olhos. Mas, para se atingir este *fim,* há *meios* a empregar; e estes meios são os *sacrifícios.* Não se levam as almas a Deus inspirando-lhes somente atos de amor. A boca deve falar da abundância do coração. Estes atos de amor devem ser o produto de um coração puro que se sacrifica e se dá. O ato de amor deve ser a respiração, a irradiação do espírito de vítima – Muito teríamos a dizer sobre este importante assunto. Pois, em relações com almas piedosas e até mesmo com diretores espirituais tenho encontrado erros grosseiros acerca deste ponto. Certo diretor mandava os penitentes fazerem numerosos atos de amor e lhes de-

saconselhava os atos de virtude, sob pretexto de que o amor tudo contém! Isso é deter as almas nas vias da perfeição, embalando-as com uma santidade imaginária, constituída unicamente de palavras. Esta doutrina e condenada pela Igreja.

Assinalamos este ponto às almas sequiosas de santidade. É o caso de dizer com Nosso Senhor; *"Haec oportuit facere, et illa non ommittere"* – cf. **Mt** 23, 23.

São necessários os atos de amor de Deus. Entretanto eles devem ser acompanhados da prática de boas obras, isto é, de esforços que confirmem as aspirações e as palavras de afeto.

Ver sobre o assunto: ***"Meu dia com Maria"****;* sobretudo os capítulos XXIV e XXXI.

O espírito moderno quer proscrever as penosas mortificações da carne, praticadas e aconselhadas pelos santos; quer acabar com estas minuciosas observâncias da modéstia; quer abolir estas incômodas abstenções dos prazeres e das alegrias que nos sorriem e nos atraem; quer acabar com tudo isso, para substituí-lo pelo que muitas vezes só existe de nome: a *mortificação interior.*

Esta palavra significava outrora: mortificação do espírito, da vontade, da imaginação, do coração, da curiosidade, etc., etc. *"Hoje* – certa vez mui espirituosamente o Pe. Berthier de santa memória – *significa: mortificação de tal modo interior, e escondida, que não só é "invisível" aos homens, mas também ao próprio Deus".*

O que hoje se deseja é uma virtude sem combate, sem sacrifício, que não custe e não fadigue; uma virtude que permita gozar de todas as doçuras da vida, de todas as delícias dos banquetes da terra e de todas as delícias da mesa sagrada.

Qual o remédio para este mal?

Deus, em sua infinita misericórdia põe sempre o remédio ao lado do mal.

Este remédio é a *vida de vítima!*

III. Os graus da vida de vítima

Precisemos aqui, com todo o rigor teológico, o estado de vítima. Que é, em geral, *uma vítima?*

É um ser vivo oferecido em sacrifício.

O sacrifício é a oferta de uma coisa ou de uma pessoa feita a Deus, com uma certa destruição, para reconhecer seu soberano domínio tendo em vista quatro fins principais: *adorar, agradecer, impetrar, expiar.*

Oferecer-se a Maria como vítima é unir-se a Ela a fim de expiar os pecados dos homens e implorar a misericórdia divina para os pobres pecadores.

Maria é o modelo perfeito desta vida de vítima. Unindo-nos a Ela, seja como escravo, seja como apóstolo, e seja sobretudo como vítimas, devemos participar desta vida.

Quando uma pessoa começa a sofrer para honrar a Deus e salvar as almas, ao mesmo tempo que para expiar os seus pecados, já merece o nome de *vítima.* E merece-lo-á tanto mais quanto mais generosamente sofrer para a reparação dos pecados do mundo e para salvação das almas.

* * *

Há vários graus nesta vida de vítima.

O *primeiro* consiste em receber, *dia por dia,* os sofrimentos que Deus nos mandar, como vindos da mão de nossa boa Mãe, suportá-los com fé, com paciência e até mesmo com alegria, deixando à Santíssima Virgem o cuidado da cruz de amanhã. É por em prática a palavra de Nosso Senhor: *"Tollat crucem suam quotidie...".*

Este primeiro grau, embora pareça simples, é mais sublime do que se pensa; *"as vítimas sem o saberem,* – diz muito bem M. Sauvé, – *não são as menos agradáveis a Deus. Pode-se muito bem realizar o estado de vítima somente oferecendo a Jesus as cruzes de cada dia, vendo, através destas cruzes, Deus que no-las envia, e Maria que no-las põe sobre os ombros".*

O *segundo* grau consiste em se oferecer a Maria, para sofrer na medida em que lhe agradar.

Visar à cruz de hoje para abraçá-la é bem diverso de visar às cruzes *possíveis* do futuro, para se animar e se dispor a carregá-las, se Maria assim quiser.

Notemos que não se trata aqui de pedir sofrimentos, mas de abandonar-se à vontade de nossa Mãe do Céu, de entregar-se a ela, de preparar-se para o que a vontade dela nos reservar de cruciante para o futuro.

* * *

O terceiro grau consiste em *pedir positivamente sofrimentos* a Maria Santíssima.

A diferença entre este grau e o precedente é fácil de notar.

A alma que se entrega nas mãos de Maria e lhe diz: Estou pronta a *aceitar* todas as cruzes que me impuserdes e quero levá-las em união convosco... – esta alma aceita o sofrimento com generosidade, mas pode muito bem não o desejar.

Aqui, ela vai além, pois *deseja,* pede.

Santa Teresa dizia: *"Ou sofrer, ou morrer!".*

São João da Cruz: *"Sofrer e ser desprezado por vós!".*

Santa Madalena de Pazzi: *"Sofrer, e não morrer para sofrer sempre".*

Isto é realmente pedir a cruz. E em todas as vidas históricas se encontram traços deste gênero. Entretanto, tais exemplos só devem ser imitados com discrição. A alma que tem o desejo da cruz pedirá sofrimentos proporcionados à sua fraqueza. –Já sucedeu a alguém ler isto e pensar: – *"Para quê esta exaltação quase mórbida do sofrimento?" . "Sofrer e não morrer para sofrer mais..."* A santidade é isso? Há um valor absoluto na dor?

Frise-se o que está dito atrás: o sofrimento vale como expiação, propiciação. Mais: ele vale na medida do amor e por causa do amor que nos leva a aceitá-lo e, em certos casos, a procurá-lo se isto for necessário. Ainda: ele vale, se este amor nos unir ao Amor de Cristo Salvador. Não sofrer por sofrer, mas sofrer em união com o Sacrifício Redentor – Nota dos editores – 4.ª edição.

IV. A prática da vida de vítima

A vida de vítima pode ser praticada por simples promessa. E só se deve mesmo entrar neste caminho *por voto* com o consentimento de um diretor esclarecido – O que o autor chama *"simples promessa"* é, afinal, um firme propósito feito diante de Deus ou de Nossa Senhora. Como quando alguém diz: – *"Meu Deus, eu hei de ser melhor".*

Seria, efetivamente, imprudência prometer, sob pena de pecado, levar uma vida acima de nossas forças, ou à qual Deus não nos chamasse.

O primeiro e o segundo graus podem ser vividos por simples *promessa,* sem juramento, e só podem ser permitidos *sob voto* às almas realmente generosas e que deram provas inequívocas dessa generosidade. Uma promessa feita não só *diante* de Deus, mas a Deus, com intenção de se comprometer mesmo – é o que se chama *voto.* O voto sempre obriga a pessoa que o fez a cumpri-lo sob pena de pecado. Pecado venial ou mortal, conforme a intenção do vovente ou a gravidade da matéria.

Quanto ao terceiro, é *reservado* às almas de escol que a Virgem se digna escolher e aceitar como suas auxiliares na vida de vítima.

* * *

Resumamos, agora, em poucas palavras, as práticas dessa vida sublime e heróica.

Como prática interior, a alma vítima de Maria deve ter, incessantemente, sob os olhos, seus pecados e os de seus irmãos experimentar por eles confusão e dor, multiplicar atos de arrependimento, e excitar em si mesma o desejo de expiá-los.

Como prática exterior, ela deve:

1.º *Renunciar* às satisfações do corpo, do espírito, e mesmo da alma; é o desapego afetivo.

2.º *Privar-se* dessas satisfações de modo positivo, se a isso não se opuser a discrição e outros motivos.

3.º *Procurar* sofrimento – mortificações exteriores, instrumentos de penitência; ou *aceitá-los* das mãos de Maria; ou lhos *pedir.*

Este pedido – 3.º grau – honra grandemente a Virgem Imaculada, mas requer um atrativo e aptidões especiais, e deve estar sujeito à obediência.

Sua mais alta prova é o *sacrifício da vida,* e isto é o que se entende geralmente pelas palavras: *"oferecer-se como vítima"* – Ver sobre o assunto a nossa obra: ***"Porque amo Maria"*** e o cap.XXXI de ***"O meu dia com Maria",*** onde esta doutrina é exposta sob outro ponto de vista e mostrada em prática.

Abram-se a um sacerdote esclarecido as almas chamadas por Deus a esta vida toda de imolação, e – a experiência tem desaconselhado quase sempre estes votos. Raras, raríssimas seriam as exceções – deixem-se guiar para os cumes deste Calvário.

Ponham todas as almas, mesmo as que não tiverem coragem para encarar assim de frente a dor, como fundamento de sua vida mariana, o sofrimento *generosamente aceito,* alegremente suportado, desejado mesmo às vezes: pois é pelo sofrimento, pela luta e pelo esforço que se progride no caminho da virtude, segundo a regra tão admiravelmente formulada pelo autor da imitação: *"In tantum proficies quantum tibi ipsi vim intuleris." – "Progredirás na virtude na medida de teu esforço."*

CAPÍTULO X

OS PREDILETOS DE MARIA

O que precede está ao alcance de todos.

Toda alma generosa pode aspirar a ser, e fazer-se, efetivamente, *escrava, apóstola e vítima* de Maria Santíssima.

E até poderíamos afirmar que este último título constitui a perfeição do amor, pois como diz o próprio Jesus, *“ninguém pode dar maior prova de amor, que sofrer e morrer para aquele a quem se ama.”*

A vida dos santos, entretanto, nos fornece exemplos de uma intimidade, de uma união com a Santíssima Virgem muito maior ainda.

Este novo título pareceria um piedoso exagero, um produto de entusiasmo vazio se a Virgem Santíssima mesma não o tivesse confirmado por várias vezes.

I. A Esposa das almas puras

Maria Santíssima, dizem os santos, é a *Esposa* das almas puras – *“Sponsa animarum sanctarum”* – cf. S. Anselmo, **Sup. Salve Reg. S. A. Cret. in Orat. 2 de anu. B. V.** – E cheios de amor para com esta doce Soberana, impotentes quase para traduzir e exprimir os sentimentos de sua alma, foram vistos estes ardentes apaixonados de Maria se prostrarem a seus pés, colocarem-lhe no dedo um anel, e lhe pedirem para chamá-la sua *Esposa amada.* Outras vezes é a própria Virgem que dá esse nome abençoado e cheio de graça, a esses felizes privilegiados.

Sem querer levantar presunçosas ambições, exponhamos, entretanto, em toda a sua beleza e em toda a sua encantadora intimidade, esta nova relação com nossa doce Soberana, estabelecendo, de princípio, se é ou não permitido a todas as almas aspirar a este título, ainda que sob o impulso de uma graça particular e com o assentimento de um diretor esclarecido.

Esta relação com a Mãe de Deus é e será sempre uma exceção, uma graça de escol. Não se pode, pois, fazer dela um grau comum. E isto simplesmente porque é Maria que deve fazer a escolha. Quando Ela quer elevar uma alma a estas alturas, Ela vem por si bater-lhe à porta do coração, convidar, instar, e sobretudo, pôr ali uma generosidade em arroubo, dignos do título que Ela quer dar, e em proporção com as relações que devem existir entre o esposo e a esposa.

Mas, para não nos estendermos em longos raciocínios, passemos logo aos privilegiados da Virgem Santíssima *"Efetivamente, haverá,* diz o piedoso Pe. Giraud – ***Vida de união com Maria,*** *cap. VII – ensinamento mais convincente do que a vida dos santos? Não são eles guiados pelo Espírito de Deus? E este Espírito divino não é o Deus da verdade?".*

Ora, na vida destes gloriosos servos de nossa Mãe, vemo-los, às vezes, pedir, com tocante ansiedade, à humilde e condescendente Maria, que se digne dar-lhes o título de sua Esposa imortal; outras vezes é a própria Virgem Santíssima que toma, Ela mesma, esse nome abençoado e cheio de graça.

Poderíamos citar muitos exemplos a este respeito. As vidas de São Bernardo, São Domingos, São Fulberto de Chartres, São Bernardino de Sena, São João Eudes, Padre Berthier, etc..., nos forneceriam matéria abundante a respeito destes místicos desponsórios.

Citemos apenas este trecho do Padre Berthier, falecido em 1908:

"Ó Maria, sempre Virgem!... Calcando aos vossos pés todas as coisas terrenas, escolho-vos por minha Mãe; quero ter-vos por minha única Amada, minha esposa, minha toda formosa". Eu vos suplico: sede a esposa de meu coração! Como símbolo de piedade trarei sempre sobre o coração a imagem da vossa Conceição Imaculada, para que, a toda hora do dia e da noite, me lembre de vós, ó dulcíssima esposa!

E como tudo é comum entre os esposos, tornar-me-eis participante dos dons celestes, de que Deus vos constituiu dispensadora, e eu me esforçarei por dar-vos honra e por estender vosso amor tanto em minhas palestras particulares, como no santo tribunal, como no santo ministério da pregação.

II. Conseqüências desta vida

Oh! Encantadora intimidade entre Maria e seus filhos dedicados! Ter esta doce Virgem como esposa, viver com Ela nas relações de ternura e de caridade que devem reinar entre duas almas que se amam!...

Que é preciso para a união matrimonial?

Três coisas: *o amor mútuo, a intimidade de uma vida comum, a Comunhão dos bens.*

Que inefável união!

O amor mútuo: amamos tão pouco e com tão pouco ardor, mas a Santíssima Virgem se contenta, por assim dizer, com o nosso desejo e com nossos esforços; e, em retribuição, Ela nos ama com todas as ternuras de seu coração de Mãe de Deus.

A intimidade da vida comum é a mesma união exibida pelo nosso título de Filhos de Maria. E como a vida é agradável em tal companhia!

Como a virtude é atraente, e os sofrimentos, invejáveis, quando partilhados por semelhante coração, impostos por tais mãos!

A Comunhão de bens – Oh! Sim! É mister nada reservar, tudo dar... nosso coração, nosso espírito, nossa vontade, nossas penas, nossas lágrimas, nossos pecados e nossos próprios defeitos... Doce Virgem, eu vos entrego tudo... E, em troca, eu vos peço que nunca, outro amor, a não ser o de Jesus, entre no meu coração... de Jesus só, em vós e por vós!

Oh! Mil vezes felizes os que têm o coração puro, a alma bastante grande, o espírito bastante elevado, para aspirarem a tal aliança com a Virgem tão encantadora e formosa! Não; para eles a terra não é mais a terra! Podem caminhar ainda nas trevas, mas eles são a luz! Há uma atmosfera celeste, que os envolve e transfigura.

Certamente, este título é grande e sublime demais para ser compreendido e apreciado por todo o mundo. Dizer-se Esposo da Rainha do céu é um *privilégio reservado* àqueles que Deus chama para uma união mais íntima com sua divina Mãe.

Entretanto, repitamo-lo, para as almas generosas, que sentem o desejo de viver mais estreitamente unidas à sua *"Amada"*, esta prática é permitida, contanto que seja o fruto de um ardente amor e de um desejo sincero de trilhar, eficazmente, o

caminho da santidade. *“Qui sapiens est, intelliget haec!”*

Não devemos, entretanto, trilhar este caminho antes de expormos a um homem de Deus nossa aspiração, bem como nossos esforços para agradar a Maria. Sem obediência, a doação não será recebida pela Santíssima Virgem; ao passo que, feita em espírito de submissão e aprovada pelo guia de nossa alma, ela será para nós um estímulo no dever, um pacto de amor, e um penhor de perseverança.

Ó Maria, ó doce Maria! Elevai nossos corações, elevai até vós nossas almas, e dai-nos a graça de compreender, de sentir, de provar, desde esta triste peregrinação, o que compreenderemos e apreciaremos tão clara e deliciosamente no céu: que sois tudo... tudo para nossas almas, e que vos podemos amar com um imenso amor!...

CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE

Resumamos, em poucas palavras, os princípios já desenvolvidos da união com a Santíssima Virgem.

O *termo final* de tudo, o fim de toda devoção é Jesus Cristo. O caminho ou via para alcançar este termo é ainda Jesus Cristo, que é, para todos, *"o caminho, a verdade e a vida".*

Jesus Cristo vive em nós pela graça, que é uma participação da natureza divina; o que equivale a dizer que Ele reside em nós pela sua *divindade.*

Ora, vivendo em nós, deve crescer em nós. E Ele cresce em nós pelo aumento da graça, estreitando, por ela, nossa união com a divindade.

A perfeição consiste, pois, em estarmos unidos mais intimamente a Jesus Cristo e em fazê-lo crescer em nossa alma.

E qual é o meio para alcançar esta união?

É Maria Santíssima.

É a Santíssima Virgem quem fica encarregada por Deus de distribuir a graça a quem Ela quiser e quando Ela quiser.

Jesus Cristo é a causa *imediata* e *eficiente* da graça.

Maria Santíssima é a sua causa *mediata* e *moral!*

Ela não é a *fonte* da graça, como não é, tão pouco, um simples *canal.* Ela é a *distribuidora,* a *tesoureira* das graças divinas.

A graça não passa simplesmente por suas mãos, qual moeda pelas mãos de um ecônomo. Não; sendo um *acidente,* esta graça se torna propriedade de sua alma virginal, e é por seu intermédio, proporcionada às nossas almas.

A graça, unindo-nos a Jesus Cristo, nos une também, à Santíssima Virgem; e por Ela nos une a Deus. – *"Ad Iesum per Mariam."*

A Santíssima Virgem é, portanto, o grande meio de união a Jesus.

E quanto maior nossa união com Ela, mais íntima também nossa união com Jesus Cristo.

E, por isso, é necessário que se conheçam os meios práticos de nos unirmos a Ela, para alcançar, assim, a união com Jesus Cristo.

Como homens, somos todos *servos* de Maria Santíssima.

Como cristãos, somos seus *filhos.*

Pela humildade, nos tornamos seus *escravos.*

Pelo zelo, seus *apóstolos.*

Pela aceitação generosa do sofrimento, podemos ser suas *vítimas.*

Por uma graça especial, podemos almejar ser seus *esposos espirituais.*

Nestes títulos ciframe-se todos os graus da *união amorosa* com a divina Mãe de Jesus.

Qual desejamos alcançar?

Qual será o mais prático? O mais agradável?

Responderemos na segunda parte.

SEGUNDA PARTE

A SANTA ESCRAVIDÃO

CAPÍTULO XI

OS ESCRAVOS DE MARIA

"Para ser devoto escravo
do Filho, aspiro tornar-me
fiel escravo da Mãe."

(Santo Ildelfonso)

Depois de termos estudado as diversas relações que podem existir entre Maria Santíssima e as almas desejosas de amor devemos concentrar-nos na relação que é o fundamento das outras: *a Santa Escravidão de Jesus* em Maria, ou, como explicaremos brevemente, a escravidão de Maria.

A Santa Escravidão de Maria *encerra* implicitamente as relações de apóstolo e de vítima, e dispõe admiravelmente a alma a entrar, se a Virgem misericordiosa a tiver chamado, nas santas e sobrenaturais intimidades dos *esponsais.*

Escravo do amor de Maria, ponho-me a seu serviço, façome seu apóstolo, imolo-me, atraio os olhares e as predileções da Mãe de Jesus, que estará toda disposta a elevar-me, a unirme com Ela mais intimamente.

I. A Santa Escravidão em geral

Prostro-me aos pés da Santíssima Virgem, feliz de poder beijá-los, ponho tudo o que sou e tudo o que possuo a seu serviço.

E Ela, tão bondosa, não ficará comovida com esta homenagem?

Quanto mais me mostrar *seu escravo,* quanto mais eu colocar a seu serviço meus talentos e minha vida, quanto mais me

abaixar, tanto mais alto Ela me elevará. É, portanto, humilhando-me, que posso aspirar a reclinar-me, um dia, sobre seu peito, a sentir seu coração perto do meu, a viver com Ela essa doce e inefável vida de intimidade que admiramos na vida dos santos.

A Santa Escravidão deve produzir este efeito, pois, segundo Montfort *"de todas as devoções é ela que exige de uma alma mais sacrifícios por Deus; que a despoja mais de si e de seu amor próprio; que a conserva mais fiel à graça e nela melhor conserva a graça; que a une mais perfeita e facilmente a Jesus Cristo".*

Isto significa que é a devoção mais generosa para com Deus, mais santificante para a alma, mais útil ao próximo (Tratado da Verdadeira Devoção).

Houve nestes últimos séculos uma espécie de confraria chamada *"a Santa Escravidão da Mãe de Deus"*, que atribuía à Santíssima Virgem uma autoridade imediata de soberania sobre as criaturas; entre outras insígnias, os confrades traziam no braço pequenas algemas simbólicas, para mostrar que eram escravos de Nossa Senhora.

Compreende-se que esta associação, apoiada sobre um erro dogmático, tenha sido repelida e proibida pelos Romanos Pontífices.

Contentemo-nos em assinalar essa associação, que não existe, a fim de impedir os detratores da "*Santa Escravidão de Jesus e Maria"* se sirvam disso para afastar desta doutrina as almas simples e pouco versadas nas questões teológicas.

Não há nenhuma relação entre este erro e a doutrina da Santa Escravidão pregada por São Luís Maria Grignion de Montfort, doutrina que recebeu a sanção da Igreja e já foi para grande número de almas uma fonte de heroísmo e de santidade.

Antes de estudarmos pormenorizadamente a doutrina da Santa Escravidão, a resposta a duas questões que poderão surgir nos ajudará a dissipar muitas dúvidas, e a resolver as principais dificuldades.

1. A Santa Escravidão é *boa em si?* Isto é, podemos nos tornar escravos de Maria?
2. Será este meio o melhor, considerado o fim que temos a alcançar?

Em primeiro lugar, digamos que temos o direito de nos declarar escravos de Maria. São Luís Maria Grignion de Montfort afirma mesmo que pertencemos a Maria independentemente de nossa vontade.

É claro que, falando da divina Mãe de Jesus, nós a consideramos no plano *divino atual,* supostas as coisas como são; não, portanto, *isolada,* mas com Jesus; tendo direitos *com Ele* e *por* causa *d'Ele.*

Assinalemos ainda o seguinte princípio, admitido por todos: *"Tendo Deus disposto com ordem todas as coisas, e tendo desde o início elevado a criatura dotada de razão à ordem sobrenatural, tudo o que é natural se relaciona com o sobrenatural e é dirigido para o sobrenatural".* Eis porque São Paulo afirma que somos os senhores de todas as coisas – cf. **1 Cor** 3, 22 – senhores dependentes de Deus, sem dúvida, mas, enfim, verdadeiramente senhores. Assim, quando se trata de Chefe, de Senhor, em relação a nós, cumpre ir diretamente ao sobrenatural.

II. Maria é nossa Senhora

São conhecidas as três razões pelas quais Santo Tomás mostra que Jesus é o chefe de todos nós – cf. III. P. q. VIII. a. I. – Nada mais fácil do que aplicar estes argumentos a Maria Santíssima, guardadas todas as proporções, para ver até à evidência que Ela é, realmente, Nossa Senhora, e que, portanto, nós somos seus escravos.

PRIMEIRA RAZÃO:

Se na economia sobrenatural examinarmos primeiro a *ordem,* vemos que Maria foi idealizada e predestinada com Jesus, antes de qualquer outra criatura. Não porque tenha, de fato, recebido a graça dos outros, pois os anjos e muitos homens já haviam sido santificados antes do nascimento da Virgem Santa, mas porque, na intenção de Deus, Jesus e Maria dominam toda a ordem sobrenatural, que se sintetiza neles, como em sua causa *eficiente,* sua causa *exemplar,* sua causa *final.*

* * *

SEGUNDA RAZÃO:

É a da *perfeição da graça* em Maria. Em Jesus a graça foi infinita, isto é, em toda a sua plenitude, não como homem – pois Jesus enquanto homem é finito – mas como graça – III. P. q. VII a II.

Sem ser infinita em Maria, foi *tudo* o que pode ser numa simples criatura. Maria teve, como diz Santo Tomás, – Hid. a 10 ad 1m – a *plenitude* de graça necessária para este estado sublime, ao qual Deus a elevara, isto é: Mãe do Filho de Deus.

Assim como, para ajudar a graça habitual de Jesus, cumpre pô-la em face do fim a atingir, pois ela deve ser proporcionada a este fim, – Ibid. a 12 – que é graça de união, a união hipostática; assim, relativamente a Maria, é preciso julgar tudo pela sua maternidade divina.

Esta prerrogativa infinita, neste sentido, eleva a personalidade de Maria a um grau de tal forma eminente, que o próprio Deus não poderia exaltar mais uma criatura humana.

Acha-se ela tão cheia de Deus, princípio de toda a graça e em tais relações de união, que é impossível não a encha de graça um semelhante contacto. Efetivamente, quando Deus se une a uma criatura, Ele harmoniza tudo, de modo que essa criatura possa, por sua vez, unir-se a Ele por uma operação própria – Ibid. q. IV a 1, ad 2m. Onde, pois, quer Deus uma união extraordinária, deve também achar-se uma disposição sobrenatural mais excelente, que dê à união de Deus à sua criatura uma reciprocidade tão grande quanto possível.

Eis porque em Jesus, cuja natureza humana subsiste no próprio *ser divino,* a graça é, verdadeiramente, *infinita,* – Ibid. q. VII a 12 – e em Maria, cuja personalidade atinge Deus até tornar-se sua Mãe, a graça é de uma perfeição realmente *à parte,* e tão perfeita quanto pode ser uma simples criatura.

* * *

TERCEIRA RAZÃO:

Achamo-la na *influência* exercida por Maria sobre nós na ordem da graça.

A vida sobrenatural nos vem d'Ela; não diretamente, mas

de Cristo por Ela. Ela espalha vida e movimento nos membros místicos do Salvador, não como a cabeça, mas como o pescoço, que os recebe para os transmitir: – *"Plenitudo gratiae fuit in Christo, sicut Capite influente, in Maria vero, sicut in collo transfundente",* diz São Bernadino – Termo p. 2. Concl. 61. art. 2 Cap. X.

Desta verdade cumpre necessariamente concluir, que Maria é nossa Senhora, pois nós lhe devemos a vida em sua origem e em suas incessantes aplicações. Perdemos a vida por *Eva;* ela foi restituída por Maria. Foi o *Fiat* da Encarnação que, verdadeira *causa moral* da união hipostática, salvou o gênero humano.

III. Maria, auxiliar de Jesus

Demais, já o provamos em outra obra, – ***Porque amo Maria*** – Maria é a *medianeira* e *distribuidora* de todas as graças. É nela e por Ela que o Espírito Santo forma os eleitos; ou, como diz São Bernardino, *"na Encarnação ela adquiriu uma espécie de justificação sobre as missões temporais do Espírito santo"* – cf. ***Serm.*** 6 Annunt. B. M. V..

Maria está, portanto, unida a Jesus, como sua auxiliar incomparável, dominando e vivificando, com Ele, todos os que participam da vida sobrenatural. Ela é *Rainha.* Rainha com Jesus; e nós lhe pertencemos, mesmo independentemente de nossa escolha, pois tudo quanto temos na ordem espiritual, é d'Ela que recebemos.

E como Maria é inseparável de Jesus, e como ambos têm as mesmas condições de existência e vivem a mesma vida e operam conjuntamente em todas as coisas, podemos traduzir o texto de São Paulo: *"Omnia enim vestra sunt, vos autem Christi"* – cf. ***1 Cor*** 3, 23 – dizendo: *"Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e de Maria"* – Mons. Gay. 1 c. – São Bernardo parece não hesitar em faze-lo, quando escreve: *"Para Ela, depois de Cristo, tudo foi feito e tudo existe"* – cf. **Sermo in Salve.**

Limitemos aqui nossas reflexões.

O que vimos é o bastante para concluirmos que, em razão da *ordem, da perfeição da graça,* e da *influência exercida,* Maria Santíssima é Nossa Senhora. E como uma pessoa não tem *direito* senão em vista de um dever correspondente segue-se que somos *escravos* de Maria, como o somos de Jesus, pois o correlativo de Senhora, como o dissemos precedentemente, é *escravo.*

IV. O exemplo de Jesus

Entregando-nos à Rainha do céu, proclamando-nos seus escravos, não fazemos mais que *ratificar,* aprovar um estado de coisas já existentes; em outros termos, não fazemos mais que renovar nossas promessas do Batismo. Digamos, pois, bem alto com a própria Virgem Santíssima: – *"Ecce ancilla Domini". "Eis aqui a escrava do Senhor";* e acrescentemos: *"eis também o escravo de Maria".*

A resposta à pergunta, se seria a Santa Escravidão o meio de conseguir melhor o fim que almejamos, torna-se agora fácil de responder. Diríamos simplesmente: Sendo tal a condição natural, estabelecida pelo próprio Deus, é preciso que nela encontremos o *meio* de chegar ao nosso *fim.* Este *meio,* contido em nosso título de *"escravos",* é a dependência completa e absoluta de nosso *"Senhor"* e de nossa *"Senhora".* Mas nós possuímos mais do que uma simples regra. Mais que uma dedução: temos o exemplo do próprio Filho de Deus.

Jesus, o grande Modelo, o Modelo em tudo, *quis depender de Maria.* Quiséramos, pois cantar com Montfort: *"Não podemos fazer melhor que a Ela nos assemelhar, pois é Ela o grande Modelo que nós devemos imitar".*

Mas examinemos mais de perto esta consoladora verdade. Jesus, como homem, era servo e *escravo* de seu Pai. Para sermos servos de Deus queremos unir-nos a Jesus-servo. E para viver mais unidos a Jesus, vamos a Maria, colocamo-nos sob sua dependência. Não é isso praticar a união com Jesus em toda sua perfeição? Pois que nos unimos a Ele até no *próprio meio* por Ele escolhido para melhor depender de Deus... Ele não soube achar melhor meio do que encerrar-se no seio de Maria, ser seu Filho verdadeiro, entregue a Ela, obedecendo-lhe durante trinta dos trinta e três anos que viveu. E esta é a melhor garantia da Santa Escravidão – cf. Gebhard. op. cit. pág. 17.

Este meio é, pois, seguro... o mais seguro, visto ser o escolhido por Jesus. Digamos, portanto, corajosamente: – o melhor meio de pertencermos a Jesus Cristo, nosso fim, *é pertencermos sem reserva a Maria,* sua Mãe, que é o meio estabelecido por Ele.

Adiante completaremos este assunto, mostrando que, se por

um lado, podemos unir-nos em tudo e sempre a Maria, como escravos, por outro lado, esta vida de união nos ajuda realmente a pertencermos melhor a Jesus Cristo como *escravos de amor.* Por enquanto, limitemo-nos à conclusão natural do que precede: *Somos escravos de Maria.* E esta escravidão é o meio adequado de atingir o nosso fim – *Deus.*

CAPÍTULO XII

NATUREZA DA SANTA ESCRAVIDÃO

A Santa Escravidão consiste, essencialmente, na *“doação completa e absoluta de nós mesmos e de quanto nos pertence à Santíssima Virgem, para pertencermos, por Ela, inteiramente a Jesus Cristo”* (Tratado da Verdadeira Devoção).

Já vimos no capítulo precedente: por natureza e pela ordem estabelecida por Deus, somos escravos de Deus e de Maria. Mas assim como, para operar boas obras, para ser um bom cristão, são necessárias a graça divina e a cooperação do homem, assim também, para ser *perfeito escravo,* é preciso que haja uma lei que imponha este estado e, haja outrossim, a aceitação deste estado.

É justo que ratifiquemos a ordem das coisas estabelecidas por Deus. E esta ratificação amorosa lhe é sobremaneira agradável. É dizer-lhe que confiamos n’Ele, que queremos o que Ele quer, não só por necessidade, senão por amor. E reconhecendo assim explicitamente seu soberano domínio, fazemos implicitamente um ato de profunda humildade, confessamos nossa fraqueza e nosso nada em face de seus preceitos e de suas leis.

I. Renovação dos votos do Batismo

Tal deve ser nossa atitude perante Deus, pois, como diz São Paulo, quanto possuímos e fazemos, pertence de direito ao Senhor: *“Sive enim vivimus, Domino vivimus, sive morimur Domino morimur.”* – ‘Se vivemos é para o Senhor que vivemos e se morremos, é ainda para o Senhor” – cf. ***Rm*** 14, 8.

Entretanto, cumpre notar uma coisa: Conquanto Deus se digne aceitar de nossas mãos seus *próprios dons,* Ele nos quer deixar livres quanto ao dispor de certas coisas. De nossas obras,

por exemplo, podemos dispor como quisermos sem consultar a vontade divina. O mais perfeito, naturalmente, é tudo atribuir a Ele, e prestar-lhe homenagem até com a operação na qual nos deixa livres. Há neste caso maior generosidade, mais amor, maior espontaneidade em nossa doação; ela lhe é, por conseguinte, mais agradável.

O que dissemos de Jesus de modo *absoluto,* dizemo-lo de Maria, *realmente.* Pois, dependemos de Jesus e de Maria, pois "para eles, – diz São Bernardo – , tudo foi feito".

Montfort diz muitas e repetidas vezes que sua perfeita devoção *é uma renovação dos votos do Santo Batismo.* Bastaria, portanto, compreender o valor e alcance destes santos votos, para compreender o valor e o alcance da Santa Escravidão. Antes do Batismo, éramos escravos do demônio. Pelo sacramento da regeneração rompemos as cadeias, renunciamos a Satanás, a suas pompas, a suas obras, e nos unimos a Jesus, para sempre. De escravos obrigados que éramos do demônio, nos tornamos escravos do amor de Nosso Senhor e de sua Santa Mãe.

A Igreja o compreende tão bem, que logo depois da renovação das promessas do Batismo, nos aconselha fazer a *Consagração* a Nossa Senhora, como grande meio de não violar nossos compromissos.

Infelizmente, nem sempre nos conservamos fiéis a nossas promessas, e, sacudindo o jugo suave do divino Mestre e de sua Santa Mãe, curvamos nossos ombros aos grilhões vergonhosos que nos impõe o pecado em nome do inferno. E se não vamos tão longe, quantas fraquezas, entretanto! Quantos desfalecimentos! Quantos desvios no caminho dos nossos deveres! A fascinação passageira, as afeições das criaturas visíveis nos fazem perder de vista a Estrela da manhã, que nos deve indicar o porto!

Somos tão fracos! São tão profundas e debilitantes as feridas do pecado original!...

II. O remédio

Qual é o grande e eficaz antídoto deste mal? O santo Concílio de Trento no-lo indica. E, coisa admirável, no-lo indica inteiramente de acordo com São Luís Maria Grignion de Montfort. Exorta os párocos a lembrarem aos paroquianos, que

estes estão ligados e consagrados a Nosso Senhor Jesus Cristo como *escravos* de seu Redentor e Senhor – *"Mancipia Domino"* (*Parochus fidelem populum ad eam rationem cohortabitur ut sciat equum esse nos ipsos, non secus ae mancipia Redemtori nostro et Domino in perpetuum addicere et consecrare.* – cf. *Cat. Conc. Trid.* p. I. art. 2 § 19.

Depois destas noções, ser-nos-á fácil compreender, em toda a sua profundidade, a *natureza* da Santa Escravidão.

A Santa Escravidão não passa de uma Consagração completa e absoluta de nós mesmos a Maria, para pertencermos mais inteiramente a Nosso Senhor.

É *a renovação das promessas do Batismo,* com uma particularidade: nos consagramos primeiramente a Maria, para que Ela nos apresente a seu divino Filho; no Batismo, porém nos consagramos primeiro a Nosso Senhor, e depois a Maria Santíssima, para que Ela nos guarde e nos conserve fiéis no serviço de Jesus Cristo.

Importa compreendamos bem estes pormenores. Sem isto não teremos uma noção exata da Santa Escravidão, e lhe daremos uma importância exagerada, que não tem e nunca teve na intenção de seu promulgador.

III. O valor da Consagração

Alguns autores pensaram encontrar no texto da Consagração de Montfort um voto de *abandono* e até um voto de *vítima.*

Implicitamente, com efeito, este voto ali se encontra. Mas, em si, isto é, considerada em sua essência, a escravidão não comporta semelhante voto, nem mesmo uma tal promessa. Seria o mesmo que afirmar que os votos do Batismo – de que esta Consagração é uma renovação – encerram este voto ou esta promessa.

Dizemos que ela não o comporta, mas dela dimana admiravelmente, como também das promessas do Batismo. Isto nos mostra, como o atesta a vida de Montfort, que esta devoção está ao alcance de todas as almas e pode ser abraçada tanto pelos *pecadores,* quanto pelos justos; pelas almas de escol como pelas almas tíbias; as últimas encontrarão nela um instrumento de conversão, as outras um meio de crescerem em virtude e atingirem a perfeição.

Como diz o santo, na prática da Santa Escravidão há vários graus, que não serão igualmente compreendidos por todos (Tratado da Verdadeira Devoção). Deles falaremos no capítulo seguinte.

As almas pouco fervorosas, de aspirações ainda limitadas, mesmo se consagrando a Maria como escravas não trarão tanto proveito desta devoção como as almas generosas, desapegadas do mundo e desejosas de atingir a perfeição.

Os sacramentos se forem bem recebidos, produzirão em todos a graça *primeira* ou a graça *segunda* – aumento da graça já existente. Mas esta é tanto maior quanto melhores forem as disposições.

De modo que os sacramentos aproveitam a todos, aos principiantes como aos perfeitos, mas em uma medida diferente.

Assim acontece com a Santa Escravidão. – "Maria, como dizem os Santos Padres, *é o sacramento universal das graças divinas".* Todos os que dela se aproximam, recebem algum benefício; mas, quanto melhores forem as nossas disposições, mais numerosos serão esses benefícios.

IV. Serve para todos

Estais fraco, desanimado, não tendes coragem de levar uma vida cristã? Pesam-vos os mandamentos? A virtude vos amedronta? Ide a Maria! Proclamai-vos seu *escravo de amor.* Haveis de haurir, nesse ato, mais força, mais coragem, e mais energia para resistirdes às tentações e desempenhardes todos os vossos deveres.

Estais cheios de bons desejos, de santas aspirações, mas vos falta o entusiasmo? Receais os trabalhos, o sacrifício, não ousais encarar os caminhos superiores da virtude?

Ide a Maria! Declarai-vos seu escravo de amor. E, neste ato, encontrareis o fervor, a generosidade, o entusiasmo que vos fará sair de vós mesmos. Maria vos dará asas, e fará com que acheis vossas delícias nas práticas viris da santidade.

Sois fervoroso, generoso, já trabalhais com zelo na obra de vossa santificação, mas aspirais ainda o melhor?

Oh! Ide também a Maria! Afirmai-vos seu *escravo de amor.* E encontrareis, também, neste ato, o meio de realizar-vos mais plenamente, de aproximar-vos dos corações de Jesus e de Ma-

ria, de haurir n'Eles este amor e este zelo que caracterizam os santos.

Em suma: na Santa Escravidão, uns hão de encontrar a lembrança de seus deveres de *cristãos;* outros, a de seus deveres de *estado;* terceiros, *conforme suas aspirações* e desejos, encontrarão a prática da *vida perfeita.*

Mesmo os estados de vida extraordinários encontrarão, na Santa Escravidão, o alimento de sua piedade, como o *Voto Heróico, o voto do mais perfeito, o voto de vítima;* pois tudo isto emana admiravelmente da Consagração preconizada por Montfort, e nela está contido em germe.

Grande e sublime devoção!... E como está plenamente nos desígnios de Deus e nas intenções da Igreja! Ela é uma conseqüência necessária e inefável das promessas do nosso Batismo, uma conseqüência para todos, que se adapta às disposições e estados de todas as almas.

Para os principiantes é *luz.*

Para os fracos, *força.*

Para os fervorosos, *ideal.*

Para os santos, ato de *heroísmo.*

CAPÍTULO XIII

EXTENSÃO DA SANTA ESCRAVIDÃO

Se tivermos compreendido bem a *natureza* da Santa Escravidão, ser-nos-á fácil ter uma idéia exata acerca de sua *extensão.*

Procuramos precisar a questão o mais possível. É por não terem compreendido essa extensão que certas almas experimentam, às vezes, escrúpulos e sentem dificuldades com respeito à Santa Escravidão. E daqui também se originam as objeções que se faz comumente contra esta devoção.

Devido à importância do assunto e para podermos estudá-lo mais profundamente, limitemo-nos, neste capítulo, à primeira parte de nossa doação – o *corpo.* Trataremos, nos capítulos seguintes, da alma, dos bens exteriores e interiores.

I. O que damos a Maria

Montfort particulariza do seguinte modo o que damos pela Consagração: **1.º** nosso *corpo,* com todos os seus sentidos e membros; **2.º** nossa *alma,* com todas as suas potências; **3.º** nossos *bens exteriores,* aos quais chamamos bens presentes ou futuros, fortuna, etc; **4.º** nossos *bens interiores espirituais,* que são nossos méritos, nossas virtudes e boas obras, passadas, presentes e futuras. Em duas palavras; cedemos tudo quanto temos na ordem da natureza, da graça e da glória. E isto sem reservas, e para toda eternidade, sem pretender nem esperar outra recompensa que não seja a honra de pertencermos a Jesus Cristo por Maria e em Maria.

Isto vai longe, mais longe do que se supõe as vezes.

Todo o nosso ser, todos os nossos membros devem ser diri-

gidos para a maior glória de Nosso Senhor, sob a direção de Maria.

Mas examinemos a própria fórmula de doação, e pesemos-lhe cada termo: ***"Eu vos escolho hoje, ó Maria, para serdes minha Mãe e Senhora".*** Não é sem alguma intenção que essa palavra *Senhora* vem por último.

Montfort quis responder previamente aos que objetam ser a Santa Escravidão oposta ao espírito de infância, de liberdade e de amor, que anima o Cristianismo.

Somos e permanecemos filhos de Maria; proclamando-a, entretanto, nossa *"Senhora".* Dizendo-nos seus escravos, vamos além. Ao nosso título de filhos acrescentamos outro, que exprime um abandono muito maior.

Longe de rejeitarmos nosso título de *filho,* o elevamos; servimo-nos dele para aproximar-nos ainda mais de Maria. É como se disséssemos à Santíssima Virgem: *"Eu sou vosso Filho, amo-vos como um filho a sua mãe. Quisera amar-vos ainda mais! Por isso, quero ser vosso escravo, para melhor vos servir. Quero humilhar-me a vossos pés, para ressaltar melhor a vossa grandeza".*

O filho se alegra de ter sua mãe; o escravo serve à sua Senhora... Ora, o amor se manifesta melhor no servir do que no usufruir de um bem. É o que exprime a Consagração: ***"Entrego-vos e vos consagro, como escravo, meu corpo e minh'alma".***

Ainda aqui um pensamento profundo está escondido sob o invólucro da letra. Entrega-se o que é devido, o que pertence a outrem, segundo convenções feitas. *Entregam-se* mercadorias, entrega-se uma cidade, etc.

Consagra-se, ao contrário, uma coisa que nos pertence, que nos pertencerá ainda depois desta Consagração, mas de outro modo e para outro fim.

Assim se diz: *consagrar* uma igreja; *consagrar* a vida ao estudo.

Dizendo, pois a Maria que lhe entregamos e consagramos nosso corpo e nossa alma reconhecemos, pela primeira palavra, que pertencemos já de *direito* a Maria; que por *natureza,* somos seus escravos. Mas, ratificando um fato existente, de bom grado, *livremente,* nos ofereceremos a ela, prontos a sofrer todas as conseqüências deste ato de escravidão.

II. Os bens exteriores e interiores

E que lhe oferecemos?

Em primeiro lugar, nosso corpo e nossa alma, como coisas que já *lhe pertencem.* Depois, os bens interiores e exteriores, como coisas *nossas,* que nos pertencem de direito. A primeira parte da doação é, propriamente falando, *"a renovação dos votos do Santo Batismo".* A segunda parte vai mais longe, porque consagra a Maria aquilo de que Deus se dignou consentir dispuséssemos livremente.

É pela doação de nossos *"bens exteriores e interiores"* que a Verdadeira Devoção se distingue de todas as outras consagrações semelhantes, como veremos em breve.

Tal é, a dupla doação que fazemos, ratificamos e renovamos. *Nosso corpo com todos os seus sentidos e membros* pertencem, por conseguinte, a Maria. Que deflue de tudo isso?

Primeiro, que devemos usar as insígnias de Maria. Em segundo lugar, que nós devemos dedicar ao seu serviço pela ação e pelo sofrimento.

"Ó Senhora, ó minha Mãe, – repetia cada manhã o Pe. Zucchi, Jesuíta, 1586-1670 – corrigiu do vício impuro grande quantidade de almas, só pela recitação desta curta prece; – ***ofereço-me a vós todo inteiro. E para provar meu devotamento, consagro-vos hoje meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu coração, e todo o meu ser. E já que vos pertenço, ó Mãe, guardai-me, defendei-me, como vosso bem e vossa propriedade."***

Esta oração encerra, em poucas palavras, todas as condições da Santa Escravidão de Jesus e Maria.

Os presentes do espírito são certamente superiores aos da carne; mas, se estes faltarem, a oferta principal terá muito menos valor.

Certo dia a Mãe de Deus apareceu a um jovem libertino, que, apesar de ter má vida, a invocava muitas vezes. Vinha Nossa Senhora acompanhada por duas donzelas, que traziam manjares delicados em pratos nojentos. O moço recusou tocar neles pela falta de asseio dos pratos. "Os louvores que me ofereces, disse-lhe a Santíssima Virgem, são de certo belos e bons; mas vindas de um coração corrompido, não me posso comprazer neles – Bourdaloue – ***Summa aura.*** – t. XII. col. 1082.

Instrumento necessário das afeições da alma e dos seus pensamentos, nosso corpo é o *vaso* em que apresentamos dons. Se queremos merecer os favores da Rainha do céu, revistamos este vaso com pureza e com graça.

Gravemos em nossos sentidos a marca, o monograma de Maria, a fim de que, uma vez feitos sua propriedade, eles sejam dignos daquela a quem foram consagrados.

III. Nossos sentidos

Dizíamos precedentemente que nosso corpo deve trazer a marca de Maria.

Que marca será esta?

São as virtudes da incomparável Virgem. As virtudes de fé, esperança, caridade, humildade, obediência, etc., e as outras virtudes, exteriores se quiserem, mas que tem sua sede na alma, e servem do corpo para se exercerem e por isso foram chamadas pequenas virtudes: a modéstia, a doçura, a indulgência, a afabilidade de espírito, a caridosa dissimulação das faltas, este *"quê"* de simplicidade e de nobreza, que atrai, acalma, anima e fortalece a quantos de nós se acercam.

Esta deve ser a marca de nosso corpo.

Mais do que isso, porém, nossos sentidos devem ser empregados no serviço de Maria. Devemos frutificar o duplo talento que nos foi dado: *a ação e o sofrimento.*

"Se todos os nossos sentidos - escreveu Santo Agostinho - *se todos os membros do nosso corpo se transformassem em línguas, não seria muito para pregar as grandezas da Mãe de Deus".*

Este piedoso sentimento é, no fundo, o sonho dos verdadeiros devotos de Maria: consagrar todo o seu ser ao louvor da Virgem Imaculada.

Mas, qual o segredo de realizar estas aspirações de amor, ou, antes, estes deveres da Santa Escravidão? Pode-se consegui-lo, em parte, pelas *"piedosas convenções",* pela intenção ao menos virtual de fazer tudo por sua glória, pronunciando freqüentemente seu nome; em uma palavra, pela vida de intimidade com a doce Rainha de nossos corações – Ler o nosso livro: ***"Meu dia com Maria".*** Esse livro pode ser de grande proveito às almas piedosas no mundo que aspiram a viver de união com Maria.

IV. Nossos sofrimentos (Recordamos o item IV do capítulo IX, sobre o valor dos sofrimentos)

Que campo aberto ao nosso zelo! Sofrer por Nosso Senhor, escreveu Monsenhor Gay, *"é servi-lo melhor ainda do que trabalhando pela sua causa".*

Pode-se dizer outro tanto relativamente ao sofrimento por amor de Maria.

Este sofrimento reveste dupla forma: Pode exercer-se nos *sentidos* corporais, à maneira de sacrificador que imola em honra da Virgem Imaculada os desejos inúteis, ou mesmo que lhes impõe mortificações voluntárias; ou então, pode *entregar* o corpo às exigências da justiça de Deus, para suportar os golpes que lhe enviar a santidade infinita. Sofrimento *ativo* e sofrimento *passivo* são, no último caso, os dois elementos desta imolação.

Pertencendo nosso corpo a Maria, deve ele sofrer a *mortificação ativa* dos sentidos. É isto absolutamente necessário para nos tornarmos dignos de Nossa Senhora. E notemos que não se trata aqui somente da repressão dos desejos culposos, mas da crucifixão livre e inspirada.

Maria precisa desta imolação, para cumprir sua missão de Medianeira entre Deus e os homens. *Penitência! Penitência! Penitência!* Repetia Ela a Bernadete. E no cume dos Alpes, em La Salette, pedia com lágrimas que a ajudássemos *a suster o braço de seu Filho,* que se torna muito pesado pela crescente impiedade do mundo!

Escravos de uma Rainha lacrimosa, de uma Rainha dorida, de uma Virgem triturada, de uma Senhora amargurada, não devemos ter uma verdadeira paixão por *mortificar nossos sentidos?*

É mister que pertençamos de tal modo a Nossa Senhora, que nossos olhos, incessantemente, se fixem nela; que nossos ouvidos apreciem melodias em que ressoe seu nome bendito; que nosso corpo seja todo pleno de modéstia, de pureza, de sacrifício!

Pela sua natureza viciada, por suas inclinações perversas, nosso corpo, é inimigo de Maria Santíssima. É o quanto nos basta! Se amamos verdadeiramente a nossa Soberana, não podemos amar a seu inimigo. Devemos, ao contrário, *combatê-lo, vencê-lo,* e lançá-lo como troféu a seus pés abençoados. Aí ela

há de ditar-lhe sua vontade; pois esse corpo deve ser *escravo* de Maria. Assim diz o texto de nossa Consagração.

Havemos de nos servir do corpo para o serviço e a vontade de nossa Rainha. Oh! Até onde nos levará esse proceder na modéstia, na castidade, no afastamento da vida sensual e na mortificação da carne!

Mas, juntamente com o corpo, devemos dar a Maria os bens e os males corporais, que se podem resumir nos *bens* e *males* físicos: a saúde, a doença, a morte. É das mãos d'Ela que os recebemos; à sua vontade, pois, os *submetemos.*

Que caminho aberto à confiança, seja para orarmos, seja para nos mantermos no abandono! Ela nos permitirá viver sob a dependência de Maria Santíssima obedecendo-lhe em tudo, e não concedendo nada a nosso corpo em oposição com os desejos desta boa Mãe.

Tínhamos já pensado nesta escravidão do *corpo,* dos *sentidos* e dos *membros?* Entretanto, é a primeira palavra de nossa Consagração.

CAPÍTULO XIV

A DOAÇÃO COMPLETA

Será que é perfeita a doação que já fizemos a Maria?

Não. A Santa Escravidão não compreende o corpo, dispõe, ainda como diz Montfort, da *alma* e de todas as suas potências; ela implica a *doação completa* de todos os nossos *bens espirituais*, passados, presentes e futuros, isto é, de nossos méritos e do valor satisfatório e impetratório de nossas boas obras.

Mas prossigamos no estudo, seguindo a ordem estabelecida pelo grande apóstolo de Maria.

I. A nossa alma inteira

Depois do corpo, damos a Maria Santíssima a nossa alma com todas as suas potências.

Nossa alma pertence, por direito, a seu Criador. Feita à imagem de Deus, só nele pode achar a felicidade. Deve procurar assemelhar-se a Deus.

Mas como assemelhar-nos a Deus?

Pela graça. De fato, sendo a graça uma participação da natureza divina, põe em nós alguma coisa de Deus.

Por esta parte, sendo a graça também, uma qualidade da alma, daqui se segue que é uma *qualidade divina* de nossa alma; qualidade que diviniza nossa alma, que faz sobressair e resplandecer nela a imagem da divindade.

Mas a graça não é qualidade estéril, morta; se ela é um ornamento da alma, é também uma força, uma energia, um estímulo.

Deus é um ato puro, dizem os filósofos; isto é, está sempre em ação. Ora, a graça sendo algo de Deus, é também ativa. Ela

nos ajuda a reprimir a concupiscência, que nos arrasta para o mal e que procura apagar em nós a imagem de Deus. A graça erradica os vícios e faz crescer virtudes positivas.

A virtude emana da Santa Escravidão.

* * *

Pertencendo nossa alma a Maria, suas faculdades também lhe pertencem. *Nosso espírito, nosso coração, nossa vontade* a ela pertencem.

Nosso *espírito* deve, pois, aplicar-se ao conhecimento de Maria, que é como o resumo das obras divinas, o símbolo vivo da bondade e da misericórdia de nosso Pai Celeste.

Conhecemos bastante a Maria Santíssima? É ela tão pouco conhecida! É triste a ignorância de muitas pessoas neste assunto!

Lembremo-nos desta verdade assinalada por um piedoso escritor: M. Sauvé – ***O culto do Coração de Maria***.

"Uma grande lacuna na devoção a Maria Santíssima é que tal devoção não é às vezes, bastante esclarecida sobre o inefável objeto que venera; é de se contentar com afeições que após algum tempo se extinguem ou, pelo menos, se enfraquecem. Há somente uma pálida luz no espírito, e quando passam os primeiros fervores o coração e a vida se ressentem desta pobreza doutrinária".

Estudar Maria será, pois um dever para o piedoso escravo.

Ele a estudará para ter-lhe maior amor.

* * *

Nosso *coração* também pertence a Maria.

Nosso coração, isto é, nossas afeições, nossas aspirações, nossas amizades...

Haverá pessoa mais digna que Maria para ocupar nosso coração, dilatá-lo, possuí-lo?

Oh! Desapareça toda amizade fundada apenas nos sentidos! Desapareçam as afeições egoístas e estreitas, que nos estiolam, rebaixam e aviltam!

Para o alto com este coração feito para amores que não passam! Para o alto com estas afeições que as criaturas nos

mendigam para abusar delas!

Para o alto com essas necessidades de dar-se, de expandir-se, de agradar!

Oh! Maria, não quero outras mãos para acariciar-me, senão as vossas. Outro olhar para me encantar, senão o vosso olhar virginal. Outro peito para apoiar a cabeça dorida, senão o vosso de Mãe. Outro coração em que expandir o meu, senão o vosso, radiante de amor!

Encantastes o coração de Deus! Não sabereis encantar o meu?

Consolastes, fortificastes tantas almas aflitas! Tenho certeza de que, em minhas penas e dificuldades, encontrarei, também, junto a vós:

o *consolo,* que sustenta;

a *força,* que levanta;

o *sorriso,* que anima;

o *olhar* que aprova ou censura.

Nossa *vontade* também deve ser escrava de Maria... Oh! Como ela precisa desta escravidão!

Ela é tão *independente!* Precisa, pois, de um freio, que a governe.

Ela é tão *fraca!* Precisa, pois, de um estímulo nas ações.

Ela é tão *volúvel!* Precisa, pois, de uma força, que a mantenha no dever.

Ela se *abate* tão depressa! Precisa, pois de algo que a reconforte.

Oh! Sim, Maria! Sereis tudo isso para mim: freio, estímulo, força, reconforto. Tudo isso acharei na Santa Escravidão, pois é próprio de uma senhora amável proporcionar tudo isso ao pequeno escravo que se dedica a ela totalmente!

II. Os bens exteriores

Depois de doarmos nossa alma, consagramos ainda a Maria nossos *bens exteriores* e *interiores.*

Ofertamos-lhe como homenagem, os bens exteriores de *fortuna.* Confiamo-los à sua providência maternal, para que ela os conserve segundo a vontade divina. Para que ela seja, verda-

deiramente, a senhora destes bens, só devemos usá-los como desapego, e sob sua dependência; não deixemos de empregar uma parte para sua glória e para o reino de Deus.

Que freio às concupiscências desregradas não seria esta Consagração seriamente praticada! Como ela nos ajudaria a ter resignação nas perdas da fortuna e nos revezes da vida! Como moderaria o uso, sempre tão perigoso, dos bens deste mundo! – cf. Lhoumeau: op. cit. pág. 245.

III. Os bens interiores

Depois dos bens exteriores – e é isto que coloca a Consagração de São Luís Maria Grignion de Montfort acima de todas as demais consagrações – entregamos a Maria todos os *bens interiores,* que são: méritos, virtudes e boas obras passadas, presentes e futuras. Damos tudo a Maria sem reserva alguma, para a eternidade, e sem esperar outra recompensa que a honra de pertencer a Jesus Cristo por meio de Maria (Tratado da Verdadeira Devoção).

Cumpre, penetremos aqui o alcance destas palavras: *méritos, virtudes e boas obras.*

Notemos, em primeiro lugar, que podemos merecer de duas maneiras:

Primeiro, pela *justiça:* quando a recompensa nos é devida como salário.

Um operário que trabalhe para o patrão tem direito ao salário. Este salário lhe é devido por *justiça.*

É o que os teólogos chamam de mérito *"de condigno".*

Mas pode-se *Merecer* de outra maneira: suponhamos que este operário, não contente em fazer o trabalho imposto, cerque seu senhor de toda a sorte de atenções, e lhe preste vários e pequenos serviços suplementares, a que não é obrigado. Por este procedimento merece uma gratificação. Ele não tem direito a ela, por rigorosa justiça mas somente a título de reconhecimento, de *conveniência.* É o mérito *"de congruo".*

Postos estes princípios, examinemos o valor de *nossas obras.*

Toda a boa obra, feita em estado de graça, tem um duplo mérito: um de *justiça* e outro de *conveniência.*

O mérito de justiça é absolutamente pessoal, e não pode ser cedido a outrem: é a paga de nosso trabalho. O mérito de conveniência é uma gratificação suplementar, de que podemos dispor em benefício de terceiros.

Assim, toda boa obra merece, *"com o merecimento de justiça",* um aumento de graça, na terra, e de glória no céu: Isto é pessoal. Nem a graça, nem a glória, que deverão coroar uma pessoa, um dia no céu, podem ser cedidas.

Esta boa obra, entretanto, merece em segundo lugar, *"por merecimento de conveniência",* uma gratificação.

É desta gratificação que podemos dispor à vontade, beneficiando outros.

IV. Os nossos merecimentos

Este mérito de conveniência é duplo: *impetratório* e *satisfatório.*

Impetratório, quando por meio de uma boa obra, intentamos obter um favor que tenhamos em vista.

Por exemplo: pode-se dar esmola para obter uma cura, perseverança em uma vocação, correção de um defeito, aquisição de uma virtude; estas graças são independentes do mérito pessoal que adquirimos pela esmola.

Satisfatório, enquanto satisfazemos, diante de Deus uma dívida que contraímos com os nossos pecados.

Quanto à oração, pode também ser tomada, – em sentido lato – como boa obra enquanto exige, de nossa parte, um esforço. Mas, considerada como pedido, ela não tem valor *impetratório,* é antes uma força ou virtude da *impetração.* Obtém-se, porque se pede em nome de Jesus Cristo, cujos méritos dão força à oração; e não porque nosso pedido seja meritório.

Que podemos dar a Maria Santíssima dos bens interiores?

Damos-lhe tudo "*quanto é comunicável*" tudo quanto merecemos pelo merecimento de *conveniência,* a saber: o valor impetratório e satisfatório de todas as nossas orações e boas obras.

Quanto ao valor *meritório* que nos é devido por um mérito de justiça, não o podemos ceder; é o que nos fica pertencendo.

Tudo isso, dado a Maria Santíssima pela Santa Escravidão, – e dado sem reservas – constitui desapropriação total, o *"abandono completo".*

Não reservamos nada para nós mesmos, absolutamente nada: *“nem mesmo um vintém,* – como diz Montfort – , *nem um fio de cabelo, nem uma boa ação. Pertencemos a Maria e, por seu intermédio, a Jesus Cristo”.*

Oh! Riqueza de nossa pobreza! Não temos mais nada! Não nos pertencemos mais! Corpo, alma, família, bens exteriores e interiores, tudo é de Maria! É possível ir mais longe? É possível dar mais?

Não. É o *“limite”*, é o extremo, pois não nos reservamos nem sequer aquilo de que todo homem faz questão: – seus merecimentos e suas virtudes.

Vejamos agora, no capítulo seguinte, as conseqüências desta doação completa.

CAPÍTULO XV

AS CONSEQÜÊNCIAS DA DOAÇÃO

Como dissemos, esta doação vai longe, muito longe. Ela abrange tudo.

"Uma pessoa que desta forma se consagrou e se sacrificou voluntariamente a Jesus Cristo por intermédio de Maria Santíssima, – diz São Luís Maria Grignion de Montfort – , *não pode mais dispor do valor de nenhuma de suas boas ações. Tudo o que sofre, tudo o que pensa, tudo o que diz e faz de bem, pertence a Maria, para que ela disponha de tudo segundo a vontade de Deus e para sua maior glória"* (Tratado da Verdadeira Devoção).

Estas palavra já respondem à questão que queríamos propor: *"Para que fim"* entregamos assim nossos bens espirituais a Maria Santíssima?

Montfort diz: "Para que deles disponha Maria segundo a vontade de seu Filho e para a maior glória de Deus".

I. A renúncia a tudo

O direito absoluto da Santíssima Virgem dispor de tudo quanto lhe entregamos é conseqüência da soberania que nela reconhecemos pela Consagração. Longe de nós, entretanto, a idéia de um capricho em Maria Santíssima; pois sua vontade está sempre unida à de seu Filho, e Ela pedirá de acordo com Ele, que os frutos de nossas boas obras sejam aplicados segundo seus desejos e para *sua maior glória.*

Se for da vontade de Deus que estes frutos sejam aplicados para nossa salvação, Ela o fará, certamente. Tudo recebemos então de nossa Soberana e Mãe; não nos apoderamos de nada; não restringimos nem anulamos nossa doação.

A Virgem Santíssima poderá dispor, livremente, de tudo – de nossa pessoa, de nossas obras, do que possuímos, e mesmo

do que podemos adquirir no futuro.

Depois de nossa morte, outros, sem dúvida, rezarão por nós, oferecerão por nós sacrifícios e satisfações.

Pois bem, por nossa Consagração renunciamos a isto.

Damos a Maria, diz São Luís Maria Grignion de Montfort, tudo o que pudermos obter no futuro, na ordem da natureza, da graça e da glória, e isso sem nenhuma restrição.

Seria como se renunciássemos a uma herança futura em favor de um outro que se incumbisse daí por diante, de atender às nossas necessidades. Maria poderá sem dúvida, fazer-nos participar das suas satisfações. Ela o fará mesmo. Mas será então, segundo sua vontade. Ela poderá dispor da forma que julgar mais favorável aos desígnios e à glória de Deus.

Durante a vida dependeremos completamente da Santíssima Virgem.

Maria conhece nossas necessidades; Ela sabe o que pode contribuir para a glória de Deus.

Entretanto, será bastante nos entregarmos inteiramente em seus braços, nada mais querer, nada mais desejar, nada mais pedir?

Uma devoção que produzisse semelhantes frutos não seria mais devoção! É o caso de recordarmos a palavra de Santo Inácio: *"É preciso orar como se tudo dependesse de Deus, mais agir como se tudo dependesse de nós".*

Somos escravos de Maria. Mas, o papel do escravo não é somente pertencer a Nossa Senhora. Consiste, principalmente, em *trabalhar para Ela.*

Não devemos, certamente, ter outro querer que não seja o de Maria; uma vez conhecida a sua vontade, devemos executá-la, custe o que custar. E, se esta vontade se executa, algumas vezes pela ação exterior, ela se executa ainda mais pela oração. Devemos, pois, pedir, em nossas orações, pelas intenções que nos são recomendadas. Esta Consagração não constrange nossas obrigações, nem os deveres de reconhecimento, de amizade ou de afeição, que possamos ter.

Podemos orar pelos outros; com a condição, porém de nos submetermos antecipadamente às *intenções da Santíssima Virgem,* de maneira tal que Ela fique sendo livre para nos atender ou não, se de uma ou outra deliberação depender a maior glória de Deus.

Se depois de nos havermos consagrado deste modo à San-

tíssima Virgem, diz deste modo à Santíssima Virgem, diz ainda São Luís, *"desejamos aliviar alguma alma do Purgatório, salvar alguns pecadores, lembrar-nos de alguns amigos em nossas orações, em nossas esmolas, mortificações ou sacrifícios, será preciso pedi-lo humildemente a Maria, e conformar-nos ao que Ela determinar, persuadidos de que, sendo o valor de nossas ações dispensado pela própria mão de que Deus se serve para nos distribuir suas graças e dons, não pode deixar de ser aplicado este valor para a sua maior glória"* – cf. ***Segredo de Maria.***

II. A desapropriação completa

Podemos pedir por todas as intenções que nos recomendarem, e para todas as pessoas que nos são caras. Contanto que se acrescente às orações uma pequena cláusula semelhante a esta: *"se isto for do agrado de Maria".*

Há certos casos em que somos obrigados a pedir por tal ou tal pessoa, ou orar em tal ou tal intenção. Impende-nos essa obrigação em razão de nossos deveres de estado, de justiça, ou de caridade, tanto a nosso respeito como a respeito do próximo. Mas, nesse caso, não procedemos mais como senhores de nós mesmos; havemos de nos conformar com a vontade de Deus, por intermédio de Maria.

Em conseqüência, devemos pedir por nós mesmos, porque a oração é um *meio necessário* de salvação. Do mesmo modo, um sacerdote que recebe *espórtulas* é obrigado a aplicar o fruto especial de sua missa segundo a intenção recomendada; um Religioso deve oferecer suas comunhões e suas orações pelos defuntos de sua ordem, conforme esta lho prescrever, etc.

Entretanto, será suficiente entregar-se inteiramente à Santíssima Virgem, e nada mais pedir em particular, nas orações?

Não. *Isto não é suficiente.*

Nossa boa Mãe conhece, sem dúvida, nossas necessidades, e se interessa por nós. Ela porém, quer que lhe peçamos em particular. O abandono à vontade de Maria é sem dúvida uma excelente prática; mas só quando conveniente e oportunamente aplicado.

Assim, depois de haver orado, depois de ter pedido uma graça particular, a força para vencer uma tentação, o benefício de uma conversão, a cura de um doente, o bom êxito de um empreendimento etc., convém confiar a Maria Santíssima o resul-

tado de nosso pedido, e dizer-lhe antecipadamente que estamos satisfeitos em receber o que se dignar fazer em nosso favor e que, em tudo, não queremos senão a *glória de Jesus* em Maria e nossa santificação.

Assim compreendida, a Santa Escravidão, ao invés de esfriar em nós os impulsos da oração, excita-nos e anima-nos a recorrer a Maria com mais confiança e certeza. Depois de lhe entregarmos tudo, poderia ela recusar-nos alguma coisa?

Concluindo, esta doação é uma desapropriação, e não um despojamento feito em favor de terceiros. Por ela não fazemos diretamente obra de caridade para com o próximo; antes, rendemos homenagem a nossa Rainha.

Há, com efeito, uma diferença essencial entre *desapropriar-se* e *despojar-se.*

No primeiro caso, renuncia-se à propriedade de uma coisa, sem se obrigar à renúncia do seu uso e gozo. Por exemplo, possuo uma casa, onde habito: posso ceder a propriedade de tal casa a outro, e continuar a habitá-la, sem que ela me pertença.

Despojando-me, pelo contrário, perco naturalmente o objeto e o seu uso.

III. Escravidão e ato heróico

A distinção precedente vai dar-nos a compreender, claramente, a diferença que há entre a *Consagração* da Santa Escravidão e o *ato heróico* em favor das almas do Purgatório.

Tem-se discutido muito se se pode fazer, ao mesmo tempo, a Consagração da Santa Escravidão e o ato heróico.

Houve muitas hesitações a esse respeito, e ainda não se deu ao caso uma solução bem clara.

A nosso modo de pensar, podem *fazer-se os dois* perfeitamente, e que, longe de se excluírem, estes dois atos, pelo contrário, dão-se as mãos e *completam-se* admiravelmente.

Somente seria necessário uma pequena modificação no modo de fazê-los.

Tentemos esclarecer bem esta doutrina.

Primeiramente, é preciso responder a uma objeção, que se apresenta espontânea.

Já entregamos tudo a Maria pela Santa Escravidão. Ora, de-

pois disso, como se poderá dispor ainda de alguma coisa em favor das almas do Purgatório? Quem já deu tudo nada possui, naturalmente.

A resposta a essa objeção mostrar-nos-á o modo de fazer o Voto Heróico.

Já demos realmente tudo. Não podemos dispor de mais nada, a não ser conforme a vontade da Santíssima Virgem. Porém, da mesma forma que, depois da nossa Consagração, podemos pedir pelos outros e por nós mesmos, da mesma forma que podemos pedir aquilo que julgarmos bem para nós ou para outros como que uma permissão da mesma maneira podemos pedir a Maria para fazermos este Voto Heróico, de despojar-nos da parte satisfatória de nossas boas obras, em favor das almas do Purgatório – Eis uma fórmula, da qual se pode usar e que satisfaz a estas condições: ***"Ó minha terna Mãe, a fim de ser todo vosso e, por vós, de Jesus, conforme a Consagração completa que fiz de mim mesmo e de tudo o que me pertence, a fim de poder participar dos grandes favores que a Santa Igreja concedeu ao ato heróico, entrego em vossas mãos todas as minhas obras satisfatórias, assim como o fruto de todas as que poderiam ser feitas em minha intenção depois de minha morte, pedindo-vos que as apliqueis às almas do Purgatório, segundo vossa sabedoria e vosso agrado, e para maior glória de Deus".***

Se, o Voto Heróico foi feito antes da Consagração, não há dificuldade: subsiste e conserva toda a sua força. Feito depois, *devemos fazê-lo sob a forma de oração, com o consentimento de Maria; consentimento que será garantido por duas razões, às quais a Mãe de Deus não pode ficar indiferente:*

1.º Pelo ato heróico podemos ganhar maior número de indulgências – O ato heróico dá aos *sacerdotes* o altar privilegiado em *todos os dias* do ano. – A Consagração o dá quatro vezes por semana. – Aos fiéis, uma indulgência plenária todas as vezes que receberem a santa Comunhão e rezarem nas intenções do Soberano Pontífice. Uma indulgência plenária, toda segunda-feira em que assistirem à santa missa em sufrágio das almas.

2.º Pelo ato heróico ultrapassamos até, em certo ponto, a nossa Consagração.

Esta segunda razão carece de uma explicação.

O ato heróico é, antes de tudo, um ato de *despojamento* pelo

qual entregamos a Maria a parte satisfatória as boas obras em favor das almas do Purgatório.

Pela Consagração, já nos havíamos *desapropriado* dessa mesma parte satisfatória; havíamos entregado nas mãos de Maria Santíssima, para a maior glória de Deus. Essa maior glória podia ser também nossa própria libertação das penas do Purgatório depois de nossa morte, pois, como dissemos, a desapropriação não exclui o gozo do objeto cedido. Pelo ato de despojamento, porém, nós nos excluímos dessa participação e nos dispomos a não gozá-la. Vê-se, perfeitamente, que, o ato heróico vai além da Consagração, acrescenta-lhe uma nota de maior desinteresse, e parece completá-la admiravelmente.

Mas, postos em paralelo estes dois atos – o da Santa Escravidão e o Voto Heróico – qual dos dois é maior em extensão e em generosidade?

Não cabe dúvida. *A Consagração* da Santa Escravidão é muito superior, e mais agradável a Deus. O ato heróico não se refere senão às satisfações, enquanto a Consagração põe nas mãos da Santíssima Virgem também o valor impetratório – Não podemos renunciar totalmente ao valor impetratório de nossas boas ações, que, em parte, ao menos, nos é necessário a salvação. – cf. Lehmkull I p. 168 – das boas ações, para que delas disponha segundo seu agrado, sem restrição de espécie alguma.

Por outro lado, o ato heróico não é senão um ato separado de caridade, de piedade, enquanto o abandono nas mãos da Santíssima Virgem, pela Santa Escravidão, é o espírito de sujeição total que para com ela professamos.

Com efeito, se vivermos a Consagração, isso não será, somente um ato passageiro de devoção, uma homenagem que renovaremos mais ou menos amiúdo; tornar-se-á, sobretudo, o princípio de um estado, a forma de toda a vida interior; e é isto que a eleva acima de toda e qualquer Consagração à Santíssima Virgem.

IV. O completo abandono

Concluímos, dizendo que a doação completa de nós mesmos deve produzir em nós *abandono completo.* Como já disse-

mos em outra parte, não é suficiente dar-se; é preciso *abandonar-se.* Este santo abandono, que poderia intitular-se o espírito da Santa Escravidão, é, de fato, como uma conclusão de tudo.

Monsenhor Gay, num tratado admirável pela profundeza e em completa concordância com a Santa Escravidão, o definiu deste modo:

"Abandonar-se é renunciar-se, deixar-se, alienar-se, perder-se, e conjuntamente entregar-se sem medida, sem reservas, e quase cegamente. É esgotar-se, liquefazer-se, segundo a palavra da esposa dos Cânticos: 'Minha alma liquefez-se logo que meu Bem Amado falou' ".

Assim é a alma que se abandona; funde-se sob a palavra de Deus; não só a palavra que ordena; mas a palavra do simples desejo ou a da menor preferência.

Não é esse o verdadeiro espírito da Santa Escravidão?

Espírito que São Luís Maria Grignion de Montfort explica de modo quase idêntico, comparando a Santíssima Virgem a uma forma celeste na qual nos lançaremos para nos transformar em Jesus.

Enteguemo-nos, abandonemo-nos à divina Mãe de Jesus!

CAPÍTULO XVI

VIAS DA SANTIDADE

Alcançar a santidade é a aspiração de todas as almas generosas. E é também o fim de todas as devoções.

Com efeito, que é que procuramos nos exercícios de piedade, em outras diversas práticas, principalmente na prática da Santa Escravidão?

O meio de atingir a santidade.

Pois São Luís Maria Grignion de Montfort disse que a Santa Escravidão é o *meio mais fácil, curto, perfeito e reto* de se conseguir a união com Deus. Estudaremos estes termos no capítulo seguinte.

Não podemos duvidar de sua veracidade. Pelo que já dissemos até aqui sobre a Santa Escravidão, verifica-se que nenhuma devoção exige mais sacrifícios pela glória de Deus; que nenhuma desprende mais a alma de si mesma e de seu amor próprio; que nenhuma a conserva mais fielmente na graça; que nenhuma a une mais perfeitamente a Jesus Cristo.

Provemo-lo aqui.

I. Doutrina e autoridade

Dizíamos, no capítulo precedente, que a Santa Escravidão está ao alcance de todas as almas e que não está reservada somente a almas de escol. A verdade desta afirmação aparecerá, em sua maior clareza, quando estudarmos, separadamente, cada grau de que se compõe a devoção. Pode-se prová-lo de dois modos: *Pela doutrina e pela autoridade.*

A prova doutrinal baseia-se no princípio: *a Santa Escravidão é uma renovação das promessas do Batismo.* Todos aque-

les que são batizados deveriam ter os interesses de renovar as obrigações, que foram tacitamente contraídas. A prova de *autoridade* é a que dimana da *vida dos santos,* e em particular da vida de Montfort, sobre a qual disse seu primeiro historiador, Grandet: "Conheço um grande número de pecadores escandalosos que se converteram e têm um procedimento exemplar, por terem seguido esta devoção e terem dito o rosário cotidianamente, a conselho de São Luís Maria Grignion de Montfort.

Não se poderia avaliar o número de pessoas de ambos os sexos que ele fez mudar de vida com este meio".

A Santa Escravidão é, pois, verdadeiramente, um instrumento de conversão dos pecadores – meio de fazê-los sair de seu triste estado, rompendo ou, melhor, substituindo-lhes as cadeias do vício pelas do amor a Santíssima Virgem.

Se a Santa Escravidão é o meio mais poderoso para de novo adquirir a amizade de Deus, pode-se dizer que é o auxílio mais eficaz ainda para se progredir na virtude.

Estais em estado de graça; quantos impulsos em vossas almas, quantas aspirações em vosso coração! Que sede de amar e de ser amado! Que ideal de dedicação flutua em vosso espírito! Isto porque a graça é ativa, é diligente, e tende a levar sempre ao que é melhor. Sua divisa é: sempre mais alto!

Mas, quantas vezes acontece, a essas almas ainda inexperientes na prática de virtudes sólidas, dizerem consigo mesmas: Sim, eu queria amar a Deus, queria tornar-me santo, queria ser toda de Jesus! Que devo, porém, fazer para isso? Que vida me conduzirá a esse ideal? Quem me ensinará *caminhar* nas sendas do amor?

Pobres e queridas almas, ide a Maria abri-lhe vosso coração e vossa alma, com simplicidade, e tereis ideal para vosso espírito, ardor para vossa alma, e a chama do amor ardente que a doce Virgem fará resplandecer em vosso coração. Ide a Maria... fazei-vos escravos d'Ela... Havemos de ver um novo horizonte que se descortinará a vossos olhos. – E que horizonte!

II. Ser propriedade de Maria

Então podeis dizer: – *"Sou propriedade de Maria... devo viver e trabalhar para minha Mãe e Senhora".*

Será ela quem me provará por aqueles que têm autoridade sobre mim; preciso, portanto, da virtude da *obediência.*

Será ela quem me provará pelas pessoas que me rodeiam e pelos acontecimentos que advêm logo, devo suportar tudo, pacientemente.

Será ela quem presidirá aos exercícios de piedade e aos passatempos; portanto, que *fervor* nos primeiros e que *modéstia* nos segundos!

Será a ela que darei conta, à noite, da maneira pela qual tiver passado o dia; então, que cuidado devo ter em evitar tudo o que lhe possa desagradar e em fazer tudo o que lhe venha *agradar!* Oh! Um dia assim passado seria um dia fecundo. Não teremos que perguntar: – Que devo fazer para chegar à santidade? A Santíssima Virgem fará surgir diante de nós, fará nascer sob nossos passos ocasiões de sermos úteis, de nos dedicarmos, de nos vencermos por seu amor!

E tudo isto, não é mais que a aquisição da Santidade.

Sobretudo, as almas superiores acharão nesta devoção a satisfação de suas mais ardentes aspirações. Os pecadores aí verão apenas uma renovação dos votos de seu Batismo; as almas justas acharão um estímulo para praticar a virtude; as almas fervorosas e generosas, porém, encontrarão aí a cadeia de ouro que as ligará, de maneira irrevogável, ao objeto de seu amor.

III. Desprendimento completo

A medida de nosso progresso está na proporção de nosso desprendimento. Ora, na Santa Escravidão temos o caso de um *desprendimento completo.*

Nas religiões – com essa palavra o autor quer significar Ordens, Congregações ou qualquer Instituto religioso da Santa Igreja. – Nota dos Editores – disse ainda São Luís Maria Grignion de Montfort, dão-se a Deus os bens de fortuna, pelo voto de pobreza; os bens do corpo, pelo voto de castidade; a própria vontade, pelo voto de obediência; e algumas vezes, a liberdade do corpo, pelo voto de clausura; mas, não se lhe entrega a liberdade nem o direito que se tem de dispor do *valor de suas boas obras;* e não se despoja o cristão tanto quanto pode, daquilo que tem de mais precioso e caro, que são seus *méritos* e suas *satisfações.*

Entre, as almas de escol que aspiram a realizar em si os exemplos dos santos, encontram-se atos de um heroísmo, de uma generosidade que o vulgo nem sequer imagina.

Em vez de fazerem simplesmente uma promessa de pertencer a Jesus por Maria, como pede Montfort, elas se comprometem – *por voto* – a ser escravas de Maria Imaculada e assim viver completamente para ela.

Para evitar qualquer ignorância nesta matéria, lembremonos de que um voto ou uma promessa, feita a Deus, de uma coisa boa que seja possível, é melhor que o seu contrário.

Não se fazem votos senão a Deus; mas, pode-se prometer a Deus de fazer qualquer coisa em *honra da Santíssima Virgem* ou dos santos. Um voto obriga, segundo a intenção daquele que o faz – sob pena de pecado mortal ou ao menos venial. Mas não se pode fazer um voto que não obrigue sob pena de pecado... Não seria mais um voto nesse caso e sim uma simples promessa. Pode-se, pois, fazer votos de escravo de Jesus em Maria; é bastante ter a intenção ao recitar a fórmula da Consagração, sem que seja necessário fazer aí qualquer mudança.

Em que nos empenhamos ao fazer tal voto?

Em duas coisas, que explicaremos mais demoradamente, quando falarmos da prática de Santa Escravidão: **1.°** em *entregar* a Maria nossa pessoa, nossas obras, nossos méritos; **2.°** em nos esforçarmos por viver mais unidos a Ela.

IV. Outros votos possíveis

Pode-se, no mesmo sentido e pela mesma fórmula, fazer *voto de vítima.* Esse voto, segundo o grau de virtude que atingir, pode ter por objeto:

1.° *Aceitar,* os sofrimentos cotidianos que Deus nos enviar.

2.° *Oferecer-se* a Maria Santíssima para sofrer na medida em que lhe for do grado e por conseguinte, não fugir das penas ou contrariedades que nos sobrevierem.

3.° *Pedir,* positivamente, a Santíssima Virgem dores e sofrimentos. Oferecer-se como vítima para a expiação dos crimes e pecados de outras pessoas.

* * *

Outras almas, apaixonadas por sua augusta Senhora, seguindo o exemplo de Santo Afonso e muitos outros, fizeram

voto, por amor de Maria, de *nunca perderem tempo.* Empregaram todos os seus momentos vagos em fazê-la conhecida e amada, por palavras, escritos e exemplos.

Será preciso falar daqueles que chegaram a fazer *o voto do mais perfeito?* Isto é, os que se comprometeram a procurar entre muitas coisas boas, aquela que mais agradasse a sua Rainha? Muitos santos chegaram até esse ponto. O heroísmo, por exemplo, de Santa Teresa, atingiu este grau.

É claro, como nota Santa Teresa, quem se compromete por este voto não se deve deter em bagatelas, aos minúsculos pormenores da vida, para se perguntar, a cada instante, em qual destas minudências se acha a maior glória de Deus. Uma alma assim, continua a santa, deve pôr-se num grande esquecimento de si mesma, num imenso desejo da glória de Deus, e ser mais fiel, simples e constante nas pequenas coisas, e à escolha generosa do mais perfeito nas circunstâncias de maior importância. Tais são as práticas das almas generosas, já santas, desejosas de se santificarem ainda mais e de atingirem o cume da santidade.

Pois bem, para as almas que já têm seu pensamento nas coisas divinas e que descobrem os sentimentos expressos nas palavras, tudo isso está contido no ato da Consagração dos escravos. Aí está o desabrochar suave da flor aromática, que dará fruto maravilhoso do amor de Deus.

Se elas aspiram mudar sua Consagração em *voto,* se desejam ser *vítimas de Maria,* se fazem voto de *nunca perder tempo,* ou inclinam-se para o que há de mais perfeito, hão de achar esse sentimento admiravelmente indicado na fórmula da Santa Escravidão.

Somos de Maria na qualidade de escravos. O voto não faz senão apertar este laço abençoado.

Como escravos, Maria pode enviar-nos sofrimentos; reconhecer-lhe explicitamente esse direito é prometer por voto submeter-se a isso, é ainda aprovar o estado existente. Nunca perder tempo; nosso tempo pertence a Maria Santíssima em conseqüência de nossa escravidão; ratificamos somente, a doação já feita.

Queremos elevar-nos ao mais perfeito: não deve o escravo procurar ser agradável a sua Senhora e, por conseguinte, fazer *o que há de mais perfeito?* Ainda está aí uma conseqüência da nossa condição de escravo.

Uma recomendação, para terminar: uma pessoa não deve fazer um voto sem a aprovação do seu confessor, de seu diretor espiritual ou de um sacerdote piedoso e instruído, que conheça bem aquele que deseja tomar a obrigação.

Concluímos repetindo que a Santa Escravidão é uma devoção que convém admiravelmente a todas as almas – que tira ao pecador o seu pecado, eleva-o, transforma-o, e o faz subir até o auge do heroísmo e do sacrifício.

"O Virgo, trahe nos! Post te currimus..."

Atraí-nos a vós, ó Virgem Imaculada! Nós vos seguiremos; queremos ser vossos para sempre!

CAPÍTULO XVII

MARIA, PURIFICADORA DE NOSSAS AÇÕES

Falando dos efeitos maravilhosos produzidos pela Consagração perfeita, Montfort, depois de ter explicado como Maria se dá ao piedoso escravo, diz que ela *purifica nossas boas obras, embeleza-as* e as torna *aceitáveis* a seu divino Filho.

Não citaremos a explicação que ele dá sobre esse assunto; todos podem lê-la no "Tratado da Verdadeira Devoção".

Que Maria purifica e embeleza as ações daqueles que lhes são inteiramente consagrados – estamos convencidos. As provas de probabilidade abundam; pode-se, porém, perguntar *se ela o faz realmente,* se ela está, mais ou menos, obrigada a fazê-lo.

Aí está a grande questão.

Procuremos resolvê-la.

O exemplo citado por São Luís Maria Grignion de Montfort, do campônio que oferece maçã ao rei, pelas mãos da rainha, é de uma clareza e naturalidade admiráveis.

Montfort apenas afirmou um fato. Julgou, porém, desnecessário prová-lo explicitamente. A questão consiste em perguntar se, teologicamente, é explicável a purificação de nossas ações, feita por Maria, antes de apresentá-las a Nosso Senhor.

I. O amor perfeito

Podemos responder *afirmativamente* do modo seguinte: Nossa Consagração pode ser considerada de duas maneiras. Encerra, primeiro *um ato de amor perfeito* e depois *um ato heróico de desapego.* São duas Faces que constituem o fundamento de nossa demonstração.

Mostremos primeiramente a existência e a extensão desses dois atos.

Quando cedemos a Nosso Senhor todas as ações passadas, presentes e futuras, à sua disposição, para a maior glória de Deus, fazemos um ato de amor perfeito. Porque se o fazemos nas condições exigidas, aí não se introduz nenhum interesse pessoal, nenhum sentimento egoísta.

Perdurando esse ato, em conseqüência da doação, formase em nós um *estado habitual* de amor de Deus e de conformidade com a sua vontade; isto não é senão o puro amor de Deus almejado por São Luís Maria Grignion de Montfort:

"O puro amor de Deus reina em nossos corações".

Reinar: é governar permanentemente e não transitoriamente. É o que diz também o autor da ***"Vida Espiritual"*** . Quem vive no espírito de nossa devoção, vive sob a lei do puro amor. Amor este, que tira toda mistura de um egoísmo capaz de alterar a caridade ou torná-la imperfeita... Não é bastante *dar-se,* é preciso – dando – abandonar-se!

Na Consagração é preciso fazer distinção entre *o ato inicial,* que é a própria doação, e o *estado de doação contínua,* que é o seu resultado. O ato inicial, feito nas condições requeridas, exerce uma influência decisiva e permanente sobre toda a vida. Por ele fazemos a Jesus, pelas mãos de Maria, o sacrifício completo de nós mesmos e de tudo o que nos pertence.

E é a doação total feita pelo homem e aceita por Deus.

Infelizmente, aquilo que damos tão livremente, sem restrição, de pleno coração e nas disposições dum amor perfeito, nós o retratamos a miúdo, parceladamente. É a rapina no holocausto!

Em conseqüência do *ato inicial,* o estado de doação persiste teoricamente; porém, na prática, como a vontade nem sempre está fixa no bem, precisamos renovar a intenção antes das principais ações do dia, a fim de assegurar sua direção... É aqui que Maria exerce sua função purificadora.

II. As nossas infidelidades

Mais ou menos tentados pelas coisas terrenas, temos muitas infidelidades a chorar. Quantas vezes as inclinações do amor próprio, da vaidade, da sensualidade, do egoísmo e da negligência estragam, em parte, nossas boas ações. Mas, lembremo-nos de que já oferecemos tudo a Maria em disposições de puro amor,

para a maior glória de Deus. E, é esta doação que Ela ofereceu a Jesus. O Salvador a recebeu nesta intenção e por esse preço. Maria foi a *intermediária, o meio, a fiadora e como que o penhor de nossa fidelidade.* O contrato aceito, por Nosso Senhor, foi garantido, *selado por Maria.*

Aceitando esta doação inicial Maria constituíu-se mais ou menos *devedora de Deus;* empenhou-se a apresentar, em tempo e em condições fixas, tudo o que recebeu em oblação.

Daqui se segue que, em virtude de sua intervenção, Maria deve oferecer a Deus nossas ações, na mesma condição em que nos havíamos comprometido a oferecê-las. Ora, essa condição é um estado de *puro amor...* Era, como vimos, uma disposição de heróico desapego para obter unicamente a glória de Deus. Agora, se essas ações estão conformes com a primeira disposição, Maria não tem outra coisa a fazer, senão apresentá-las a Deus. Mas, se falta qualquer coisa, se existe alguma falta não essencial, – pois pelo pecado a doação seria retratada e Deus não pode receber o que é mau – mas *acidental* apenas, Maria deve retíficar, *purificar,* embelezar aquilo que lhe oferecemos, antes de o apresentar a Deus, para que essa doação seja digna da oferta inicial que lhe fizemos e que Ele aceitou e à qual Maria serviu de intermediária e de fiadora.

III. A ação purificadora

Como Maria fará esta purificação?

Ela retirará de nossa ação tudo que a possa desfigurar; – completará e levará a perfeição que deve ter para ser agradável ao Senhor. Quer dizer, como faz supor o Pe. Lhoumeau, que *"Maria faz sua, esta obra, pelo seu direito de mediadora".*

"Ela se faz, – segundo São Luís Maria Grignion de Montfort – , *nosso suplemento junto de Jesus".* Que Maria seja causa *instrumental, física, produtiva,* dessa graça que serve de suplemento, ou que Ela a tire dos tesouros de seu divino Filho, a disposição, é uma questão controvertida.

Para dizer somente o que é de verdade segura será pois, melhor dizer que Maria Santíssima purifica nossas ações, *acrescentando-lhes um valor suplementar, por sua dignidade e crédito.*

O que oferecemos a Maria Santíssima é a nossa ação; é preciso, porém, notar que Ela aceita somente o mérito desta ação.

Esse mérito, em conseqüência de nossa negligência ou de qualquer apego terrestre, fica diminuído e mutilado; o mérito é incompleto porque a ação não é pura.

Maria completa o mérito, acrescentando-lhe do seu, até que atinja a perfeição que teria se a operação fosse perfeitamente pura. Por isso mesmo pode-se dizer que Ela *purifica* nossa ação, pois, nesse caso, mérito e ação valem igualmente, considerados sob outro ponto de vista. O mérito é a ação considerada da parte de Deus; e a *ação* é o mérito considerado do lado do homem.

Pois não é nesse sentido que os Santos Padres da Igreja disseram que Maria Santíssima dá a graça a quem quer, quando quer e tanto quanto quer? Aí está o *ofício purificador* de nossa Mãe celeste. Ofício que Ela deve exercer porque se empenhou pela aceitação de nossa doação que por seu intermédio, Nosso Senhor aceitou.

Ela o deve exercer, porque, como o dissemos, essa doação implica um ato heróico de desapego, ao qual Ela não pode corresponder senão por um ato de generosidade.

Ela não pode deixar vencer-se em generosidade. Portanto, se houver um momento de fraqueza humana ela deve, em vista da Consagração, desfazer a imperfeição humana, *purificar* a ação, para que seja para a maior glória de Deus.

IV. Crescimento na perfeição

Ela tudo pode porque tem a sua disposição todos os tesouros do Senhor. Não se deverá, portanto, dizer que Ela o faz? E que o faz de uma maneira sobreeminente?...

Está claro que Maria não dá as nossas obras toda a perfeição de que são susceptíveis. Não foi a isso que Ela se obrigou. Empenhou-se apenas em que nossas ações ficassem *isentas de toda imperfeição,* que pudesse desfigurar sua beleza. Foi tudo. Duas pessoas piedosas, fazendo as mesmas ações, podem merecer de maneira inteiramente diversa, segundo a intensidade de seu amor e de seu desapego. As ações de uma e de outra podem ser isentas de toda imperfeição e, portanto, serem perfeitas, sem o serem no mesmo grau. Há grande distância entre perfeição e o perfeito amor de Deus.

Podemos crescer sempre em perfeição. *"Et qui sanctus est, adhuc santificetur".* Maria não se empenhou em nos levar ao

auge da *perfeição,* mas somente em apresentar a Deus nossas *ações purificadas* de toda mácula e de toda imperfeição. É preciso notar ainda que, pela palavra *purificado,* não dizemos absolutamente que estamos livres dos pecados veniais, provenientes de satisfações de amor próprio ou de sensualidade, nos quais a vontade se deteve mais ou menos. Do contrário, a Santíssima Virgem nos tornaria impecáveis. Ela purifica somente as boas ações conforme nossa consciência.

Ora, levar assim todas as ações e todas as obras ao *estado de perfeição,* torná-las isentas de todo defeito, já não é pouco, porquanto o bem que fazemos raramente é isento de mácula. Tal é o papel purificador de nossa querida Mãe.

Tudo isso parece estar solidamente baseado.

Pode-se, pois, dizer que São Luís Maria Grignion de Montfort, como teólogo profundo e inspirado, sondou o alcance da palavra purificar e compreendeu-lhe toda a sublimidade e as conseqüências consoladoras que dela dimanam para aqueles que se fazem *escravos de Jesus por Maria.*

Depende de nós fazer sua aplicação e experimentar os efeitos desse título consolador que podemos dar a nossa Mãe: *purificadora de nossas ações.*

Pudessem todas as nossas obras, purificadas e apresentadas por Ela a seu divino ser recebidas por Ele como atos de amor perfeito!

CAPÍTULO XVIII

A MAIOR GLÓRIA DE DEUS

O fim da Santa Escravidão é a maior glória de Deus.

É com esta consideração que vamos concluir esta importante parte, na qual tantas questões práticas e profundas, tantos segredos de graças, passaram sob nossos olhos.

A maior glória de Deus desempenha, necessariamente, papel importante em tudo isto.

É o eixo em torno do qual giram todas as outras considerações. Esse ponto de vista não pode ser esquecido, em nossa Consagração. Depois de enumerarmos tudo quanto demos a Maria Santíssima, concluímos: ***"Eu vos entrego e vos consagro tudo isso, ó Maria, para que disponhais de tudo para a maior glória de Deus, no tempo e na eternidade."***

I. Onde está tal glória?

Na exposição dos motivos da perfeita devoção, São Luís Maria Grignion de Montfort faz, sobre este ponto, o seguinte comentário: *"Esta devoção, praticada fielmente,* – diz ele – , *é um meio excelente para fazer com que o valor de todas as nossas boas obras seja aplicado para a maior glória de Deus"* (Tratado da Verdadeira Devoção).

"Quase ninguém, – continua ele – *age para esse nobre fim, conquanto seja obrigado; e isso, quer por desconhecer onde achar a maior glória de Deus, quer porque não deseje mesmo às vezes. Mas a Virgem Santíssima, a quem se cede o valor e o mérito das boas obras, sabe perfeitamente onde está a maior glória de Deus. Logo, nada fazendo senão para a maior glória do bom Deus, o perfeito servo dessa amável Senhora pode dizer, com ousadia, que o valor de todos os seus pensamentos e palavras é empregado para a maior glória de Deus, desde que ele não revogue expressamente a oferta".*

Examinemos de perto esta afirmação tão positiva do grande santo.

O fim de nossa existência é conseguir a glória de Deus.

O poder de Deus sendo a única razão das coisas, como *princípio,* sua glória deve ser delas a única razão como *fim.*

Vem daí a origem da recomendação incessante de São Paulo: *"Omne quodcumque facitis, in gloriam Dei facite". "Tudo o que fizerdes, fazei-o para a maior glória de Deus".*

Onde, porém, achar a maior glória de Deus?

Para a ação exterior, nada mais fácil: acha-se na *obediência.*

Obediência aos mandamentos de Deus e da Igreja, às ordens e recomendações de nossos superiores.

Na vida interior, porém, como volver para a maior glória de Deus nossas boas obras, sofrimentos, ações, em uma palavra, todos os nossos méritos?

Isso nos seria fácil, pois que, podendo dispor livremente do nosso tesouro interior, não teríamos outra coisa a fazer que aplicá-lo a essa maior glória. Mas então seria preciso saber em que se acha esta maior glória.

Os teólogos se dividem sobre esse ponto.

II. Três opiniões a respeito

Há três opiniões.

A primeira afirma que Deus é mais glorificado pela *conversão dos infiéis.* Eis que muitas almas vão se perder irrevogavelmente, se as ações e sacrifícios de alguma alma generosa não lhes obtiverem o benefício da fé.

Os autores da segunda opinião dizem: Deus é mais glorificado pela *conversão dos pecadores.* Almas já lavadas no sangue de Jesus Cristo são agora escravas do demônio – almas que o demônio arrancou dos braços e do Coração de Nosso Senhor, que chora ainda hoje, sobre elas... Que alegria, que glória não lhe proporcionariam seus fiéis, entregando a Ele, essas almas!

A terceira é daqueles que opinam assim: Essas almas das quais acabais de falar ou são inimigas de Deus, ou ignoram a sua bondade.

Que se percam essas almas é, sem dúvida, uma desgra-

ça. Mas, que desgraça ainda maior, que terrível aflição para Nosso Senhor ver que sofrem ou se condenam almas que Ele ama e que O amam!

Durante o tempo em que os homens estão sobre a terra, tem em suas mãos inúmeros meios para se salvarem, podem trabalhar para si mesmos. As *pobres almas do Purgatório,* porém, que podem elas? Sofrem e estão na impossibilidade total de alcançar para si o menor alívio. Sem nossas orações, sem nossos sacrifícios, elas terão que pagar ali o último ceitil, todas as dívidas contraídas com a justiça divina. A obra mais agradável a Deus e que mais lhe traz glória será com certeza, a libertação dessas almas.

Cada uma dessas três opiniões cita boas provas, para fazer valer sua tese.

Diante disso – onde está a maior glória de Deus?

Não o sabemos, e não o saberemos nunca, sem uma revelação de Deus.

Sem resolver a questão, há, entretanto, um modo de prescindir de sua resolução. É a prática da Santa Escravidão.

III. A solução mais certa

Não sabemos qual das três traz maior glória a Deus. Há entretanto, alguém que o sabe; é *Maria Santíssima,* nossa amorosa Mãe.

Daí, o que fazer?

Pela Santa Escravidão lhe entregamos todas as nossas boas obras, todos os nossos méritos, presentes e futuros, pedindo-lhe empregar tudo isso para a maior glória de seu divino Filho. Há aqui uma dupla vantagem: de um lado, pelo abandono damos-lhe uma prova de *confiança,* e de *amor,* à qual Ela em sua bondade, não pode ficar insensível. De outro lado, deixando-lhe a livre disposição de todos os nossos bens, para que os empregue segundo sua vontade, segundo suas próprias intenções, ficamos certos de alcançar a maior glória de Deus, e pouco importa saber onde se acha essa glória.

Podemos, pois, concluir razoavelmente, com São Luís Maria Grignion de Montfort: *Por essa prática, observada fielmente, dareis a Jesus Cristo maior glória em um mês, do que em*

muitos anos, por qualquer outra prática ainda que mais difícil.

"Eis as razões do que afirmo", continua o santo missionário.

Não citaremos todas as razões alegadas por ele, quer porque elas não entram em nosso plano, quer porque já tratamos delas em outra parte.

"A primeira, – diz ele – *é porque, agindo pela Santíssima Virgem, como ensina essa prática, deixais as próprias intenções e operações, conquanto boas e conhecidas, para vos confundirdes, por assim dizer, com as da Santíssima Virgem, ainda que vos sejam desconhecidas. Por esse meio, participais de suas sublimes intenções, que foram tão puras, que, Ela deu mais glória a Deus, por suas ações do que São Lourenço sofrendo sobre a grelha, o cruel martírio. Ela deu mais glória a Deus, que todos os santos por suas ações mais heróicas. Donde se conclui que, durante sua vida, Ela adquiriu uma acumulação tão inefável de graças e méritos, que seria mais fácil contar as estrelas do firmamento, as gotas d'água do oceano e as areias das praias, do que seus méritos e suas graças; e que Ela deu mais glória a Deus, do que todos os Anjos e os santos lhe deram, ou lhe darão".*

"Oh! Prodígios de Maria! Não sois capaz de fazer senão prodígios de graças nas almas que querem perder-se em vós."

IV. Outras razões

Esta é a principal razão citada pelo Santo.

As outras que ele ainda apresenta, são menos importantes, e dizem o que já dissemos no capítulo precedente. Por exemplo: que Maria *aceita, purifica e embeleza nossas ações.*

Terminaremos esse capítulo com a conclusão do grande apóstolo de Maria, conclusão que será também a nossa depois de tudo quanto dissemos sobre a Santa Escravidão.

Por esta prática glorificamos a Jesus Cristo, mais do que por qualquer outra, *"porque não pensamos em Maria sem que Maria pense em Deus por nós".*

"Não honramos nem louvamos a Maria sem que Ela honre e louve a Deus por nós".

Maria é toda relativa a Deus, e nós podemos chamá-la, muito

bem, a *“relação de Deus”,* a comparação de Deus, ou *“o eco de Deus, que não diz e não repete senão Deus. Se dizeis: Maria – Ela diz: Deus”.*

Santa Isabel louvou a Maria e a chamou Bem-Aventurada, porque havia crido; Maria, reprodução fiel de Deus entoou: *“Magnificat anima mea Dominun”. “Minha alma glorifica ao Senhor!”.*

O que Maria fez nessa ocasião Ela o faz todos os dias. Quando a louvamos, quando a amamos, e a honramos, ou quando nos damos a Ela, Deus é louvado, Deus é amado, Deus é honrado. Damo-nos a Deus por Maria e em Maria (Tratado da Verdadeira Devoção).

Ó Maria, doce e amável Senhora, como nos sentimos bem em ser vossos escravos!

Como tal queremos viver e morrer!

CAPÍTULO XIX

O SENTIDO DA SANTA ESCRAVIDÃO

A doutrina que acabamos de expor é eminentemente lógica e teológica. Só os espíritos superficiais podem acusá-la de fantasia.

O estudo atual, baseado sobre a mais sã teologia, seguindo raciocínios filosóficos e deduções sempre rigorosas, seria, talvez, suficiente para conhecê-los. Infelizmente, gente assim não quer se instruir mas sim criticar o que não entende, rejeitar o que só conhece de nome, e tratar de imaginação o que tem base nos dogmas mais sagrados de nossa santa religião.

O presente estudo, apesar de não ser uma obra de controvérsia, e sim uma simples exposição doutrinária da Santa Escravidão, não foge a nenhuma objeção ou oposição. O quanto possível, temos respondido a todas as objeções que se têm apresentado ao nosso espírito, de maneira a projetar no assunto raios de luz, suficientes para as almas de boa vontade poderem contemplar a bela e profunda doutrina de Montfort.

Convém lançar um olhar retrospectivo, sintético, sobre as verdades expostas, para melhor gravá-las no espírito, e mais facilmente aplicá-las à nossa vida.

Montfort dá à Consagração à Santíssima Virgem o nome de *"Santa Escravidão"*.

Este nome é sumamente justo e legítimo.

A realeza universal de Maria Santíssima é uma verdade que ninguém mais pode negar. Ora, é sobre esta realeza que se baseia o sistema de sua espiritualidade.

I. A sua base doutrinal

Há dois modos de servir a um senhor: ou como *escravo,* ou como simples *servo.*

“O escravo pertence inteiramente e para sempre a seu senhor, com tudo o que possui, sem nenhuma exceção. Trabalha, sem exigir nenhum salário, sem ter o direito de deixar o seu senhor, que tem sobre ele o poder de vida e de morte, – Cf. o cap. VII, item I. *O simples servo fica livre; e propõe os seus serviços em troca de um salário por um tempo determinado e permanece com o direito de deixar o senhor”.*

Basta esta simples definição para nos convencer de que, relativamente a Deus e Jesus Cristo, e, – por conseqüência – a Santíssima Virgem, nós somos, não simplesmente servos, mas verdadeiros escravos. E, notai-o, não é uma fórmula nova, suspeita, ou inspirada por uma piedade exaltada. É, como diz um teólogo, – cf. A. Lhoumeau – ***La vie spirituelie á l’école du Montfort*** – *“o pensamento fundamental da religião, a idéia verdadeira do Santo Batismo; é o que de mais radical existe em nós como homens e como cristãos”.*

É este o sentido exato que tem na Sagrada Escritura as palavras *servus* e *ancilla.* Quando os profetas designam o Messias como servo de Deus; quando São Paulo nos ensina que Jesus Cristo tomou a forma de escravo; – quando a Santíssima Virgem se qualifica serva do Senhor; – quando o Apostolo se chama servo de Cristo, etc., etc., é preciso entender que sempre se trata da escravidão, e não do simples ofício de *“servo”*, ou *“criado”*, no moderno sentido desta palavra.

Toda a tradição tem a mesma linguagem.

– *“Eu sou a escrava do Cristo”*, – dizia Santa Ágata – , *“e por este título me declaro de condição servil”.*

“Para ser devoto escravo do Filho, – escrevia Santo Ildelfonso – *aspiro a tornar-me escravo fiel da Mãe”.*

– *“Eu sou apenas um vil escravo, para quem é honra demais servir como tal ao Filho de Maria Santíssima”*, diz São Bernardo.

Falaram do mesmo modo São Pedro Damião, Santa Teresa, o Pe. Olier, São João Eudes, o Pe. de Condren, o Cardeal de Bérulle, Santa Margarida Maria, o Santo Cura d’Ars, São Gabriel da Virgem Dolorosa, etc., etc.

Os Vigários de Jesus Cristo na terra sancionaram estas fórmulas, como teremos ocasião de mostrar noutro lugar.

II. Objeções sem fundamento

Uns objetam contra a doutrina da Santa Escravidão, dizendo que ela parece contrária ao espírito de infância, de liberdade e de amor, que anima o Cristianismo. Citam, a respeito, trechos da Sagrada Escritura, como estes:

– *“Eis,* – diz Jesus Cristo – *que não mais vos chamarei servos, mas amigos”.*

– *“Não recebestes o espírito de constrangimento”*, diz São Paulo, *“mas o espírito de adoção de filhos”.*

– *“O cristão fiel não mais escravo, e sim filho”,* diz ainda São Paulo.

Estes textos são positivos, não há dúvida. Mas ainda nada provam contra a doutrina aqui exposta. Um grande teólogo, Franzelin, dá a resposta. – ***De Verbo Incarnato***, Ts. 38; escol. 2 – *“A adoção e o direito à herança do céu, diz ele, não tiram a escravidão, essencialmente própria da criatura. Pela adoção divina deixamos de ser escravos no sentido tão só de não sermos mais estranhos, que não tem direito à herança celeste”.*

Demais, a escravidão que São Paulo opõe a condição de filho é a escravidão do pecado, da corrupção, e do temor servil, da qual Jesus Cristo nos liberta – cf. Rm 5.

Parece inútil prolongar esta argumentação, clara e lúcida para quem procura a verdade.

III. A razão deste título de escravo

Sem dúvida, as lembranças odiosas do paganismo desacreditam a palavra *“escravidão”.* Mas todos sabem, também, que, preconizando a idéia de nossa servidão, repudiamos, tanto a tirania do senhor, quanto a degradação do escravo. E com razão, pois tirania e servidão não constituem, de modo nenhum, a essência da escravidão. Por fim de tudo, lembremo-nos de que Deus é o melhor dos senhores, e serví-lo é reinar – *“Servire Deo regnare est!”.*

É lícito empregar na linguagem popular a palavra, hoje em uso, *“servo”,* mas com a condição de conservar o pensamento de domínio soberano de Deus sobre nós.

O melhor, entretanto, é conservar as expressões: *"escravidão"* e *"dependência total",* pois exprimem, com clareza e energia, uma verdade capital do Cristianismo...

Em nosso século de orgulho e de independência, diariamente proclamam-se os homens *"escravos do dever", "escravos da honra", "escravos da moda", "escravos da beleza",* etc. E nós, cristãos, hesitaríamos em nos dizer *"escravos de Jesus Cristo"*, *"escravos da ideal beleza da Mãe de Deus?... Não pode ser!".*

Digamos, pois, convicta e amorosamente com Santo Ildelfonso: *"Para ser devoto escravo do Filho, aspiro tornar-me fiel escravo da Mãe!".*

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE

Esta segunda parte é de importância capital, pois, contém a doutrina e os fundamentos teológicos da Santa Escravidão.

Resumir esta doutrina é impossível, porque tudo se liga, se compenetra, e cada capítulo é uma peça básica e vital.

É sumamente necessário, após o estudo destas primeiras partes, termos a noção exata do que seja a escravidão. Bem compreendida, esta noção cortará pela raiz todas as objeções.

Considerada teologicamente, nas suas relações com os dogmas de nossa santa religião, a Santa Escravidão não é, como pensam as almas superficiais, um piedoso anelo, uma pia exageração, um simples modo de dizer, ou uma excentricidade, como a julgam outros, mas uma aplicação admirável, divinamente bela, do ensinamento de Jesus Cristo que prega a grande virtude da humildade.

Repugna, à moleza hodierna o dizer-se *escravo.* Isto rebaixa, humilha; e a natureza quer elevar-se, quer dominar, e quer encontrar, até na religião, termos e coisas que acariciem. E por isso se repelem os títulos que humilham. Ninguém quer ser escravo; nem mesmo servo; mas sim, filho, ou filha, esposa, irmão, etc.

Entretanto, basta abrir o Evangelho, as Epístolas e escritos dos santos, para se encontrar, em toda a parte, a *grande lei da humilhação,* e averiguar que ela é a base de todas as obras divinas.

É certo que as palavras não exprimem exclusivamente uma idéia. Assim, sob o título de filho, pode existir toda a humildade de *escravo.* Contudo, não se pode negar, que as palavras são um elemento de educação que exercem uma influência vital sobre os nossos sentimentos.

O mendigo e o escravo sentem mais a sua miséria, a sua dependência e seu estado de humildade, do que o rico que dá a esmola, e do senhor que transmite ordens.

A perfeição consiste no interior, sem dúvida; mas o exterior é um meio sempre útil, sempre eficaz, e muitas vezes até necessário, para a aquisição da virtude.

Saibamos inclinar a cabeça, humilhar-nos perante a divina majestade, e ocupar o último lugar, consoante o conselho de Jesus Cristo, para depois podermos ouvir a palavra que exalta: – Sobe, amigo! – *"Ascende superius."*.

Saibamos dizer, com a Santíssima Virgem, o grande e sublime modelo da santidade:

"Ecce ancilla Domini" – "Eis aqui a escrava do Senhor", – para que a graça divina inunde e transforme nossa alma e a faça querida de Deus!

TERCEIRA PARTE

A PRÁTICA DA SANTA ESCRAVIDÃO

CAPÍTULO XX

O CAMINHO CURTO E FÁCIL

"Faço tudo nela e por Ela...
Este é o segredo da santidade,
Segredo de ser fiel a Deus,
E de fazer em tudo sua vontade."

(Montfort)

Sob o título: *"A prática da Santa Escravidão",* não entendemos enumerar os múltiplos pormenores da vida de união com Maria, vida que, propriamente falando, constitui a prática desta doação. Tudo isto estudamos extensamente, em dois trabalhos especiais, intitulados: ***"Meu dia com Maria",*** para o uso, sobretudo, dos sacerdotes e religiosos, e ***"Prática da vida de intimidade"*** para o uso de todas as pessoas piedosas – Estes livros são o corolário deste; eles o completam, mostram sua doutrina, em aplicações feitas *para serem vividas.* Todos aqueles que desejam ardentemente amar a Santíssima Virgem hão de fazer deles o *manual* de sua vida espiritual.

Encontrar-se-á, nesses livros, a aplicação da doutrina de Montfort e todos os pormenores da vida de união. Nosso quadro não nos permite repetir aqui toda a bela e consoladora doutrina neles exposta; contentamo-nos só com indicar o caminho que conduz à vida de união.

Será a prática não aplicada.

I. Existe um tal caminho?

Antes de estudar os diversos graus que nos devem conduzir ao cume da Santa Escravidão, demoremo-nos um instante com Montfort, para conhecer o caminho que devemos seguir bem como os meios para se atingir o fim. O caminho da Santa Escravidão é curto e fácil para nos unir a Nosso Senhor, e, por

conseguinte, curto e fácil para alcançar a santidade. Hoje o que se procura *é chegar depressa ao fim, sem muito trabalho.*

Talvez soframos neste ponto, a influência do ambiente.

Nesta época de eletricidade, de rádio, de televisão, de foguetes e teleguiados, faz-se tudo de uma maneira rápida e fácil. Não será preciso que a santidade sofra também um pouco da mesma influência?

Alguns o crêem.

Eles não são, entretanto, os inventores desse pensamento. Parece que a mesma idéia já tentava a alguns espíritos do tempo de São Francisco de Sales. Ouvi a fina apóstrofe que este amável Prelado lhes dirigiu: *"Quereríeis que eu vos ensinasse uma vida de perfeição já pronta, de modo que não tivésseis outra coisa a fazer que trazê-la convosco, como fazeis com as vossas vestes, e que, por esse meio, vos tornásseis perfeitos sem grande trabalho? Oh! Certamente, se isso estivesse em meu poder, eu seria o homem mais perfeito deste mundo; pois, se eu pudesse dar a perfeição aos outros, sem que precisassem lutar, eu vos asseguro que a guardaria primeiro para mim! Parece-nos que a perfeição é uma arte cujo segredo, se se pudesse descobrir, tornar-nos-ia perfeitos incontinente, e sem trabalho. O certo, porém, é que nos enganamos, pois, não há maior segredo do que pôr mãos à obra, trabalhar fielmente no exercício do amor divino, se pretendemos a união com o Amado".*

II. Onde encontrar o caminho fácil?

A conclusão está, pois, neste conselho: *"Caminhai sempre, caminhai na via de vossa vocação, com simplicidade; aplicai-vos mais em trabalhar, do que em desejar; este é o caminho mais curto"* – cf. ***Prática sobre a modéstia.***

Muitas almas se têm enganado, a este respeito. Sonhavam obter a santidade em algumas semanas, às vezes mesmo em alguns dias. Pensavam tomá-la de assalto. E, vendo-se desenganadas, desanimaram.

Entretanto, aquele impulso era tão sincero, tão ardente, tão forte! Sim, mas se arremessavam no vácuo, *"aerem verberantes",* como diz São Paulo: *"agitavam-se no ar!".*

Lembra-te, alma desanimada, que a santidade não se adquire senão por graus; que a vida espiritual é o resultado do cres-

cimento, e todo crescimento não se faz senão organicamente. Primeiro a planta; em seguida a flor; e o fruto, somente no fim... E tu queres fazer amadurecer o fruto antes mesmo que a planta tenha criado raízes?... Assim procedendo, não será para admirar se a pobre planta imaginária murchar e se esse sonho se desvanecer como o vento...

* * *

Diante de tudo isso, em que sentido a Santa Escravidão é um caminho curto e fácil, como repete a cada instante no Tratado da Verdadeira Devoção?

Realmente, a Santa Escravidão é uma via curta, porque, com a Santíssima Virgem, não nos desviamos nunca. E depois, porque, com Ela, andamos com mais alegria e felicidade, e, por isso mesmo, com mais prontidão; com Ela ninguém cai, ou, se cair, depressa se há de levantar.

Essas três razões são citadas por Montfort.

Pode-se acrescentar ainda que, sendo Maria Santíssima a medianeira entre Jesus e nós, sua intervenção abrevia a distância que nos separa dele.

Maria, com efeito, aproxima-nos de Jesus Cristo. *“Não há lugar em que a criatura possa encontrar Deus mais próximo de si e mais proporcionado à sua fraqueza, do que em Maria”.*

Procurais Jesus? Não O procureis em lugar diferente dos braços de sua doce Mãe. É aí o seu trono. Foi aí que os Pastores e os Magos o encontraram. É aí que nós o encontramos também.

Jesus está longe de nós por seus estados, disse acertadamente Monsenhor Gay; mas está tão perto de nós por seus mistérios. Ora, ninguém ignora de que é todos os mistérios do Filho de Deus; é, pois, nela e por Ela que Deus está próximo de nós e que nós estamos próximos d’Ele.

III. O caminho fácil

Outra coisa ainda que encurta a via da Santa Escravidão é a ação de Maria afastando todos empecilhos.

Os obstáculos são o que mais nos detém no caminho da per-

feição.

Obstáculos provenientes de nossos defeitos, de nossas fraquezas, de nossas imprudências, de nossas afeições, etc.

Podemos pois concluir: *"Com o apoio, a ajuda e com a direção de Maria, sem cair ou recuar, e sem mesmo atrasar, avançaremos a passos de gigante para Jesus Cristo, no mesmo caminho por que Ele veio até nós".*

Em segundo lugar, a *Santa Escravidão é uma via fácil.* Hoje, todos temem o que é penoso; todos têm horror ao que exige trabalho. Pois bem, eis um meio fácil e curto, para chegar à perfeição.

É ainda Montfort que disso nos dá a certeza. *"Pode-se chegar à união com Deus por outros caminhos, porém muitas serão as cruzes e as mortes singulares; muitas serão as dificuldades, que não venceremos senão com ingente esforço. Pela via de Maria Santíssima, ao contrário, trabalharemos pouco, e ganharemos muito. Nesse caminho de Maria, anda-se mais docemente, mais tranqüilamente".*

Quais são as razões dessa felicidade?

Primeiramente, é porque esta devoção aplica, de modo admirável, à vida sobrenatural o método da *educação materna.* Nós nos abandonamos a Maria, para que Ela nos forme na vida de Jesus Cristo.

Ora, de todos os métodos pedagógicos, de todos os sistemas de educação, o maternal é, seguramente, o mais fácil, e isto porque, inspirada no amor, a mãe usa meios proporcionados às necessidades do filho, e toma, para si a maior parte do trabalho – cf. A. Lhomeau – Op. cit.327. Mais adiante, quando falarmos nos graus da Santa Escravidão, voltaremos a tocar no assunto.

Uma segunda razão da facilidade desta via se adia na *abundância* das comunicações do Espírito Santo. *"É um caminho fácil, por causa da plenitude da graça e da unção do Espírito Santo que o enche".* E ainda: *"Eles* – os devotos de Nossa Senhora – *têm tanta facilidade em sustentar o jugo de Jesus Cristo, que quase não sentem o seu peso, por causa do óleo da devoção de que Maria os impregna".*

Só quem sabe por experiência pode fazer uma idéia da consolação, da alegria interior, dos impulsos piedosos, que se encontram nessa prática. Não pesam as cruzes que se encontram; carregam-se sob o impulso de um entusiasmo misterioso. Ora, ninguém ignora de que é capaz uma alma entusiasmada! Dir-se-ia, segundo a expressão pitoresca do Santo Cura d'Ars, que apertar espinhos entre os dedos é um bálsamo delicioso!

IV. Simplicidade

Uma terceira facilidade provém ainda da *simplicidade* do método da Santa Escravidão. Outros sistemas são mais complicados e, por conseguinte, mais trabalhosos.

É bom analisar o mecanismo da vida espiritual; para quantos, porém, essa análise se assemelha a uma tática complicada, de que eles pouco compreendem.

A Santa Escravidão, pelo contrário, não tem senão um método comum a todos os atos e a todos os estados: *"É fazer tudo por Maria, com Maria, em Maria e para Maria.".*

Esta simplicidade de ação é admiravelmente expressa pela comparação que fazemos de Maria a um molde. É sempre o mesmo método, seja qual for o objetivo a moldar e a forma a dar-lhe, contanto, *que a matéria seja bem maleável e líquida.* Quer dizer que alcançaremos nossa meta, desde que nos abandonemos à direção de Maria Santíssima, e aceitemos, como de sua mão, tudo o que nos acontecer.

Evitemos, entretanto, crer que esse caminho é fácil no sentido de que nele não encontramos nem lutas, nem dificuldades; é fácil, sim, mas no sentido de que Maria nos ajudará mais eficazmente a levar a *cruz* e a vencer toda e qualquer dificuldade. Neste sentido é que o caminho da Santa Escravidão é realmente um caminho *curto* e *fácil.*

Possamos nós aproveitar das suas vantagens, e chegar, com o auxílio da Santíssima Virgem, ao cume da santidade!

Quem não quererá tomar um caminho que se lhe apresenta sob aparências tão doces e atraentes?

CAPÍTULO XXI

O CAMINHO PERFEITO E SEGURO

A Santa Escravidão é ainda o caminho *perfeito* e *seguro* para chegarmos à união com Nosso Senhor.

Examinemos estas duas qualidades, citadas por Montfort, e longamente desenvolvidas em seu livro (Tratado da Verdadeira Devoção).

Esta devoção é um caminho perfeito, sobretudo por *duas razões:* **1.º** porque, sendo Maria uma criatura muito perfeita, temos nela um *meio perfeito* de união a Jesus Cristo; **2.º** porque a maneira do se unir a Ela, por essa devoção, é igualmente perfeita.

I. O molde de Deus

Para a primeira asserção devemos provar duas coisas: que Maria é, verdadeiramente, um meio perfeito, e que este meio está perfeitamente disposto de modo a atingir o *fim* que nos propomos.

Para mostrar que a Virgem sem mácula é um *meio perfeito* de unir a criatura ao Criador, e vice-versa, é suficiente dizer que foi por Ela que Jesus Cristo veio a nós. Ora, tomaria o divino Salvador um caminho imperfeito e indigno? Quem ousaria pensá-lo?

"Maria é o grande molde de Deus, feito pelo Espírito Santo, para formar ao natural um Deus-Homem, pela união hipostática, e para formar um Homem-Deus, pela graça", – disse o autor de o ***"Segredo de Maria"***.

E não falta a tal Molde nenhum traço da Divindade.

Quantos forem nele plasmados, receberão todos os traços do verdadeiro Deus, de uma maneira suave e proporcionada à fraqueza humana; sem receio de ilusão, porque o demônio não teve, nem terá jamais, acesso em Maria: e, enfim, de um modo santo e imaculado, sem sombra de pecado. *Maria é, pois, um meio verdadeiramente perfeito,* e, na verdade, o mais perfeito,

já que formada pelo próprio Deus para servir de traço de união entre a divindade e a humanidade.

E será esse meio apto, para atingirmos o fim que nos propomos?

Nenhuma dúvida é possível. *"O Altíssimo* – disse ainda Montfort – *desceu perfeita e divinamente até nós pela humilde Maria, sem nada perder de sua divindade e de sua santidade é, pois, por Maria que os humildes devem subir, perfeita e divinamente até o Altíssimo, sem nada temer.*

O incompreensível deixou-se compreender e conter perfeitamente pela pequenez de Maria, sem nada perder de sua imensidade; é assim que nos devemos deixar levar e conduzir, perfeitamente, sem nenhuma reserva, por Maria.

Enfim, Aquele que é quis vir ao que não é, para fazer que aquele que não é se torne Aquele que é; e Ele o fez perfeitamente, dando-se e submetendo-se inteiramente à jovem Virgem, sem deixar de ser, no tempo, Aquele que é desde toda a eternidade. Da mesma Forma, é por Maria que, embora nada sejamos podemos tornar-nos semelhantes a Deus pela graça e pela glória, dando-nos a Ela tão perfeita e inteiramente que não sejamos nada em nós mesmos mas tudo por Ela, sem receio de nos enganarmos" (Tratado da Verdadeira Devoção).

A Virgem Maria é, portanto, nosso grande *meio de união* com Jesus Cristo; meio entre todos o mais eficaz, o mais apto para atingir nosso fim, pois que escolhido pelo próprio Filho de Deus.

II. A vida de amor

Dizíamos, em segundo lugar, que Maria é um caminho perfeito, porque a maneira de se unir a Ela, por essa devoção, é igualmente perfeita.

Realmente nenhum caminho para atingir o Filho seria melhor que o caminho maternal.

O ato de confiança na Santíssima Virgem é um ato de amor perfeito. E a repetição desse ato produz, necessariamente, o hábito, que conduz a alma a um estado de vida e amor.

Tudo fazer para Maria Santíssima é transformar as ações em atos de amor. *"Que outro motivo, a não ser o de um amor mais que habitual,* – pergunta o P. Lhoumeau – *poderá levar-nos a uma*

doação completa, absoluta, como a de nossa perfeita Consagração?".

É, ou não, perfeito o amor que procura mais o bem do Amado que sua própria satisfação?

Mais. A vida espiritual, consiste, principalmente, na *caridade.* Crescer nesta é aperfeiçoar-se naquela. Ora, é isso que pretende realizar este método, fazendo-nos agir habitualmente por um motivo de amor perfeito.

III. O Caminho seguro

Enfim, – o que é, sem dúvida, o mais animador – a Santa Escravidão é um caminho seguro.

Ora, não há maior vantagem do que a certeza de caminharmos com segurança nas sendas por vezes difíceis da santidade. Não está o nosso grande tormento justamente na ignorância de estarmos, ou não, no bom caminho, se os esforços que fazemos para extirpar defeitos e adquirir virtudes tendem, ou não, para o fim que temos em vista?

Pois bem, fiéis escravos de Maria, tranqüilizai-vos! Afeiçoando-vos à Virgem sem mácula, vivendo a seu lado, abandonando-vos completamente a Ela, ficai certos, absolutamente certos, de estar no bom caminho!

Montfort em diversos lugares do seu livro diz*: "É próprio da Santíssima Virgem conduzir-nos seguramente a Jesus Cristo, assim como é próprio de Jesus Cristo conduzir-nos seguramente ao Pai Eterno",* diz ele.

E porque essa via é tão segura?

Porque em Maria não há nenhum embuste do demônio, nenhuma imperfeição, nenhum engano.

"Uma das causas por que tão poucas pessoas chegam à idade de Jesus Cristo, isto é, da perfeição, é porque seus corações não estão ainda bem modelados em Maria".

Que é preciso para estar seguro em um caminho?

Duas coisas:

Ter um guia prático e hábil, capaz de atingir o lugar que se deseja e estar armado contra os inimigos que apareçam.

E haverá guia mais *prático* e mais *hábil* do que aquele que guiou Deus para Ele vir a este mundo, e cuja habilidade foi tal

que o próprio Filho de Deus lhe obedeceu cegamente?

Oh! Sim, a Divina Condutora, merece toda a nossa confiança!

Para atingir nosso fim, quem seria mais capaz de nos conduzir que Maria?

Esse fim não é Ela mesma, sem dúvida, mas está nela, pois o lugar, o trono de Jesus está no coração, nos braços de sua Mãe. Se fosse preciso ir buscar Jesus no céu, em sua glória, nós não o conseguiríamos. Inútil, portanto, subir tanto, buscá-lo tão longe. Ide a Maria, e não somente Ela vos mostrará, mas vos dará Jesus!

E as armas para a defesa? Em nosso caso, não serão necessárias. A Virgem é mais terrível do que um exército em ordem de batalha. Ela venceu o inferno, triunfou do mundo, desfez todas as heresias. Assim o proclama a Igreja.

Que temer, pois?

O inferno, o mundo, o erro nos procuram armar ciladas! A Santíssima Virgem estará ao nosso lado, para esmagar com o seu calcanhar a astúcia de uns, o orgulho de outros, e a perfídia de todos.

Oh! Vinde, divina condutora, vinde segurar-me pela mão e conduzir-me para a santidade! Convosco nada receio, estarei em perfeita segurança.

IV. O caminho por excelência

Maria é a via admirável, o caminho sem sombras e sem perigos que São Luís Maria Grignion de Montfort nos mostra na prática da Santa Escravidão.

Tínhamos necessidade de conhecer este caminho, para que lutássemos com mais confiança e sem receios.

Concluímos com o apóstolo de Maria:

*“Todo aquele que quiser adiantar-se na via da perfeição e encontrar, segura e perfeitamente a Jesus Cristo, que abrace com generosidade, – **“Corde magno et animo volente”**, – esta devoção à Santíssima Virgem, que tome este excelente caminho!”.*

“É o caminho curto, que em pouco tempo nos conduz a Jesus Cristo”.

“É o caminho fácil, por causa da plenitude da graça e da unção de que o Espírito Santo o enche”.

"É o caminho perfeito, onde não há a menor mancha do pecado".

"É, enfim, o caminho seguro, que nos conduz a Jesus Cristo e à vida eterna de uma maneira direta e certa, sem se desviar nem para a direita nem para a esquerda".

Tomemos, pois, queridas almas, esse caminho, e por ele andemos dia e noite, até à plenitude da idade de Jesus Cristo.

CAPÍTULO XXII

A PRÁTICA INTERIOR

Ao mostrar como Maria Santíssima purifica nossas ações, dissemos que é preciso distinguir na Santa Escravidão o ***ato*** de Consagração e o ***estado*** de Consagração. Este ponto é básico. Por isso, voltamos a ele novamente. Não é suficiente conhecer o caminho, é preciso saber como percorrê-lo.

Ouçamos, sobre este assunto, as judiciosas observações de Montfort.

“Não basta entregar-se uma vez a Jesus por Maria como escravo. Nem mesmo é suficiente fazê-lo todos os meses, todas as semanas. Pois, neste caso, teríamos uma devoção muito passageira, imprópria para elevar a alma à perfeição de que é capaz”.

Grande dificuldade é compreender o espírito desta devoção, cujo fim é tornar a alma *inteiramente dependente e escrava da Santíssima Virgem e, por Ela,de Jesus Cristo.*

Em outro lugar, o Bem-Aventurado diz ainda: *“Como o essencial desta devoção consiste na vida interior, que ela deve formar, não a poderão compreender todos. Somente alguns, em número reduzido, hão de compreendê-la”.*

I. Em que consiste a prática interior

A prática interior consiste em quatro coisas: *“fazer todas as ações por Maria, com Maria, em Maria e para Maria, a fim de fazê-las mais perfeitamente por Jesus, com Jesus e para Jesus”.*

Por Maria, *com* Maria, *em* Maria e *para* Maria – é o círculo que se fecha, é a ordem que se completa.

Com efeito, já que Deus vem a nós por Jesus, e Jesus nos é dado por Maria, em nossa volta a Deus, seguiremos o mesmo caminho que Ele. Passando por Maria, iremos até Cristo, e de

Cristo até Deus.

Alentemos para essas três palavras: *por, com, em* Maria. Não constituem três graus sucessivos na união com a Santíssima Virgem. Fazer as ações por Maria é para os principiantes; com Maria, para os adiantados; e em Maria, para os perfeitos. Estas palavras corresponderiam, assim, aos três graus clássicos da vida interior: a via purgativa, a via iluminativa e a via unitiva. Esse modo de ver não deixa de ser belo. Mas não é exato.

Trata-se aqui de uma prática proposta às almas para fazê-las *crescer em graça.* Quanto aos pecadores, como já dissemos anteriormente, o primeiro fruto que tem a lucrar com a Consagração a Maria é sair de seu infeliz estado, e substituir as cadeias do vício pelas cadeias do amor à Virgem Imaculada.

Para esses, pois, é possível falar em progressos. Essa fórmula: *por, com, em* Maria aplica-se, às almas justificadas, desejosas de crescer em graça.

Pois bem, para tais almas, estas três coisas são inseparáveis. São três aspectos, três fases, porém num só movimento de união. O ponto de partida é *por,* a continuação *com,* e a chegada *em.*

E estas três fases se encontram em todos os atos feitos pela alma justa em união com Nosso Senhor. A princípio, é uma união mais ou menos fraca. Aumenta à medida que a alma faz esforços para crescer na perfeição. Por fim ganha toda a intensidade e toda a extensão possível com a prática constante da virtude.

Por conseguinte, o termo de nossa vida de união com Maria é fixar nossa morada nela, é ficar nela. Então, necessariamente, havemos de fazer tudo por Ela e com Ela.

II. Explicação da fórmula

Expliquemos aqui, ligeiramente, o significado dessas expressões, e apliquemo-la à nossa vida.

Nesta aplicação seguiremos o método do Pe. Lhoumeau.

Fazer tudo "por" Maria:

É obedecer-lhe em todas as coisas, é conduzir-se por seu espírito, é proceder sob o impulso da graça que Ela nos comu-

nica. É, ainda, servir-nos d'Ela como de uma medianeira, para chegarmos a Jesus e nos unirmos a Ele. É fazer passar as nossas ofertas por suas mãos, apoiar-nos em sua intercessão, recorrer a seu auxílio, para melhor conhecer e amar a Jesus.

E pode-se dizer que fazer tudo por Maria é fazer tudo por Jesus Cristo?

Montfort já respondeu a esta pergunta: *"Fazer tudo por Maria,* – diz ele – *e obedecer-lhe em tudo, é conduzir-se por seu espírito. Ora, como o espírito de Maria não é senão o de Jesus, conduzir-se por Maria é, pois, conduzir-se por Jesus".*

Em outro lugar Montfort faz este raciocínio, que completa admiravelmente o nosso pensamento: *"Aqueles que são conduzidos pelo espírito de Deus tornam-se filhos de Deus; aqueles que são conduzidos pelo espírito de Maria tornam-se, pois, filhos de Maria, e, deste modo, filhos de Deus, pois que o espírito de Deus e de Maria é o mesmo".*

Tudo fazemos *por Jesus Cristo* considerando-o mediador principal, necessário, universal.

Tudo fazemos *por Maria* considerando-a medianeira subordinada e estabelecida pela livre vontade de Deus.

Deste modo, Maria Santíssima não suprime Jesus Cristo, quando por Ela vamos a Deus. Ela nos conduz primeiro a Ele, e por Ele a Deus.

Fazer tudo "com" Maria:

É imitar a criança. Quando a criança ainda não sabe andar, nem rezar, a mãe a convida, anima-a com um gesto, com uma palavra. E a criança faz tudo com a mãe, que lhe dá o exemplo e ela ajuda em sua fraqueza e inexperiência.

Do mesmo modo, fazer tudo *com* Maria é deixar que primeiro a Santíssima Virgem aja, e, em seguida, operar com Ela, sob sua direção e influência. É segurar sua mão, não se adiantar e nem retardar, mas, sim, estar de acordo com Ela, dizendo-lhe de vez em quando: *"Mostrai-me, ó doce Mãe, como devo proceder!".*

Tudo fazer *com* Maria é ficar calmo e resignado nas contrariedades. Maria não fazia assim? É esforçar-se para sorrir diante da palavra irônica ou má, que irrita, que ofende. É perseverar, ainda quando não tivemos êxito. É ir ao fim, apesar do aborrecimento que se sente às vezes. Em uma palavra, é acei-

tar tudo como vindo das mãos de Maria: as contrariedades, para nos formar; os sucessos, para nos animar.

O olhar de Maria deve sempre ensinar-nos a sobrenaturalizar toda a nossa vida.

Tudo fazer "em" Maria:

É a realização e aplicação a Maria da palavra de Nosso Senhor: *"Permanecei em mim e eu em vós".*

Não se trata aqui de uma *permanência real, substancial,* mas de uma *presença moral,* de uma presença de pensamento, dum laço moral que põe duas pessoas em relações mútuas e que, por assim dizer, faz passar os afetos de uma a outra.

Quando renunciamos a nosso modo de ver às nossas intenções e vontades, para nos identificar com Maria, então operamos e permanecemos nela, do mesmo modo que Ela opera e permanece em nós. Esta conformidade e esta união, nos transformam virtualmente nela.

Maria está, pois, *virtualmente* em nós, e, cooperando com a ação d'Ela, estamos *objetivamente* nela.

Note-se, entretanto, que Maria está em nós por sua ação – virtualmente – mas nós não estamos nela, e nela não agimos, senão enquanto dependemos de sua vontade e estamos sob a influência de seus atos. Isto prova o que dizíamos no começo: já desde o início da vida de união com Maria fazemos tudo ***por***, ***com***, e ***em*** Maria. Com efeito, o menor esforço de nossa parte para corresponder à graça que a doce Virgem nos obtém, faz-nos agir nela, já que a palavra EM exprime, sobretudo, a cooperação com a influência e a permanência de Maria em nossa ação.

Oh! Feliz, mil vezes feliz aquele que se aplicar constantemente em agradar a Maria, em corresponder à graça; este pode-se fixar sua morada nela como em uma torre inexpugnável, e tudo fazer *por* Ela e *com* Ela, para a maior glória de Deus!

Estreitamos cada vez mais os laços sagrados que nos unem à Mãe de Jesus, até o dia em que, rompendo-se o véu, possamos contemplá-la abertamente na glória celeste.

A glória, coroando a graça, há de eternizar aquilo que a graça realizou.

Tudo "para" Maria:

Enfim, devemos fazer tudo para Maria.

Esta expressão para Maria resume praticamente toda a fórmula *por, com* e *em. "Com isso,* – observa Montfort – *não quero dizer que se tome Maria como o fim último das obras, mas, sim, como fim próximo".*

De fato, só Deus é nosso fim último. E este fim está como que concretizado no Filho do Deus, *"propter quem omnia facta sunt",* como diz São Paulo na epístola aos Hebreus. E aproximando de nós este fim, São Bernardo associa a Jesus Cristo a Mãe Imaculada, e diz: *"Propter quam, post Christum, omnia; propter quam omnis creatura facta est"* – cf. Bernardus: ***Sermo 3 in Salve***. É para Ela, – depois de Cristo – que tudo foi feito, e para que toda criatura existe.

Podemos, pois, dizer que por causa de Jesus Cristo, Maria é, na religião o *fim mediato* e *subordinado* de tudo.

É para Ela que tudo se dirige, é em suas mãos que tudo se concentra, é por Ela que tudo passa antes de subir a Jesus Cristo.

Podemos, pois, tudo fazer para Maria, sem receio de erro. Devemos, mesmo fazê-lo, pois este foi o caminho ensinado por Jesus Cristo segundo o plano divino.

Valorosos soldados de Maria, lutemos, soframos, trabalhemos para Maria. E para que nossas ações sejam dignas desta celeste Senhora, trabalhemos por Ela, com Ela e nela. É o caminho curto, fácil, perfeito e seguro para chegarmos à santidade e alcançarmos a maior glória de Deus, termo de nossos esforços e combates.

CAPÍTULO XXIII

A PRÁTICA EXTERIOR

"Se bem que o essencial desta devoção consista no interior, – diz Montfort – *ela não deixa de apresentar várias práticas exteriores, que não se pode desprezar: 'Haec oportuit facere, et illa non omittere.' E isto, porque as práticas exteriores, quando bem feitas, ajudam as interiores, recordam ao homem, levado quase sempre pelos sentidos, – o que já fez e o que deve fazer. Além disso, porque servem muito à edificação do próximo, que se vê, – o que não acontece com as práticas puramente interiores"* (Tratado da Verdadeira Devoção).

Só o exterior não é suficiente; e só o interior também não basta. É preciso que os dois se unam.

I. O respeito humano

Encontramos ainda outra razão, que tem o seu valor, principalmente em nossos tempos de respeito humano.

"Que nenhum mundano critique e diga que a Verdadeira Devoção está no coração;

Que é preciso evitar tudo o que é exterioridade;

Que é preciso esconder cada um as suas devoções, etc.; etc.; respondo-lhes com meu mestre: – Que os homens vejam vossas boas obras, e glorifiquem assim, nosso Pai que está nos céus." (Tratado da Verdadeira Devoção).

Disse São Gregório: *"Ninguém deve fazer suas ações e devoções exteriores para agradar aos homens e receber louvores. Seria vaidade. Mas, praticá-las, às vezes, diante dos homens, com intenção de ser agradável a Deus e glorificá-lo por este meio, sem ligar importância ao desprezo ou aos louvores dos homens, é ato de virtude"* – cf. ***Sermo***, pág. 192.

Não há quem não compreenda o sentido dessas palavras. Os maus fazem propaganda de suas idéias; longe de se escon-

derem, ostentam suas opiniões e obras malsãs.

Dizemos que o mundo se torna pagão. Sem ir tão longe, não poderemos ao menos dizer que este está tomando as aparências de um novo paganismo? Muito em breve, ser crente, ser piedoso há de ser vergonha; e será uma honra ser libertino, calcar aos pés toda lei, toda autoridade, divina ou humana.

Onde está o mal?

Está, sem dúvida, na falta de dignidade nos maus, numa espécie de ousadia cega, que os impulsiona. Mas estará somente nisto?

Nós, cristãos sinceros e convictos, não estaremos mais ou menos em conivência com os erros dos nossos dias?... Querendo evitar um sorriso zombeteiro, uma palavra maliciosa, não ousamos mostrar nossas crenças! Escondemo-nos. Exteriormente, muitas vezes, procuramos agir como os outros que não crêem.

Se alguém nos dissesse: *"Não amais a Maria, não a considerais como vossa Mãe"*, logo protestaríamos nosso amor filial para com Aquela que cognominamos Nossa Senhora sob tantos títulos.

Entretanto, quantas vezes nos falta a coragem de recitar o terço quando alguém nos repara! Ou de saudar uma imagem de Nossa Senhora, que por acaso encontramos! Ou de dizer alguma palavra de edificação a seu respeito! Quantas vezes temos medo de mostrar o escapulário ou a medalha!

II. Reação necessária

E vós, almas piedosas, profundamente piedosas, consagradas a Deus pelos laços sagrados da religião, respondei-me: receais beijar a imagem de Maria diante de alguém? Tendes vergonha de falar deste ato com vossos irmãos ou irmãs? Muitas vezes vos vêem aos pés da Virgem?

Se examinarmos bem, talvez verificaremos que nossas preces nem sempre correspondem a nossas crenças. Procedemos, não raro, contrariamente às nossas convicções.

Isto é o que se poderia chamar *escravidão do respeito humano.*

Respeito humano não é somente nos envergonharmos de nossa Fé. É também nos envergonharmos de nossas práticas, mesmo as mais insignificantes.

Temos um *corpo* e uma *alma.* E nós – corpo e alma – deve-

mos a Maria Santíssima um culto determinado.

Adotar a prática exterior é hipocrisia. Adotar só a interior é respeito humano. Nossas práticas devem, pois, abranger o interior e o exterior.

Isto é tanto verdade para o culto, quanto para as práticas da Santa Escravidão.

Algumas vezes, almas generosas, ardentes e dedicadas, que aspiram a progredir custe o que custar, queixam-se do pouco progresso.

Pode haver nisto humildade, que se desconhece. Quase sempre, porém, é verdade. E por que não progridem? Porque se contentam somente com o interior. O corpo e a alma, o exterior e o interior dessas almas não caminham igualmente.

Montfort, de vista perspicaz, e sobretudo de grande experiência, viu esse perigo; e por isso não se descuidou de determinar práticas exteriores à Santa Escravidão: devem elas seguir o mesmo passo que as práticas interiores.

Montfort, é, antes de tudo um santo prático. Não se contenta com virtudes especulativas. Quer atos, lutas, vitórias. E eis porque se encontra em seus escritos essa mistura encantadora e verdadeiramente evangélica de doçura e de austeridade, de amor à oração e à penitência, de desejo de solidão e de ação. É o santo que anda com a cabeça e o coração no céu, e os pés nos espinhos.

As práticas interiores da Santa Escravidão exigem as exteriores. Quais são elas? Indiquemo-las brevemente seguindo a doutrina que São Luís Maria Grignion de Montfort expõe em suas obras.

III. Algumas práticas

PRIMEIRA PRÁTICA:

A primeira prática é a recitação da coroa da Santíssima Virgem, composta de três Pai-Nossos e de doze Ave-Marias, em honra dos privilégios e grandezas de Maria – Eis como se diz a coroinha de Nossa Senhora: ***“Concedei-me a graça de louvar-nos, ó Virgem Santíssima. Dai-me a força para vencer os vossos inimigos”***. Reza-se depois o “***Creio em Deus Pai”***. Seguido

de um Pai-Nosso e quatro Ave-Marias; assim por três vezes. Termina-se pela oração seguinte: ***"À Vossa proteção recorremos, ó Santa Mãe de Deus! Em nossas necessidades, não desprezeis as nossas súplicas mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó virgem gloriosa e bendita! Assim seja"***.

Pode ela, contudo, ser substituída pela recitação do terço ou pela coroa de Nossa Senhora das Dores.

SEGUNDA PRÁTICA:

É muito louvável, – disse Montfort – muito glorioso, e muito útil àqueles e àquelas que se fizeram escravos de Jesus Cristo em Maria, adotar, como sinal de sua escravidão amorosa, as correntinhas bentas de ferro – as correntinhas são feitas de fios de ferro galvanizado, de tal modo que cada elo termine por duas pontas, curvadas para o lado do corpo. Podem-se unir muitos elos e fazer, assim, uma espécie de cilício de ferro, com pontas agudas. Chamamos a atenção para o capítulo XXIII, item III.

"Esses sinais exteriores, – diz o santo missionário – *não são essenciais. Entretanto não posso deixar de louvar aqueles e aquelas que, depois de terem rompido as correntes vergonhosas do demônio, se imponham, voluntariamente, na gloriosa escravidão de Jesus Cristo, correntes mil vezes mais gloriosas e mais preciosas,* – ainda que de ferro e sem brilho – *do que todos os colares de ouro dos imperadores...".*

Talvez no dia da ressurreição dos mortos essas correntes, que ainda lhes estarão ligadas aos ossos, façam parte de sua glória, e sejam transformadas em correntes de luz e de glória.

Felizes, mil vezes felizes, os escravos de Jesus Cristo em Maria, que trouxerem suas correntes até o túmulo! (Tratado da Verdadeira Devoção).

IV. As correntinhas

Montfort indica, a seguir, a razão porque se devem trazer essas correntinhas. É para que nos lembrem os votos e as promessas do nosso Batismo e para mostrar que não nos envergonhamos da servidão de Jesus Cristo. Ainda nos servirão para

nos preservar das cadeias do pecado e do demônio.

Segue-se uma exortação patética, tirada quase toda das Sagradas Escrituras, para nos fazer amar essas correntes da escravidão. *"Ah! Meu querido irmão!* – Exclama ele – *rompamos as correntes do pecado e dos pecadores, do mundo e dos mundanos! Ponhamos nossos pés nas gloriosas algemas de nossa Mãe e em nosso pescoço os seus colares. Submetamos nossos ombros, e não aborreçamos de suas correntes, pois são correntes de salvação:* ***Vincula illius alligatura salutaris".***

E em que parte do corpo deverão os escravos trazer essas correntes?

Responde o Santo:

"Esses escravos amantes de Jesus Cristo e a Ele acorrentados, podem trazer as correntes, ou em seu pescoço, ou em seus braços, ou em torno da cintura, ou nos pés".

Vê-se pelas passagens citadas, a importância que Montfort ligava a esses sinais exteriores da Santa Escravidão. Como ele mesmo disse, essas **práticas exteriores não são essenciais** – fazemos questão de grifar – à Santa Escravidão; caso contrário, as pessoas doentes, ou de uma saúde delicada, não poderiam nela se alistar. Entretanto, elas são indispensáveis, necessárias, como a casca duma árvore é necessária ao crescimento desta, sem constituir a essência – Note-se, no entanto, que esta penitência não deve ser praticada senão com o consentimento de prudente confessor, que julgará, de caso para caso, a sua convivência.

Montfort não assinala, em particular, senão essas duas práticas.

Aconselha, em seguida, uma grande devoção ao mistério da Encarnação; exorta à devoção da Ave-Maria e do Magnificat, e termina recomendando que se fuja e odeie o mundo corrompido.

Piedosos escravos de Maria, façamos nossas todas essas práticas, tanto exteriores como interiores, e, apoiados assim nos braços da doce Rainha dos corações, andemos de virtude em virtude, até o dia em que transformados nesse molde divino, que é a Mãe de Jesus, possamos dizer com toda a verdade: *"Não sou eu que vivo, e sim Maria! E por Ela, com Ela, e nela é que Jesus vive em mim!".* ***"Vivo non ego: vivit vero in me Christus".***

CAPÍTULO XXIV

OS GRAUS DA SANTA ESCRAVIDÃO

A Santa Escravidão é uma via, um caminho. Ora, em todas as vias há pontos de parada e ascensões mais ou menos altas...

Foi que fez dizer da Verdadeira Devoção *"que muitos se empenham nessa via, mas que, relativamente, poucos atingem o cimo"*.

"Como o essencial dessa devoção consiste no interior, que deve ser o seu fundamento, não é compreendida por todos. Alguns ficam na parte exterior e não passam além; é o que acontece à maioria. Outros, em pequeno número, penetram-lhe no interior, mas subirão apenas um grau.

Quem subirá ao *segundo?*

Quem chegará até ao *terceiro?*

Enfim, quem estará aí por *estado?*

Será quem receber este segredo do espírito de Jesus Cristo, que conduzirá a alma fiel, para que ela se adiante de virtude em virtude, de graça em graça, de luz em luz, até conseguir a transformação de si mesma em Jesus Cristo, – sua perfeição aqui na terra e sua glória no céu" (Tratado da Verdadeira Devoção, cap. III).

I. Os quatro graus

Há diversos graus na Santa Escravidão. É natural; pois, como já dissemos muitas vezes, consistindo essa devoção na dependência total da Santíssima Virgem, compreende-se que tal dependência pode ser mais ou menos completa, segundo a generosidade do escravo.

Pela mesma razão que na virtude da obediência há graus, assim nossa dependência de Maria Santíssima, pode passar por diversos graus, conforme contentarmos em cumprir simplesmente nosso dever, ou submetermos nosso juízo e vontade à

Nossa Senhora.

Entretanto, esse não foi o modo de ver de São Luís Maria Grignion de Montfort, que adotou uma outra gradação. Ei-la:

Primeiro grau: Simples Consagração.

Segundo grau: Tomar a Maria por modelo.

Terceiro grau: Vida de intimidade com Maria.

Quarto grau: O hábito de viver perto de Maria.

Estudemos estes quatro graus, para ver sua gradação lógica, o espírito que os anima, e o meio para progredirmos rapidamente.

II. O primeiro grau

O *primeiro grau* consiste em nos entregarmos a Maria Santíssima como escravos, abandonando-lhe a parte satisfatória e impetratória de nossas boas ações passadas, presentes e futuras, – para que Ela as aplique ao que puder dar maior glória a Deus.

Aí está também a razão dos outros três graus – cf. ***Segredo de Maria***.

Todos os fiéis se podem colocar, assim, sob a inteira dependência da Rainha dos corações, abandonar-lhe seus bens, não trabalhar mais, senão para Ela, em seu proveito para sua glória como *fim próximo,* e para a glória de Deus, como *fim último.*

Por onde deverá começar quem deseja andar nessa via de perfeição?

Primeiro, antes de pronunciar a Consagração, deve preparar-se.

A idéia que deve dominar tudo, – que deve ser o ponto de partida de suas convicções, e base de seu progresso na piedade, – há de ser a de dependência e de *união* que existe entre a mãe e o filho.

A primeira verdade da qual deve compenetrar-se todo aspirante a escravo de Nossa Senhora é a da maternidade divina da Santíssima Virgem. – *"Maria de qua natus est Jesus".* Maria, Mãe de Deus, é também nossa mãe...

Quais são as relações entre a mãe e o filho?

São: relações de *dependência,* de *confiança ilimitada,* do

abandono mais completo; numa palavra de verdade escravidão de amor.

O filho ama a sua mãe, confia nela, e não tem outro querer senão o dela. E a mãe sente-se feliz com essa confiança. Em retribuição, vela por ele, não lhe deixa faltar nada, pensa e prevê por ele.

Ora, se a mãe procede assim para com o filho, poderá Maria Santíssima, que é mais do que aquela que nos deu a vida, proceder de outro modo?

III. Doação completa

E como nos mostrar reconhecidos por todos esses benefícios senão por uma dependência total, por uma *doação completa,* feita a Maria, de todo o nosso ser, de todos os nossos méritos e boas obras?

É pouco ainda, não há dúvida; porém, do mesmo modo que a mãe se sente feliz pelo prazer que lhe dá o filho com os seus pequenos presentes e brinquedos, nos quais ela vê não o objeto dado, mas o coração que dá, assim Maria se regozija ao ver que nosso amor nos leva a abandonar-lhe tudo, a lhe entregar tudo, e a submeter-nos inteiramente à sua direção maternal.

Mas depender assim de alguém é ser mais ou menos seu escravo, pois ESCRAVO é que está sob a dependência total de outro.

A Santa Escravidão não é um jugo pesado, vergonhoso, deprimente, como se poderia pensar. É, pelo contrário, um título de honra. Maria disse que era escrava do Senhor – *"Ancilla Domini".* Ora, nada mais honroso que participar do título de que se gloria a Mãe de Deus.

Unamo-nos, pois, a Ela, proclamando-nos *"escravos do Senhor"*, para que Deus nos aplique os títulos que a Ela aplicou: *Amiga, Amada, Toda bela.*

Humilhemo-nos o mais profundamente possível, para ouvirmos aquela palavra de Nosso Senhor: *"Amice... ascende superius!"* – "Amigo... sobe mais para cima!". E então seremos glorificados diante de todos.

Sem dúvida não é a exaltação o que devemos procurar humilhando-nos pela Santa Escravidão; é, sim, a humilhação, pois só ela nos convém e nos é devida. Mas também não devemos pôr de lado a exaltação, porquanto ela é o cumprimento do oráculo divino: *"Qui se humiliat, exaltabitur"* – "Quem se humilha será exaltado".

IV. O espírito desta doação

Tal é o espírito que deve animar nossa Consagração inicial; espírito resumido nas duas palavras: *ancilla e fiat* – Eu sou escravo – que seja feita vossa vontade! Sou vosso escravo; dou-me, pois, a vós, para que deis o meu ser a Jesus. E, feita essa Consagração, a minha existência tem de ser um *Fiat* contínuo de submissão e de aprovação.

Compenetremo-nos profundamente desses pensamentos, antes de fazer nossa *Consagração.* Formem, em torno de nosso coração uma atmosfera de humildade, de desprezo de nós mesmos, e de desejo de depender em tudo da vontade de Deus.

Se por infelicidade temos ainda o nosso coração apegado às futilidades do mundo, não hesitemos; façamos essa Consagração com o desejo de encontrar forças para levar uma vida melhor. E Maria, sensibilizada com esta prova de amor, nos ajudará a quebrar as cadeias que nos esmagam, para substituí-las por outras que nos dêem liberdade e nos façam vencedoras!

E vós, leitores piedosos, que amais a Deus, que amais a Maria, mas que deveis ainda crescer em amor, curvai os ombros a este jugo suave. Nos laços da Santa Escravidão achareis, ao mesmo tempo, o amor que se entrega e o ato que se executa, para reproduzir em vós, plenamente, a imagem do Salvador tão divinamente refletido na Virgem, sua Mãe.

CAPÍTULO XXV

SEGUNDO E TERCEIRO GRAUS

Feita a Consagração, começa a ascensão.

Propriamente falando, o primeiro grau nada mais é que adquirir as idéias que devem nortear as práticas da Santa Escravidão.

Uma vez adquirida a *"mentalidade mariana",* adotam-se os doces laços da Virgem, a alma põe-se a caminho.

É esta marcha que vamos considerar nos três graus seguintes.

I. Segundo grau

O *segundo grau* consiste em viver com Maria, em espírito de imolação.

Os que estão neste segundo grau, *"consideram Maria em suas orações, contemplações, ações e sofrimentos, como modelo aperfeiçoado de toda virtude e perfeição, para imitá-la cada um segundo suas forças".*

"Examinam e meditam as grandes virtudes que ela praticou durante a vida".

"Unem-se mais intimamente a Maria, conservam-se a seu lado, como uma criança junto da mãe, e se esforçam para lhe ser agradável, reproduzindo suas virtudes" (Tratado da Verdadeira Devoção).

Tal é o segundo grau. Vejamos como é que ele procede do primeiro grau, e o espírito que lhe é próprio.

Já vimos que a idéia dominante do primeiro grau, o sentimento que se tem a desenvolver e pôr como base de toda a Santa Escravidão, é o *amor de Maria Santíssima* para conosco e nossa *dependência dela.*

No segundo grau seguiremos ainda o mesmo método; isto é, continuaremos com o método de *infância,* que não somente é a base do primeiro grau, mas de toda a espiritualidade Monfortina.

II. A imitação

A criança, amada por sua mãe, sente a necessidade, inconsciente ainda, de corresponder-lhe, pois amor provoca amor e impele à semelhança. *É a imitação, que constitui o segundo grau.*

A criança contempla sua mãe e, para ser-lhe agradável, esforça-se por fazer tudo do mesmo modo que ela. Maria nos ama; devemos amá-la; e a melhor maneira de amá-la é reproduzirmos suas virtudes, é assemelhar-nos a Ela: *"Amor, aut pares invenit, aut facit".*

A Santíssima Virgem viveu sobre a terra; trabalhou, orou, sofreu. Fixemos nela nossos olhos e aprendamos com Ela a viver, trabalhar, orar, a sofrer. Que Ela esteja diante de nós, como o modelo diante do artista; copiemo-la, tenhamos seus sentimentos, transformemo-nos nela.

Oh! Que doce, que incomparável trabalho: *copiar Maria!*

Escravos que somos, sem dúvida, havemos de ficar sempre perto, bem perto d'Ela, para servir-lhe. Mas por que, também não observá-la? Ponhamo-nos às vezes no lugar do Menino Jesus em Belém. Não era Ele, um pouco, e até inteiramente mesmo, *escravo* de sua doce Mãe?

Ele tinha vindo para obedecer, e obedecia a Nossa Senhora. Ele tinha vindo para fazer a vontade do Pai celeste, e a expressão desta vontade era Maria!

Obedecer a alguém, servir a alguém, fazer em tudo a sua vontade, outra coisa não é que *escravidão de amor.*

Oh! Doce e divina criança, será possível que fostes o primeiro escravo de vossa Mãe?...

Sim, aí nasceu, daí deriva a Santa Escravidão. Ela vem de Jesus, vem de seu exemplo, de sua palavra: *"Vim para servir. Não para ser servido".*

Vindo ao mundo, Jesus entregou-se a sua doce Mãe: foi sua Consagração a Maria... Crescendo sob o calor do coração desta Mãe Santíssima, Ele, que não quis mostrar ao mundo senão gradualmente e na proporção de seu crescimento, os tesouros de graças e de luzes acumulados em sua alma, – Ele, que fazia como todas as crianças, observava sua Mãe e se modelava por Ela.

Foi Maria quem lhe ensinou as orações, quem cruzou suas mãozinhas, quem lhe ensinou a trabalhar, a sofrer, a perdoar, a

compadecer-se, a humilhar-se, a ser *tudo para todos.*

Maria era o modelo de todas as virtudes. E Jesus, pequeno ainda, cândido, sem experiência aparente, olhava, olhava sua mamãe, e se esforçava por imitá-la.

Eis o que temos a fazer neste segundo grau: observar Maria, viver sob seu olhar, perguntando-lhe amiúde: Doce Mãe, que devo fazer? Que eu seja, como vós, dócil, paciente, humilde, alegre, obediente, entregando-me, sem reserva, à vontade do Pai celeste!

Os dois primeiros graus convêm a todos fiéis. Todos, sem exceção, podem compreender a beleza dessa doutrina e conseguir, sem grande esforço, colocá-los em prática com mais ou menos perfeição.

Poucos, entretanto, saberão elevar-se mais alto. Os outros graus são apanágio de almas ardentes e generosas.

III. O terceiro grau

Este grau consiste em *renunciar-se* o escravo, inteiramente, a si mesmo e *entregar-se* a Maria Santíssima; em esconder-se em seu coração, para orar, trabalhar, sofrer, em sua companhia, em suas disposições e em suas intenções; de tal modo que não tenha mais vontade própria, mas em tudo consulte a Maria, para fazer o que lhe for mais agradável.

É este o estado que Montfort descreve com as seguintes palavras: “Por uma graça especial do Espírito Santo, eles – os escravos de Maria – podem entrar neste paraíso terrestre do novo Adão...” (Tratado da Verdadeira Devoção).

“Representam a Santíssima Virgem sob uma imagem espiritual”, – cf. ***Segredo de Maria*** – *“e fazem todas as ações sob sua total dependência”.*

Qual é o espírito que deve animar este terceiro grau? Sempre o mesmo: o abandono completo a Maria.

O segundo grau nos leva a tomar Maria como modelo e a colocar nela o nosso ideal. O terceiro grau vai além. Em vista da diferença que existe entre a cópia e o modelo, entre Maria e nós, este terceiro grau nos pede o desejo de fazer desaparecer em nós tudo o que é oposto às qualidades admiradas em nossa boa Mãe. É o fruto direto e mais belo do amor!

Com efeito, quando a gente ama, não admira somente; nem procura assemelhar-se apenas um pouco ao objeto amado; quan-

do a gente ama quer a semelhança completa, sem sombra!

Encontramos a felicidade em nós renunciando a nós mesmos para sermos agradáveis à pessoa amada. Sentimos que a maior prova de amor é, como disse Jesus, *“morrer por aqueles que amamos”.*

E morrer não é somente acabar com a vida do corpo. Há no homem outras mortes: morte do orgulho, da independência, da sensualidade, do amor às comodidades, do egoísmo. Da mesma forma que existe para o corpo, existem também mortes para cada um de nossos defeitos.

“Quotidie morior”, – dizia São Paulo.

Morro todos os dias; isto é, a cada instante, pela renúncia e sacrifício de mim mesmo, a vida inferior se enfraquece, para dar lugar a vida sobrenatural. O homem velho se vai, e cai aos pedaços; e sobre suas ruínas coloco o homem novo, o homem de Deus!

Quem se esforça por morrer, deste modo, em si mesmo; quem sabe renunciar-se, para *orar, trabalhar e sofrer* em companhia e nas disposições da Santíssima Virgem chegou ao terceiro grau.

Em tudo o que faz consulta a Maria; e encontra a felicidade em renunciar-se para lhe ser mais amável.

IV. Sob o olhar de Maria

O fiel escravo que subiu ao terceiro grau faz de Maria uma imagem espiritual, que tem constantemente presente nos momentos de oração e de ação; e, seja orando, seja trabalhando, tudo faz sob o olhar de sua terna Senhora.

Maria não está presente somente no começo de cada ação, mas em tudo o que faz. Antes, Maria Santíssima era seu modelo; ele procurava reproduzir em sua própria vida os exemplos desta doce Mãe. Agora, ele sai de si mesmo; procura impregnar sua vida a de Maria; procura substituir sua existência pela existência da Mãe de Jesus.

Esta mudança é verdadeiramente a morte. Morte que dá a verdadeira vida! Oh! Que progresso maravilhoso fazem na vida da santidade aqueles que sabem renunciar a si mesmos e fazer todas as ações sob o olhar de Maria!...

O que caracteriza, pois esse terceiro grau é o *espírito de*

sacrifício, é a mortificação sob todas as formas, interior e exterior, é o amor à cruz, a humilhação.

As almas que tiverem a coragem de vencer esta dificuldade – pois muitos hão de estacionar aqui, – farão progressos imensos em pouco tempo. Identificar-se-ão com Maria. Não viverão mais. Será Maria quem viverá nelas.

E a vida de Maria é a vida de Jesus!

CAPÍTULO XXVI

O QUARTO GRAU

Chegamos ao cume... aos pés de Maria.

Pelo terceiro grau, já estávamos nestas alturas; mas aí não nos fixamos ainda. O quarto grau é que vai *fixar-nos.* De maneira que a única diferença entre o terceiro e o quarto grau é a de um ato para o *hábito adquirido.*

O hábito dá a facilidade de fazer atos. À medida, pois, que formos admirando Maria e formos renunciando a nós mesmos para fazê-la viver em nós, iremos adquirindo o hábito de assim proceder. E este hábito, tornar-se-á depois uma *segunda natureza.*

I. Uma segunda natureza

Em que consistirá esta segunda natureza?

– Em vivermos numa dependência completa e filial da Santíssima Virgem.

Esta segunda natureza substituirá a primeira, que consiste em buscarmos sempre a nós mesmos, procedendo em tudo segundo nossos gostos e caprichos do momento.

Como se vê, é transformação completa. É que a natureza – a palavra *"natureza"* é tomada aqui num sentido ascético que, graças a Deus, vai saindo do uso. A *"natureza"* – que se opõe à graça – é como *"mundo"* que se opõe a Cristo. Significa aqui o *"homem velho"*, as paixões desordenadas, a concupiscência, o mal em nós desencadeado pelo pecado de origem.

É bom notar que, hoje, no contexto histórico que vivemos, expressões como as do texto que se segue, poderão parecer pouco simpáticas. É linguagem de uma espiritualidade, de uma das muitas maneiras de viver o Cristianismo. Claro que não é só a natureza que procura a liberdade. Muito mais do que ela, a graça a procura e realiza. Num outro sentido, porém, no autên-

tico. Hoje frisaríamos isto. Haverá quem não goste do modo de exprimir-se do livro: é uma questão aberta – e a graça, são dois elementos essencialmente opostos. A natureza procura a *liberdade;* a graça não quer senão a *dependência.*

A natureza procura as *comodidades;* a graça não. A natureza quer *dominar, mandar* e *ser senhora;* a graça procura *ser submissa, obediente, escrava.* A divisa da natureza é muitas vezes, o grito de Satanás: – *não servirei!* A da graça é a palavra de Maria: *"Ecce ancilla Domini".* O primeiro brado encheu o inferno de condenados; o segundo povoou o céu de anjos o eleitos.

Oh! Sublime, inefável servidão do amor! Tuas correntes são um cetro, e teu rebaixamento um trono! De hoje em diante compreendo, ó meu Deus, estas palavras dos santos livros: *"Tibi servire regnare est"* – Servir-vos é verdadeiramente reinar.

Será preciso outros argumentos que abonem a prática da Santa Escravidão, e outros motivos que a façam querida acima das outras devoções, como sendo a mais *santa, mais augusta, mais eficaz,* numa palavra a que nos *torna mais semelhantes a Jesus Cristo?*

II. Essência do quarto grau

Mas examinemos bem de perto este quarto grau.

Ele é a estabilização do terceiro, grau, ou do hábito adquirido pela repetição dos atos deste, conforme a palavra de Montfort: *"Quem chegará ao terceiro grau? Enfim, quem estará, nele por estado?".*

Nos graus precedentes, o piedoso escravo tomou a Santíssima Virgem por ideal. Para modelar a vida nos exemplos deste incomparável modelo, renunciou-se e sacrificou-se. E esta renúncia e este sacrifício, a princípio *intervalados,* foram se tornando *habituais* com a repetição dos mesmos atos... E eis a escravidão perfeita de Jesus em Maria, ou o *hábito de viver sempre unido a Maria,* de fazer tudo sob a influência de Maria e em suas disposições.

Este hábito consiste em permanecer no interior de Maria, em fazer nela a nossa morada, em repousarmos e ficar aí, com segurança; consiste, enfim, em nos perdermos neste belo interior de Maria... em seu seio virginal!

Deste estado de união que Maria, que é o mais íntimo e o mais perfeito, e que é privilégio de poucos, o escravo de Maria Santíssima não sai nunca. Quer reze, quer trabalhe, quer sofra, e em Maria e em seu espírito. Mergulhado, abismado na Santíssima Virgem, abandona-se a Ela e nela se perde, como uma pedra lançada na profundeza do mar.

A alma atingiu o fim entrevisto pelo grande apóstolo de Maria. Participa das disposições e das intenções de sua Santíssima Senhora, *"da mesma forma que o corpo respira o ar".*

Maria é, verdadeiramente, sua Soberana, e tem sobre estas almas toda a autoridade, para submetê-las plenamente ao império de seu grande e único Jesus (Tratado da Verdadeira Devoção).

Oh! Feliz aquele que entra nesta vida! E mil vezes mais feliz aquele que sobe até o cume! Para ele, Maria será verdadeiramente tudo em todas as coisas. Ele viverá a vida de intimidade tão suavemente descrita pelo Pe. Giraud em seu ***"Tratado da vida de união"*** – Tratado cheio de piedade e de unção, que bem merece ser o manual de todas as almas desejosas de viver na intimidade da Santíssima Virgem.

III. Por onde começar

Mas como proceder quem deseja seriamente seguir nessa via e tornar-se santo custe o que custar, por meio da Santa Escravidão?

Primeiro é preciso que comece por ter uma *grande idéia,* uma *idéia verdadeira* a respeito da Santíssima Virgem. Para isso, que estude Maria: que a estude em suas relações com Deus e com os homens, que a considere, sobretudo, como Mãe de Deus, pois todas as suas grandezas resultam desta função sobre-humana.

Ninguém ama perfeitamente senão aquilo que conhece bem. E Maria não é bastante amada porque não é suficientemente conhecida.

Conhecer Maria – é, pois, o primeiro e grande dever de quem a Ela se consagra.

Adquirindo este conhecimento, compenetremo-nos profundamente do papel de *Medianeira* da Virgem Santíssima. Sua função é conduzir-nos a Nosso Senhor, é modelar-nos sobre seu

divino Filho. Para isso, devemos ser dóceis, e abandonar-nos completamente a todas as suas vontades. Quanto mais completo for este abandono, tanto mais a gloriosa Medianeira poderá exercer sobre nós o seu ministério.

Há alguém mais dependente, mais sujeito, do que o *escravo?* Filhos de Maria por adoção, façamo-nos, pois, seus escravos por amor. Ela nos adotou por filhos; é uma prova de amor. A esta prova é preciso uma correspondência, uma prova de nossa parte; qual deve ser? *A Santa Escravidão.*

IV. A ascensão

Apoiados nesta consoladora e fecunda doutrina, consagremo-nos a Santíssima Virgem. *É o primeiro grau.*

Tomemos Maria por modelo a imitar nas ocupações de cada dia. Será o *segundo grau.*

Aprendamos a renunciar a nós mesmos, a combater nosso egoísmo; a praticar sólidas virtudes: como a humildade, a obediência, a castidade, a mortificação, a conformidade com a vontade de Deus, etc. Tudo isto constitui o *terceiro grau.*

A virtude outra coisa não é que o hábito de sempre fazer tudo bem; hábito que se adquire da repetição dos mesmos atos. Esforcemo-nos, pois para viver *habitualmente* unidos a Maria, consultando em tudo sua vontade e seus desejos, habitualmente nela como num santuário. *É o quarto e último grau.*

A distinção entre estes diversos graus pode ajudar muito para se ter uma idéia da Santa Escravidão. É por eles que devemos subir, para não nos afastarmos desta nossa via segura e fácil.

Lembremo-nos de que muitos desanimaram por não ter seguido a sábia graduação, buscando atingir o cume logo nos primeiros dias.

Para os que amam o método clássico, pode-se dizer que o primeiro grau é como a introdução à Santa Escravidão; o segundo corresponde à *via purgativa;* o terceiro, a *via iluminativa;* e o quarto, a *via unitiva.*

Tomar Maria Santíssima por modelo é já começar a despojar-se do velho homem e colocar em seu lugar o homem moldado nos exemplos da Mãe de Jesus.

Unir-se a Maria em todas as ações, orações e sofrimen-

tos é esclarecer-se, é iluminar o coração e a inteligência ao clarão das virtudes da Mãe de Deus. Fixar morada em Maria é a vida unitiva por excelência que o Apóstolo de Maria cantava nestes versos:

“Je la porte ou milieu de moi,
Gravée avec traits de gloire,
Quoique dans l’obscur de la foi.”

“Bem dentro de mim
ela está gravada com traços de glória,
apesar da obscuridade da fé.”

Ó Maria, doce e incomparável Mãe, como nos pareceis grande lá nas alturas!... Mas, também, quão próxima estais de nós! Como as crianças vivem perto de sua mãe, assim podemos viver perto de vós, convosco, em vós! E esta vida tão encantadora, tão suave, é a vida de perfeição!

CAPÍTULO XXVII

A PERFEITA CONSAGRAÇÃO A MARIA

Conhecemos o caminho a percorrer e as ascensões diversas pelas quais chegaremos à união com a doce Rainha dos corações.

À exposição teórica é preciso juntar as aplicações práticas, o modo simples de entrar no caminho indicado por Montfort, e que ele denomina *perfeita Consagração.*

I. Em que consiste

Este nome exprime admiravelmente a realidade da Santa Escravidão. Não é uma simples Consagração, como as que se encontram geralmente nos livros religiosos; é uma *Consagração perfeita* porque alcança os últimos limites da doação, do abandono e da dependência. Daqui a razão das denominações: – *Segredo de Maria, Santa Escravidão* de Jesus em Maria, *Verdadeira Devoção* à Santíssima Virgem, – nomes freqüentemente usados por Montfort. Exprimem estes nomes a perfeita Consagração, quer em si, quer numa de suas conseqüências.

É um segredo, porque somente as almas escolhidas e generosas hão de compreender e praticar esta doutrina.

É uma *"escravidão"*, devido à completa dependência em que se coloca a alma assim consagrada.

É uma *"Verdadeira Devoção"*, porque, como já dissemos, é uma renovação dos votos do Batismo. Esta renovação nos obriga a amar e servir a Deus o mais perfeitamente possível.

Santo Tomás define como devoção: uma vontade pronta para aplicar-se às coisas de *Deus. "Sua essência é, pois, a prontidão da vontade no serviço divino".*

Pois bem, toda prontidão supõe generosidade, dependência e, num certo grau, o abandono. Dando a esta prontidão toda extensão possível e toda a generosidade que pudermos, ela *"se-*

ria uma Verdadeira Devoção".

Neste sentido, a palavra verdadeira torna-se sinônimo de perfeita. Donde *"perfeita Consagração"* – ou *"Verdadeira Devoção".* Montfort resume a, *"Verdadeira Devoção"* em duas práticas: uma exterior, que é a perfeita Consagração à Santíssima Virgem e outra, interior, que é a vida de união, ou de intimidade com Maria Santíssima.

Examinemos estes dois pensamentos, repetindo mesmo, se for preciso, umas idéias já expostas.

II. Seus fundamentos

A verdade fundamental da religião, o resumo de todos os deveres e de toda a santidade é o *domínio* supremo do Criador e a *dependência* absoluta da criatura. Somos *de Deus.* Pertencemos *a Deus.* Somos feitos *para Deus.*

Pertencemos ao mesmo tempo a Jesus Cristo. Pertencemoslhe por direito de criação. Tendo Ele nos criado com Deus, seu Pai, somos propriedade sua.

Pertencemos-lhe ainda, porque, tendo-nos resgatado, comprou-nos pelo preço infinito de seu sangue Redentor.

Pertencemos-lhe finalmente, porque fomos entregues a Ele pelo Santo Batismo, e muitas vezes temos renovado estas promessas.

Pertencemos-lhe por mil títulos diversos. Ele é nosso pai, esposo de nossas almas, fonte de toda santidade, única recompensa e glória, único amor que pode satisfazer nossos corações.

Pertencendo-lhe, portanto, é nosso dever entregar-nos a Ele, para, por meio d'Ele, pertencermos completa e voluntariamente a nosso Criador.

Mas pelo fato de sermos sujeitos ao Filho, também somos sujeitos à Mãe. Pertencemos à Santíssima Virgem visto Jesus e Maria serem inseparáveis.

Jesus e Maria, juntamente predestinados *"num só e mesmo decreto"*, como diz a *Bulla ineffabilis*, um é inseparável do outro, como Adão e Eva: *"Neque vir sine muliere, neque muliere sine viro".*

"Maria Santíssima é tão intimamente unida a Jesus, que seria mais fácil separar a luz do sol e o calor do fogo – digo mais: – *poder-se-ia separar todos os anjos e santos de Jesus Cristo. Não, entretanto, separá-lo de sua divina Mãe"* (Tratado da Verdadeira Devoção).

III. Realeza de Maria

Onde Jesus é *Rei,* Maria Santíssima é *Rainha.* Se Jesus é o Senhor – *Dominus,* Ela é a Senhora – *Domina.*

Sim, Ela é *Rainha,* porque, predestinada com Jesus, recebeu, com Ele, todas as nações por herança.

"É para vós, ó Virgem Imaculada, – diz Santo Isidoro de Tessalônica – *que o Senhor criou o céu. Para vós, a terra, o sol e o mar foram tirados do nada. Para vós foi feito quanto se apresenta aos nossos olhos".*

"Ela é Rainha – proclama Santo Atanásio – *porque a Mãe do Rei é necessariamente Rainha".*

"Maria Santíssima, por ser Mãe do Criador, é também a soberana de tudo o que existe", – ajunta São João Damasceno.

"Ela é a Rainha, porque, tendo-nos resgatado conjuntamente com Jesus, adquiriu sobre nós direitos absolutos".

"Do mesmo modo que Deus é o Senhor de toda criatura porque é o Criador – diz Santo Anselmo – *assim a Virgem Santa é a Soberana de todas as coisas porque, com Cristo, reparou tudo pelos seus merecimentos".*

Ela é Rainha, enfim, porque, – distribuidora de todas as graças, – recebeu a missão de formar Jesus Cristo nos eleitos.

"Ora, Ela não pode cumprir esta missão gloriosa sem ter direito e domínio sobre as almas, por uma graça singular do Altíssimo. Logo, tendo-lhe Deus outorgado poder sobre seu Filho único e natural, deu-lhe também poder sobre seus filhos adotivos" (Tratado da Verdadeira Devoção).

Daí a piedosa exclamação da Igreja:

"Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, Salve!".

Isto que a Igreja coloca diariamente nos lábios do povo cristão confirma os dizeres dos Santos Padres, e estabelece o caráter da realeza mariana – Recentemente, tivemos a alegria de ver proclamada oficialmente pela Igreja a Realeza de Maria. Sua festa foi marcada para o dia 31 de maio. Convidamos o leitor a ler a encíclica *"Ad coeli Reginae"* – tradução da Editora Vozes em que Pio XII fez esta proclamação – Nota dos editores.

IV. Qualidades da Realeza de Maria

A Santíssima Virgem é *Rainha,* porque é *Mãe.* Nunca, nem na mais absoluta autocracia, qualquer pessoa poderia pertencer tão absolutamente a um rei como o filhinho pertence à mãe. Da mãe depende o filho quanto ao alimento, ao vestuário, à existência, à vida.

Oh! Como é amável esse jugo, e delicioso esse encargo! A razão é que o império maternal se exerce por amor e em benefício da criancinha amada. E tal é a realeza da Virgem Santíssima.

Aos pés desta querida Mãe, lembremo-nos às vezes dos caracteres deste título de Rainha e de suas conseqüências para nós.

A realeza de Maria é tão *universal* quanto a de Deus.

"Tudo o que está sujeito à dominação divina, – declara São Bernardo – *está, igualmente, sujeito ao poder de Maria Santíssima".*

É uma realeza *absoluta.*

É uma realeza de *amor.* Devemos ser escravos de amor.

É uma realeza cujo fim é *estender* o Reino de Jesus Cristo. Devemos ser escravos da Mãe para o sermos do Filho, como falou Santo Ildelfonso.

É, enfim, uma realeza proclamada por Jesus Cristo do alto da cruz: *"Eis aqui a vossa Mãe!".*

Tal é a realeza de Maria, fundamento sólido, teológico, da perfeita Consagração.

Bem compreendido este fundamento, ficam de antemão repelidas todas as objeções que se possam formular.

CAPÍTULO XXVIII

PRÁTICA DA PERFEITA CONSAGRAÇÃO

Nesta perfeita Consagração há duas coisas a notar e a estudar:

1.ª O *ato* de Consagração, que se faz num dia marcado.

2.ª O estado da alma consagrada que deste ato resulta, e permanece sempre, a não ser que se retrate.

Antes de ligar-nos por uma *promessa solene,* é preciso pesar todas as suas conseqüências. Estudemos, portanto, minuciosamente, o que é a perfeita Consagração a Maria Santíssima.

Para isto vamos citar por partes a bela oração de Montfort. Nela está resumida a doação total que se faz à Virgem Santíssima.

I. Extensão da Santa Escravidão

Comecemos pela frase capital, que precisa toda a extensão e a realeza da Santa Escravidão. Meditemo-la aos pés nossa querida Mãe.

"Entrego-vos e consagro-vos, na qualidade de escravo, meu corpo e minha alma, meus bens interiores e exteriores, e até o valor de minhas boas obras presentes, passadas e futuras."

Devemos tudo a querida Mãe; tudo o que somos: o *corpo* com todos os sentidos, a *alma* com todas as faculdades; consagramos a seu serviço todas as forças, e aceitamos das mãos de Maria todas as provações, físicas e morais, que Ela nos queira dar.

Se tivermos o espírito da doação que fazemos pela Consagração, qual não será a modéstia, a pureza que irradiaremos em nossa vida! Nossa vida seria o eco da palavra da doce Mãe*: "Eis*

aqui a escrava do Senhor! Fiat!".

Damos o que possuímos; – bens exteriores. Deles constituímos Maria como Senhora. Fazemos uso desses bens sob dependência de Maria, conforme sua intenção, e para a maior glória de Deus!

Se conservarmos o espírito de nossa Consagração, qual não será o nosso desapego dos bens da terra e, por isso mesmo, a aspiração da alma aos bens do céu!

II. Os bens interiores

Bens interiores! – Sim, damos também os merecimentos! Nós os depomos todos nas mãos de Maria. Ela nos ajudará a aumentá-los e conservá-los.

Por nossa Consagração, Maria se torna Senhora de nossas boas obras! Quádrupla virtude delas: *de adoração, de ação de graças, de expiação e de súplica.* A doce Mãe, há de purificá-las, apresentá-las a Jesus, para que, por Ele, elas subam até Deus como um perfume suave, para adorá-lo, agradacer-lhe, consolar seu coração, e alcançar para nós as graças de que necessitamos.

Doamos, de modo particular, as *orações.* Que Maria as aplique conforme sua santa vontade.

Damos a Maria também as nossas *satisfações,* mesmo as missas que depois da morte forem oferecidas em nossa intenção. E, mais uma vez, que suprema felicidade despojar-nos de tudo pelo amor de Maria e depender inteiramente de sua solicitude maternal.

Não sejamos nem queiramos ser servos remunerados. Prestamos serviços não na esperança de recompensas terrestres. Servimos a Nossa Senhora por amor. Servimos-lhe porque ela é digna de toda a honra. Somos seus escravos para que, um dia, pela sua proteção, entraremos no céu, onde a louvaremos eternamente com Jesus.

III. Promessas do Batismo

Oh! Querida e doce Mãe, como é santificante esta Consagração! Por meio dela renovamos as promessas do Batismo: renunci-

amos ao demônio e nos entregamos para sempre a Jesus Cristo.

Por esta Consagração renovamos também as promessas de religião, e nos consagramos completamente a Jesus, que é o fim último de tudo.

Enfim, com tal devoção, atraímos sobre nós *todas as graças.*

Montfort enumera em seu livro áureo, estas graças. *"Maria Santíssima dá-se a seu escravo, ama-o e lhe proporciona tudo de que precisa. Defende-o, protege-o, e intercede por ele; e, assim, o dirige para* ***Deus*** *por um caminho fácil, curto e seguro".*

Tal o efeito da fórmula da perfeita Consagração de Montfort. Aproximando-a do *"Tratado da Verdadeira Devoção",* comparando o seu texto com a doutrina do Santo, os dois iluminam-se mutuamente, mostrando, em plena luz, a heroicidade das almas que deste modo se oferecem à Mãe de Deus.

IV. Preparação ao ato da Consagração

Ato de importância tal não deve ser feito sem reflexão, sem oração, e, muito menos, sem convicção. É por isso que São Luís Maria de Grignion de Montfort aconselha às almas desejosas de se consagrarem à Santíssima Virgem que se preparem seriamente.

Não será inútil citar aqui o seu método.

Em primeiro lugar, diz o santo, devemos empregar doze dias para despojar-nos do espírito do mundo. Depois, durante três semanas, procuraremos encher-nos do espírito de Jesus Cristo. E, depois, de termos renunciado ao demônio, devemos dizer: ***"Uno-me a Jesus Cristo para sempre".***

Na *primeira semana* deve-se pedir o conhecimento de si mesmo, a contrição dos pecados e a humildade.

A *segunda* tem por fim fazer-nos crescer no amor da Santíssima Virgem.

A *terceira* deve desenvolver em nós o conhecimento e o amor de Jesus Cristo.

Enfim, chegado o grande dia, recomenda Montfort a seus discípulos, devemos confessar-nos, e comungar na intenção de nos darmos a Jesus Cristo como escravos pelas mãos da Santíssima Virgem. Devemos recitar a fórmula da Consagração, e oferecer a Jesus, por Maria, uma oblação como sinal de nossa dependência: um jejum, uma esmola, etc. Todos os anos, cumpre-nos renovar esta Consagração solene. E como da primeira vez, bom será que façamos os mesmos exercícios.

CAPÍTULO XXIX

VIDA DE UNIÃO

Depois da convicção do supremo domínio de Deus, não há verdade mais fundamental que a necessidade imprescindível de união com Jesus Cristo.

Jesus é o *princípio* de nossa justificação, a fonte da vida sobrenatural, o exemplo de santidade, o *modelo* dos predestinados. *Ele é o caminho, a verdade, e a vida.* Nosso principal dever é, pois, imitá-lo. Devemos revestir-nos de suas virtudes. "*Induimini Dominum Jesum Christum".*

Ele é o tronco de que somos ramos. Ele é a cabeça; nós, os membros. Ele é a pedra angular, sobre que devemos ser edificados. *Ninguém vai ao Pai senão por Ele. Ele é o único mediador entre Deus e os homens.*

Para termos aqui na terra a vida da graça, e lá no céu a vida da glória, é preciso ficarmos unidos a Ele, como os ramos ao tronco, os membros à cabeça, os alicerces à pedra angular do edifício. É isto a essência mesma do Cristianismo.

Portanto, tudo se resume, em acharmos um meio fácil e perfeito, que nos una a Jesus Cristo e o faça reinar sobre nós.

Esse meio, diz Montfort, é a vida de união com Maria Santíssima, ou *a vida de intimidade.*

"Tal é a prática interior e essencial da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem...".

"Uns hão de parar no que ela tem de exterior; e será o maior número. Outros, em número, muito diminuto, entrarão no seu interior" (Tratado da Verdadeira Devoção).

I. Razões desta união

No *livro* ***"Segredo de Maria"***, o santo expõe as numerosas razões, que devem impelir-nos a prática desta vida de intimidade com Jesus e Maria.

"Foi Maria Santíssima que formou Jesus Cristo, a cabeça dos predestinados; portanto, a Ela compete formar os membros desta cabeça, os quais são os verdadeiros cristãos; mãe alguma forma a cabeça sem os membros, ou os membros sem a cabeça".

"A Santíssima Virgem é chamada por Santo Agostinho o molde vivo de Deus – *forma Dei.* – Pois nela somente se formou no natural um Deus-Homem, sem que lhe faltasse um único traço da Divindade. Também nela é que o homem pode ser formado em Deus, tanto quanto a natureza humana é capaz de se transformar pela graça de Jesus Cristo".

"Tendo o Espírito Santo desposado Maria Santíssima, e nela e por Ela produzido Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, nela e por Ela continua a produzir, diariamente, os predestinados. Isso de um modo misterioso, porém verdadeiro".

"Maria Santíssima é Mãe e distribuidora da graça. Quanto mais lhe formos unidos, tanto mais seremos cumulados de suas maternais bondades" (Idem).

Enfim, a Virgem Santa é a cópia perfeitíssima de Jesus. Melhor que São Paulo pode Ela dizer-nos: *"Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo.".*

Se a imitação de um santo imprime em nós a semelhança de Jesus Cristo, com maior razão há de a imitação da Mãe de Deus tornar-nos semelhantes a este divino Modelo.

"Felizes, pois, – conclui Montfort –*mil vezes felizes as almas, as quais o Espírito Santo revela o Segredo de Maria e lho faz conhecer".*

II. Prática desta vida

Montfort resume em quatro palavras esta vida de união.

"É preciso fazer todas as ações por Maria, com Maria, e para Maria, a fim de fazê-las mais perfeitamente por Jesus, com Jesus e para Jesus".

Explicamos minuciosamente o sentido e a extensão destas palavras em outro capítulo. Não é pois necessário voltar a este assunto, mas apenas lembrá-lo para melhor compreensão e conexão das práticas.

* * *

Querida e doce Mãe, – Desta parte ao fim do capítulo faz o autor uma bela oração à Mãe de Deus – Nota dos editores – quero contemplar-vos, antes de tudo, como meu *modelo* e como o espelho fiel, que reflete Jesus e a sua santidade! *"Speculum Justitiae".*

Hei de contemplar-vos em adoração ao pé do presépio ou do tabernáculo, na casa de São João ou conversando com as santas mulheres, ou, de pé, junto à cruz!

Oh! Como são sublimes os exemplos que me dais nestes lugares! *"Foi tal a vida de Maria* – diz Santo Ambrósio – *que para todos pode servir de regra de santidade. Admirai a humildade de seu coração, a prudência de suas ações, sua aplicação à leitura, seu ardor no trabalho, sua reserva nas conversações, seu zelo para agradar a Deus!"* – cf. ***De Vir.,*** Libr. 2.

Ó Virgem Santíssima, eu vos peço que me ajudeis a imitar-vos! Trabalhai em mim! Orai em mim! *"Mecum sit, mecum laboret"* – cf. ***Segredo***, IX. 10.

III. Escutar Maria

Quero escutar-vos, ó doce Virgem, como minha terna Mãe e Senhora a dizer-me: *"Meu filho, faze bem tudo o que Jesus te ensina!".* Ele tanto te recomendou a fé, a esperança, a divina caridade... Ele te disse: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração...". Escuta bem a teu bom Salvador! – *"Quaecumque dixerit vobis, facite...".* E a cada um de seus preceitos ou conselhos, repete comigo: *"Ecce ancilla Domini!... Fiat!".*

Ó Maria! Possa esta voz materna indicar-me sempre o caminho!... Amável Senhora, falai! *"Loquere, Domina, quia audit servus tuus".*

Depois, invocar-vos-ei como o Socorro dos Cristãos. – *"Auxilium Christianorum".* Bem sei, nada posso de mim mesmo; mas tudo posso com a graça, de que fostes estabelecida distribuidora.

Sempre que me achar em face de um dever a cumprir, de uma virtude a praticar, de uma tentação a vencer, de uma provação a suportar, pedir-vos-ei o auxílio eficaz. "Ó Mãe, vinde em meu auxílio, – direi com São Boaventura – apressai-vos em ajudar-me! *Domina, ad adjuvandum me festina!".*

Enfim, oferecer-vos-ei todas as minhas ações, como a meu *fim próximo.* “Tendo-me consagrado inteiramente ao vosso serviço, justo é que eu faça tudo para vós, como servo e como escravo”. Sem dúvida, Jesus Cristo é o meu fim último; sois vós, porém, o meu fim próximo, e o meio delicioso para chegar a meu Jesus!

IV. Tudo “para” Maria

Ó Mãe querida, tudo para vós, e nada para mim! Nada por sensualidade, por vaidade, por apego, por simples rotina, ou por vistas naturais!

Tudo para agradar-vos, a fim de agradar a Jesus! Tudo para alcançar o vosso amor e o amor de vosso divino Filho!

Para isso, antes de minhas ações, invocar-vos-ei e, assistido por vós, por vós farei tudo.

Pedirei que me guieis – *Doce Mãe, que quereis que eu faça?* E, dócil a vosso mandado, tudo farei convosco.

Sobretudo, imitarei os vossos exemplos; e, entrando em vossos pensamentos, viverei em vós.

Enfim, hei de oferecer-vos todas as minhas ações e *fazê-las para vós,* repetindo com São Luís Maria Grignion de Montfort: *Tudo a Jesus, por Maria! Tudo a Maria, por Jesus!*

E graças a vossa mediação materna, Jesus será todo meu, e eu todo de Jesus! Assim seja!

CONCLUSÃO
DA TERCEIRA PARTE

Já conhecemos o caminho a seguir e as etapas a percorrer para chegarmos ao cume da *perfeita devoção.*

Resumindo, pode-se dizer que a idéia fundamental, o ponto de partida, é ter da Santíssima Virgem um conhecimento verdadeiro, considerá-la como digna Mãe de Deus.

Apoiados no sólido conhecimento da dignidade da *Mãe de Deus* compreenderemos melhor as nossas relações com Ela. Estas relações devem ser as mesmas que existem entre mãe e filho; por conseguinte, de inteira dependência e, em certo sentido, *de verdadeira escravidão.*

Depois disto pode-se fazer a Consagração, tomando a Santíssima Virgem como modelo a imitar.

Para imitar a doce Virgem é necessário que renunciemos a nós mesmos; donde a prática das grandes virtudes cristãs. Mais uma vez lembremo-nos de que a virtude é o hábito de fazer o bem; e um hábito se adquire pela repetição dos mesmos atos.

A vida de união íntima com Maria Santíssima é o estado perfeito da Santa Escravidão; de maneira que ser perfeito escravo da Mãe de Jesus é pertencer-lhe completamente e viver sob seu olhar.

Possamos nós chegar a estas alturas! Feliz quem entra nesse caminho, e mil vezes mais feliz quem alcança tais alturas! Para ele, a Virgem Santa será tudo em todas as coisas, como já dissemos; há de ser para ele um *estado de vida,* desta vida de intimidade tão suavemente descrita pelos autores de vida espiritual.

"Esta amada de nossos corações – diz o Pe. Giraud – *não ocupa somente em determinados momentos e a intervalos o espírito, a alma de seus filhos. Não. Seu pensamento, sua lembrança enche tudo. Nada mais na vida se faz sem Ela. A Ela a alma se dirige em suas dúvidas; a seus pés amorosamente repousa, quando abatida pela tristeza; a Ela confia as mais insignificantes ocupações, quer as impostas pelo dever, quer as mandadas pela caridade; a Ela reza e invoca, e nela constantemente trans-*

borda a superabundância de seu coração... Maria sempre! Maria em toda a parte".

Eis, com certeza, a devoção por excelência, a devoção completa, que corresponde ao culto, à honra, ao amor que Maria merece, e que bem condiz com os misericordiosos desígnios que esta carinhosa Mãe tem sobre o mundo nos tempos atuais.

QUARTA
PARTE

A DOUTRINA DA IGREJA
E O EXEMPLO DOS SANTOS

CAPÍTULO XXX

A APROVAÇÃO DA IGREJA

A doutrina de Montfort, por um desígnio de Deus, tem um lado misterioso, ou, como diz o seu próprio autor, é um *segredo.*

E tal segredo não se *revela* completamente pela exposição doutrinal.

Convém salientar aqui dois pontos: o segredo de Montfort e a aprovação que a Igreja deu à doutrina da escravidão.

I. O Segredo

Montfort insiste sobre este ponto para precaver os leitores contra a vã presunção de ter compreendido este segredo de santidade depois de uma simples leitura do livro.

A prática, e só a prática, revela o segredo, como ele mesmo o indica.

Escutemos o santo:

– "*Alma predestinada,* – diz ele – *eis um segredo que o Altíssimo me ensinou, e que não encontrei em nenhum livro, antigo ou novo"* – cf. ***Segredo de Maria***.

– "*Meu amável Mestre, a devoção a esta boa Mãe é um segredo maravilhoso de encontrar-vos e amar-vos perfeitamente"* (Tratado da Verdadeira Devoção).

– "*Aqueles que abraçam este segredo da graça que lhes apresento, eu os comparo, com razão, a moldadores".*

– *"Do mesmo modo que há segredos na natureza, para fazer, com pouco trabalho e com facilidade, certas operações naturais, assim há segredos na ordem da graça, para fazer, depressa, com suavidade e facilidade, as operações sobrenaturais...".*

– *"A prática que quero descobrir é um destes segredos da graça, desconhecido de muitos cristãos, conhecido de poucos devotos, praticado e apreciado por um pequeno número".*

– “Eis o segredo que vos ensino; segredo desconhecido de muitos cristãos, até dos mais devotos...”.

E assim por diante. Em muitas passagens Montfort fala de segredos, coisas incríveis, verdades e deveres desconhecidos, degraus inacessíveis.

Será artifício de estilo? Ou modos de excitar a curiosidade?

Não. É uma convicção, uma realidade. O santo procedia e escrevia sob o impulso de uma idéia motora sobre a qual concentrava toda a atenção. Essa idéia era a ciência dos santos, que ele chamava *divina sabedoria.*

Tudo para ele parte de Jesus Cristo, Sabedoria eterna, e n’Ele tudo termina.

Ninguém – conforme seu modo de dizer – vai a Jesus Cristo sem renunciar a si mesmo e entregar-se a Maria como escravo, por um abandono total.

Esta doutrina, ele a desenvolve em seu *Tratado,* mostrando que a Santa Escravidão é um *meio* de alcançar a verdadeira sabedoria de Deus ou ciência dos santos.

O segredo de Montfort está, pois, em encontrar *Jesus por Maria,* em fazer da devoção a Virgem Santíssima um meio seguro de agradar a Deus pela prática das virtudes, e em particular da *humildade,* humildade de escravo.

II. Aprovação da Igreja

Mas será a Santa Escravidão uma doutrina certa, segura, aprovada pela Igreja?

É necessário responder a esta pergunta, pois o *segredo* parece, à primeira vista, em oposição com a doutrina da Igreja, que é sempre clara, precisa, ao alcance de todos.

Sim, tal doutrina é plenamente aprovada pela Igreja. E a sua prática é plenamente conforme ao espírito do Evangelho.

O Evangelho, como diz o Apóstolo, *é um escândalo para os judeus e uma loucura para os gentios; como a sabedoria deste mundo* – diz o mesmo Apóstolo – *é loucura perante Deus.*

Basta averiguar que o fim desta devoção é a humildade, a renúncia de nós mesmos e o espírito de sacrifício, para se dizer que é uma doutrina bem evangélica.

Deve-se desconfiar da doutrina que leva ao comodismo e afasta de Maria Santíssima; mas podemos absolutamente confiar no ensino que estimula a penitência e aproxima as almas da Santíssima Virgem. Penitência e amor de Maria – estes são dois caracteres da doutrina cristã, duas asas da alma fervorosa, dois luzeiros da verdadeira fé.

Podemos ajuntar a este argumento mais um outro de grande valor: esta devoção é um meio de amor mais ardente à Mãe de Jesus, amor que a Igreja procura sempre incutir nos fiéis com grande insistência. Ora, assim sendo, já se vê que, praticando-a, estamos plenamente conformes ao ensino da Igreja.

* * *

Vamos agora citar os Sumos Pontífices, passando em silêncio numerosas aprovações de bispos e teólogos afamados, para só indicar documentos autênticos da Santa Sé.

1. Clemente VIII (1592-1605) – Confere grande indulgência a **Confraria dos escravos,** estabelecida nos Conventos Religiosos do Hospital de Caridade, no bairro de São Germano em Paris, assim como aos que trazem consigo, e recitam a **Coroinha de Nossa Senhora.**

2. Gregório XV (1621-1623) – Confere igualmente indulgências aos Escravos de Nossa Senhora.

3. Urbano VIII (1623-1644) – Este Soberano Pontífice, consultado sobre as práticas de nossa devoção, especialmente aprovou tão louvável fervor e deu a 20 de julho de 1631 a bula *“Cum sicut accepimus”*, na qual concede grande número de indulgências aos escravos de Maria Santíssima.

4. Alexandre VII (1655-1667) – Expediu uma bula, a 28 de julho de 1658, na qual, por motivo da organização da *“Sociedade da Escravidão”* em Marselha, no Convento dos PP. Agostinianos de Provença, acrescenta muitas outras às indulgências concedidas pelo Papa Urbano VIII aos escravos da Santíssima Virgem.

5. Pio IX (1846-1878) – É sob o seu pontificado que, a 12 de maio de 1853, se promulga em Roma o decreto que declara que os escritos do Santo eram isentos de todo erro que pudesse obstar-lhe a beatificação.

III. Os últimos Papas

6. Pio X tinha uma singular estima à *perfeita devoção,* e especialmente ao *Tratado da Verdadeira Devoção.* Quando pensou em compor a encíclica comemorativa do Jubileu da Imaculada Conceição, este Pontífice, que muito conhecia o livro de São Luís Maria Grignion de Montfort, quis relê-lo, como confessou depois. Releu-o tantas vezes que chegou a reproduzir os pensamentos e, não raro, as mesmas expressões do santo missionário.

O Procurador Geral da Companhia de Maria, numa audiência, disse ao Papa: *"Vossa Santidade deseja, sem dúvida, como nós, que a Verdadeira Devoção, ensinada pelo Beato de Montfort, se espalhe cada vez mais... E há de desculpar-me se venho pedir-lhe bênçãos e especial estímulo".*

Mal acabara de falar, e o Santo Padre, estendendo a mão, com um sorriso afirmativo, tomou a *"súplica"* escrita pelo Procurador, leu-a, e, apenas finda a leitura, tomou da pena, e escreveu em baixo estas linhas:

"Acedendo a vosso pedido, recomendamos vivamente o *Tratado da Verdadeira D*evoção à Santíssima Virgem, tão admiravelmente escrito pelo Beato de Montfort; e a quantos lerem este Tratado concedemos, de todo o coração, a bênção apostólica".

27 de dezembro de 1908

Pio P. P. X

Uma recomendação tão solícita e vinda de tão alto deve, necessariamente, produzir uma forte impressão nos corações católicos. Ao receber o documento supra, o Procurador disse: *"Esse livrinho já fez um grande bem; recomendado agora por Vossa Santidade, ele há de fazer muito mais no futuro". "Ele é verdadeiramente belo!".* Respondeu o Santo Padre, com convicção.

Sob o pontificado de Sua Santidade Pio X foi a Santa Escravidão definitivamente organizada em associação, tanto para os sacerdotes, como para os simples fiéis. A Arquiconfraria de Nossa Senhora, cujo fim é a prática da Santa Escravidão foi ereta canonicamente pelo Papa Pio X a 28 de abril de 1913.

Quanto à Associação dos Padres de Maria, já existia praticamente, mas foi canonicamente organizada no Congresso Mariano de Einsideln – Suíça – 1906 – tendo como protetores os

Cardeais Vannutelli e Vivès.

Pio X foi o primeiro a inscrever-se nela. Figura, pois o seu nome no cabeçalho da lista dos sacerdotes consagrados a Maria Santíssima.

* * *

7. **Bento XV.** Não foi menos devoto da Santa Escravidão. A 28 de abril de 1910, por ocasião do segundo centenário do Beato de Montfort, enviou a ele uma carta autógrafa ao Superior da Congregação de Maria, na qual disse: *"O Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem"* é um livro pequeno em tamanho, mas de uma grande autoridade, e de grande unção. Possa ele espalhar-se mais e mais, e avivar o espírito cristão num grande número de almas! – O autor não prossegue a lista dos papas que aprovaram esta santa doutrina, porque o livro foi escrito ainda sob o pontificado de Bento XV. Não seria difícil ver a aprovação desta devoção nos papas seguintes, e sobretudo em Pio XII, que canonizou Montfort. – Nota dos Editores.

Em face dessas declarações, é forçoso concluir que a Santa Escravidão não é uma novidade, uma doutrina sem aprovação da Igreja. Ao contrário, deve dimanar, como o provamos, dos mais sagrados dogmas de nossa religião, qual conclusão lógica de premissas certas.

Uma vida tão santa, os muitos milagres, e sobretudo a beatificação e a canonização de seu propagador seriam já uma prova suficiente de que a Santa Escravidão é conforme ao ensino da Igreja. É, entretanto, bom e reconfortante ouvir a suprema autoridade repetir a aprovação dada e incitar os cristãos a uma tão bela prática.

IV. O Cardeal Van Rossum

Juntemos a estes testemunhos de Pontífices as palavras do Cardeal Van Rossum, Presidente da Propagação da Fé, que, além de ser uma autoridade, é testemunho dos mais recentes e muito expressivo.

"O Tratado da Verdadeira Devoção – escreve o grande purpurado – *não precisa de recomendações. Entretanto, para vossa con-*

solação, quero repetir o que tantos outros já atestaram. Ei-lo:

Deste livro sai uma força misteriosa, que impele a gente à santidade. Uma leitura superficial faz descobrir esta força; mas, repetindo a leitura, acompanhando-a de séria meditação, sentimos no interior um santo e maravilhoso impulso, que nos arranca das coisas terrestres e nos une a Deus.

E nada para admirar; a santidade do autor, as numerosas graças que a Virgem Santíssima concede àqueles que lêem e põem em prática a Verdadeira Devoção podem ser consideradas razões suficientes dessa mudança interior.

Doutra parte, a natureza e a essência da Verdadeira Devoção devem igualmente ser consideradas como causa desta sublime transformação.

De fato, outra coisa não é a Verdadeira Devoção que a perfeita renúncia de nós mesmos, o sacrifício completo das coisas terrestres, e a união íntima com Deus quanto a nosso ser e operar, união que se alcança pelo caminho mais curto: Jesus e Maria.

Aquele, pois, que, constante e fielmente, puser em prática a Verdadeira Devoção descrita por Montfort em seu livro, há de chegar, com toda a certeza, ao cume da perfeição cristã, isto é, a mais íntima união com Deus".

V. Autoridade do exemplo

As autoridades citadas são decisivas e sem réplica.

A esta autoridade da *doutrina*, de aprovação, juntemos a autoridade do *exemplo*, mostrando que a Santa Escravidão foi praticada por um grande número de santos, e foi para muitos o caminho e meio de santificação.

O assunto é vasto. Vamos consagrar-lhe esta quarta parte, em que veremos a prática da Verdadeira Devoção na vida de vários santos.

Deixaremos no silêncio ainda um grande número, cujos exemplos não nos chegaram bastante pormenorizados; e só nos limitaremos aos publicamente conhecidos como escravos de Maria Santíssima.

Temos, por exemplo: *Santo Odilon* – 1040, Abade de Cluny; *São Luís Marinho* – 1076; a venerável *Catarina de Cortona*; Santa *Margarida Maria*; e muitos outros, que praticaram publicamente a Santa Escravidão, mas cujos pormenores nos são im-

perfeitamente conhecidos.

Reservando para capítulos a parte os de que temos informa-ções completas, e omitindo os parcialmente desconhecidos, terminaremos este capítulo com uns breves traços de Santo Odilon e Santa Margarida Maria, dos quais possuímos só exígua documentação.

VI. Santo Odilon

Santo Odilon, abade do célebre mosteiro de Cluny – 1040, é um precursor de São Luís Maria Grignion de Montfort. Praticou explícita e publicamente a Santa Escravidão, antes mesmo que fosse regularmente ensinada por este último.

Recebeu sobre os joelhos de sua piedosa mãe terna devoção à Santíssima Virgem que mostrava em toda parte e que procurava incutir em seus amiguinhos e companheiros de escola.

Em conseqüência de uma moléstia, ficou, quando menino, paralítico, podendo só com dificuldade movimentar os pés e as mãos, sem conseguir andar, ou segurar os objetos.

Aconteceu, entretanto, que seus pais mudaram de residência, para ir morar noutro castelo.

O pequeno enfermo os acompanhou, confiado aos desvelos da ama e de uns empregados.

Fizeram alta numa aldeia onde havia um santuário de Maria Santíssima. Por uma providência divina, os empregados depositaram a liteira em frente ao santuário, enquanto foram comprar víveres para a viagem.

O menino sentiu em si uma inspiração divina. Com mil dificuldades embora, experimentou abrir a porta da carruagem, para arrastar-se até à igreja. Depois de ter-se como esgotado por completo, e em vão, invocou a Virgem Santíssima, e tentou um último esforço, que foi coroado de sucesso.

A porta abriu-se e ele deixou-se cair no chão, e foi-se arrastando, como pôde, até ao pé do altar da Virgem Santíssima. Ali, segurando-se com ambas as mãos na toalha do altar, fez um esforço sobre-humano para erguer-se e invocou em alta voz o auxílio da Mãe de Jesus.

Seus membros, paralisados, recusaram a começo todo serviço. O pobrezinho estava impossibilitado de corpo, mas a sua

alma estava repleta de confiança.

Insistiu com uma obstinação tocante, agarrado às toalhas do altar. E eis que, de repente, como do manto do divino Mestre, parecia sair das toalhas sagradas uma virtude divina. O menino ficou de pé... firmou-se e começou a andar. Estava radicalmente curado.

Prostrou-se então diante da imagem de Maria Santíssima, e, em altas vozes proclamou-lhe a bondade, e expandiu sua alma em agradecimento pelo milagre obtido.

Quando os servos e a ama voltaram, viram o pequeno Odilon correr-lhes ao encontro, a cantar louvores da Santíssima Virgem.

O favorecido da Mãe de Jesus cresceu e viveu penetrado dos mais belos sentimentos de ternura para com a sua incomparável benfeitora.

O amor apaixonado da Mãe de Jesus, manifestado pelos mais tocantes exemplos, é o traço característico de toda a sua vida.

Conta-se que, mais tarde, o piedoso jovem voltou àquele mesmo santuário e ali se consagrou publicamente a Maria Santíssima, como *escravo,* passando ao pescoço uma corrente de escravidão e recitando a seguinte fórmula por Ele composta:

"Ó benigníssima Virgem e Mãe de meu Salvador, desde este dia até à minha morte, tomai conta de mim como de vosso escravo.

Socorrei-me, ó Medianeira misericordiosa, em todas as minhas necessidades!

Depois de Deus, coloco-vos acima de tudo em meu coração, e de livre vontade me consagro a vós, para sempre, como servo e escravo".

VII. Santa Margarida Maria

Terminemos este capítulo pelo exemplo de uma santa cuja autoridade está fora de toda a dúvida: Santa Margarida Maria, a feliz confidente dos segredos do Coração de Jesus – 1647-1690.

Desde a infância, proclamava-se Margarida Maria a escrava de Jesus.

Um dia, Nosso Senhor lhe disse: *"Coloquei-te sob a prote-*

ção de minha Santa Mãe, para que ela te forme segundo os meus desígnios".

De fato, confessa Margarida Maria: *"A Santíssima Virgem teve sempre muito cuidado comigo. Eu sempre recorri a Ela em todas as minhas necessidades. Consagrei-me a Ela como escrava, pedindo-lhe não me recusasse esta dignidade".*

"Falei-lhe sempre com simplicidade, como a criança a sua querida Mãe, e tive sempre para com Ela um amor realmente terno".

Certa vez, aparecendo-lhe a Santíssima Virgem, pôs-lhe nos braços o Menino Jesus, e lhe disse: – *"Eu quero que fiques completamente submissa ao meu poder, seja que eu te acariciei, ou te atormente... Não quero que tenhas outros movimentos, senão os que eu te inspirar...".*

Instruída por Jesus Cristo, que lhe manifestou o seu divino Coração como *escola do puro amor* e como o *livro da vida* em que ela devia ler a ciência do amor, Margarida chamou-se muitas vezes: *"a mísera escrava de Jesus em Maria".*

O próprio Coração de Jesus, querendo tornar o coração de sua querida serva mais generoso e amante do coração de sua terna Mãe, dignou-se, um dia, mostrar-lhe o coração dela mesma entre o seu divino Coração e o coração santíssimo da Mãe Imaculada. Eis como a santa narra esta visão: *"No dia da festa do Coração de Maria, após a santa comunhão, Nosso Senhor mostrou-me três corações. O que estava no meio era quase imperceptível; os dois outros eram luminosos e resplandecentes, e um deles superava o outro de um modo incomparável. Ao mesmo tempo, ouvi estas palavras: É deste modo que o meu puro amor reúne para sempre estes três corações. Os três fundiram-se num só. Esta visão demorou-se bastante, e imprimiu em mim sentimentos de amor e gratidão que não sei exprimir".*

Notemos ainda como o próprio Nosso Senhor faz a Santa entrar nas disposições do coração de Maria Santíssima para lhe ser mais agradável: *"Uma outra vez Nosso Senhor me ensinou as disposições que deviam animar os meus três exercícios mais importantes.*

O primeiro é a ***Santa Missa,*** *a que eu devo assistir com as disposições da Santíssima Virgem ao pé da cruz. Ela queria alcançar-nos a participação dos méritos do sacrifício da paixão e morte de seu divino Filho, como escrava. Eu devo pedir-lhe as mesmas graças ao pé do crucifixo.*

O segundo é a ***Sagrada Comunhão.*** *Para esta, Jesus me fez pedir as disposições de Maria Santíssima no momento da En-*

carnação e entrar nelas pela intercessão da mesma Virgem, bem como pedi-las por suas próprias palavras: – Eis aqui a escrava do Senhor!

O terceiro é a **Oração.** *Para esta, Nosso Senhor me ensinou as disposições de Maria quando foi apresentada no templo".*

No princípio do livro de orações ao Sagrado Coração, por ela mesma composto, a Santa incluiu uma *Consagração à Santíssima Virgem*, destinada, segundo parece, ao uso das Noviças. Nesta oração, reivindica altamente o seu título de *escrava de Maria*.

CAPÍTULO XXXI

São Luís Maria Grignion de Montfort

Na galeria dos santos que praticaram a Santa Escravidão, figura, em primeiro lugar, o codificador e ordenador, senão o fundador absoluto desta devoção: São Luís Maria Grignion de Montfort.

Percorramos um instante o lado marial desta vida tão extraordinária e tão fecunda em ensinamentos e exemplos.

A história de sua vida no-lo mostra continuadamente apaixonado pelos encantos da Virgem Santíssima, vivendo sob a sua dependência, entregando-se a Ela de corpo e alma, e buscando receber tudo da sua mão maternal, para, por meio dela, elevar-se à mais alta santidade.

O ideal de Montfort é conduzir as almas a Jesus Cristo por Maria.

I. A infância de São Luís

O pensamento de Maria encantou os primeiros anos de Luís Grignion de Montfort. *"O amor desta boa Mãe parece ter nascido junto com Ele"*, – diz seu historiador Blain. *"Desde a mais tenra infância, Luís não teve outro prazer que pensar em Maria e em seu amor"*.

"Em vez de procurar os brinquedos próprios de sua idade, retirava-se num lugar solitário para meditar, ou recitar o terço diante de uma pequena imagem da querida Mãe do céu".

"Nestes momentos – escreve M. Blain, que foi o seu companheiro de infância – *o jovem Grignion parecia não conhecer mais ninguém e estar numa espécie de alucinação dos sentidos, pois rezava numa imobilidade completa, horas a fio"*.

A devoção precoce de Grignion tinha já desde o início uma característica, que se desenvolveu através dos anos: o abandono completo à Virgem Santa, a confiança ilimitada em sua bon-

dade maternal. Maria Santíssima era, antes de tudo, sua *"Mãezinha querida"*, ou sua *"boa Mãezinha",* a quem Ele ia pedir tudo o que desejava.

Outra característica da sua devoção, desde a infância, é que ela era sobremaneira comunicativa. O menino experimentava grande alegria em ouvir falar, e em falar Ele mesmo da sua *"Mãezinha celeste".*

Enviado para Rennes, onde devia concluir o curso ginasial no Colégio dos Jesuítas, o seu amor à Santíssima Virgem foi crescendo dia por dia. Aí entrou na Congregação Mariana, estabelecida no Colégio, tornando-se logo um congregado exemplar e zeloso.

O seu condiscípulo Grandet nos fala da inesgotável caridade do jovem congregado. "*Ajudava a todos os seus colegas* – diz ele – *e os assistia em tudo o que lhe estivesse ao alcance; e quando não tinha mais nada para lhes dar, esmolava para eles nas casas dos ricos".*

Este tempo da mocidade, tão repleto de perigos passou-o Montfort sem uma alteração sequer em sua amável e sorridente pureza. Senhor de seu coração, ele o guardava para a Mãe celeste.

– *"Não sei* – diz o seu condiscípulo Blain – *se lhe custou guardar o voto de castidade e se teve grandes combates a sustentar contra o mundo, a carne e o demônio; o que sei é que, antes de sua entrada em São Sulpício, ele ignorava por completo toda a maldade.*

Correra-lhe a infância numa admirável inocência e afastamento do mal; ao ponto que desconhecia tudo quanto pudesse lesar a pureza de um jovem. Falando-lhe eu um dia de tentações contra a bela virtude, ele nada compreendeu, e disse-me não saber o que era aquilo...".

II. Origem da Santa Escravidão

Era na cidade de Paris que a devoção de Grignion devia tomar pleno desenvolvimento e receber forma definitiva: a Santa *Escravidão* ou dependência total da Mãe de Jesus.

Este título não era uma novidade. Antes de Montfort, muitos santos o conheciam, praticavam, e ensinavam.

Montfort é herdeiro do Cardeal de Bérulle, de Condren, Olier, Eudes, Poiré, Boudon, pois estes todos ensinavam a prática da Santa Escravidão.

Todos estes homens, santos e sábios, haviam adotado a palavra do Evangelho: *"Formam servi accipiens..."* – cf. ***Mt*** 20, 28; e as de São Bernardo: *"Eu sou um vil escravo, para quem é suma honra ser o servo do Filho e da Mãe";* e estas de Santo Ildelfonso: *"Para ser o devoto escravo do Filho, quero ser o escravo fiel da Mãe".*

Montfort foi o último discípulo desta escola de amor ardente à Mãe de Jesus. Recolheu esta sagrada herança, para passar à posteridade através do nevoeiro do jansenismo, que ameaçava tudo invadir.

Como Ele próprio o disse, leu as obras daqueles grandes homens; e pode-se afirmar mesmo, que todos os livros referentes a devoção a Maria Santíssima. Conversou familiarmente com todos os grandes santos e sábios da época.

Este estudo e estas relações demonstraram-lhe que não havia outra devoção à Maria comparável à Santa Escravidão; que não havia: *"nenhuma devoção que exigisse maiores sacrifícios para Deus, mais renúncia de si mesmo, e unisse as almas mais intimamente a Nosso Senhor; nenhuma, enfim, que fosse mais gloriosa para Deus, mais santificante para a alma, e mais útil ao próximo"* (Tratado da Verdadeira Devoção).

Entretanto, a doutrina daqueles autores precisava ser simplificada, e ser apresentada em fórmulas claras e certas, para ficar ao alcance de todos.

Dos diversos elementos colhidos, Montfort eliminou o que era demais abstrato ou indeciso. Escolheu o que lhe servia, e, num estilo alerta, nervoso e colorido, formou o conjunto completo e homogêneo da devoção, o que constitui o seu *"Tratado"*.

Deste modo, a Santa Escravidão deixou de ser uma simples Consagração, mais ou menos exterior, para tornar-se uma devoção perfeita, sob uma forma admirável, que aperfeiçoa e transforma as almas. Tornou-se verdadeira escola espiritual de santidade.

III. Sua doutrina fundamental

A síntese do ensino de Grignion é a seguinte:

O fim é *Deus só*, palavras que se encontram a cada página de seus escritos, e que ele comenta por esta outra fórmula: "***O puro amor de Deus reine em nossos corações!"***.

O meio de conseguir este fim é revificar o espírito cristão pela renovação dos votos do Batismo, relembrando aos homens, à luz da fé, que Eles são o bem, a propriedade, os escravos de Jesus Cristo.

Relembra também a todos esta mesma dependência para com Maria Santíssima, pois a Ela compete, por graça, tudo quanto compete a seu divino Filho por natureza.

De direito, o cristão é o escravo de Maria. É preciso, pois, que o seja *de fato*. E isto se faz consagrando-se a alma, sem reserva, ao serviço de Maria, e vivendo numa completa submissão.

Este estado será para a alma uma fonte de graças especiais.

Para alcançá-las, entretanto, é preciso que o escravo não se contente só com a Consagração, embora muitas vezes renovada. É preciso que ele viva *em Maria*, como na atmosfera da graça; que viva *por Maria*, nada fazendo sem consultá-la; *com Maria*, em tudo procurando imitá-la; *para Maria*, tudo fazendo como se Ela fosse o fim próximo.

Com esta prática, a alma fiel chegará, em pouco tempo, a uma união íntima com Deus, pois Maria é o caminho suave, curto, seguro e fácil, para levar a Jesus Cristo.

O que o santo concebeu é, pois, o reino de Jesus Cristo por Maria. É fazer conhecida e amada Maria, para fazer conhecido e amado Jesus Cristo.

É conduzir as almas acorrentadas pelo amor aos pés de Maria, para que esta boa Mãe as conduza a seu divino Filho. É o belo programa que Montfort idealizou e ao qual ia consagrar a sua existência.

Antes, porém, de o escrever e publicar, quis submetê-lo à mais alta autoridade deste mundo. Foi para Roma solicitar a aprovação do Papa Clemente XI. Este, inspirado por Deus, propôs o santo missionário e a sua doutrina como antídoto aos erros hipócritas do jansenismo.

A bênção do Santo Padre estimulou mais o zelo de Mon-

tfort. E até à morte, com ardor incrível, cumpriu a sua sublime missão de levar as almas a Jesus Cristo por Maria.

Ele fala, não como um simples padre, mas *"tanquam potestatem habens"*, como tendo uma missão a cumprir: a missão de anunciar o grande reino de Jesus por Maria, mediante sua devoção da Santa Escravidão.

E em toda parte por onde passa, aos pobres e aos ricos, aos pequenos e aos grandes, aos pecadores e aos justos, Ele prega Maria, sua boa Mãe... Ensina a Santa Escravidão. Ensina a devoção ao Rosário.

Grandet nos refere o apostolado de Montfort: *"Estabelecia, em todas as paróquias onde pregava, a devoção da Santa Escravidão de Jesus vivendo em Maria... Esta pregação lhe suscitou não poucas dificuldades, mas atraiu também muitas graças sobre os seus ouvintes".*

Grandet ajunta um pormenor sobre os efeitos maravilhosos que esta devoção produziu nas almas mais aviltadas: *"Conheci um grande número de pecadores escandalosos, aos quais ele ensinou esta devoção, bem como à prática de rezar diariamente o Rosário. Pois todos se converteram completamente, e tornou-se exemplar a sua vida. É incontável o número de pessoas dum e doutro sexo que ele fez mudar de vida por este meio".*

IV. A pregação de Montfort

"O Padre de Montfort – diz Blain – *nos aparece como o panegirista zeloso da Santíssima Virgem, o orador perpétuo de seus privilégios e de suas grandezas, o pregador incansável da sua devoção".*

Ele é, verdadeiramente, o Padre de Maria. Sua pessoa, sua ciência, sua virtude, sua eloqüência, tudo está ao serviço da excelsa Rainha dos corações.

A característica desta pregação é o entusiasmo. Montfort ama apaixonadamente o seu assunto. Ele quer transmitir ao auditório seus sentimentos para com a Mãe de Jesus, e quer abrasar as almas, que o escutam, com o mesmo fogo que o devora. Daí uma eloqüência forte, viril, terna, convincente, que ora raciocina, ora suplica, às vezes chora, às vezes se indigna.

"Apenas havia ele começado a obra das missões – diz o Pe.

Bernardo – *logo se anuncia como um dos mais ardentes defensores da glória de Maria Santíssima".*

Quantos assistiram a seus sermões sobre Nossa Senhora asseveram que ele se ultrapassava a si mesmo neste assunto: tudo era grande e sublime nele.

Grandet, um de seus contemporâneos, escreveu também: *"Quando Montfort falava de Maria, fosse em particular, fosse em público, era em termos tão fortes e tão tocantes, que comovia o coração dos ouvintes, a todos transportava, e ele mesmo parecia fora de si".*

"Doutros temas, falava geralmente numa linguagem natural e simples, para melhor se pôr ao alcance do povo. Falando, porém, de Maria Santíssima, a sua linguagem se tornava sublime, quase sobrenatural".

Certo dia, a Virgem Santíssima recompensou por um prodígio o zelo ardente que tinha o seu apóstolo para fazê-la honrada e invocada.

É a 2 de fevereiro de 1715. São Luís, na igreja dos Dominicanos, em Rochelle, celebrava as grandezas da divina Mãe de Jesus, e, como de costume, o fez com uma unção, que arrebatava os ouvintes. De repente, reproduziu-se o fenômeno contado nos *"Atos dos Apóstolos"* a respeito do Mártir Santo Estêvão: Montfort aparece como um anjo do Senhor; seu rosto, extenuado pelas austeridades e pelos trabalhos, torna-se fulgurante, desprendendo raios gloriosos, que o cercam e iluminam.

A mudança foi tão grande, que ninguém mais o pôde reconhecer senão pelo seu timbre de voz.

V. O tema desta pregação

A missão de São Luís Maria Grignion de Montfort era estabelecer o reino de Maria, para estender o reino de Jesus Cristo. É o que nos garante o seu *Tratado da Verdadeira Devoção*. Este livro não é uma obra longamente preparada no silêncio dum gabinete de trabalho, para se apresentar depois como surpresa aos leitores ávidos de novidades. É o resumo da pregação de Montfort. Antes de suas idéias ao papel, o santo missionário as havia pregado centenas de vezes.

Lendo este livro sentimos logo a ausência de qualquer esforço de composição por parte do autor. Este possui inteiramente o assunto, escreve ao correr da pena, sem emenda, sem

repetição, ou, melhor, escreve o que continuadamente falava desde anos.

Aliás é ele mesmo quem afirma: *"Pego da pena, para escrever o que ensinei em público e em particular, nas minhas missões, durante longos anos".*

E qual era o assunto desta pregação? Podemos julgá-lo pelos dois grandes cadernos de sermões que deixou, e que ficam conservados em São Lourenço – em Sèvre – como preciosas relíquias.

O primeiro contém só algumas instruções sobre Maria Santíssima em geral. São Luís enumera os motivos da devoção a esta boa Mãe: a glória de Deus, nosso interesse, as vantagens, etc. – *"Nullus cliens Mariæ peribit"*, conclui o autor: *"Nenhum devoto de Maria perecerá".*

O segundo caderno é exclusivamente consagrado à Santíssima Virgem. É antes um repertório de notas que uma coletânea de sermões.

São Bernardo, Santo Anselmo, São Bernardino, Santo Antonino, Guilherme de Paris, o Padre Guerric, Poiré, e outros, trazem valiosa contribuição a estas notas. O Mestre, entretanto, deixou ali os seus caracteres. Planos, divisões, pensamentos salientes, reflexões pessoais, tudo deixa entrever suas preferências e nos indicam a orientação de seu zelo.

No fundo é o mesmo tema do *Tratado da Verdadeira Devoção:* as excelências da devoção – os motivos – as características da Verdadeira Devoção – as práticas, e, entre todas, a perfeita Consagração de si mesmo.

A Santa Escravidão de Maria é o ponto culminante do ensino do santo apóstolo e o grande meio por ele preconizado para se obter o reino de Jesus e de sua Santa Mãe.

É o segredo do grande missionário: o Coração de Jesus não reinará plenamente nas almas senão quando as encontrar inteiramente consagradas ao culto da divina Mãe.

Para espalhar esta verdade, Montfort emprega todos os recursos de seu espírito e todas as forças de seu corpo. Prega a sua querida devoção até no túmulo, onde quer ser sepultado com as correntes de ferro, que são o testemunho da sua escravidão.

VI. A Santa Escravidão

Esta palavra *escravidão* soa mal aos ouvidos do nosso século de liberdade e igualdade. Porém, é necessário examinar a

causa, antes que a *palavra*.

Que pretendeu São Luís Maria Grignion de Montfort?

Pretendeu fazer honrada a Rainha do céu pelas homenagens mais respeitosas e humildes. Quis que exaltássemos a Virgem Santa abaixando-nos o mais possível. Por isso, procurou o estado que melhor exprime a submissão absoluta, a dependência completa, a renúncia perfeita. Ora, coisa alguma no mundo exprime tudo isso mais positivamente que a *escravidão*.

Um escravo não se pertence, não pode dispor de si, nem pode trabalhar para si. É propriedade do senhor, e tudo o que faz pertence a este.

Tal é o estado de vida que São Luís Maria Grignion de Montfort deseja para os devotos de Maria Santíssima. É uma Consagração do corpo e do espírito, dos bens exteriores e das boas obras, uma submissão completa, uma abnegação contínua da própria vontade para fazer a vontade da Santíssima Virgem.

Nesta devoção, entretanto, o título de escravo não exclui este nome suave de FILHO.

São Luís chama sempre Maria Santíssima de *Mãe* e *Senhora*. E, entregando-nos a Ela, é sempre como filhos e escravos.

Na prática, a devoção conserva esta dupla qualidade: o *abandono do filho*, que em tudo recorre a sua boa Mãe com uma confiança inteira, e a *dependência do escravo*, que trabalha para a sua senhora, renovando a primeira Consagração antes pela oferta de trabalhos do que por uma simples fórmula.

O dom que fazemos das nossas ações é verdadeiramente o dom de nós mesmos. Apresentar a Maria a nossa oração é oferecer-nos a nós mesmos, no ato tão santo da oração. Nossas orações, como todas as nossas boas obras, não podem ser separadas de nós: é o fruto da árvore, é nossa alma em exercício, humilhando-se, pedindo, trabalhando, renunciando-se.

Mais uma alma serve a Maria Santíssima deste modo, mais entra no espírito da Santa Escravidão.

Há vários graus – diz São Luís – os quais devemos percorrer. Há também um estado habitual que devemos procurar adquirir.

Quem chegará a este estado?

Aquele a quem o Espírito Santo revelar o segredo. E este tal, sob o impulso do mesmo Espírito Santo, há de subir de virtude em virtude, de graça em graça, até chegar à transformação de si mesmo em Jesus Cristo.

VII. Obras de São Luís Maria Grignion de Montfort

Com as indicações precedentes, do espírito, zelo e atividade de São Luís Maria Grignion de Montfort, a sua humildade e o seu amor à cruz, que aparecem em toda parte, ser-nos-á fácil reconstituir a vida deste sublime apaixonado da Virgem, da *"Rainha dos corações",* como ele a chamava.

Montfort não foi um pregador ardoroso do culto da Mãe de Jesus somente nesta vida. Deus quis que ele continuasse este apostolado após a morte. E ele, de fato, perpetra este desígnio divino pelas Congregações religiosas que fundou e pelos livros que escreveu.

Foi ele o fundador de duas Congregações religiosas: a dos Padres da *Companhia de Maria* e a das *Filhas da Sabedoria*.

Ambos estes Institutos têm por fim espalhar a santa escravidão.

A Companhia de Maria dedica-se à pregação e obras apostólicas, em que até hoje se exerce por vários países com zelo admirável e resultados imensos.

É graças a estes abnegados religiosos que a devoção do santo fundador é conhecida no mundo inteiro.

* * *

Os livros escritos por São Luís Maria Grignion de Montfort são relativamente poucos e pequenos. Mas anima-os algo de sobrenatural, que revela a alma ardente dum grande apóstolo.

O *Tratado da Verdadeira Devoção* e o seu resumo intitulado *Segredo de Maria* são conhecidos no mundo inteiro.

São menos conhecidos, mas não menos belos e valiosos, dois outros opúsculos, que são:

1. **O *segredo admirável do Santo Rosário***. Para converter e salvar as almas. Brochura de 200 págs. Edição francesa de Alfredo Mame. Tours – França. É a doutrina exemplificada da excelência do Rosário.
2. ***Carta circular aos Amigos da Cruz***. Pequena brochura de 52 páginas. Edição francesa de H. Oudin – Paris. São considerações sobre o espírito de sacrifício, dirigidas aos membros da irmandade dos amigos da cruz.

Além destes opúsculos, cheios de doutrina e ascética, o Bem-Aventurado escreveu grande número de cânticos espirituais, instrutivos, suaves e piedosos, já reunidos em volume.

São esses os escritos do grande e admirável missionário, fundador e escritor, cujas obras atravessaram os séculos e hão de tornar-se um ideal para as almas generosas amantes de Maria Santíssima.

Seus filhos espirituais fundaram mais tarde, duas associações religiosas, para estimular a prática da Santa Escravidão:

A ***Associação dos Sacerdotes de Maria,*** com sua interessante ***"Revista dos Sacerdotes de Maria"*** (Revue des Prêtres de Marie); e a ***Associação de Maria, Rainha dos corações,*** também com valiosa revista para seculares.

Ambas as revistas, de avultada tiragem, servem como laço, que une os vários centros da Santa Escravidão.

VIII. Cânticos

Terminemos este curto esboço do espírito de São Luís Grignion de Montfort, citando umas estrofes de seus cânticos populares que muito ajudaram na propaganda da sua devoção a Maria Santíssima:

"Marie est ma grande richesse,
Et mon tout auprès de Jésus;
C'est mon bonheur, c'est ma tendresse,
C'est le trésor de mes vertus.

Elle est mon arche d'alliance,
Où je trouve la sainteté.
Elle est ma robe d'innocence,
Dont je couvre ma pauvreté.

Elle est mon divin oratoire,
Où je trouve toujours Jésus,
J'y prie avec beaucoup de gloire,
Et je n'y crains point de refus.

Je suis tout sous sa dependence
Pour mieux dépendre du Sauveur,
Laissant tout à sa Providence:
Mon corps, mon âme et mon bonheur.

Quand je m'élève à Dieu, mon Père.
Du fond de mon, iniquité,
C'est sur les ailes de ma Mère,
Cest sur l'appui de sa bonté.

Cette bonne Mère et Maîtresse
Me seconde partout puissamment,
Et quand je tombe par faiblesse,
Elle me relève à I'instant

Elle me rend pur et fertile
Par sa pure fécondité;
Elle me rend fort et docile
Par sa profonde humilité.

Je vais par Jésus à son Père,
Et je n'en suis point rebuté;
Je vais à Jésus par sa Mère,
Et je n'en suis point rejeté.

Je fais tout en Elle et par Elle:
Cest un secret de sainteté
Pour être à Dieu toujours fidèle,
Pour faire en tout sa volonté.

Voici ce qu'on ne pourra croire:
Je La porte au-dedans de moi,
Gravée avec des traits de gloire,
Quoique dans 1'obscur de la foi."

CAPÍTULO XXXII

Santo Cura d'Ars

Um dos mais belos e práticos exemplos da Santa Escravidão é a vida do Santo Cura d'Ars.

É mais que um exemplo que aqui transcrevemos; é a fórmula de agregação e ao mesmo tempo a indicação precisa das obrigações que dela decorrem.

São João Batista Vianney publicou duas brochurinhas, que têm por título: ***"Guia das almas piedosas nos santuários de Maria"***, e ***"Considerações sobre a necessidade de conhecer Jesus Cristo"***.

Por uma providência divina, encontramos a primeira destas brochuras, que aqui damos em vernáculo.

É um manual completo da Santa Escravidão, no qual o santo expõe a doutrina, a prática, os deveres, antiguidade, razões e a fórmula desta devoção, tal qual ele mesmo recolheu do *Tratado* de São Luís Maria Grignion de Montfort.

É documento curioso, prático, tocante, ou melhor, um resumo perfeito de tudo o que se deve saber a respeito do assunto.

Isto nos mostra que não somente o Santo Cura d'Ars praticava a Santa Escravidão, mas a propagava com zelo e amor.

Tudo o que segue é literalmente dele, e suprimimos tão só umas repetições que nada acrescentavam ao já dito.

I. A devoção a Maria em geral

Como não há graças com que Deus nos favorece, que não sejam obtidas pela intercessão de Maria, ou, como diz São Bernardo, que não passem pelas suas mãos, não há também homenagem de respeito que não lhe devamos prestar em testemunho da nossa gratidão.

É este princípio a fonte das várias devoções que o Espírito Santo inspira aos santos, para facilitar aos filhos dela os meios

de honrá-la e de consagrar-se a seu serviço.

A devoção a Maria, dizem os Santos Padres, é um sinal certo de predestinação.

É impossível, diz Santo Anselmo, que se percam aqueles que Maria Santíssima protege.

É, pois, necessário que os seus protegidos sejam justificados e glorificados. Um Santo Padre diz que mesmo se uma pessoa falasse a língua dos homens e dos anjos, ser-lhe-ia ainda assim impossível exprimir as vantagens da devoção à Santíssima Virgem. A eternidade não será longa demais para admirar os bens imensos, que dela nos vêm; mas seu valor fica escondido na terra, e o mundo não o conhece.

Santo Antônio assegura que toda a espécie de bens lhe chegaram pela devoção à Santíssima Virgem Maria.

O sábio idiota sustenta que achando Maria acham-se todos os bens.

Quem diz *tudo* nada excetua. Aliás a experiência de todos os séculos nos ensina, nota um santo autor, que os demônios receiam decerto os jejuns, as vigílias, as austeridades, as penitências, orações e esmolas, mas perderam vários que se entregaram a estes santos exercícios; nunca, porém, chegaram a perder uma alma verdadeiramente devota da Santíssima Virgem.

É uma verdade constante que nunca houve um santo que não fosse grande devoto da Santíssima Virgem; e que não há grande devoto de Maria que não seja santo. Se puser a minha confiança na Santíssima Virgem, diz São João Damasceno, serei salvo.

São Germano, Patriarca, nos assevera que a proteção de Maria ultrapassa todas as nossas concepções, de modo que nos é impossível compreender a sua força e extensão.

São Boaventura afirma que os que exaltam Maria não cairão no inferno, porque há bens imensos preparados para aqueles que a servem; e tendo em suas mãos a própria salvação, ela a concederá a seus servos. É, pois, importantíssimo e necessário tudo envidar para merecer a sua proteção!

II. A Santa Escravidão

Entre as santas devoções usadas para honrar a Santíssima Virgem, queridas e adotadas pelos filhos verdadeiros da Igreja

Católica, uma das mais antigas e mais amorosas é a da *Santa Escravidão*.

É o resumo das demais devoções; não há nenhum dos privilégios da Mãe de Jesus que não seja dignamente honrado por ela.

Pois a Santíssima Virgem é a maior, a mais elevada e a mais eminente de todas as criaturas, também as homenagens a Ela prestadas, devem ser as mais submissas, as mais profundas e as mais humildes de quantas houver depois das que devemos a Deus.

Ora, como não há homenagem mais profunda que a abnegação, parece que a Santa Escravidão é o culto mais apropriado à sua grandeza.

Convém observar que sendo a criação obra exclusiva de Deus e não da Santíssima Virgem, não podemos confessar-nos criaturas d'Ela, pois esta honra só a Deus cabe.

Como, porém, Ela é a Mãe d'Aquele que nos retirou da escravidão do demônio, não pode haver homem que, sem ingratidão, não a reconheça por sua senhora, nem se honre por ser seu escravo.

Como diz muito bem São João Damasceno, quando Deus se fez homem para resgatar-nos, pôs aos pés de sua Mãe todas as criaturas.

Aliás, Maria forneceu a moeda com que se pagou a carne de Jesus Cristo, que é a carne de Maria: *"Caro Christi est caro Mariæ"*.

Por nossa condição somos, pois, seus servos; devemos também sê-lo por zelo e desejo, pois esta devoção está fundada sobre o exemplo de Jesus Cristo que para obrigar-nos a reconhecer a sua Mãe Santíssima como *Senhora Nossa* quis submeter-se a Ela durante os trinta primeiros anos de sua vida, como o faz notar o Evangelho: *"Erat subditus illis"*.

De fato, durante todo este tempo, o Salvador vivia sob a autoridade de sua Mãe; e, em consideração a Ela, quis submeter-se até a São José, por ser este o esposo de sua Mãe Santíssima.

III. Deveres da Santa Escravidão

A devoção da Santa Escravidão à Virgem Santíssima outra coisa não é que uma obrigação de amor e um santo contrato

com a Mãe de Jesus, pelo qual alguém se consagra a seu serviço, proclamando-a Senhora de seu coração, cedendo-lhe o direito que tem sobre suas próprias boas obras, dedicando-se inteiramente a Ela, e fazendo-lhe uma Consagração total de si mesmo.

Esta Mãe de misericórdia por sua parte obriga-se a ser para os seus escravos tudo o que uma senhora boa é para seus servos, alcançando-lhes todas as graças necessárias para, um dia, poderem ir-lhe fazer companhia no céu.

E, como outrora os escravos traziam sobre si um sinal por que se conheciam os seus donos, os escravos de Maria Santíssima mandam benzer uma pequena corrente de prata, ou de qualquer outro metal, para trazê-la a vida inteira, como um sinal exterior da sua dependência a Maria.

"Escutai, – diz o Espírito Santo no Eclesiástico (cap. 4), onde tudo o que é dito sobre a sabedoria é aplicado a Maria pelos Santos Padres – *escutai, meu filho, o sábio conselho que quero dar-vos; não deixeis de estimá-lo: metei os seus ferros aos pés, seu colar ao pescoço, e não vos recuseis a carregar as suas correntes".*

Além disso, do mesmo modo que os escravos devem a seus senhores um tributo, assim os escravos de Maria lhe devem um duplo tributo: o primeiro é pago quando entram na contraria tomando as correntes.

Este tributo será a devoção de cada um: recitar o ofício, o rosário, dar esmola, ou fazer uma penitência, oferecer a Nossa Senhora uma vela no seu altar, ou mandar celebrar uma Santa Missa, etc.

O segundo tributo consiste em qualquer oraçãozinha conforme a devoção de cada um; por exemplo: a coroa de Maria Santíssima em honra dos seus doze privilégios, a qual consta de três Pai-Nossos e doze Ave-Marias: o que se chama o terço da Santa Escravidão.

Esta oração é muito agradável a Maria Santíssima e autorizada por muitos milagres e indulgenciada pelos soberanos Pontífices.

Além disso, é tão curta e fácil, que se pode recitar em poucos minutos e em qualquer tempo e lugar.

Convém notar que tudo isso não obriga sob pena de pecado; como diz São Francisco de Sales: os estatutos e as práticas das confrarias são de conselho e não de preceito.

IV. Confraria da Santa Escravidão

Para entrar na confraria é preciso escolher um dia da sua devoção, e, tendo feito uma boa confissão e Comunhão com intenção de ganhar a indulgência plenária, apresentar-se ao sacerdote que tenha o poder de admitir na confraria, mandar benzer as correntinhas é recebê-las das mãos dele.

Pronuncia-se depois a *Consagração* à Santíssima Virgem diante de seu altar, com toda a devoção possível, e inscrever-se-á o nome no livro da confraria da Santa Escravidão da Santíssima Virgem.

Amarrem-se as correntinhas no lugar onde se pretende usá-las. Bom seria mandar benzer também o terço da Santa Escravidão.

Os escravos da Mãe de Jesus devem marcar um dia para celebrarem anualmente o aniversário da sua entrada na confraria.

Além disso, há todos os anos uma festa principal que os confrades devem solenizar de modo particular. A Santa Sé determinou a festa da Anunciação para este fim. Neste dia, deverão renovar a Consagração e os protestos que fizeram à Mãe de Jesus.

Deverão confessar-se comungar em ação de graças pelo favor que lhes fez a Santíssima Virgem recebendo-os como escravos, oferecendo-lhe a boa obra que querem fazer em honra dela, dizendo:

"Eis, minha querida Senhora, o humilde tributo que vos ofereço em agradecimento do domínio que tendes sobre o meu coração, depois de Deus, obtendo-me a graça de ser por vós recebido no céu, para oferecer-vos um tributo eterno de bênçãos e de louvores em companhia de todos os santos!"

Todo fiel servo da Santíssima Virgem deve:

1) Ter nela uma grande confiança;
2) Recorrer a Ela em todas as necessidades;
3) Não passar nem um dia sem dirigir-lhe qualquer oração;
4) Confessar-se e comungar nos dias das suas festas;
5) Mostrar a sua devoção diante dos mundanos;
6) Fazê-la conhecida e amada pelos outros;
7) Levar uma vida digna dela pela imitação das suas virtudes,

em particular de seu espírito de fé e da sua pureza;

8) Ter no quarto ou gabinete uma de suas imagens ou estátuas para honrá-la;

9) Lembrar-se de que o sábado lhe é consagrado;

10) Pedir-lhe todos os dias a graça da perseverança final.

V. Antigüidade da Santa Escravidão

A devoção da Santa Escravidão é tão antiga que se encontra, nas crônicas da cidade de Saragoça, um monumento autêntico nos seguintes termos: Um dia em que o Apóstolo São Tiago rezava pela conversão dos Espanhóis e estava prostrado ao lado de uma coluna de jaspe na qual havia gravado, com o dedo, o sinal da cruz, a Virgem Santíssima lhe apareceu em cima da coluna, tal uma soberana sobre um trono, e lhe ordenou que estabelecesse uma devoção em sua honra, que seria a de seus fiéis escravos.

Não nos surpreende que se tenha ela espalhado no mundo inteiro, e que tantos reis, rainhas, príncipes e princesas, Cardeais, Arcebispos, Bispos, gerais de ordens e tantos santos a tenham abraçado, que Soberanos Pontífices a tenham aprovado e enriquecido de indulgências!

As grandes graças que a Virgem Santa tem alcançado para seus escravos, e que diariamente lhes comunica, demonstram o quanto lhe agrade esta devoção.

Sabemos, aliás, que Maria não se deixa vencer em generosidade!

Sou o vosso servo, ó Virgem Santa, dizia São Boaventura, e o menor dos vossos servos.

Santo Odilon, abade de Cluny, foi o primeiro que praticou esta devoção. Viveu em 1040, há, pois, mais de 900 anos. Consa-grou-se a Maria para ser seu escravo todos os dias da sua vida, como o conta o seu historiador Lofardo.

O Bem-Aventurado Marin consagrou-se a Maria Santíssima como escravo, desde 1079, e nos assegura que esta doce Medianeira veio visitá-lo durante a sua última moléstia e lhe prometeu a felicidade eterna.

O Bem-Aventurado Vantier de Birbac foi um dos dignos escravos de Maria, a quem esta boa Mãe concedeu grandes favores, como se pode ler em sua vida.

Santa Matilde foi uma devotíssima escrava de Maria Santíssima.

O Venerável Vicente Carafa, sétimo geral da Companhia de Jesus, trazia ao pé um círculo de ferro para exprimir a sua escravidão à Santíssima Virgem.

O Pe. João de Lavalier, ilustre Mártir Jesuíta no México, era igualmente um fervoroso praticante da Santa Escravidão.

O rei católico Felipe III, Ladislau, rei da Polônia, Maria, rainha de França, mãe de Luís XIII, Margarida de Lorena, duquesa de Orleans; o cardeal Infant, o cardeal de la Guena, o duque de Baviera, Carlos Emanuel, duque de Sabóia com todos os seus filhos, o cardeal Maurício e o cardeal de Bérulle, todas estas augustas e ilustres personagens ufanaram-se de ser escravos da Santíssima Virgem, e de trazer sobre si as correntes de ferro que os ligavam a esta Mãe de misericórdia, e de inscrever os seus nomes entre os associados da Santa Escravidão.

Uma infinidade de pessoas de todos os estados, sexo, idade e posses imitaram estes exemplos. Gregório XIII, Urbano VIII, Alexandre VII, Clemente XII concederam numerosas indulgências em diversas ocasiões, tanto pelas Bulas que consagraram aos escravos da Bem-aventurada Virgem, como os chama Urbano VII em sua Bula: *“Cum sicut accepimus”*, no intuito de aumentar o número das confrarias e dos escravos. Pois julgava que estes meios são bem apropriados para se alcançarem as graças da salvação eterna e merecer a proteção tão necessária desta poderosa Soberana que é a porta do céu: *“Janua coeli”*.

São Boaventura exclama: Ó Virgem Santa, aquele que vós amais será salvo, e aquele que desprezais perecerá para a eternidade.

VI. Razões da Santa Escravidão

Para dar um último esclarecimento sobre a devoção da Santa Escravidão, direi que nenhum daqueles que têm a peito a salvação da sua alma deve deixar de entrar nesta santa confraria, e tornar-se *escravo* da augusta Mãe de Deus.

Três razões principais devem decidi-los a aderir a esta devoção:

1. Primeiramente, a facilidade que há em recitar a coroa da Santa Escravidão, que consiste em três Pai-Nossos e doze

Ave-Marias.

2. Segundo, os grandes proveitos que daí promanam: numerosas indulgências, preservação de muitos males e perigos, e participação de tantas boas obras.
3. Terceiro, o amor e a devoção que devemos à Santíssima Virgem, de quem tanto precisamos e que alcançará mil graças e benefícios, o perdão e a salvação para os seus devotos fiéis.

Foi revelado a uma alma do século passado que todos os que se consagram à Santíssima Virgem como escravos gozarão no céu de uma glória particular.

Como diz Santo Anselmo: *"Maria goza de tanto poder perto de Deus, que Ela faz o que quer!"*

Ai de nós! Há pessoas deste mundo que comprometem a sua saúde e se expõem a todos os perigos por causa de um lucro temporal! Há os que atravessam os mares, arriscam os seus bens e a sua vida, para alcançar um benefício, embora incerto... E nós não faríamos nada para salvar a nossa alma, que deve viver eternamente com Deus?

Se pensássemos bem nestes termos: *eternamente felizes* ou *eternamente desgraçados*, não nos descuidaríamos dos meios de assegurar-nos uma felicidade eterna.

VII. Confraria da Santa Escravidão

A revista francesa donde traduzimos a presente notícia conclui:

Vimos uma senhora piedosa que havia conhecido o santo Cura d'Ars. Por meio dele havia conhecido a sua vocação. Sentia desejos de entrar no convento. O santo Cura lhe declarou que tal não era a vontade de Deus.

A confraria da escravidão da Mãe de Deus existia em Ars; o santo nela inscreveu a sua penitente. A fórmula de recepção que se segue e que esta mesma senhora me entregou vem assinada pela sua própria mão; é, pois, uma prova autêntica da sua estima e de seu amor para esta forma de devoção.

Conserva esta Consagração como uma relíquia do santo Cura.

Fórmula de recepção
(Na Santa Escravidão da Mãe de Deus)

Nós, João Batista Vianney, sacerdote ligado à devota associação da Santa Escravidão da Imaculada Mãe de Deus, desejando enquanto possível estender a glória desta Rainha do céu e contribuir para a salvação do próximo, recebemos como membro da mesma associação ... A.D. ... no dia 12 de janeiro de 1853, e admitimo-la à participação de todas as graças espirituais, que já foram ou serão concedidas no futuro a esta confraria, contanto que ela cumpra as obrigações com piedade e exatidão.

Eu ... A.D. ... no dia 12 de janeiro de 1853 aceito de bom coração as gloriosas correntes que me ligam para sempre ao serviço da amável Virgem, Mãe de Deus, em qualidade de sua escrava, e tomo a resolução de fazer todas as minhas ações em sua honra e para a maior glória de Deus.

CAPÍTULO XXXIII

Santa Teresinha

Será que Santa Teresinha conheceu o *"Tratado da Verdadeira Devoção"* de São Luís Maria Grignion de Montfort?

Nada o prova. Entretanto, sua alma profundamente mariana, sem conhecer o texto, conheceu perfeitamente o espírito da Santa Escravidão.

Quando o Espírito Santo vê Maria numa alma, escreveu São Luís, voa para ela. E a Santíssima Virgem, fecunda como é, faz produzir frutos maravilhosos de santidade.

É bem o caso de Santa Teresinha, como o é de Santa Catarina Labouré, de Santa Bernadete e de tantas outras almas santas, escondidas para o mundo, mas estrelas luminosas no firmamento da Igreja.

Santa Teresinha, como o manifestam seus escritos, praticou admiravelmente a Santa Escravidão. Deu-se inteiramente a Maria, e viveu com Ela na mais perfeita intimidade. Consideremos por uns instantes este aspecto mariano da alma luminosa de Teresinha.

I. Teresinha e Montfort

Não se pode afirmar que Santa Teresinha haja lido o livro de São Luís Maria Grignion de Montfort; o certo porém é que ela conheceu a doutrina da Santa Escravidão.

Há segredos da vida interior que o próprio Espírito Santo revela às almas puras e não é preciso que estas os leiam nos livros espirituais.

A vida da santinha de Lisieux é a prática perfeita da Santa Escravidão. A esta prática ela chamou: *"via da santa infância"*. Mas, como o provamos no capítulo I deste livro, não se diferencia a *"infância espiritual"* em nada da Santa Escravidão de São Luís Maria Grignion de Montfort. A diferença é só de nome.

O dom total de si mesmo a Maria e a vida de intimidade formam a base do sistema de Montfort, como formam a base da espiritualidade de Santa Teresinha.

Há, na pequena via, tão suave, da infância espiritual – *"segredo de santidade"*, no dizer do papa Bento XV – há nela subidas luminosas e sublimes... Mas qual é o seu termo lógico, o seu ponto culminante?

É o ato, pelo qual a alma pequenina, entristecida diante da improficuidade de seus esforços para amar, suplica à misericórdia divina de vir em seu auxílio; é o ato pelo qual, no dizer da própria Teresinha, as almas pequenas, deslumbradas pela Águia divina, e gemendo em sua impotência de pagar amor por amor, se entregam ao fogo devorador do amor de Deus, para viverem num ato contínuo de puro amor. E este ato, Teresinha o faz por Maria Santíssima.

É o que admiravelmente expressa a *"Oferta ao amor misericordioso de Jesus"*, em que diz a santa: – *É a Ela* – Maria – *que entrego a minha oferta, suplicando-lhe que a apresente a Jesus"*.

É, pois, *por Maria* que Teresinha se dá a Jesus.

É a *Maria* que se entrega, chamando-a a *Rainha de seu coração*, para que a sua oferta seja aceita por Jesus, seu divino Esposo, a quem *deseja amar como Ele nunca foi amado*.

Ora, tais são, exatamente, as disposições que São Luís Maria Grignion de Montfort exige. E como Teresinha, também Montfort chamava Nossa Senhora Rainha dos corações.

II. Prática do amor a Maria

Desde cedo, antes mesmo do dia das grandes graças, que foi a 9 de junho de 1895, Teresinha, sem mesmo conhecer a Verdadeira Devoção organizada, praticava a Santa Escravidão de amor para com a sua boa *Mamãe do céu*, como dizia.

Para prová-lo, basta recolher uns fatos e ditos em sua autobiografia.

Com a idade de 4 anos apenas, ela sente uma satisfação imensa em ir rezar diante do altar de Maria Santíssima; e bate palmas ao ver a imagem rodeada de flores e lírios.

Quando fez sua primeira confissão, o sacerdote concitou a um grande amor a Maria Santíssima e ela *"prometeu redobrar suas*

ternuras por Aquela que já ocupava tão grande lugar em seu coração”.

Qual não foi a sua *felicidade*, no dia da primeira comunhão, ao *ler em alta voz o ato de Consagração a Maria Santíssima, em nome das companheiras!*

Mais tarde, ela pediu para ser admitida na Pia União das Filhas de Maria, dizendo que desejava *consagrar-se, de modo particular, à Rainha do Céu.*

Esta devoção ardente e terna, Teresinha a recebeu, dir-se-ia, como herança de sangue.

Todas as filhas desses pais abençoados, que foram Martin e sua esposa, eram consagradas à Rainha do céu, e recebiam o nome de Maria.

O amor destas crianças amorosas da *“Virgem do sorriso”* não eram sempre medido pela solidez material da estátua venerada em família... e muitas vezes era preciso recolar os dedinhos da imagem, mutilados involuntariamente pela freqüência dos beijos.

A santinha cantou mais tarde:

“Na primavera de minha vida,
Amei Jesus e a Virgem querida.”

III. Prática de união a Maria

Muitos se consagram a Maria Santíssima; relativamente poucos praticam esta Consagração e conseguem viver unidos a Maria.

Ao contrário, Santa Teresinha; sua vida foi, antes de tudo, uma vida realmente consagrada a Maria, uma vida de intimidade, uma vida *a dois:* ela e a Virgem Mãe de Jesus.

Sumamente compenetrada da sua Consagração, Teresinha tudo confiava a Maria, e tudo fazia em união com Ela.

Antes de começar a redação da sua própria vida, ou, como dizia, *a história das misericórdias divinas para com ela*, a humilde carmelita põe-se aos pés da Virgem santíssima, e lhe suplica uma assistência particular durante esse trabalho.

E assim procedia em todas as ações.

Na Sagrada Comunhão, sobretudo, Maria lhe serve de mo-

delo e medianeira.

A este respeito, ela escreve, com a costumeira graça:

“Imagino minha alma como um terreno baldio e estéril, e peço à Santíssima Virgem retirar dele os entulhos, que são as minhas imperfeições. Depois, suplico-lhe que Ela mesma construa aí uma grande tenda, digna do céu, e a adorne com próprios enfeites.

Com todos os anjos e santos, convido-a para que venha cantar hinos de amor.

E parece-me que Jesus fica satisfeito em se ver tão magnifi-camente recebido... e eu partilho a sua alegria!”.

Em toda a parte o olhar límpido e puro da alma de Teresinha se dirigia para a Virgem amável, no afã de modelar nela seus pensamentos, seus sentimentos, todos os seus movimentos.

Muitas vezes ela cantou:

“Nas sombras deste triste exílio, ó Mãe querida, quero viver contigo, ó luz de minha vida!”

Durante a tremenda provação que sofreu contra a fé e que durou quase um ano, foi o pensamento de Maria que a reconfortou. Ela mesma disse: *“Tendo o Rei do céu permitido que sua Mãe fosse submetida a noites e agonias do coração, é prova de que sofrer na terra é um grande bem! Sim, sofrer amando é a felicidade mais pura!”.*

A uma noviça, admirada com a sabedoria de seus avisos, Teresinha respondeu: “*Nunca vos faço observações, sem ter invocado a Santíssima Virgem. Eu mesma estou admirada com as respostas que vos dou. Jesus fala pelos meus lábios!”.*

As noviças experimentavam às vezes um certo acanhamento em se abrirem com Teresinha, visto ela ser ainda nova. Esta as encorajava, dizendo: “*Não é a mim que ides declarar o que vos custa, mas sim à Santíssima Virgem.”*

A intimidade de Teresinha com sua boa Mamãe do céu era tão encantadora quanto profunda: *“Escondo ao bom Deus as minhas penas* – dizia ela – *pois com Ele quero ter a aparência de ser feliz e tudo o que faz; mas não escondo nada à Santíssima Virgem; a Ela conto tudo!”.*

“Como amo a Maria Santíssima!” Exclamava muitas vezes. E redizia a mesma ternura à sua querida Mamãe: “*Sabeis, minha Mãe querida, que me sinto mais feliz do que vós? Pois eu vos tenho como Mãe, e vós não tendes, como eu, uma Santíssima Virgem para amar!”.*

Na última moléstia, que foi o seu calvário, o assunto das suas conversas era os privilégios e bondades de Nossa Senhora, bem como os exemplos da Sagrada Família.

O olhar de Maria a confortava no meio dos sofrimentos: *“Nunca Maria me pareceu tão bela... Mas hoje é a estátua... outrora...!”.*

É com Maria que a doce Vítima do amor misericordioso quer fazer a sua entrada no céu: *“Imploro somente à Virgem Maria, diz ela, que lembre a Jesus o título de ladrão!”.*

Aos últimos instantes, por entre as ânsias da morte, é sempre a lembrança e a invocação da Santíssima Virgem que a reconforta.

– *Ah!* – exclama – *com quanto fervor tenho implorado Maria!*

Foi o começo de seu canto de amor, que devia terminar na glória do céu.

E ela pôde cantar:

“Qual rosa que a murchar pra sempre renuncia
À vida e a quanto amava,
A Vós também, meu Deus, em venturoso dia,
Se entrega a humilde escrava!”

CAPÍTULO XXXIV

A Venerável Inês de Langeac

A vida desta alma privilegiada está repleta de maravilhas, mas o que sobressai de modo particular é o seu terno amor à Mãe de Jesus.

Inês Galand – era o seu nome secular – nasceu no começo do ano de 1602. Em 1611, com a idade de nove anos apenas, consagrou-se a Maria Santíssima como *escrava*. Em 1625, fez sua profissão religiosa.

Foi superiora do convento de Langeac. Morreu com reputação de santidade no ano de 1633.

A heroicidade das suas virtudes foi proclamada por Pio VII, em 19 de março 1808.

A vida desta santa foi toda milagrosa, desde o berço até ao túmulo.

Os demônios, os anjos, a Santíssima Virgem e Jesus Cristo multiplicaram suas aparições; de modo que a humilde virgem vivia em plena ordem sobrenatural.

I. A escrava de Maria Santíssima

O que domina em sua vida é o amor a Maria Santíssima, manifestado pela prática da Santa Escravidão.

Foi na igreja de Nossa Senhora de Puy, após a elevação, que a santa menina ouviu, distintamente uma voz, que lhe disse: *"Torna-te escrava da santíssima Virgem, e Ela te protegerá contra os teus inimigos!"*.

Antes de deixar o santuário, Inês, ajoelhada aos pés de Maria, pronunciou estas palavras: *"Virgem Santíssima, em consideração do vosso desejo de que eu pertença a Vós inteiramente, desde este momento vos consagro tudo o que sou, e prometo servir-vos como escrava"*.

Por sinal da sua eterna escravidão, ela passou em redor do pescoço e cruzou sobre o peito, e amarrou em volta da cintura uma corrente de ferro, que conservou a vida inteira. Esta corrente chegou a penetrar tão fundo em suas carnes, que se tornou invisível.

Foi tão séria e santa esta Consagração, apesar de feita por uma simples criança, que lhe ficou gravada no coração por toda a vida, e tornou-se uma de suas práticas piedosas mais querida e que maior influência lhe exerceu na vida espiritual.

Cada ano, Inês renovava solenemente a sua Consagração, aos pés da Virgem Santa.

* * *

Importa notar que, neste tempo, São Luís Maria Grignion de Montfort não havia ainda escrito o seu livro "Tratado da Verdadeira Devoção" e que nem o livro sobre a mesma prática, do Venerável Boudon, havia sido publicado.

Foi, portanto, sob inspiração particular do Espírito Santo, que a pequena Inês teve conhecimento de tal prática.

Este espírito de Santa Escravidão foi para ela uma fonte de graças. Ela mesma o declarou muitas vezes.

Para honrar a sua querida Senhora, Inês comungava todos os sábados na igreja da Santíssima Virgem de Puy, quando ainda no mundo. E com a idade de 8 anos apenas fez voto de castidade perpétua.

Recitava diariamente o terço, e, não o podendo fazer de dia, fazia-o durante a noite.

Os mistérios do rosário eram o alimento fecundo da sua contemplação. O esforço e recolhimento que mostrava neste santo exercício eram tão edificantes, quanto eficazes para um constante progresso na santidade.

Todas as tardes, ia ela ajoelhar-se aos pés de uma imagem da Virgem Santa, e ali fazia, com devoção, um certo número de prostrações, saudando doze vezes a sua amável Rainha.

Nas quatro primeiras prostrações, meditava a pureza imaculada de Maria Santíssima. Nas quatro seguintes, a sua incomparável humildade. E nas quatro últimas, considerava o amor imenso de Maria a Jesus Cristo.

Ocupada com estes pensamentos, afirma o seu historiador, a angélica menina se perdia no amor divino e entrava em êxtase.

II. Sua vida religiosa

Aceita na Ordem das Dominicanas, Inês continuou ali a sua vida de união com Maria Santíssima e coroou, pela prática das mais sublimes virtudes, seu desapego das coisas e das pessoas do mundo.

Dia e noite trazia sobre o coração uma estatueta da Mãe de Jesus. E era diante desta imagem que, ao fim do dia, prestava conta a sua boa Mãe, agradecia-lhe as graças recebidas, ou pedia perdão das negligências, para recomeçar com novo ardor a vida de escravidão.

Como havia no claustro várias escadas, adotou a santa o costume de recitar Ave-Marias, ao subir e descer por elas.

Ora, subindo um dia apressadamente, esqueceu-se daquela prática. Então interpelou-a seu Anjo da Guarda, dizendo com um sorriso: *"Irmã Inês, a Ave-Maria!".*

Desde essa hora nunca mais se esqueceu, e tornou-se-lhe muito mais querida aquela devoção.

Jamais se sentia tão feliz como quando lhe era dado falar das grandezas e das virtudes da Rainha celeste. Para estimular suas irmãs, lhes disse um dia: *"Ficai certas de que nada é mais agradável à Virgem Santíssima que o pensarmos em sua pureza, humildade e incomparável amor".*

Mais, tarde, Irmã Inês foi eleita superiora do convento. Desde então, considerava-se representante da Mãe de Jesus, a quem proclamou única e perpétua Superiora do Mosteiro de Santa Catarina de Langeac.

Quando vinham as religiosas, depois do ofício, pedir a licença de conversar dizendo-lhe: *"Benedicite, Mater!"* – ela se voltava para a imagem de Maria pedindo-lhe permissão nos mesmos termos: *"Benedicite, Mater!".*

A sua piedade filial inspirou-lhe, ainda, conservar aos pés da imagem de Nossa Senhora uma lâmpada acesa, de dia e de noite, como representante de seu coração perto do coração da Mãe celeste.

De manhã ao levantar-se, de noite ao deitar-se, e durante o dia cada vez que saía ou entrava na cela, a Santa se ajoelhava para pedir a bênção da Santíssima Virgem.

"Nos cum prole pia, benedicat Virgo Maria!". E no fim de sua vida ela confessou que esta prática lhe alcançou assinalados favores da Mãe de Deus.

III. Aparições e sofrimentos

Nossa Senhora lhe apareceu várias vezes, e sob várias formas.

Um dia apareceu-lhe vestida de azul, com a lua debaixo dos pés, e a cabeça aureolada de doze estrelas.

Outro dia, olhando pela janela, do lado do santuário de Nossa Senhora do Puy, enquanto contemplava como de costume uma das virtudes da augusta Mãe, a Santa, de repente, sentiu trespassar-lhe o coração um como raio de amor tão violento que a prostrou por terra feito morta.

O ferimento a deixou enferma durante uns quinze dias, tempo em que sofreu dores de um verdadeiro purgatório.

Entretanto, a Virgem Santa veio consolá-la no meio dos sofrimentos, e exortá-la à paciência.

Tendo Inês contado esta visão a seu confessor, este não lhe quis dar crédito, o que muito a afligiu. Para restituir-lhe a calma, a Santíssima Virgem mandou um anjo, que lhe afiançasse a inteira certeza da aparição, e lhe anunciasse outras novas aflições, preparadas pelo inferno furioso.

Um dia, estava Inês toda absorta em oração, consagrando-se de novo como escrava da Mãe de Deus, e acompanhando este ato por uma rude e sanguinolenta disciplina. Apareceu-lhe então a mesma Senhora, e lhe disse: *“Basta, minha filha!”.* E no mesmo instante o Anjo da guarda lhe tirou das mãos o açoite.

E inclinando-se para ela, a Mãe de Jesus, sorridente e terna, passou-lhe ao pescoço uma corrente de ouro, dizendo: *“Eu te recebo de novo por minha escrava!”.*

No dia da Anunciação, renovando ela ainda a Consagração de si mesma, outra vez lhe apareceu a Santíssima Virgem, acompanhada por Santa Cecília, e repetiu: *“Eu te recebo, de novo, por minha escrava!”.*

E Santa Cecília ajuntou: *“Todas as pessoas que se fizerem deste modo escravas da Santíssima Virgem gozarão no céu de uma glória particular”.*

Noutra ocasião, fazendo a humilde Inês as suas acostumadas prostrações diante de uma imagem da Santíssima Virgem, foi momentaneamente tomada de um certo receio de não estar fazendo bem com tais práticas. Mostrou-se-lhe, no mesmo ponto, a Mãe de Jesus, e lhe disse: *“Não te perturbes, minha filha! As tuas homenagens agradam a meu divino filho. Persevera e nada receies!”.*

IV. Consolação e segurança

Num momento de extremo desconsolo, motivado pelo conselho de certas pessoas, Inês ficou receosa de andar iludida com suas práticas de devoção.

A Mãe de Deus veio, mais uma vez, tranqüilizá-la. *"Não te aflijas, minha filha",* – lhe disse. *"Em breve te enviarei um de meus bons servos, e Ele te consolará".*

No dia seguinte chegava a Langeac um santo Capuchinho, de Puy, o Pe. Teodoro de Bérgamo. Era este um religioso de piedade eminente, formado por São Carlos Borromeu.

Zeloso escravo de Maria Santíssima, valia-se da grande eloqüência que Deus lhe dera, para tornar conhecida e amada a Santíssima Virgem, e para espalhar a sua devoção. Examinou o caminho extraordinário trilhado por Inês, e assegurou-lhe de que era inspirada e dirigida pelo Espírito de Deus.

Ele mesmo andava por caminhos que se afastavam do comum, e recebia graças especiais. A narração das graças obtidas por Inês o estimulou para pregar com mais ardor ainda a Santa Escravidão.

Separando-se da santa religiosa, o Pe. Teodoro lhe recomendou que perseverasse na prática de virtudes sólidas e, em particular, no amor à Mãe de Jesus.

É incrível, diz um dos confessores da Venerável, quão freqüentes eram as aparições de Nossa Senhora a esta fervorosa Dominicana.

Bastantes vezes aconteceu, sendo ela porteira do convento, aparecer-lhe a Santíssima Virgem para a advertir de suas obri-gações.

Outras horas estava ela em piedoso colóquio com a doce Mãe, quando batia a campainha do convento. E logo lhe dizia a Santíssima Virgem: *"Minha filha, a obediência te chama. Tu me encontrarás em outro momento!".*

Estando um dia enferma e de cama, visitou-a a Mãe de misericórdia, à meia noite, e lhe disse: "*Inês, vai apascentar as tuas ovelhas!".*

Tanto que ouviu estas palavras, a santa religiosa levantou-se, e estava completamente curada. Foi para o coro juntar-se à comunidade, que estava cantando *matinas*.

V. Espírito de humildade

O característico da verdadeira santidade é a humildade... E a característica da humildade é a obediência. Este é, aliás, o espírito de São Luís Maria Grignion de Montfort na prática da Santa Escravidão.

Conta, da Venerável Inês, o seu historiador que, no dia da Imaculada Conceição, a Virgem Santa lhe apresentou uma coroa de rosas. *"Vê, minha filha,* – lhe disse – *a bela coroa que te formaram os espinhos da tua aflição!...".*

Inês manifestou a Maria sua repugnância em receber tal coroa, que não merecia, e suplicou-lhe que a poupasse desta honra. A Mãe de Jesus sorriu diante desta manifestação de humildade e cedeu aos desejos de sua escrava.

Segundo narraram suas súditas, muitas vezes a Madre Inês, andando pelo convento, prostrava-se de repente para receber a bênção da Santíssima Virgem. Numa destas aparições disse a suas religiosas: – Ajoelhai-vos... É a *Mamãe* que nos abençoa!

Uma religiosa, ao ver a Madre Inês em grande alegria depois de uma aparição da Santíssima Virgem, perguntou-lhe o que ela fazia quando lhe era concedido um destes favores. "*Imediatamente me prostro, respondeu a santa, para assim afugentar o demônio, se for uma ilusão; pois o monstro do orgulho não suporta um ato de humildade... A Mamãe fica; então me aproximo do Menino Jesus e lhe beijo os pés e as mãos!".*

Seria preciso escrever um grosso volume, diz o seu historiador – Pe. Lantages, Sulpiciano – se se quisesse narrar todos os favores que Inês recebia da Mãe de Deus. Esta Mãe querida visitava muitas vezes a sua pequena escrava, consolava-a, abençoava-a, acariciava-a nas alegrias, curava-a nas enfermidades e a protegia nos perigos, testemunhando-lhe em toda a parte o mais terno afeto.

CAPÍTULO XXXV

O Venerável Padre Olier

O Venerável Padre Olier, fundador dos Sulpicianos, dos Seminários na França e reformador do Clero no Século XVII, é uma das mais belas e radiantes figuras de amor à Santíssima Virgem e da prática da Santa Escravidão, antes mesmo que fosse divulgada por São Luís Maria Grignion de Montfort.

Todos os seus contemporâneos estão concordes em atestar que Deus iluminou de modo particular este santo sacerdote.

As pessoas de mais renome e responsabilidade dizem dele que era um vaso de graças, uma luz puríssima, um homem cujos conhecimentos vinham do alto, e cuja doutrina, sólida, santa e pura, arrebatava e aquecia as almas – Expressões dos Bispos da época, de Ereux, Bolonha, Soisson, Pamiers, etc.

O Padre Tronson, universalmente conhecido pela prudência e doutrina – autor do livro: ***"Exames de Consciência"***, para uso do clero – diz que o Pe. Olier foi dotado das luzes mais puras e mais sublimes que se tenham visto desde séculos.

I. Primeiros estudos e trabalhos

Qualquer fosse a facilidade que tivera para o estudo, escreve o seu historiador, é preciso reconhecer que o Pe. Olier nunca teve a ocasião, nem o tempo de adquirir, por este meio a ciência profunda que se encontra em seus escritos. – Ele escreveu entre outros livros: ***"A vida interior da Santíssima Virgem"***, em dois volumes.

A história da sua vida que nos é conhecida pormenorizadamente, é uma prova sem réplica deste fato.

Apenas havia ele recebido o título de bacharel em teologia, com a idade de 22 anos, afastou-se dos estudos, para se entregar ao serviço espiritual do próximo. E esta ocupação lhe absorveu toda a vida até a moléstia, que o levou ao túmulo.

Na sua primeira missão na Auvergne já o vemos, horrorizado da própria ignorância, ir consultar a Madre Inês de Langeac a respeito do desejo que nutria de abandonar o ministério e voltar a Paris, a fim de completar seus estudos.

E, de fato, voltou. Por algum tempo freqüentou os cursos da Sorbona. Reconheceu, entretanto, logo, de modo certo, que tal não era a vontade de Deus.

São Vicente de Paulo e o Venerável Padre de Condren, um e outro depositários dos segredos da sua alma e confidentes dos seus desejos, julgaram, como havia julgado a Venerável Inês de Langeac, que Ele devia renunciar ao doutorado, e seguir as inspirações de seu zelo para a salvação das almas.

Durante oito anos, o Pe. Olier, em companhia de vários outros sacerdotes zelosos, percorreu várias províncias da França, pregando missões.

II. Moléstia e cura

Após 8 anos de lutas, o zeloso missionário caiu num estado de acabrunhamento, de cegueira de espírito tão profunda, que durante um ano e meio tornou-se incapaz de qualquer trabalho, esforço ou estudo. Parecia ser o joguete e a repulsa de todos. Incapaz de dar-se aos estudos, impotente para reter, para com-preender, e mesmo para exprimir o que outrora aprendera.

Em conversação, ficava por vezes como desentendido, de espírito suspenso, como um insensato.

Chegou ao ponto de não poder mais escrever uma carta; e em tentando fazê-lo ficava duas a três horas para escrever uma linha, e esta ainda sem nexo e assunto.

Querendo pregar, subia ao púlpito, mas não encontrava nem idéias, nem palavras.

Enfim, os sacerdotes que trabalhavam com Ele foram obrigados a interdizer-lhe todo ministério exterior. Foi tido, por quantos lhe falavam, como abobado e feito criança.

Tendo-o, por isso, abandonado os primeiros colegas, ficou apenas com dois sacerdotes, em companhia dos quais cogitava fundar um Seminário em Vougirard.

De repente, operou-se nele uma mudança radical e toda prodigiosa. Reavivou-se-lhe por completo a memória e a inteli-

gência.

Começou a trabalhar no Seminário e na reforma da paróquia de São Sulpício, que lhe foi confiada, e com tanto ardor que nem lhe sobrava um instante para o estudo.

Revelando então o milagre com que acabava de ser favorecido, escreveu a certo amigo:

"Como me queixava a Deus de nada saber e nem o tempo tinha para ler a Sagrada Escritura, a bondade divina me respondeu: Tu saberás a Escritura por infusão; e saberás mais do que qualquer outro".

E realmente Deus o encheu de luzes tão abundantes e extraordinárias, que seus companheiros, seu diretor e os homens mais ilustres desta época dão testemunho de que os conhecimen-tos dele são tão vastos e profundos, que é impossível provirem de estudos.

III. Ciência infusa

O próprio Olier reconhece que é milagre a sua prodigiosa sabedoria. Eis o que escreve, a seu diretor: *"Esta mudança de minha ignorância num estado de inteligência tão perfeita e divina não pode ter-se operado senão por um milagre assombroso.*

Em vez das trevas tão espessas que outrora me envolviam, tenho agora tantas luzes; em lugar daquela confusão de meu espírito, possuo tanta lucidez em meus pensamentos, que fico estupefato ao pensar nisto.

Sinto uma alegria imensa quando me lembro do estado de cegueira, em que todos me viram, do estado de luz, em que Deus me colocou agora.

É-me fácil tudo atribuir a Deus e dar-lhe toda a glória, pelas luzes que infunde em meu espírito, já que outrora eu estava mergulhado nas mais densas trevas, ao ponto de ser um objeto de zombaria dos mesmos que hoje me escutam com admiração...".

Assim inspirado por Deus e dotado de uma sabedoria infusa, quis o Padre Olier dedicar sua vida à exaltação da Virgem Santíssima. É o que aparece dos seus escritos admiráveis.

"Quem me dera, – escreveu – *anunciar por toda a parte o amor de Jesus Cristo sua doce Mãe, para com isso dar a entender o quanto vale o amor de Maria, quão grande é o poder de Maria, e, assim, alcançar que seja Ela amada e honrada no mundo inteiro!".*

IV. Relações de Amizade com a Venerável Inês

O que vamos narrar aqui é um verdadeiro complemento à vida da Venerável Inês de Langeac, precedentemente exposta.

Inês tomara por ideal a santificação do Clero, e rezava sem cessar para este fim.

Um dia, estando muito enferma, sentiu um veemente desejo de morrer.

Nosso Senhor lhe apareceu então, e lhe disse: *"Tu me és ainda necessária para a santificação de uma alma que deve ser um instrumento para minha glória".*

A santa religiosa redobrou as suas orações pelos sacerdotes; e eis que um dia lhe aparece a Santíssima Virgem, e lhe diz: *"Implore a meu filho para o Abade de Pebrac".*

Pebrac era uma Abadia distante duas léguas de Langeac.

Quem era este Abade tão querido de Jesus e de Maria?

Inês não o conhecia, e lhe ignorava até o nome. Ora, este Abade era o Padre Olier.

Neste ano de 1631, João Tiago Olier, ainda estudante, contava 23 anos de idade. Atraído a princípio para o mundo, converteu-se quando de uma romaria a Nossa Senhora de Loreto; e agora se entregou inteiramente a Deus e se prepara à recepção do sacerdócio.

Inês ora por Ele sem conhecê-lo.

Quando, mais tarde, depois de ter recebido o sacerdócio, o Pe. Olier descobrir as misericórdias celestes, cantará a sua gratidão.

Eis em que termos Ele revela a sua devoção e prática da *Santa Escravidão*, que lhe foi revelada pela Venerável Inês:

"Para honra da Santíssima Virgem, Advogada dos pecadores, dos quais sou o primeiro, protesto a seus pés, como seu indigno escravo, que lhe sou devedor de todas as graças recebidas. Declaro, cheio de confusão, que apenas libertado do abismo de pecados, em que fiquei mergulhado vários anos de minha mocidade até aos 22 anos, esta Rainha do Céu, mais encantadora em sua bondade do que em sua grandeza, tomou o cuidado – e ouso dizê-lo: tomou a pena de baixar à terra e visitar uma das suas servas de admirável santidade, a quem disse: Implore a meu filho para o Abade de Pebrac, – conforme o cos-

tume deste tempo, certas prebendas ou abadias eram confiadas a seculares, que nomeavam um sacerdote para administrá-las em seu nome – falando deste miserável pecador.

Esta santa religiosa cumpriu com cuidado a missão, embora sem me conhecer, imolando-se, como uma vítima à justiça divina.

Depois de ter sofrido, em expiação de meus abomináveis pecados, suplícios excessivos, o Filho de Deus a fez sofrer as agonias da sua paixão e morte. Além disso, lançou mão de todas as indústrias que o amor inspira às almas penitentes, como cilícios, disciplinas, correntes de ferro, e isto com tamanha generosidade que ensangüentava as paredes da sua cela, e as pontas agudas da sua disciplina lhe penetravam até aos ossos, que ficavam descobertos e desnudados de carnes" – cf. ***Memórias de M. Olier***.

V. Aparições da Venerável Inês

Foi enquanto residia na casa de caridade dos *"Bons Meninos"*, sob a direção de São Vicente de Paulo, que João Olier foi ordenado sacerdote em 21 de março de 1633.

Neste mesmo ano consagrou-se a Maria Santíssima, *como seu indigno escravo*.

Foi designado para pregar uma missão em Auvergne, porém quis antes fazer um retiro de dez dias em São Lázaro. Foi aí que lhe apareceu a Venerável Inês de Langeac. Ele mesmo nos conta o fato.

"Um dia – diz Ele – *durante o retiro que fiz antes de empreender a minha primeira viagem para a missão em Auvergne, estando em meu quarto, a fazer meditação, ví esta santa alma chegar-se a mim com grande majestade. Numa das mãos tinha um crucifixo, e na outra um rosário.*

Seu anjo da guarda, de extrema beleza, segurava-lhe com a mão direita a borda do manto e na esquerda trazia um lenço para lhe enxugar as lágrimas que corriam de seus olhos.

Mostrando-me o semblante penitente e aflito, ela me disse: "Choro por ti!". Isto me deu um choque violento no coração, e me encheu de suave tristeza.

Em espírito fiquei de joelhos diante dela, embora corporalmente permanecesse sentado.

Após a visão, contei tudo ao meu diretor: São Vicente de Paulo.

Este não me respondeu senão perguntando quais as palavras que a aparição me dissera.

Não pude responder na hora, por falta de reflexão; entretanto, lembro-me perfeitamente delas.

No momento, julguei ser a Santíssima Virgem. Concluí, também, que, apresentando-me o crucifixo e o terço, queria ela ensinar-me que a cruz e a devoção a Maria seriam os instrumentos da minha salvação.

Algum tempo depois, – ajunta o Pe. Olier – *esta santa alma veio outra vez confirmar a visão.*

E nesta segunda aparição, Olier descobriu, por certos indícios, que não era a Santíssima Virgem, mas sim uma religiosa.

Pregando a missão de Auvergne esteve no convento de Langeac, onde, de fato, reconheceu a Madre Inês.

– *Minha Madre,* – disse-lhe – *eu vos ví em outra parte.*

– *É verdade,* – respondeu ela – *vistes-me duas vezes em Paris... Pois tinha eu recebido da Santíssima Virgem a ordem de rezar pela vossa conversão. Deus vos escolheu para lançardes os fundamentos dos primeiros Seminários na França...".*

VI. O espírito da Venerável Inês

O Padre Olier é, pois, filho espiritual da Venerável Inês de Langeac.

"É esta piedosa virgem, disse a Assembléia do Clero ao Papa Clemente XII, em 1730, que gerou para o Cristo, João Tiago Olier, este sacerdote do Cristo, honra insigne e adorno do nosso Clero".

Os Padres de São Sulpício, herdeiros de seu fundador, desde 1702 haviam já declarado: *"Pelas suas orações, a Venerável Inês gerou para o Cristo, João Olier, e deste modo tornou-se ela a nossa mãe espiritual".*

A Venerável Inês não somente converteu o Pe. Olier, mas foi o sustento da sua nova vida. Foi ela quem orientou e dirigiu o convertido na sua verdadeira missão de apóstolo, de fundador e de propagador da devoção à Santíssima Virgem.

São Vicente de Paulo o havia destinado para as missões, apesar de uma saúde abalada. Desde a primeira entrevista que lhe deu, entretanto, Inês declarou-lhe que Deus o queria empregar na fundação dos primeiros Seminários na França.

Ela o fez trocar de diretor, enviando-o ao Padre de Condren, não só a bem de sua santificação pessoal, mas ainda para que Ele adquirisse o espírito que tal missão lhe impunha.

E nada mais acertado, pois a devoção dominante, a grande idéia do Pe. de Condren, bem como do Santo Padre Eudes e do Cardeal de Bérulle, era a imitação da vida interior de Maria Santíssima e o abandono em suas mãos de tudo o que eram, de tudo o que tinham e de tudo o que podiam. É da doutrina tão bela e fecunda destes grandes homens que São Luís Maria Grignion de Montfort receberá mais tarde, a sua doutrina mariana e a forte espiritualidade da Santa Escravidão.

Foi ao calor desses grandes corações que o Padre Olier se tornou apóstolo de Maria Santíssima e um dos criadores do movimento mariano que recebeu tamanho impulso naqueles tempos.

Pouco depois foi na escola do Padre Olier, durante seus estudos em São Sulpício, que São Luís Maria Grignion de Montfort aprendeu a pôr em plena luz o método feliz de viver na dependência de Maria Santíssima.

Portanto, exerceu a Venerável Inês uma influência realmente formadora sobre o espírito do Pe. Olier, comunicando-lhe muitas luzes particulares, que tinha, sobre a vida interior da Santa Escravidão. *"Ajudei-o muito a amar a Santíssima Virgem"*, disse um dia a mesma Venerável Inês.

E São Luís Maria Grignion de Montfort assegura que *"foi esta santa religiosa quem ensinou a Verdadeira Devoção a vários outros que nela fizeram grandes progressos, entre os quais o Padre Olier, fundador do Seminário de São Sulpício".*

VII. A doutrina do Venerável Olier

Como dissemos acima, a ciência do Venerável Pe. Olier foi antes infusa que adquirida. Uma luz divina irradia-se de seus escritos. Ele procura fazer conhecidas todas as *disposições interiores* de Jesus e de Maria. Nada em seus livros que possa satisfazer à simples curiosidade de uma devoção sensível.

"A Vida interior da Santíssima Virgem", por exemplo, apresenta verdades novas em aparência, porém tão simples e tão claras, que o leitor fica admirado de não as conhecer ainda.

Estas verdades, baseadas sobre os dogmas certos e imutáveis da fé, sobre os mistérios da religião, e sobre o ensino explí-

cito da Igreja, trazem em si mesmas as próprias provas, de modo que, só de serem escritas, enchem de luz e convicção os espíritos. Parecem evidentes.

Tudo isso prova que o Venerável Olier recebia diretamente de Deus luzes sobrenaturais, conforme ele mesmo atesta.

"Senhor, – escreve ele – *quando penso nas verdades que me mostrais, e que me eram completamente desconhecidas até hoje, elas me encantam, como encantam os que me ouvem! Entretanto, elas são tão simples, tão singelas, que me parece serem conhecidas por todos; admira-me que quantos me escutam não a tenham conhecido antes.*

Estas verdades são tão bem fundadas e tão solidamente apoiados, que os grandes teólogos que me cercam ficam admirados de como tenha sido possível eles as ignorarem até hoje.

A razão é que só a Teologia escolástica não pode iluminar os mistérios de Jesus Cristo, e expô-los a plena luz. Ela somente conclui dos princípios da fé, com auxílio do raciocínio; mas com isso não alcança descobrir o que não pode ser manifestado senão por uma claridade divina. Estando estes mistérios escondidos por ordem de Deus, não se podem conhecer se Ele mesmo não os revelar...".

VIII. Morte do Venerável Olier

Não há dúvida: o Padre Olier foi um homem suscitado por Deus para a fundação dos Seminários, e para perpetuar o seu espírito por meio dos Sulpicianos, que até nossos dias continuam a dirigi-los, na França e noutros países.

O espírito do Venerável é um espírito de dependência completa da Santíssima Virgem, como o ensina São Luís Maria Grignion de Montfort.

Ele foi um escravo fervoroso da Mãe de Deus.

Consagrou sua vida em incutir este espírito na alma dos numerosos sacerdotes formados por Ele e por seus filhos espirituais.

A sua vida foi curta. Cheia, contudo, de grandes empreendi-mentos e de grandes virtudes.

Ao cabo de dez anos de um ministério sem descanso, as enfermidades o obrigaram a renunciar a paróquia de São Sulpício que radicalmente transformara num centro de vida cristã e

mariana.

Pouco depois foi atacado de paralisia completa, que o levou à morte, com a idade de 48 anos e meio.

Como se vê, esta vida admirável, como enlaçada à vida do Pe. de Condren, do Cardeal de Bérulle, da Venerável Inês de Langeac, de São Vicente de Paulo, e de outros luminares da época, é um dos elementos formadores do espírito mariano que São Luís Maria Grignion de Montfort recolheu e transmitiu aos pósteros pelo seu *Tratado da Verdadeira Devoção*.

CAPÍTULO XXXVI

O Beato Teófano Venard

Dentre os imitadores de São Luís Maria Grignion de Montfort, um dos mais convictos e fervorosos é, sem dúvida, o grande Mártir, Beato Teófano Venard.

Não só lia freqüentemente o *Tratado da Verdadeira Devoção*, mas praticava admiravelmente a doutrina de Montfort, como podemos recolher de seus escritos e exemplos.

Entre as autografias do santo Mártir figura uma espécie de *Vademecum*, ou caderno por ele escrito, que contém os vários exercícios e orações, que fazia cada ano, cada mês e cada dia.

E é para se notar que todos estes exercícios e práticas são tomados dos escritos de São Luís Maria Grignion de Montfort.

I. A Sua Consagração a Maria

A primeira prática de devoção do futuro Mártir é a oferta de si mesmo a Maria Santíssima na fórmula indicada por São Luís Maria Grignion de Montfort: ***"Eu sou todo vosso, ó Maria, e tudo o que é meu vos pertence"***. – *"Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt"*.

A sua oração de hora, que recita a cada instante, é a invocação conhecida, do Pe. Zucchi: ***"Ó minha soberana, ó minha Mãe, eu me ofereço inteiramente a vós, e, para vos dar uma prova da minha dedicação, consagro-vos hoje meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu coração e todo o meu ser. Já que vos pertenço, minha boa Mãe, guardai-me e defendei-me como bem e propriedade vossa".***

Teófano prescreveu-se, além da coroa de Nossa Senhora das Dores, a recitação da coroinha dos doze privilégios de Maria, tão recomendada por São Luís Maria Grignion de Montfort.

Era sobretudo na celebração da Santa Missa que ele se esforçava por praticar os sentimentos de seu Diretor Espiritual.

O seu *Vademecum* contém grande número de pensamentos e exercícios apropriados para o santo sacrifício, a Sagrada Comunhão e ação de graças no espírito da Santa Escravidão.

Na ação de graças se encontra uma oração imitada da *"Alma de Cristo",* de Santo Inácio, e que parece ter sido feita por Teófano. É hoje oração conhecida em toda parte:

"Alma de Maria, santificai-me;
Coração de Maria, inflamai-me;
Mãos de Maria, sustentai-me, etc".

Enfim, o plano de seu retiro anual, como assunto de meditação redigido em latim, termina com estas duas frases, que indicam o seu espírito de escravo de Maria:

Resumo da perfeição em três pontos:

1. Começar cada dia;
2. Ver atualmente Deus presente;
3. Propor-se em tudo a maior glória de Deus.

Meio de perfeição:

A prática da Santa Escravidão de Maria.

A perfeita Consagração, conforme a fórmula de São Luís Maria Grignion de Montfort, copiou-a Teófano e assinou com seu próprio sangue, como se pode ver no original conservado na sala dos Mártires, no Seminário das Missões.

O Bem-Aventurado assim, subscreveu aquele Ato:

"J. Th. Venard, escravo de Maria.
Festa do santo nome de Jesus, 1860."

II. O Missionário

Como o futuro Mártir foi levado à escola de São Luís Maria Grignion de Montfort? Naquele tempo, o *Tratado da Verdadeira Devoção* estava como sepultado no esquecimento, e era então que acabava de ser providencialmente encontrado.

Os caminhos de Deus são admiráveis! Deus serviu-se do Pároco de Teófano para descobrir-lhe este segredo que tanto devia entusiasmar seu ardor natural para o apostolado.

Quando o jovem terminava os estudos literários no Colégio de Doné, o Vigário de São Lupo, sua paróquia natal, era o Padre Bonnin, que devia entrar mais tarde na Companhia de Maria, fundada por São Luís Maria Grignion de Montfort.

Teófano mantinha com o Pe. Bonnin relações de santa amizade. Este sacerdote era um entusiasta da Santa Escravidão e não deixou de conversar a este respeito com o seu jovem e ardoroso amigo.

Teófano, inclinado naturalmente para uma devoção que enquadrava perfeitamente com o seu temperamento generoso, não hesitou um instante em adotá-la e pô-la em prática.

Estas duas belas almas se estimulavam mutuamente para uma vida mais abnegada e mais santa do que a que levavam.

No mesmo ano de 1851, o Pe. Bonnin entrou no Noviciado da Companhia de Maria, em São Lourenço-Sur-Sèvre, e o Padre Teófano, no Seminário das Missões estrangeiras.

Teófano seria Missionário. E seria o Missionário de Maria Santíssima... Era o seu ideal... a sua vocação.

Em 1853 foi mandado pelos superiores para as Missões de Tonkin, onde ia distinguir-se pela prática de todas as virtudes; pelo zelo ardente das almas, e onde selaria sua gloriosa missão pelo sacrifício da própria vida no martírio.

Já era o escravo de Maria; quis ser o seu apóstolo... Em breve será o seu Mártir!

III. Prisioneiro e Mártir

Desencadeou-se uma perseguição feroz, a mandado do terrível imperador Tu Duc, contra todos os que professavam a religião de Jesus Cristo. Foram dadas ordens a todos os emissários, de que prendessem e atormentassem aos que en-

sinavam a religião do Crucificado.

O ano de 1860 devia ser o mais cruel para a Igreja de Tonkin e o último para o valente apóstolo, que não poupava esforços, fadigas e sacrifícios para sustentar os cristãos da sua missão.

Teófano foi descoberto pelos sicários do imperador, feito prisioneiro, e condenado ao suplício. É do fundo do cárcere que escreveu a seus pais: – *“Já vos escrevi umas linhas de adeus, no momento mesmo em que iam passar-me ao pescoço e nas pernas a corrente dos celerados. Beijei a esta bela corrente de ferro, verdadeira corrente de escravo de Jesus e de Maria, que não trocarei por peso igual de ouro!”.*

Mais tarde, julgando escrever pela última vez a seu Bispo, Dom Theruel, o Venerável termina pela lembrança da Santíssima Virgem: *“Digamos ainda uma vez, juntos, a Maria Santíssima: Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt” – “Eu sou todo vosso, ó minha Mãe, e tudo o que é meu vos pertence”.*

Redizendo de antemão o que se pode chamar o cerimonial da sua entrada no céu, o santo missionário espera que o seu primeiro encontro seja com a doce Rainha do Paraíso.

Ela escreve estas tocantes e amorosas linhas: *“Apresentarei a minha palma a Nossa Senhora, e lhe direi: Salve, ó Maria, ó Mãe, ó Senhora, ó Rainha, salve! E irei colocar-me sob o estandarte dos Mártires por amor de Jesus!*

Quem me dera saber que oferecerei ao Senhor o meu sacrifício supremo num dia de festa de Maria Santíssima!”.

IV. A influência póstuma

O santo missionário foi, pois, um discípulo fiel de São Luís Maria Grignion de Montfort. Os instrumentos de penitência e de suplícios que nos legou, e sobretudo os seus objetos de piedade, sem falar da Consagração assinada pelo seu próprio sangue, são disto uma prova indiscutível.

Há coisa melhor ainda do que as lembranças materiais da devoção do Bem-Aventurado Mártir; é o seu próprio espírito de piedade, que se comunicou a milhares de almas, graças à simpatia de sua pessoa, conhecida pelas cartas que deixou, e graças a sua vida admirável, que tem suscitado legiões de almas dedicadas e heróicas no serviço de Deus.

Encontramos um exemplo notável desta influência de sim-

patia na vida de Santa Teresinha. Esta alma angelical era uma admiradora, uma verdadeira devota do Mártir Teófano Venard, a quem invocava e procurava tornar conhecido como modelo das almas pequenas e heróicas do seu caminho da santa infância.

A santa carmelita dedicou-lhe um poema em 2 de fevereiro de 1897, cantando, numa Comunhão de piedade, Jesus, Maria e Teófano:

"Lírio virginal, na primavera da vida,
O Rei do céu ouviu teu desejo...
Vejo em ti a flor desabrochada
Que o Senhor colheu para seu prazer...
Agora, tu não és mais um exilado...
Os Bem-Aventurados admiram teu esplendor!
Rosa de amor, a Virgem Imaculada
De teu perfume respira o frescor!".

CAPÍTULO XXXVII

O Servo de Deus, Matt Talbot (1857 – 1925)

Este admirável e heróico servo de Deus é já conhecido no Brasil, pela bela biografia que lhe dedicou D. Frei Henrique Trindade: ***“Matt Talbot, o operário penitente”***, 184 páginas, Editora “Vozes” – Petrópolis.

O heroísmo da sua mortificação e o ardor de sua caridade para com o próximo vem bastante destacados nas biografias. O que é menos conhecido é o seu amor terno e confiante na Santíssima Virgem e o seu título de *“escravo de Maria”* segundo a devoção de São Luís Maria Grignion de Montfort.

Foi em 1912 que Mateus Talbot, – MATT na intimidade – se consagrou à Santíssima Virgem como escravo voluntário.

O *Tratado da Verdadeira Devoção*, traduzido em inglês pelo Padre Faber, veio-lhe às mãos, provavelmente, por intermédio de sua piedosa irmã Suzana, com quem muitas vezes se entretinha sobre a Mãe de Jesus.

Matt converteu-se em 1884, com a idade de 28 anos. Fez voto de temperança nas mãos de seu confessor, Padre Keane.

Até 1884, arrastado pelos companheiros de trabalho, entregara-se aos excessos da bebida.

Contando apenas doze anos, havia sido colocado como aprendiz numa casa de importação de vinhos. Aí encontrou companheiros dados à bebedice, aos quais imitou e, em breve, ultrapassou.

Mudando de emprego, entrou para o serviço do porto, onde encontrou um ambiente pior ainda; e ali, em vez, de vinho, aprendeu a beber whisky.

Os pais, católicos convictos e piedosos, recorreram a todos os meios para corrigir o filho transviado mas ainda não perdi-

do.

O jovem, apesar de entregue à bebedeira, não faltava à Missa do domingo, nem deixava a recitação do terço, o que lhe valeu sempre a conservação da pureza.

I. Conversão e heroísmo

Um dia, após o almoço, Matt ficou a sós com sua mãe, e disse-lhe num tom decidido: Mamãe, vou jurar de não beber mais!

– Pobre rapaz, respondeu a mãe, para Deus nunca se faz bastante; mas não pronuncies tal juramento se não queres cumpri-lo!

– Jurarei perante Deus, respondeu Matt. E, tomando o seu boné, rumou para a Capela do Colégio de Santa Cruz.

Era a hora da graça divina.

No sábado seguinte, ficou com seus companheiros; porém, em vez de whisky, pediu uma garrafa de água mineral.

Certos momentos, entretanto, o jovem quase desanimava em face da tentação.

– É inútil, dizia à mãe, vou beber de novo!

Mas a mamãe rezava, e fazia rezar o filho... Matt ficou firme. E venceu!

Todas as noites, após o trabalho, e a tarde do sábado e o domingo, passava-os Matt indo rezar ora numa, ora noutra igreja. Confessava-se, comungava; e assim viu-se vitorioso nesta época perigosa da conversão.

Cada manhã, depois de ter assistido à Santa Missa e ter comungado na igreja de São Francisco Xavier, ia para o emprego nos armazéns de madeira *"Martin e Filho"*, onde ficava até à noite, a princípio como operário e depois como vigia do depósito.

A sua vida é de operário e de asceta. Não obstante o trabalho exaustivo, observa um jejum perpétuo, alimentando-se somente de cacau e pão.

Levanta-se às 2 horas da madrugada. O seu leito é de duas tábuas cobertas com um saco de lona.

De 2 a 4 horas, de joelhos sobre esta cama cenobítica, reza, de braços em cruz.

Às 4 horas procede ao asseio, e depois continua a sua oração até 5 horas.

Às 5, está à porta da igreja, de joelhos em terra, ainda no tempo de chuva e neve, à espera de que esta se abra.

Desde que a porta se abre Matt beija a soleira do templo e vai para diante do altar do Santíssimo Sacramento.

Assiste à Santa Missa de joelhos, olhos baixos, mãos juntas, sem apoio e sem levantar-se uma única vez.

Comunga diariamente, como o deseja a Santa Igreja.

De volta à casa, toma leve refeição, e continua a rezar até a hora do serviço.

II. Seus exercícios espirituais

Como encontrava ele tempo para recitar, cada dia, o Pequeno Ofício da Santíssima Virgem, o Rosário inteiro, e mais cinco pequenos terços: o de nossa Senhora das dores, o da Imaculada Conceição, o de São Miguel, o do Sagrado Coração de Jesus e o das almas do Purgatório?

Ao mesmo tempo, era membro da Ordem Terceira de São Francisco, da Confraria do Santíssimo Sacramento, da Boa Morte, do Apostolado da Oração, e cumpria escrupulosamente todos os deveres impostos por estas associações.

Alimentava a sua devoção pelas leituras piedosas. Embora fosse assaz rudimentar a sua instrução, Matt tinha o gosto das leituras sólidas e doutrinais.

Uma parte das suas noitadas era consagradas a essas leituras.

A sua pequena biblioteca contava 40 volumes, entre os quais, ao lado do *Evangelho* e da *Imitação*, figuravam as obras do Padre Faber, de São Pedro Julião Eymard, do Pe. Grou, *"A Mística Cidade"*, de Maria de Ágreda, as *"Instruções"*, de Luís de Blois, a *"Apologia"* de Newmam e o *"Tratado da Verdadeira Devoção"*, de São Luís Maria Grignion de Montfort.

Matt Talbot lia e anotava as impressões. Recolhamos, entre outras, esta observação judiciosa:

"Os filhos dos homens não conhecem, nem a grandeza do que é eterno, nem a baixeza do que é temporal. O tempo desta

vida não passa de uma corrida para a morte, e ninguém tem licença de permanecer aqui.”

Um dia, tendo-lhe perguntado alguém como ele, homem sem instrução, compreendia o que lia, respondeu de chofre: *“Antes de ler um livro, peço sempre à Santíssima Virgem a graça de compreender o que leio.”.*

III. Espírito de mortificação

O Tratado de São Luís Maria Grignion de Montfort era o seu livro preferido sobre a Santíssima Virgem. Com quanta satisfação assimilava esta doutrina! Com que ardor procurava viver todas as práticas interiores e exteriores da Consagração total!

Entre as Práticas exteriores, o santo de Montfort aconselha o uso de pequenas correntes, em sinal de amorosa dependência de Jesus e Maria.

De um modo geral, esta prática, apesar de simples conselho, muito agrada às almas resolutas que abraçam a santa escra-vidão.

Com a sua natureza ardente e o seu atrativo para as penitências, Matt Talbot adotou logo esta mortificação, e pretendia não fazê-la pela metade...

Não satisfeito com as correntinhas, procurava correntes fortes e pesadas, que carregava de dia e de noite.

A corrente principal foi logo enrolada em redor do pescoço; porém, como tinha que carregar tábuas no armazém, tal penitência o incomodava seriamente; a corrente o feria muito. Resolveu, pois, mudá-la de lugar, e meteu-a em redor da cintura.

Esta corrente fazia duas voltas em redor do corpo, bem amarrada com fios de arame e adornada com umas medalhas piedosas.

Duas outras correntes mais leves eram amarradas, uma no braço e outra numa perna, enquanto uma corda forte amarrava o outro braço e a outra perna.

Quando, depois da sua morte, o despiram, encontraram estas cordas e correntes, as últimas completamente enferrujadas e enterradas nas carnes.

Eis a declaração daqueles que prepararam o corpo para a

sepultura:

"Domingo, 7 de junho de 1925, foi trazido um corpo da ambulância da corporação do Hospital de Jervis-Street, e as pessoas que lhe retiraram as vestes encontraram correntes e cordas sobre este corpo.

Em redor da cintura estavam enroladas duas correntes e uma corda com nós. Uma delas parecia ser uma única corrente de arreios, e a outra era um pouco mais fina. Ambas eram ligadas por uma corda nodosa... e estavam profundamente enterradas na carne e já enferrujadas.

Igualmente, no braço esquerdo encontrava-se uma corrente fina, apertada acima do cotovelo; e no braço direito havia uma corda enrolada, com nós.

Na perna esquerda havia uma corrente amarrada por uma corda acima do joelho, e na perna direita, à mesma altura, outra corda grossa, com nós".

IV. A Verdadeira Devoção

Para todos, estes instrumentos de penitência se afiguram manifestação de acentuado espírito de sacrifício do humilde e santo operário; para os iniciados, este pobre corpo, encontrado morto na calçada de uma rua de Dublin, traz em letras expressivas a bela firma de uma alma em demanda para o céu: *Terceiro* de São Francisco e *Escravo* de Maria Santíssima

Possuímos aliás o testemunho autêntico de um amigo íntimo a quem Matt Talbot havia confiado o seu segredo. Disse-lhe um dia: *"Acabo de ler um livro que trata de uma devoção que me leva para o céu!".*

E perguntando o outro qual era esta devoção, Matt respondeu: *"É aquela que recomenda o uso de uma corrente em sinal de escravidão".* No mesmo instante mostrou ao amigo a corrente que tinha na perna, ajuntando: "*Não hesite em fazer-se também escravo de Maria... Eis uma correntezinha que lhe ofereço".*

Continuando a conversa, Matt levou o amigo a um sacerdote para que abençoasse a corrente.

O corpo e alma do santo operário eram consagrados a Maria, de modo que afora o seu salário de trabalhador nada possuia.

O que ganhava não ia além de duas ou três libras esterlinas por semana. Desta soma gastava dez shillings em víveres e alu-

guel; o restante era empregado em boas obras.

Enquanto vivia sua mãe, o que lhe dava e o que despendia em cotizações e esmolas absorvia as suas economias. Depois que ela morreu, o módico salário quase todo foi consagrado às Missões.

Interessava-se muito pela obra das vocações. Um dia falou a sua irmã Suzana: – *"Já mandei formar três sacerdotes. Agora estou cuidando de um quarto..."*.

* * *

Seus bens interiores eram ainda mais preciosos.

O primeiro era a assistência ao Santo Sacrifício da Missa. Matt Talbot procurava depor nas mãos de Maria o valor espiritual do maior número possível de Santas Missas.

Escolhia os dias festivos da Santíssima Virgem para preparar e ofertar o seu ramalhete espiritual.

No dia 15 de agosto de 1915, festa da Assunção de Maria Santíssima, assistiu a 21 Santas Missas.

No dia 22 ofertou a Nossa Senhora um ramalhete igual de 21 Missas.

Nos domingos e outros dias de festa passava de uma igreja para outra à procura de Missas, e assistia a duas, três, cinco, até dez.

V. Sua vida íntima

A Mãe de Jesus, em face de tanto amor e tanto esforço, não se deixou vencer em generosidade, e cumulou o seu *escravo* de consolações e de carinhos.

Na calma das noites, as longas conversações de amor prosseguiam entre a Rainha e o seu dedicado escravo.

Matt repousava a cabeça sobre um travesseiro de madeira, tendo uma imagem de Maria aconchegada ao coração. Apertava-a com tanta força, que lhe chegava a causar dor viva no coração. O sono era curto... O colóquio íntimo recomeçava logo.

A mãe de Talbot contou que acordava por vezes de noite, ouvindo o filho falar em alta voz no quarto contíguo.

Entreabrindo discretamente a porta, percebia Matt de joelhos sobre o seu leito de tábuas, entretendo-se com a Santíssima Virgem.

Não eram orações que escutava. Era uma conversação, entre duas pessoas, uma em face da outra.

"Estou certa, – dizia a mãe – *de que o nosso caro Matt vê a Santíssima Virgem".*

Embora não contasse a ninguém as suas intimidades com a Mãe de Jesus, deixou, entretanto, um dia, escapar esta frase: *"Ninguém sabe o que é para mim esta Rainha querida!".*

Uma outra vez disse a sua irmã Suzana: – *"Ah! Se eu pudesse contar-lhe a alegria imensa que experimentei a noite passada, conversando com Deus e com sua Santa Mãe!...".*

VI. Sua morte

Apesar de suas consolações, Matt Talbot não podia continuar indefinidamente uma vida de trabalhos e austeridades.

O coração palpitava cada vez mais. As suas pulsações se precipitavam. A respiração ia ficando ofegante.

Certa manhã, após a Santa Missa, mal pôde voltar para a casa. Tendo descansado uns instantes, quis assistir a outra Santa Missa.

A irmã insistiu para que Ele ficasse em casa, receando vêlo morrer no caminho.

– *Que importa?* – disse Ele. *Tenho Jesus e Maria comigo!*

Palavra digna do santo de Montfort! Como o seu mestre espiritual, que lhe havia revelado as grandezas da santa escravidão de Maria, Matt Talbot levava Jesus e Maria em seu coração! O mesmo privilégio havia sido concedido a ambos.

Sentindo-se melhor no domingo da Santíssima Trindade, o humilde sexagenário foi assistir à primeira Santa Missa, e nela comungou. Após uma leve refeição, foi a uma segunda Santa Missa. Desta vez, porém, caiu ao longo da calçada, para não levantar-se mais!

Que importa morrer quando se leva Jesus e Maria no coração!?...

Uma senhora, que o viu cair, correu para Ele, e, ao vê-lo que estava morrendo, gritou-lhe ao ouvido: *Ireis para o céu!*

Matt fixou um prolongado olhar sobre a mulher caridosa. Fechou os olhos, e exalou o último suspiro.

Três dias depois, um modesto cortejo de operários acompanhou os restos mortais para o cemitério de Glasnevin, e sobre o túmulo, tão modesto como o havia sido aquele que lá repousava, colocaram a inscrição comum daqueles que não têm história:

"Aqui repousa Matt Talbot
– 1856-1925 –
Rogai por Ele!"

Hoje, este nome é um dos mais populares da Irlanda, e percorre o mundo inteiro.

Em 1935, apenas dez anos depois da morte de Matt Talbot, a sua causa foi introduzida em Roma, e no *Osservatore Romano* pôde-se ler estas linhas, que ecoam como um canto de glorifi-cação:

"A ilha dos santos, a Irlanda missionária, que propagou a Religião Católica no universo inteiro, oferece hoje à Europa e ao mundo o exemplo de um novo santo entre seus filhos.

Estamos em presença de um segundo Bento Labre! O humilde operário irlandês Matt Talbot, acaba de entrar nos faustos da história da Igreja".

CONCLUSÃO
DA QUARTA PARTE

Os exemplos citados, além de serem como um resumo prático da doutrina exposta, são um estimulante poderoso para abraçarmos a devoção da Santa Escravidão.

Muitas pessoas compreendem muito imperfeita e muito superficialmente a exposição doutrinal de uma devoção; porém, todos lhe compreendem a aplicação prática admiravelmente conseguida pelos santos.

É a razão das várias vidas de santos com que enriquecemos a presente reedição deste livro.

A palavra Santa Escravidão soa mal aos ouvidos do moderno comodismo, embora não exprima senão uma verdade ineluável da nossa dependência de Deus; convinha, pois, precisar bem o sentido e extensão do seu significado.

Nada podia melhor mostrar esta extensão e o sentido das palavras como a *Vida dos santos*.

Escolhemos, entre muitas outras, um certo número destas vidas que melhor salientam a prática da Santa Escravidão.

Deixamos de lado vidas hodiernas em que a prática da Santa Escravidão constitui como o fundo da santidade e o grande meio de generosidade, e isto porque estas pessoas não foram ainda apresentadas à nossa veneração como *Veneráveis, Bem-Aventurados* ou *santos*.

Neste número estão em lugar de destaque: *Zélia,* ou Irmã Maria do Santíssimo Sacramento; a *Irmã Maria Celeste;* e mais perto de nós, a *Irmã Maria de Nazaré,* religiosa Sacramentina de Nossa Senhora.

Pretendemos reunir estas últimas vidas numa brochura separada, assinalando nelas a prática da Santa Escravidão e o amor ardente dessas almas à divina Eucaristia, devoções em que se distinguiram de modo especial.

Possam estas vidas mostrar a todos que a Santa Escravidão é uma devoção prática, agradável a Deus, ao alcance de todos, e que tem a seu favor, além da aprovação da Igreja, a Consagração da vida dos santos.

Possam estas vidas admiráveis ser uma *luz* para a nossa inteligência, um *estímulo* para a nossa vontade e uma *centelha* para o nosso coração.

Em nosso tempo de decadência, de materialização e de comodismo, possam estes exemplos um tanto rudes e decisivos ajudar-nos a reagir contra a lei do menor esforço e a sacudir o nosso entorpecimento, bem como decidir-nos a aspirar pela Verdadeira Devoção à Virgem Santíssima, pela prática viril e decidida da Santa Escravidão.

CONCLUSÃO FINAL

Terminemos por breve conclusão esta obra sobre a doação de nós mesmos a Maria.

Grandes e graves questões foram tratadas neste livro. Que horizontes, que perspectivas apresenta às almas generosas a doutrina e prática da Santa Escravidão! Que laços nos unem à incomparável Virgem!

E depois, unidos deste modo a Maria, com que segurança podemos apresentar-nos a Jesus! Poderá o doce Salvador repelir a quem se apresenta com este título: *"Sou vosso servo e filho de vossa Serva!"* Poderá Ele deixar de acolher a quem não teve neste mundo outra aspiração que a de glorificar Maria, fazê-la conhecida e amada como a Rainha de todos os corações? – *"Qui elucidant me vitam æternam habebunt...".*

Poderá Ele deixar de apertar contra o seu divino coração a uma alma que se uniu à sua vida de sacrifício, uma alma que lhe pode mostrar os estigmas das lutas, das penitências, e as correntes de amor que sempre a prenderam a Ele? Impossível!

O Redentor bondoso que procura as ovelhas desgarradas para as salvar, que bate às vezes durante toda uma vida à porta obstinadamente fechada de um coração infeliz, mergulhado no mal... que vai no encalço dos pecadores, como só o sabe o amor, por entre espinhos e tremedais, poderá Ele repelir uma alma que o quer amar, que o quer servir, e que, para ter a certeza de nunca se separar d'Ele, se prende a sua Mãe pelos laços da escravidão? Mais uma vez ainda – impossível!

Por isso, não hesitamos em dizer que, se *"é impossível que um servo de Maria se perca",* com mais razão é impossível que um *fiel escravo* dessa Virgem Santíssima não obtenha a *salvação e um lugar especial* bem perto de sua divina Senhora!

Não! Não! A morte não há de separar aquilo que o amor de Deus tão intimamente uniu sobre a terra!

A glória é a coroação da graça, dizem os teólogos. É, pois, necessário que a glória coroe nossa vida de escravidão.

Vivemos juntos de Nossa Senhora neste mundo. Somos seus filhinhos, seus íntimos. É, portanto, nosso direito estarmos, no céu, bem pertinho dela, bem perto de seu trono, para continuar-mos, para eternizarmos, lá, a nossa vida de escravidão, transformada, então, numa vida de glória. – *"Tibi servire regnare est...".*

Mas, o que concluir das considerações anteriores?

A conclusão é que, para ganharmos no céu, tamanha glória, devemos, na terra, fazer todo sacrifício por nos conservarmos *fiéis escravos de Maria.*

Não bastam esforços mais ou menos freqüentes, para honrar a Maria, dando-lhe de vez em quando provas de amor... fazer-lhe orações particulares durante o dia, novenas nas vésperas de suas festas; venerá-la até durante um mês inteiro cada ano, não é o bastante...

Todas essas práticas, conquanto santas, não ocupam senão uma parte de nossa vida espiritual; e o que Maria quer é a nossa vida espiritual *toda inteira* sem reserva.

Tudo o que fazemos para agradar à Virgem Santíssima é excelente, mas é preciso mais ainda: – Ela não deve somente reinar *sobre nós...* É preciso que Ela reine *em nós.*

O reino de Jesus Cristo consiste principalmente no interior, no coração, segundo aquela palavra: *"O reino de Deus está dentro de vós"* – cf. ***Lc*** 17, 21. Do mesmo modo, o reino de Maria Santíssima está, principalmente, no interior da nossa alma.

Ora, esse reinado interior, único verdadeiro e completo, perpétuo e absoluto, que convém a Maria, que abrange tudo, nada mais é que a *dominação*, a *autoridade* irrevogável realizada pela prática da Santa Escravidão.

Finalizemos repetindo o conselho do piedoso Pe. Giraud – cf. ***Vie d'union avec Marie***, Ch. XVII – que já precedentemente citamos:

"Que essa Bem-Amada dos nossos corações não ocupe somente em determinados momentos e passageiramente o espírito de seus filhos. Não!

Seu pensamento, sua lembrança deve encher tudo na vida. Sua luz deve iluminar tudo. Seu doce olhar deve ser testemunha de tudo. Nada façamos sem Ela. A Ela nos dirijamos em nossas dúvidas. Repousemos amorosamente a seu peito quando estivermos abatidos pela tristeza. Confiemos-lhe nossas mais insignificantes ocupações, quer impostas pelo dever, quer mandadas pela caridade. A Ela rezemos e supliquemos constantemente, e nela transvasemos a superabundância de nosso coração. Maria sempre! Maria em toda a parte!

Orações, Santa Missa, Comunhões, Obras de Piedade, de Penitência, Ações Comuns da Vida, – que a tudo isso Ela presida, que se digne abençoar tudo, santificar tudo, para a maior glória de Jesus, pelo maior bem das almas".

Eis, com certeza, a devoção por excelência, a devoção completa, que corresponde ao culto à honra, ao amor que Nossa Senhora merece, e que bem condiz com os misericordiosos desígnios que Ela tem sobre o mundo na época atual.

ÍNDICE

CAPÍTULO I
CONCORDÂNCIA DE DOUTRINAS

CAPÍTULO II
O CULTO DE MARIA SANTÍSSIMA

PRIMEIRA PARTE
O DOM DE NÓS MESMOS A MARIA

CAPÍTULO III
A META E A VIA

CAPÍTULO IV
O MEIO DE UNIÃO A JESUS

CAPÍTULO V
OS SERVOS DE MARIA

CAPÍTULO VI
OS FILHOS DE MARIA

CAPÍTULO VII
OS ESCRAVOS DO AMOR DE MARIA

CAPÍTULO VIII
OS APÓSTOLOS DE MARIA

CAPÍTULO IX
AS VÍTIMAS DE MARIA

CAPÍTULO X
OS PREDILETOS DE MARIA

SEGUNDA PARTE
A SANTA ESCRAVIDÃO

CAPÍTULO XI
OS ESCRAVOS DE MARIA

CAPÍTULO XII
NATUREZA DA SANTA ESCRAVIDÃO

CAPÍTULO XIII
EXTENSÃO DA SANTA ESCRAVIDÃO

CAPÍTULO XIV
A DOAÇÃO COMPLETA

CAPÍTULO XV
AS CONSEQÜÊNCIAS DA DOAÇÃO

CAPÍTULO XVI
AS VIAS DA SANTIDADE

CAPÍTULO XVII
MARIA, PURIFICADORA DE NOSSAS AÇÕES

CAPÍTULO XVIII
A MAIOR GLÓRIA DE DEUS

CAPÍTULO XIX
O SENTIDO DA SANTA ESCRAVIDÃO

TERCEIRA PARTE
A PRÁTICA DA SANTA ESCRAVIDÃO

CAPÍTULO XX
O CAMINHO CURTO E FÁCIL

CAPÍTULO XXI
O CAMINHO PERFEITO E SEGURO

CAPÍTULO XXII
A PRÁTICA INTERIOR

CAPÍTULO XXIII
A PRÁTICA EXTERIOR

CAPÍTULO XXIV
OS GRAUS DA SANTA ESCRAVIDÃO

CAPÍTULO XXV
SEGUNDO E TERCEIRO GRAUS

CAPÍTULO XXVI
O QUARTO GRAU

CAPÍTULO XXVII
A PERFEITA CONSAGRAÇÃO A MARIA

CAPÍTULO XXVIII
PRÁTICA DA PERFEITA CONSAGRAÇÃO

CAPÍTULO XXIX
VIDA DE UNIÃO

QUARTA PARTE
A DOUTRINA DA IGREJA E OS EXEMPLOS DOS SANTOS

CAPÍTULO XXX
A APROVAÇÃO DA IGREJA

CAPÍTULO XXXI
SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT

CAPÍTULO XXXII
SANTO CURA D'ARS

CAPÍTULO XXXIII
SANTA TERESINHA

CAPÍTULO XXXIV
A VENERÁVEL INÊS DE LANGEAC

CAPÍTULO XXXV
O VENERÁVEL PADRE OLIER

CAPÍTULO XXXVI
O BEATO TEÓFANO VENARD

CAPÍTULO XXXVII
O SERVO DE DEUS, MATT TALBOT
(1857 – 1925)

Se você desejar conhecer a Necessidade e a Urgência da Total Consagração à Santíssima Virgem Maria, ou se desejar adquirir outros livros que o auxiliem a conhecer o Caminho da Perfeita Devoção, entre em contato conosco, e nós responderemos prontamente:

FRATERNIDADE ARCA DE MARIA

Irmãos Escravos do Divino Amor
Irmâs Escravas do Divino Amor
Caixa Postal ?????? – 75.001-970
Anápolis – GO – Brasil

E-mails:
fraternidadearcademaria@yahoo.com.br
escravosporamor@yahoo.com.br
equipevocacional@hotmail.com

SEJA UM APÓSTOLO DA SÃ LITERATURA CATÓLICA!

Se você gostou desta publicação,
entre em contato conosco
e solicite nosso catálogo colorido;
ou se desejar obter informações
sobre como comprar
este livro em grandes quantidades,
com descontos progressivos,
favor dirigir-se ao:

RESERVADO
PARA
GRÁFICA